

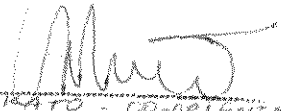
ILZA M. O. RIBEIRO

Este exemplar é a redução final da tese
defendida por Ilza Maria de

Olívia Ribeiro

e aprovada pela Comissão Julgadora em

10 / 02 / 95.


PROF.ª DR.ª MARY AKAWA KATO - CO-ORIENTADORA

A sintaxe da ordem no português arcaico; o efeito V2

Trabalho apresentado à Coordenação de
pós-Graduação do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para
obtenção do título Doutor em Ciências.

Orientador:

Profª Drª Charlotte Chambelland Galves

Campinas
Janeiro - 1995



Para
minha família
e, em especial, para
minha filha KARLA

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa contou com a valiosa contribuição de várias pessoas para as quais manifesto meus agradecimentos:

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Charlotte C. Galves, responsável em grande parte pela minha vinda para a Unicamp. Seus ensinamentos em lingüística teórica me foram muito preciosos e contribuíram fundamentalmente para o desenvolvimento deste trabalho. Sou-lhe grata também por sua amizade e confiança, e por ter-me acolhido em sua casa sempre que em Campinas estive. Os meus agradecimentos vão também para Antônio Galves, seu marido, pelas descontraídas discussões lingüísticas, e para Miguel e Júlia, seus filhos, por me receberem sempre com muito carinho.

À Prof^a Dr^a Mary A. Kato, pelos ensinamentos preciosos e pelo apoio ilimitado e generoso. Seu curso de lingüística diacrônica me fez quer trabalhar nesta área. Devo-lhe ainda a leitura cuidadosa de trabalhos meus e muitas discussões iluminadoras. Seu interesse pela minha formação lingüística foi edificante. É muito saber que se pode contar sempre com ela e com seu saber.

À Prof^a Dr^a Rosa Virgínia Mattos e Silva, pela confiança, estímulo e amizade, e pela minha formação histórica. Sem a sua ajuda na decifração de trechos dos documentos do português arcaico, este trabalho não poderia crescer. Sou-lhe grata ainda por me acolher no grupo de pesquisa para a história da língua portuguesa, sob sua coordenação. Muito tenho aprendido com ela e com os colegas do PROHPOR.

Ao Prof. Dr. Ian Roberts, pelos seus proveitosos cursos em lingüística teórica e lingüística diacrônica, que muito me ajudaram no caminho percorrido. Sou-lhe grata também pelo seu interesse na minha formação, pela leitura exigente de meus trabalhos e pelas discussões proveitosas.

Ao saudoso Prof. Dr. Fernando Tarallo, por sua acolhida amiga quando cheguei à Unicamp. Tive o privilégio de ser sua aluna em dois cursos do Programa de Pós-Graduação da Unicamp. Grata pelos seus ensinamentos preciosos.

Aos Profs. do Programa de Pós-Graduação da Unicamp, sempre disponíveis a discussões proveitosas para os alunos.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação da Unicamp, sempre tão atenciosos e prestativos.

Aos Profs. Dr. Milton Nascimento, Dr^a Miriam Lemle e Dr^a Lúcia Lobato, pelos incentivos na minha empreitada no mundo gerativista.

Aos colegas da Unicamp, Vicente Cerqueira, Sônia Cirino, Maria Aparecida Torres, Carlos Mito e Jairo Nunes. A sua amizade ajudou muito em momentos de desânimos e de solidão.

A José Francisco e Fiorinda, meu irmão e minha cunhada, pelo apoio nas minhas temporadas em São Paulo. E a seus filhos, muito carinhosos e atenciosos, por dividirem comigo seus espaços.

À Alvana Boff, minha colega de "república" e minha amiga, por todo o apoio nas horas difíceis.

Às Profs. Claiz Passos e Emiliania Passos, pelas sugestões preciosas e pela revisão cuidadosa de partes deste trabalho.

À colega Tânia Lobo, pela amizade e pela revisão cuidadosa do texto.

Aos colegas do PROHPOR, pelo companheirismo afetuoso. Os temas discutidos nas reuniões e sessões de estudo desse grupo foram muito úteis no entendimento de fatos da sintaxe do português arcaico. A Dante Lucchesi, pela sua ajuda preciosa no manuseio do programa de quantificação de dados Varbrul.

A José Flávio, meu marido, por suportar todas as minhas ausências durante o período do curso.

A Karla, minha filha, por todo o apoio durante este longo período de estudo. Devo-lhe também ter trabalhado comigo na digitação dos *corpora* e nas revisões de diversas partes deste trabalho, e várias outras ajudas durante a computação dos dados.

A Luiz, meu genro, que muito me encorajou em momentos de desânimo, pela sua amizade e carinho, e pela ajuda em partes da revisão.

A Flávio, meu filho, pelo apoio e incentivo durante a realização desse curso e pela ajuda nas revisões.

A Lúcia Fontes, o mais novo membro da família, pela revisão cuidadosa de partes deste trabalho.

A Maristela Andrade, Eliana Pitombo e Rosaly Loula, pela amizade.

À Universidade Estadual de Feira de Santana, por me licenciar para realizar o curso.

Ao CNPq, pela concessão de Bolsa de Estudos, viabilizando a execução desta pesquisa.

À UNICAMP, que me acolheu como aluna e me proporcionou excelentes condições de trabalho.

ÍNDICE GERAL	
RESUMO	
ABSTRACT	
APRESENTAÇÃO	
CAPÍTULO 1 - O "FENÔMENO V2" E O MOVIMENTO DE VERBO	
1.0 Introdução	1
1.1 O modelo derivacional e a teoria X-barra	3
1.2 Movimento de verbo finito para AGR ^o	6
1.2.1 As propostas com base em Pollock (1989)	7
1.2.2 A proposta de Chomsky (1992)	17
1.2.2.1 A checagem de traços morfológicos	18
1.2.2.2 Operações de movimento e a "força" dos traços morfológicos	19
1.3 Movimento de verbo finito para C ^o	21
1.3.1 Evidências empíricas	21
1.3.2 As explicações teóricas	26
1.3.2.1 Os traços categoriais	27
1.3.2.2 Caso abstrato	30
1.3.2.3 Traços morfológicos	34
1.3.3 A checagem do Caso Nominativo	39
1.4 Movimento do verbo finito nas sentenças encaixadas	40
1.5 Considerações gerais	44
1.5.1 Princípios de Economia	44
1.5.1.1 Último Recurso e Avareza	44
1.5.1.2 Minimalidade Relativizada	45
1.5.1.3 A Condição do Ciclo Estrito e Formar Cadeia	48
1.5.1.4 Superioridade e Procrastinar	49
1.5.2. Conclusão	49
CAPÍTULO 2 - A LINGÜÍSTICA DIACRÔNICA E A NATUREZA DA DOCUMENTAÇÃO PARA ANÁLISE	
2.1 Considerações iniciais	51
2.1.1 A teoria da gramática e a lingüística diacrônica	51
2.1.2 Aquisição e mudança	57
2.2 Período estudado e escolha dos textos	61
2.2.1 Periodização	61
2.2.2 Os corpora	64
2.3 Procedimentos metodológicos	69
CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO DOS DADOS	
3.1 As construções V1	75
3.1.1 As ordens V (C), V S e V X S	75
3.1.2 As construções V1 e os complementos pronominais	86
3.1.3 A negação e os complementos pronominais na ordem V1	94
3.2 As construções V2	96
3.2.1 A ordem S V (X)	96
3.2.2 A ordem X V (S)	99
3.2.3 A colocação dos complementos pronominais nas construções V2	107
3.2.3.1 As ordens S CL V e X CL V	108
3.2.3.2 As ordens S V-CL e X V-CL	112

3.2.4 A negação e os complementos pronominais na ordem V2	120
3.2.5 Sobre a ordem X Cl S V	122
3.3 As construções V>2	125
3.3.1 V>2 em sentenças raiz	126
3.3.2. V>2 em sentenças encaixadas	131
3.3.3 Os complementos pronominais nas construções V>2	135
3.4 Mais sobre os complementos pronominais	138
3.4.1 A retomada pronominal do objeto direto deslocado	138
3.4.2 A mesóclise	142
3.4.3 A interpolação	143
3.5 A recomplementação	147
3.6 Considerações Gerais	150
CAPÍTULO 4 - ASPECTOS DA GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS ARCAICO	
4.0 Introdução	153
4.1 Os efeitos V2 nas sentenças raízes do português arcaico	155
4.1.1 Movimento de V[+f] para C ⁰ ; as evidências empíricas	156
4.1.1.1 V2, Foco e TOPICALIZAÇÃO	162
4.1.2 As construções V1 declarativas e narrativas	166
4.1.3 TOPICALIZAÇÃO; as construções V>2	178
4.2 A posição Wakernagel	186
4.2.1 O padrão de colocação dos clíticos nas línguas românicas	192
4.2.2 AGRc ⁰ como uma posição para clíticos	197
4.2.3 Ênclise e próclise no PA: uma proposta de análise	202
4.2.3.1 Interrogativas-WH, V2 e TÓPICO	202
4.2.3.2 A negação e os clíticos	205
4.2.3.3 Os clíticos nas construções V1	209
4.2.4 Redefinindo as propriedades de AGRc ⁰	212
4.2.4.1 AGRc ⁰ e a variação paramétrica	217
4.2.4.2 Implicações para a teoria da mudança	222
4.3 O efeito V2 nas sentenças encaixadas	228
4.3.1 Tipos de encaixamento no PA	238
4.3.1.1 As encaixadas com TOP e as completivas V2	242
4.3.1.2 As encaixadas com interpolação	247
4.4 As conjugações invertidas e V2	252
4.4.1 A formação do futuro e do condicional	255
4.4.2 A análise de Rivero (1993)	257
4.4.3 A mesóclise no PA	260
4.4.4 A mesóclise como fracionamento de XP	263
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	271
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	273

RESUMO

Este estudo analisa a ordenação das palavras nas sentenças finitas raízes e encaixadas do português arcaico, delimitando como quadro teórico o Programa Minimalista para a Teoria Lingüística. Caracteriza o português arcaico como um sistema V2, no sentido técnico do termo, ou seja, um sistema em que nas sentenças raízes finitas o verbo se aloja no núcleo funcional C⁰. Analisa a ordem XVS, com sujeito pós-verbal, como resultando do frenteamento de um complemento verbal ou de um elemento adverbial para o início da sentença, precisamente para a posição de especificador da projeção cujo núcleo hospeda o verbo finito, Spec/C'. Diferentes tipos de constituintes podem ser fronteados para uma posição externa a CP, nas construções conhecidas como "deslocadas à esquerda clítica" e "topicalização", dando origem à ordem Top (X)VS. Considerando a ambiguidade superficial nesses dois tipos de ordens, procurou distinguir esses dois processos de frontalização com base na posição dos clíticos em relação ao verbo e aos constituintes que antecedem o verbo. A análise propõe uma posição funcional independente para clíticos, localizada entre C⁰ e AGRs⁰, e relaciona a existência dessa posição aos efeitos da "Lei Tobler-Mussafia" e da "posição Wakernagel". Procurou mostrar a relativa simetria entre sentenças raízes e encaixadas quanto às ordens XVS e Top (X)VS. Considerou os casos de "recomplementação", com realização fonética de dois constituintes introdutores da sentença, dois elementos do tipo "que", como evidências empíricas de que a recursividade de CP é um recurso amplamente usado por este sistema lingüístico. Um terceiro processo de frontalização, característico dos domínios encaixados, sobretudo em sentenças relativas e adverbiais, foi caracterizado como um processo de "fronteamento estilístico", distinto de V2 e da "topicalização/deslocada à esquerda clítica".

ABSTRACT

This study analyzes the word order in the finite root and embedded sentences of Old Portuguese, using as a theoretical basis Noam Chomsky's Minimalist Program for Linguistic Theory. Old Portuguese is characterized as a V2 system, that is, a system whose finite root sentences host the verb in the functional head C^0 . The XVS order, with post-verbal subject, is analyzed as being the result of the fronting of a verb complement or an adverbial element to the beginning of the sentence, i. e., to the specifier position of the projection whose head hosts the finite verb, Spec/C'. Different kinds of constituents can be fronted to a position external to CP, in the constructions known as Clitic Left Dislocation and Topicalization, originating the Top (X) V S order. Considering the surface ambiguity in those two types of ordering, it tries to distinguish those two fronting processes, based on the position of the clitics in relation to the verb and the constituents that precede the verb. The analysis proposes an independent functional position for the clitics located between C^0 and $AGRs^0$, and relates the existence of that position to the effects of the "Tobler - Mussafia Law" and the "Wakernagel Position". It tries to show the relative symmetry between root and embedded sentences as regards the X V S and Top (X) V S orders. The "recomplementation" cases, with the phonetic realization of two introductory sentence constituents, two elements of the "que" type, is analyzed as empirical evidence that CP recursion is a resource widely used by this linguistic system. A third fronting process, peculiar to embedded domains, mainly in relative and adverbial sentences, is characterized as a stylistic fronting process distinct from V2 and from Topicalization and Clitic Left Dislocation.

APRESENTAÇÃO

Este estudo investiga a ordenação dos constituintes em quatro documentos do período arcaico do português, o Foro Real (século XIII), os Diálogos de São Gregório (século XIV), a Crônica de Dom Pedro (século XV) e a Carta de Pero Vaz de Caminha (início do século XVI), procurando mostrar as diferentes condições que licenciam as ordens V(S) / VC, SVC / XV(S) e SXV / XSV / XXV nesta fase do português.

Nas sentenças raízes e encaixadas, as ordens com verbo em posição inicial, V(S) e VC, são mais freqüentes do que a ordem SVC. Um complemento ou um adjunto pode ocorrer em posição inicial das sentenças raízes e encaixadas, e, neste caso, o sujeito, quando foneticamente realizado, segue o verbo, dando origem à ordem XV(S). Mais de um constituinte, argumento ou adjunto, pode anteceder o verbo, em sentenças raízes e encaixadas, dando origem às ordens SXV, XSV e XXV.

A análise propõe que o verbo finito ocupa sempre a mesma posição em todas essas ordens e sugere que as diferenças entre elas resultam de diferentes possibilidades de movimento de constituintes para a posição pré-verbal ou da ausência de tais movimentos. A análise proposta para dar conta das propriedades específicas da sintaxe da ordem nesses documentos parte da hipótese de que o português arcaico é um sistema V2 como o alemão, o islandês e o francês arcaico.

O estudo está organizado em quatro capítulos. O capítulo 1 apresenta o arcabouço teórico para a análise, a versão minimalista da teoria de princípios e parâmetros, e esboça um quadro geral de análises elaboradas para as questões relativas ao movimento do verbo finito em sentenças raízes e encaixadas. O Capítulo 2 discute questões metodológicas para os estudos de sintaxe sincrônica e diacrônica e a teoria da gramática. Estabelece os procedimentos metodológicos na seleção dos *corpora*. O Capítulo 3 apresenta uma descrição detalhada das ordens de palavras e das freqüências de ocorrências das diferentes ordens nos quatro documentos. O Capítulo 4 define os fatos sintáticos relevantes para a análise do português arcaico como um sistema V2.

CAPÍTULO 1. O fenômeno V2 e o movimento de verbo

1.0. Introdução

Nosso objetivo, neste capítulo, é o de desenvolver e motivar uma análise para a discussão do fenômeno da colocação do verbo no português arcaico (doravante, PA). Estamos interessada fundamentalmente no fenômeno da colocação do verbo em segunda posição, conhecido na literatura lingüística como "fenômeno V2" (*Verb Second*), característico das línguas germânicas modernas, ocidentais e setentrionais, exceto o inglês. Este capítulo revê um conjunto de propostas explicitadas em trabalhos teóricos recentes sobre como os sistemas V2 são derivados. Descritivamente falando, o rótulo "línguas V2" identifica as línguas que realizam as construções declarativas raízes com a ordem X V (S), em que o verbo finito (doravante, V[+f])¹ está em segunda posição e é antecedido por um constituinte sintagmático qualquer. Nas sentenças encaixadas, o V[+f] pode ser final, como no alemão, ou medial, como no islandês. Essa assimetria raiz/encaixada, em relação ao posicionamento do verbo, é um dos aspectos da sintaxe V2 que tem sido mais explorados nas tentativas de explicação desse fenômeno.

Em geral, tem-se assumido como solução para o problema descritivo do V[+f] em segunda posição e da assimetria raiz/encaixada que o V[+f] das sentenças raízes prototípicas ocupa a mesma posição do complementador das sentenças encaixadas. Considerando-se os seguintes exemplos do alemão (exemplos de Roberts 1992:5/6):

(1.1) (a) Ich las schon letztes Jahr diesen Roman

Eu li já último ano este livro

(b) Diesen Roman las ich schon letztes Jahr

Este livro li eu já último ano

(c) Diesen Roman habe ich schon letztes Jahr gelesen

Este livro tinha eu já último ano lido

¹ A denominação "verbos finitos" cobre os verbos que apresentam marcas morfológicas de flexão de pessoa, número e tempo; por outro lado, "verbos não-finitos" identifica o gerúndio, o particípio e o infinitivo.

(1.2) Du weißt wohl,

Você sabe bem,

(a) daß ich schon letztes Jahr diesen Roman las

que eu já último ano este livro li

(b) daß ich schon letztes Jahr diesen Roman gelesen habe

que eu já último ano este livro lido tinha

observa-se que, no exemplo em (1.1(a)), o sujeito precede o V[+f], mas que, no exemplo em (1.1(b)), é o objeto direto que precede o V[+f]. Assim, as estruturas V2 apresentam uma ordenação de constituintes do tipo X V (S), em que o constituinte X pode ser um objeto direto, um objeto indireto, um advérbio ou mesmo o sujeito. O exemplo em (1.1(c)) ilustra o fato de que é o V[+f] que aparece em segunda posição, enquanto que o particípio aparece em posição final. Por outro lado, nas sentenças subordinadas em (1.2), todos os verbos aparecem em posição final, ficando o V[+f] em última posição².

Desse modo, têm-se derivado os efeitos V2 do alemão em termos de duas regras de movimento: uma regra desloca o V[+f] para o início da sentença e outra desloca um constituinte sintagmático qualquer para uma posição anterior à ocupada pelo V[+f]. Várias propostas têm sido formuladas na tentativa de definir o local de pouso do verbo frontado, bem como o elemento desencadeador do movimento do verbo para a segunda posição e do movimento do constituinte X para o início da sentença. Em geral, a assimetria raiz/encaixada, ilustrada com os dados em (1.1) e (1.2), tem motivado análises que propõem que o V[+f] nas sentenças raízes ocupa a mesma posição que o complementador ocupa nas sentenças encaixadas. Como o V[+f] e o complementador disputam por uma mesma posição, espera-se que esses constituintes ocorram em distribuição complementar, ou seja, nas construções encaixadas, o complementador é foneticamente realizado e o V[+f] não pode ser movido para essa posição, por ela já estar ocupada pelo complementador³.

Pesquisas recentes têm mostrado que V2 não é um fenômeno restrito às línguas germânicas e escandinavas. Tem-se constatado que algumas línguas românicas observavam a restrição V2 em sua fase arcaica, como o francês (cf.

² Observa-se, assim, que o verbo finito ocupa diferentes posições nas sentenças raízes e encaixadas. No alemão, todos os verbos (finitos e não-finitos) ocorrem em posição final nas sentenças encaixadas e em segunda posição nas sentenças raízes. Voltamos a essa questão nos itens 1.4 e 1.5.

³ Veremos posteriormente (cf. item 1.5) que existem exceções ao padrão descrito acima.

Adams (1987, 1988), Roberts (1992) e Vance (1988, 1989), entre outros), ou que ainda a observam, como o reto-romano moderno (cf. Roberts 1992). Nossa indagação nesta pesquisa centra-se na caracterização do PA quanto ao fenômeno V2. Na tentativa de se explicar o fenômeno V2, qualquer que seja a língua em estudo, as questões colocadas podem ser assim sintetizadas:

- a) qual é o elemento desencadeador do movimento do V[+f]?
- b) qual é o local de pouso do V[+f] fronteado?
- c) qual é a natureza sintática das estruturas V2?
- d) as estruturas V2 se caracterizam como um fenômeno assimétrico entre sentenças raízes e encaixadas?
- e) na perspectiva diacrônica, como a propriedade V2 surge e como é perdida?

São esses alguns dos problemas envolvidos no estudo do fenômeno V2, e sobre os quais desenvolvemos esta pesquisa.

Nosso estudo aborda essas questões, considerando fundamentalmente dados do PA. No entanto, dados de línguas germânicas, escandinavas e românicas também serão aqui considerados. Fundamentalmente, dois tipos de movimento serão discutidos: movimento de V[+f] para núcleos funcionais e movimento de constituintes sintagmáticos para o início da sentença.

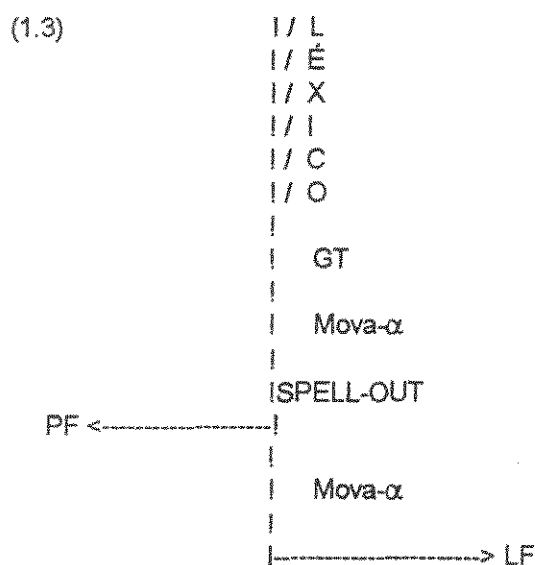
Este capítulo está organizado como segue. O item 1.1 trata da representação dos itens lexicais pela teoria X-barra e das suas relações básicas. O item 1.2 apresenta as questões teóricas envolvidas no movimento do V[+f] para AGRs⁰ nas sentenças raízes e o item 1.3 trata das questões teóricas relacionadas com o movimento do V[+f] para o núcleo funcional C⁰ nas sentenças raízes. O item 1.4 discute questões relacionadas com movimento de projeções máximas. O movimento do V[+f] nas sentenças encaixadas é abordado no item 1.5. O item 1.6 apresenta certos princípios de economia que atuam nas derivações das sentenças.

1.1 O modelo derivacional e a teoria X-barra

Esta pesquisa explora as propriedades do movimento do V[+f] e sua interação com o fenômeno da ordem V2, adotando como fundamentação teórica o modelo de Economia de Chomsky 1992 (doravante, MPLT, por *Minimalist Program*

for *Linguistic Theory*)⁴. O modelo de Economia admite somente dois níveis de representação: PF e LF (*Phonetic Form* / *Logical Form*)⁵. A representação de PF se constitui de uma estrutura sintática, que é mapeada em fonéticos acústicos e articulatórios; a representação de LF é a contribuição sintática para a "significação" da sentença. O papel de uma derivação transformacional é, nesse modelo, o de gerar estruturas sintáticas que contenham somente "objetos legítimos" em ambos os níveis de representação.

Uma representação esquemática de uma derivação é como em (1.3) abaixo (Roberts (1993)):



Existem três tipos de operação envolvidos na geração de estruturas sintáticas: acesso lexical, transformações generalizadas binárias (GT) e transformações mova- α (um subcaso de GT). Acesso lexical⁶ fornece os elementos do léxico, a partir dos quais as estruturas sintáticas são construídas. Quando os itens são selecionados do léxico, devem estar representados de modo acessível ao sistema computacional. Esta é a tarefa da teoria X-barra (cf. abaixo).

⁴ Sabemos que várias modificações ao programa minimalista têm sido recentemente propostas. Contudo, para efeito desta pesquisa, ateremos nos unicamente às inovações teóricas propostas em Chomsky (1992) e a trabalhos relacionados com esse texto. Se nos detivermos a acompanhar todas as recentes reformulações, nosso trabalho não será concluído.

⁵ Concordando com Raposo (1992) que não há necessidade de se "poluir a atmosfera lingüística com uma multiplicação de acrônimos e abreviaturas desnecessárias", vamos manter todas as abreviaturas utilizadas em inglês, por serem essencialmente abreviaturas de termos técnicos de uma teoria.

⁶ Optamos por destacar certos termos e expressões utilizando a fonte Times New Roman, devido a impossibilidade técnica de usar o "sublinhado". Sempre que ocorrer "sublinhado" no texto, leia-se como "destaque em letra Times New Roman".

As transformações generalizadas combinam elementos lexicais selecionados do léxico e projetados num formato X-barrado em um único marcador frasal. *Mova- α* afeta a estrutura interna de um único objeto sintático (cf. item 1.2). *Spell-out* é uma operação de mapeamento para a PF e deve se aplicar depois que GT une as subárvores em um único marcador frasal Σ .

Em qualquer ponto da derivação, pode-se aplicar a operação *spell-out*, em direção ao componente da PF. Como as regras da PF não se aplicam a um conjunto de marcadores frasais, para que a derivação não colida na PF, a estrutura Σ deve ser um marcador frasal único no ponto em que *spell-out* se aplica. Se Σ é um marcador frasal único, as regras da PF se aplicam, resultando ou numa representação legítima (e, assim, a derivação converge na PF) ou numa representação ilegítima (a derivação colide na PF). Após *spell-out*, o processo computacional continua no mapeamento para a LF, mas sem ter acesso ao léxico.

Desse modo, o acesso lexical e as transformações binárias são permitidos até que a representação de PF seja alcançada. Neste ponto, cada item lexical e cada estrutura envolvida na derivação devem ter sido amalgamados em uma única estrutura, para que seja possível o mapeamento da representação da PF em sinais físicos. *Mova- α* é possível antes e depois que a representação de PF seja gerada, e, assim, a estrutura interna de uma sentença pode continuar a mudar até que a representação de LF seja gerada.

A teoria X-barrada é o componente categorial da gramática. Ela fornece um inventário das categorias gramaticais e especifica a estrutura hierárquica e linear de cada categoria. Assim, as propriedades e relações básicas cruciais são expressas em termos da teoria X-barrada. O esquema X-barrado de projeção das categorias sintagmáticas tem a forma como em (1.4) abaixo (cf. Chomsky 1992:30):

- (1.4) (i) X
 (ii) [_{X'} X]
 (iii) [_{X''} [_{X'} X]]

em que X é um núcleo, X' é uma projeção intermediária e X'', a projeção máxima da categoria X'. A hipótese central, por trás desta representação, é a de que a

⁷ Usaremos quer o símbolo X quer X⁰ para representar formalmente um núcleo. Esse símbolo não deve ser confundido com o símbolo X das descrições das ordens de palavras em que X é uma variável

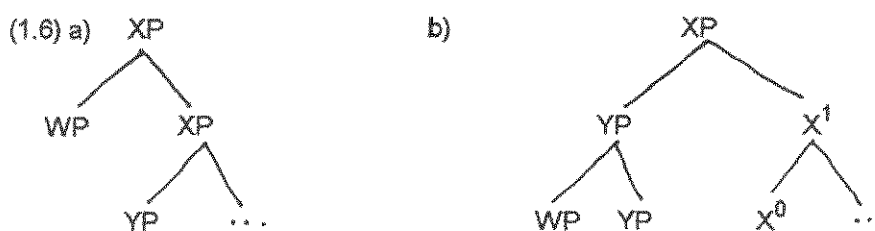
estrutura essencial de todas as categorias sintáticas é uniforme nas línguas humanas. O sistema computacional seleciona um item Y qualquer do léxico e o projeta numa estrutura X-barras de uma das formas representadas em (1.4), através da operação de transformação generalizada.

A operação de substituição mova- α mapeia um marcador frasal K em K*. Essa operação funciona de modo semelhante a GT: ela mira K, acrescenta ϕ , e substitui ϕ por α , sendo α , neste caso, um sintagma dentro do próprio marcador frasal K ($K \Rightarrow K^*$). A operação mova- α deixa na posição de origem um traço de α e forma a cadeia $(\alpha, t)^8$.

Operações de adjunção devem estar de acordo com os seguintes esquemas:

- (1.5) (i) $[X \ Y \ X]$
 (ii) $[X \ YP \ X]$

Adjunção é permitida a núcleos, como em (i), e a projeções máximas, como em (ii). Tais estruturas satisfazem a Teoria X-barras e podem ser formadas por GT ou mova- α . Existem duas possibilidades de adjunção a projeções máximas, que se refletem em duas possíveis configurações.



Adjunção a uma projeção XP (representação em (1.6(a))) e adjunção ao especificador de uma projeção (representação em (1.6(b))).

1.2. Movimento de verbo finito para AGR⁰

Assumindo-se os princípios e parâmetros que atuam sobre as possíveis ordens de palavras nas línguas humanas, os componentes dessa teoria da

para representar um constituinte sintagmático qualquer. Usamos X^n ou XP ou X^{max} como representações formais de projeções máximas.

⁸ O traço do elemento movido é, na realidade, uma cópia desse elemento.

gramática oferecem meios mais seguros para se explicar as diferentes/semelhantes ordens superficiais de palavras nas línguas humanas. Admite-se que as variações de ordens das palavras nas línguas estão relacionadas com a presença ou ausência de movimento de constituintes sintagmáticos e de núcleos lexicais para projeções funcionais⁹. Assim, tem-se procurado definir as diferentes ordenações de constituintes encontradas nas línguas humanas, tendo, como motivação básica, fatos relacionados com o fenômeno da colocação dos verbos, ou seja, sobre como o sistema gramatical das línguas em questão determina a colocação dos verbos nas sentenças. Evidentemente, a colocação dos verbos nas sentenças se reflete nos tipos de ordenação das palavras, encontrados nas línguas V2 ou não-V2.

1.2.1 As propostas com base em Pollock (1989)

Os estudos sobre movimento de verbo (cf. Pollock (1989), Belletti (1990), entre outros) têm apresentado evidências de que a posição do verbo em uma dada língua varia de acordo com três fatores: a) as marcas morfológicas no verbo; b) as propriedades intrínsecas ao próprio verbo; c) o estatuto da cláusula contendo o verbo (Roberts 1992). Tais fatores interagem na produção de uma ordenação complexa dos constituintes da sentença e definem as similaridades e diferenças translingüísticas.

A distinção entre verbos *finitos* e verbos *não-finitos* se reflete de modo fundamental nas diferentes posições sintáticas em que uma dada forma verbal pode ocorrer. Ilustramos a variação translingüística da posição do V[+f] em relação aos constituintes maiores da sentença com dados do inglês moderno e do francês moderno (dados de Pollock 1989:367):

(1.7) a) *John likes not Mary

b) Jean (n') aime pas Marie

(1.8) a) *John kisses often Mary.

b) Jean embrasse souvent Marie.

c) John often kisses Mary.

⁹ A proposta de Kayne (1993) de que todas as línguas são basicamente SVO reforça essa idéia.

d) *Jean **souvent** embrasse Marie

O fato que Pollock (*ibid.*) destaca nas construções em (1.7) acima diz respeito à ordenação entre V[+f] e advérbios de negação (tipo *not/pas, rien, plus*). Em francês moderno (doravante, FrM), um V[+f] precede os advérbios de negação, como em (1.7(b)). Por outro lado, em inglês moderno (doravante, IngM), essa ordem não é tolerada, como mostra a agramaticalidade de (1.7(a)). Quanto às construções em (1.8), observa-se que os advérbios de VP (tipo *often/souvent, seldom/rarement, hardly/à peine*) seguem o verbo no FrM (exemplo em (1.8(b))), mas o precedem no IngM (exemplo em (1.8(c))). A construção agramatical (1.8(a)) mostra que a ordem V[+f] ADV não é tolerada no IngM; e (1.8(d)) mostra que a ordem ADV V[+f] não é tolerada no FrM.

Por outro lado, com as formas infinitivas (e participiais), encontra-se um padrão uniforme, isto é, ADV e Neg antecedem o V[-f] em IngM, como em FrM (dados de Pollock 1989; estão em negrito a negação e o advérbio de VP):

(1.9) a) **Ne pas** *sembler heureux* est une condition pour écrire des romans (p. 374)

b) **Not** to seem happy is a prerequisite for writing novels (p. 376)

(**não parecer feliz** é uma condição para escrever romances)

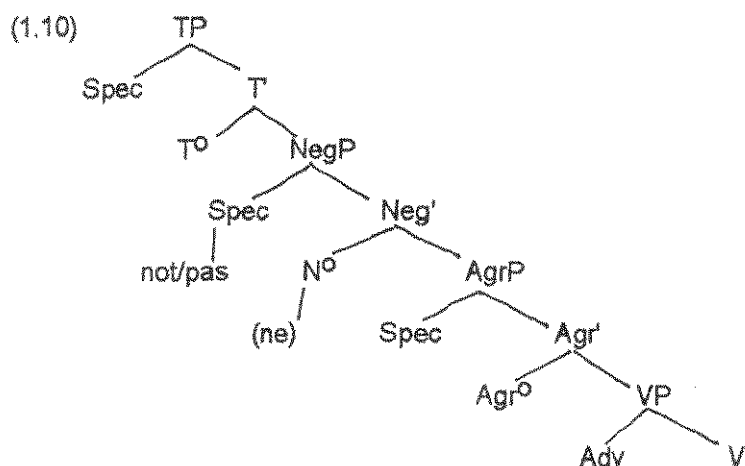
c) **Souvent** *paraître triste* pendant son voyage de noce, c'est rare. (p. 377)

d) **To often** look sad during one's honeymoon is rare.

(**sempre parecer triste** durante sua viagem de núpcias é raro)

Esses fatos indicam a existência de uma assimetria entre estruturas com formas verbais *finitas* vs *não-finitas* em relação à sua ordem superficial. Essas diferenças superficiais são reflexos de diferenças sintáticas abstratas, relacionadas com o escopo de movimento de verbo nessas duas línguas.

A análise comparativa do FrM e do IngM leva Pollock (*ibid.*) a concluir que a tradicional projeção funcional IP deve ser dividida em duas projeções funcionais independentes, TP e AGRP. E ainda, para as sentenças negativas, ele propõe uma projeção NEGP, intervindo entre essas duas projeções, como esquematizado abaixo:



Partindo da hipótese de que *not* e *pas* ocupam a posição de especificador de *NegP* e de que a posição dos ADVs de *VP* é fixa, construções do tipo em (1.7) e (1.8), em comparação com as infinitivas em (1.9), são evidências de que o *V[+f]* pode ocupar diferentes posições sintáticas nas línguas.

A divisão de *IP* em duas projeções funcionais independentes permite Pollock postular a existência de dois tipos de movimento de verbo: o movimento longo do verbo para o núcleo funcional *T°*, e o movimento curto do verbo para o núcleo funcional *Agr°*. Em *FrM*, o *V[+f]* se desloca para *T°*, uma vez que ele precede o advérbio de negação *pas* e o advérbio de *VP* *souvent*. Em *IngM*, o *V[+f]* não sai do *VP*, pois a negação e o advérbio de *VP* devem anteceder-lo (cf. exemplos acima).

Por outro lado, o *V[-f]* não se desloca para *T°*, desde que ele segue a negação *pas* e o advérbio *souvent*. Pode-se imaginar também que o verbo não sai do *VP*. Contudo, pares de sentenças como abaixo (dados de Pollock, *ibid*:374, 377 e 378):

- (1.11) a) *Ne pas regarder la télévision consolide l' esprit critique*
 b) **Ne regarder pas le télévision consolide l' esprit critique*
 (não ver televisão consolida o espírito crítico)
 c) *Oublier presque son nom, ça n' arrive pas fréquemment*
 d) *Presque oublier son nom, ça n' arrive pas fréquemment*
 (quase esquecer seu nome, isto não acontece freqüentemente)

mostram que os verbos [-f] podem preceder um advérbio de VP, como quase em (1.11(c)), conquanto isto não seja possível com o advérbio de negação *pas*. Isto explica a necessidade de uma projeção mais alta do que VP, mas mais baixa do que NegP, onde os infinitivos podem ser opcionalmente alojados nas sentenças afirmativas infinitivas, a posição AGR.

O segundo fator na determinação da colocação do verbo diz respeito às suas propriedades intrínsecas. No IngM, por exemplo, ao contrário do que ocorre com os verbos plenos, os verbos auxiliares podem realizar movimento longo para o núcleo funcional mais alto que NegP, T⁰ na representação em (1.10):

- (1.12) a) John is **not** happy (p.374)
b) John does **not** leave (p. 406)
c) He is **seldom** satisfied (p. 370)
d) John is **completely** losing his mind (p.396)

Nos exemplos em (1.12), o verbo auxiliar[+f] *is* e a forma modal do antecedem a negação e os advérbios de VP, indicando que essas formas verbais se encontram na projeção funcional mais alta¹⁰.

O estatuto das sentenças também define uma assimetria entre sentenças raízes e encaixadas, na determinação da posição dos verbos[+f]. De modo geral, os verbos[+f] podem (a depender da língua e do tipo de construção) ocupar uma posição diferente nas sentenças raízes da que eles ocupam nas sentenças encaixadas. Os exemplos em (1.1) e (1.2), do alemão, apresentados anteriormente, ilustram essa distribuição. Retomamos esses exemplos aqui, para facilitar a discussão (dados de Roberts 1992:5-6):

- (1.1) (a) Ich **las** schon letztes Jahr diesen Roman
Eu li já último ano este livro
(b) Diesen Roman **las** ich schon letztes Jahr

¹⁰ Segundo Pollock (1989), a diferença entre verbos auxiliares e verbos plenos deriva diretamente do Critério Temático: verbos plenos são atribuidores de papel temático; verbos auxiliares, não. Por outro lado, a diferença entre o IngM e o FrM está na opacidade/transparência da projeção AGR nessas duas línguas: em IngM, o núcleo AGR é opaco; assim, o verbo pleno não pode se deslocar, porque a opacidade de AGR impede que o verbo pleno realize sua tarefa temática. Como os auxiliares não atribuem papel temático, podem se deslocar para T⁰. No FrM, o núcleo AGR é transparente e, assim, os verbos plenos têm mais liberdade de locomoção. A opacidade e transparência de AGR é definida em termos da "riqueza" morfológica dos afixos verbais nessas duas línguas.

- Este livro li eu já último ano
- (c) Diesen Roman **habe** ich schon letztes Jahr **gelesen**
- Este livro tinha eu já último ano lido

(1.2) Du weisst wohl,

Você sabe bem,

- (a) daß ich schon letztes Jahr diesen Roman las
- que eu já último ano este livro li
- (b) daß ich schon letztes Jahr diesen Roman **gelesen habe**
- que eu já último ano este livro lido tinha

Observa-se, nos exemplos em (1.1), que, em alemão, um V[+f] (pleno ou auxiliar) aparece em segunda posição em todas as sentenças declarativas raízes, enquanto o particípio *gelesen* aparece em posição final no exemplo em (1.1(c)). Por outro lado, nas sentenças encaixadas em (1.2), todos os verbos aparecem em posição final, estando em última posição o V[+f] (cf. exemplo em (1.2(b))).

A mesma distribuição pode ser observada em outras línguas germânicas, quer sejam línguas S V C, quer sejam S C V¹¹. Para ver a operação dessa restrição em uma língua germânica S V C, consideremos os seguintes dados do dinamarquês (dados de Roberts 1992:6-7):

- (1.13) a) Peter **drikker** ikke kaffe om morgenen
- (P. bebe não café em manhã-a)
- b) Kaffe **drikker** Peter ikke om morgenen
- (café bebe P. não em manhã-a)
- c) Om morgenen **drikker** Peter ikke kaffe
- (em manhã-a bebe P. não café)
- d) *Peter ikke **drikker** kaffe om morgenen
- (P. não bebe café em manhã-a)

- (1.14) ...at Peter ikke **drikker** kaffe om morgenen
- (que P. não bebe café em manhã-a)

¹¹ Usamos as denominações "língua S V C", "língua V S C", etc., como rótulos descritivos.

Em (1.13), vemos que o V[+f] está sempre na segunda posição, antecedido por exatamente um constituinte, o sujeito em (1.13(a)), o objeto em (1.13(b)) e um advérbio em (1.13(c)). Nessas três construções, o elemento negativo *ikke* segue o verbo. A agramaticalidade de (1.13(d)) mostra que, nas sentenças raízes, o V[+f] deve preceder o elemento negativo *ikke*. Seja *ikke* um constituinte de VP ou de NegP, essas construções mostram que o V[+f] ocupa uma posição mais alta do que a dessas projeções. Como em (1.13(b)) e (1.13(c)) o V[+f] antecede o sujeito, pode-se concluir que o V[+f] está acima de TP na representação em (1.10), já que o sujeito deve estar em Spec/T'. Na sentença subordinada em (1.14), o V[+f] segue o elemento de negação *ikke*. Isto indica que nas sentenças encaixadas o V[+f] se aloja em uma posição mais baixa do que a que ele ocupa nas sentenças raízes.

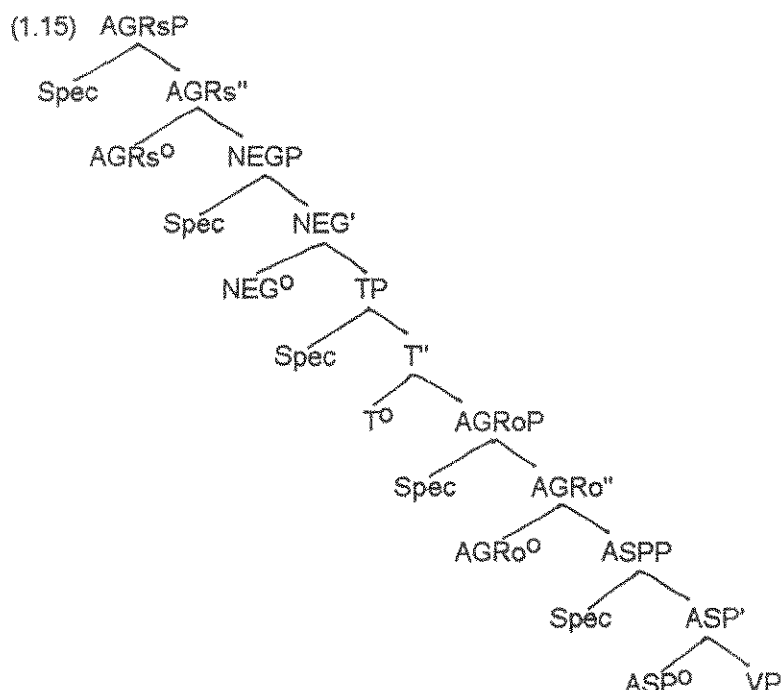
Os dados do alemão e do dinamarquês mostram que a posição do V[+f] pode variar e depender do estatuto sintático da sentença, se ela é uma sentença raiz ou não. Enquanto nas sentenças raízes o verbo ocupa sempre a segunda posição, nas encaixadas ele pode aparecer em posição final, como no alemão, ou em posição medial, como no dinamarquês. Contudo, essa posição medial pode ser definida de duas maneiras: como em dinamarquês a negação *ikke* antecede o V[+f], pode-se pressupor ou que o V[+f] não sai do VP, se *ikke* é um advérbio de VP, ou que o V[+f] realiza um movimento curto para a primeira projeção funcional acima de VP, se *ikke* ocupa Spec/Neg' (cf. item 1.4).

Belletti (1990), considerando a interação da morfologia verbal e da sintaxe e, assumindo o "Mirror Principle" de Baker (1985)¹², sugere uma modificação da proposição de Pollock (1989). De acordo com esse princípio, Belletti (*ibid*:27) assume que as derivações sintáticas devem refletir a ordenação dos afixos morfológicos; "the order of affixes in the resulting inflected verb will reveal their respective order of attachment in the tree". Ela conclui, então, que a projeção funcional AGR deve estar mais alta do que TP, dada a ordenação linear dos morfemas ligados ao verbo: *Legg-eva-no* = Raiz + Tempo + AGR. Como o morfema de tempo precede o de concordância, o verbo deve passar primeiro pela projeção de tempo, para depois ir para a projeção da concordância. Conseqüentemente, AgrP deve estar numa posição mais alta que TP.

Belletti (*ibid.*), seguindo Chomsky (1988), admite a existência de uma projeção AGRoP, em que se realiza a concordância do objeto, como, por exemplo,

¹² Baker (1985) formula o *Mirror Principle* assim: "Morphological derivations must directly reflect syntactic derivations (and viceversa)".

nos casos de concordância entre objeto e particípio do ItM (cf. nota 13). Observando a estrutura das sentenças com tempo composto, ela admite uma projeção aspectual, ASPP, nesse tipo de sentença, cujo núcleo hospeda o morfema do particípio passado¹³. A estrutura da sentença com essas projeções funcionais é como:



Para as construções abaixo (dados de Belletti 1990):

- (1.16) a) Gianni non parla (più) (p. 31)
 b) Gianni non ha più parlato (p.33)
 c) Gianni non ha parlato più (p.33)

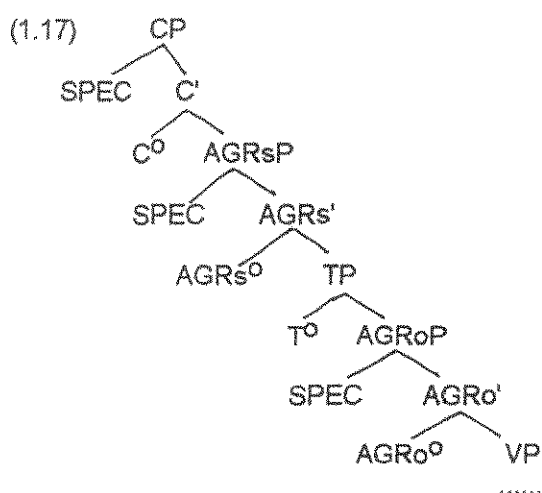
Belletti (*ibid.*) propõe as seguintes análises: (1.16(a)) resulta de movimento de Neg e V[+f] para AGRs°; o ADV de negação più, opcional em italiano, permanece em Spec/Neg'. Nas construções com tempo composto, duas possibilidades são válidas: em (16(b)), o ADV de negação intervém entre o auxiliar e o particípio; em (16(c)), o ADV de negação ocupa uma posição seguindo o particípio. A ordem NP non Aux più Part. se origina dos mesmos processos de movimento relacionados com a construção em (1.16(a)), estando o particípio em AGRo° (depois de passar por

¹³ Uma forma de particípio como parti-t-i é formada da própria flexão do particípio (-t), que se aloja no núcleo de ASPP, e da flexão de gênero e número (-i = masc. pl.), que se aloja no núcleo de AGRoP.

ASP⁰). Para derivar a ordem NP non Aux Part. più, Belletti (*ibid.*) propõe que più possa ser gerado em posição inicial de VP, como os advérbios do tipo de spesso (sempre). Assim, a diferença essencial entre (16(b)) e (16(c)) está na posição em que o advérbio é gerado¹⁴.

Portanto, as análises de Pollock (1989) e Belletti (1990), considerando a posição relativa de V[+f] e de advérbios e interpretando-a como evidência explícita da ocorrência ou não-ocorrência de movimento de verbo, ampliam o esquema X-barra de projeção de núcleos funcionais e determinam uma estrutura de sentença mais articulada e mais abstrata.

Considerando a proposta da divisão de IP (*split IP*) de Pollock (1989), Chomsky (1992:10) propõe que a estrutura básica de uma sentença pode ser como¹⁵:



AGR é uma coleção de traços- ϕ (gênero, número, pessoa, Caso), traços esses comuns aos sistemas de concordância do sujeito (AGRs) e do objeto (AGRo). Portanto, AGRs e AGRo estão relacionados com dois papéis funcionais de AGR. Spec/C' é a posição canônica para movimentos+WH e SPEC/AGRs', a posição

¹⁴ Belletti (1990) (cf. também Pollock 1989) assume que não existem regras específicas de movimento de ADV nas línguas humanas. A variação na colocação dos ADVs nas sentenças deriva de movimento de verbo e das possibilidades de certos ADVs serem gerados em Spec/neg' ou em adjunção a projeções máximas como VP (spesso, adv. de VP) e AGRP (probabilmente, adv. de sentença), etc.

¹⁵ Chomsky estipula que T não tem uma posição Spec. Contudo, Bobaljik & Carnie (1993) observam que deve ser estabelecido um contraste entre línguas que licenciam Spec/T' de línguas que não licenciam esta posição. Na análise deles, o irlandês instancia SPEC/T', contrariamente ao francês e inglês. Com consequência, a ordem VSC, com o sujeito em SPEC/T', é possível no irlandês mas não no inglês e no francês.

canônica de sujeito "derivado". A proposta de dois tipos de relação de concordância entre verbo e DP, uma com o DP sujeito, outra com o DP objeto, reconcilia os conflitos entre as propostas de Pollock (1989) e Belletti (1990).

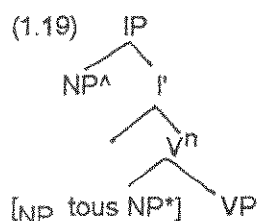
Mais uma de outras tantas contribuições importantes na direção da arquitetura da estrutura clausal é o trabalho de Sportiche (1988) (cf também Koopman & Sportiche 1988/1991), que discute questões relacionadas com os elementos de quantificação como *all*, *tous*. Embora não esteja fundamentalmente interessado com a questão específica de movimento de verbo, e sim de movimento de DP, a análise de Sportiche (*ibid.*) traz novas informações sobre a sintaxe de construções com quantificadores flutuantes e, conseqüentemente, uma nova contribuição para questões de posicionamento de verbos, quando considera as possibilidades e impossibilidades de posicionamento do quantificador *tous*, como em:

(1.18) Les enfants (**tous*) ont (*tous*) vu (**tous*) ce film (*tous*) (p.427)

em que o quantificador *tous* pode ocorrer entre o verbo auxiliar[+f] e o particípio e no final da sentença, depois do objeto direto, mas não entre o sujeito e o auxiliar[+f], nem entre o particípio e o objeto direto.

Kayne (1975) propõe uma análise, para elementos quantificacionais desse tipo, em que os considera como elementos adverbiais que podem ser deslocados à direita, daí a denominação *quantificadores flutuantes*. Sportiche (1988) contesta essa análise considerando que uma relação anafórica, não pertinente a elementos adverbiais, é estabelecida entre o quantificador e o sintagma nominal que ele quantifica.

Sportiche (*ibid.*), adotando a hipótese de que o sujeito é gerado dentro do VP, representa o sintagma nominal formado de quantificador + sintagma nominal como:



NP* é a posição em que o sujeito é gerado, estando o quantificador em Spec/NP*; NP[^] é a posição para a qual o sujeito se move para receber Caso Nominativo (doravante, NOM). Quando o sujeito se desloca para a posição NP[^], o sintagma nominal pode passar por diversas posições funcionais, e o quantificador flutuante pode ser deixado em uma dessas posições.

De interesse para a questão do posicionamento do verbo é a distribuição das possibilidades de posicionamento dos quantificadores *all* e *tous* nos seguintes pares de sentenças do IngM e do FrM (dados de Pollock 1989:367):

- (1.20) a) My friends *all* love Mary
b) *Mes amis *tous* aiment Marie
c) *My friends love *all* Mary
d) Mes amis aiment *tous* Marie

Os exemplos em (a) e (b) mostram que, em IngM, o quantificador *all* pode intervir entre o sujeito e o verbo, mas essa possibilidade não está disponível para *tous* do FrM. Por outro lado, (c) e (d) mostram que o quantificador pode estar após o verbo pleno no FrM, mas não no IngM.

Adotando a hipótese de Sportiche (*ibid.*) (e Koopman & Sportiche 1988/1991) de que o sujeito é gerado dentro do VP (NP*) e alçado para a posição de Spec/I' (NP[^]), a explicação para essa distribuição pode ser facilmente derivada pela análise de Pollock (1989) ou pela de Belletti (1990): em IngM, o verbo pleno não se desloca do VP e, assim, não pode anteceder o quantificador, daí a agramaticalidade do exemplo em (1.20(c)). Em FrM, o verbo pleno sempre se desloca para o núcleo da projeção mais alta (T⁰ na análise de Pollock e Agrs⁰ na de Belletti); conseqüentemente, o quantificador pode ficar no especificador de uma projeção mais baixa, e, assim, deriva-se a gramaticalidade do exemplo em (1.20(d)).

Para os exemplos em (1.20(a)) e (1.20(b)), também se encontra uma explicação nas possibilidades de movimento do verbo pleno nessas duas línguas. Em FrM, o verbo tem de ir até a posição núcleo da projeção em que o sujeito se hospeda; em IngM, ao contrário, o verbo pleno não se desloca para a projeção em que se realiza o sujeito. Assim, nenhum constituinte pode intervir entre o verbo e o sujeito em FrM, porque eles estão numa relação estrita especificador/núcleo. Em IngM, o sujeito e o verbo não estão numa relação especificador/núcleo, podendo o

quantificador ocupar uma das posições funcionais pelas quais o sujeito passa no seu caminho para Spec/I'.

Sumariamos, neste subitem, algumas das hipóteses pré-minimalistas mais influentes sobre a organização estrutural das sentenças. As análises comparativas de Pollock (1989), Belletti (1990) e Sportiche (1988) (e Koopman e Sportiche 1988/1991) do FrM, IngM e ItM, com base no movimento do verbo e na posição de advérbio, negação e quantificador, fornecem uma explicação para alguns dos fenômenos envolvidos com a variação na ordem das palavras. Os resultados a que eles chegam mostram que as variações entre as línguas em relação à posição que esses elementos podem ocupar dentro de uma sentença podem ser interpretadas como uma função das diferentes possibilidades de movimento do verbo nas línguas humanas.

1.2.2. A proposta de Chomsky (1992)

Vimos que, no modelo teórico pré-minimalista, se assumia que as formas flexionadas dos itens lexicais eram criadas por movimentos da raiz verbal para os núcleos funcionais em que estavam representados os elementos flexionais (cf. discussão de Pollock (1989) e Belletti (1990) acima). As hipóteses defendidas pelo MPLT não mais permitem derivações envolvendo alçamento de núcleos verbais (raízes) para morfemas flexionais para formar a palavra flexionada¹⁶. Em MPLT, o movimento de verbo é provocado por necessidades de checar seus traços morfológicos, e não mais como um processo de afixação que une uma raiz a seus afixos morfológicos. A proposta do MPLT é a de que os itens lexicais entram no componente sintático já na sua forma flexionada e que seus traços morfológicos devem ser checados em algum ponto da derivação.

A idéia central desse programa é a de que os elementos lexicais têm certos traços morfológicos que são de significância puramente sintática e devem ser checados em comparação com os traços representados nas posições dos núcleos funcionais. As diferenças entre as ordenações de constituintes nas línguas passam agora a ser derivadas exclusivamente das propriedades morfológicas dos núcleos

¹⁶ Nem permitem regras de abaixamento (*lowering*) de núcleos, como nas propostas de análise da morfologia flexional verbal do inglês (Chomsky 1957 até 1989).

funcionais. Desse modo, o movimento do verbo para núcleos funcionais é parametrizado quanto às características desses traços¹⁷.

1.2.2.1. A checagem de traços morfológicos

Em MPLT, cada movimento de núcleo lexical ou de um sintagma nominal (ou de um elemento com estatuto de operador) é motivado pela necessidade de eles se tornarem um objeto legítimo na PF e na LF. Os movimentos de núcleos são agora implementados da seguinte forma: os traços morfológicos das categorias lexicais devem ser estruturalmente representados nos núcleos de projeções funcionais¹⁸; os elementos funcionais AGR^0 e T^0 incorporam traços verbais (traços-V) e traços nominais (traços-N); os traços morfológicos de AGR^0 e T^0 têm duas funções: checar as propriedades do verbo alçado para essas posições e checar propriedades do sintagma nominal (DP) alçado para a posição de seu especificador.

Os traços-V de um elemento funcional têm como função checar as propriedades morfológicas do verbo selecionado do léxico: os traços-V de AGR checam os traços- ϕ do V adjungido a AGR^0 , e os traços-V de T^0 checam o tempo do verbo. Os traços-N de AGR^0 checam o DP em Spec/ AGR' ; traços-N de T^0 checam o Caso do sujeito. Também os verbos têm traços a serem checados: o traço-N de Caso Acc (quando o V é transitivo) e os traços-categoriais. Resumimos abaixo essas noções:

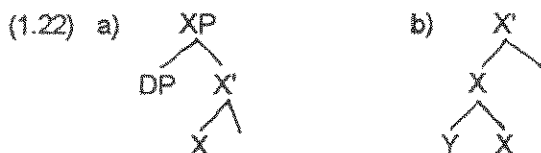
(1.21)	traço-N	traço-V
AGR	traços- ϕ do NP	traços- ϕ do V
Tempo	Caso Nom	+/- passado (traços- ϕ)
Verbo	Caso Acc	traços categoriais: +V/-N

Os traços de uma categoria só podem ser checados se a categoria está em uma relação estrutural específica com um núcleo funcional apropriado. Em outras

¹⁷ Observa-se, assim, que o argumento de Belletti (1990) sobre AGR dominar Tempo nas representações sintáticas, com base no *Mirror Principle*, perde sua força. Se um verbo é selecionado do léxico com todos os seus traços- ϕ , em princípio é possível que a checagem sintática desses traços (de AGR e T) não precise observar a ordenação morfológica dos afixos.

¹⁸ No seu texto, Chomsky (1992) considera essencialmente os movimentos de V^0 para AGR^0 e T^0 . No item 1.3 a seguir falamos sobre movimento de V^0 para o núcleo C^0 .

palavras, um núcleo pode checar traços no seu especificador ou de um outro núcleo adjungido a ele. As duas configurações em que a checagem é possível são ilustradas abaixo:



O núcleo X pode checar os traços do DP na posição de especificador (1.22(a)) ou os do núcleo Y adjungido a ele (1.22(b)). Deriva-se das representações em (1.22) que a checagem dos traços de um sintagma YP qualquer (como o DP em (1.22)) ocorre exclusivamente na configuração de concordância Spec/núcleo. Checagem tem como efeito eliminar um traço, que deixará de aparecer nos níveis de interface.

Os traços-V de um item lexical L são também chamados de traços-L. Chomsky (1992:40) redefine a distinção entre posição-A e posição-A-barras em termos da noção +/- L-relacionado. Uma posição é L-relacionada se está numa relação local com um núcleo com traços-L, ou seja, no domínio de núcleos lexicais ou de núcleos que checam os traços de núcleos lexicais. Assim, V^0 , N^0 , A^0 e P^0 são núcleos-L. Também são núcleos-L T^0 e Agr^0 . Os núcleos C^0 (se não contém um traço-V) e Neg^0 não são núcleos-L. Posições-A são L-relacionadas; posições-A-barras não são L-relacionadas.

1.2.2.2. Operações de movimento e a "força" dos traços morfológicos

Em termos de Chomsky (1992), diz-se que a derivação de uma sentença 'converge' em PF e LF se ela alcança um ponto em que cada uma das unidades morfológicas na sentença se tornou legítima em virtude de ter tido todos os seus traços 'checados' por um núcleo funcional apropriado: DPs e verbos devem ter seus traços nominais e verbais checados; adjetivos e outros predicados devem ter seus traços- ϕ checados.

A variação paramétrica entre as línguas tem agora como base uma distinção entre traços 'fortes' e 'fracos' dos núcleos funcionais. Um traço 'forte' é aquele que é visível na PF, enquanto um traço 'fraco' não o é. Como os traços fortes não são objetos legítimos da PF (não fazem parte das matrizes fonéticas e, além disso, só têm relevância sintática), eles devem ser apagados antes que o *spell-out* para PF

seja atingido. Se um traço forte permanece após *spell-out*, a derivação colide. Os traços 'fracos' podem ser checados posteriormente, no decorrer do processo de mapeamento da representação para a LF. O resultado da checagem dos traços fracos não apresenta reflexos visíveis na ordenação dos constituintes das sentenças.

Por exemplo, os traços- ϕ verbais no AGR do FrM são fortes e, assim sendo, devem ser apagados antes da PF. A consequência disto é que o verbo deve ser alçado para AGR na sintaxe evidente em francês. AGR pode então perder seus traços- ϕ após checá-los. Em IngM, por outro lado, os traços- ϕ verbais de AGR são 'fracos', então o verbo não precisa ser alçado na sintaxe explícita. Desse modo, a variação do posicionamento do verbo em FrM e IngM, como retratada por Pollock (1989) e Belletti (1990), encontra uma explicação no programa minimalista, motivada por outros princípios.

Além da noção de checagem e da definição das configurações em que a checagem pode ocorrer, há um número de mecanismos adicionais que desempenham um papel na teoria. Considera-se que os núcleos funcionais têm um papel exclusivamente formal. Agr e Tempo não têm componente substantivo na LF e devem, portanto, ser apagados, devido ao princípio de FI¹⁹. Chomsky propõe que o apagamento de um núcleo funcional deve ocorrer logo que o núcleo tenha realizado todo seu trabalho, ou seja, logo que ele tenha checado todos os traços em seu inventário. Assim, AGR é apagado logo que tenha checado os traços- ϕ do DP e de V⁰.

Em resumo, observamos que um verbo é inserido na estrutura totalmente flexionado. O traço AGRo do verbo (caso Acusativo) é checado com o núcleo AGRo⁰, através de alçamento do V para essa posição, formando o núcleo complexo V-AGRo⁰. O traço de Tempo do complexo V-AGRo⁰ é checado com o núcleo T⁰. E o traço AGRs é checado com o núcleo AGRs⁰. Todos esses traços são basicamente de natureza morfológica e têm de ser apropriadamente verificados para a derivação ser convergente. Se algum traço morfológico 'forte' permanece após *spell-out*, a derivação colide em PF.

Cada ocorrência de movimento é motivada pela necessidade de que cada núcleo se torne um objeto legítimo em PF. Cada operação no sistema computacional é entendida como uma operação de Formar Cadeia, governada pelo

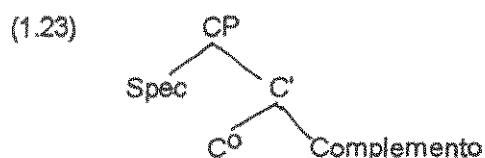
¹⁹ FI = Full Interpretation. Critério para validar as representações sintáticas. Uma representação satisfaz FI na LF e na PF se só contém objetos legítimos da LF e da PF, respectivamente.

princípio da Avareza. O princípio da Avareza só permite operações de formação de cadeia que são motivadas por considerações internas à cadeia, fazendo parte do sistema de Economia. Desse modo, movimento sintático só ocorre quando necessário (necessidade conceptual virtual), para evitar violação de restrições gramaticais (cf. item 1.6.1).

1.3. Movimento do V[*finito*] para C⁰

Os estudos sobre o fenómeno V2 têm assumido que o verbo flexionado é movido para fora do VP, para uma posição em início da sentença. O efeito V2 resulta de um segundo movimento que coloca um constituinte sintagmático em posição anterior ao verbo. Desde den Besten (1977/1983), seguindo Koster (1975), que se tem assumido que o fenómeno V2 envolve o constituinte C⁰, uma posição que nas sentenças encaixadas está sempre comprometida com os elementos introdutórios de sentença encaixada.

Assumindo-se o sistema X-barra proposto por Chomsky (1986), que inclui o núcleo C⁰ e sua projeção máxima CP, como representado abaixo:



algumas das propriedades dos sistemas V2 têm sido derivadas do movimento do V[*f*] para a posição C⁰ e de um constituinte sintagmático qualquer para a posição de especificador de CP. Esta é a análise corrente na literatura lingüística sobre V2, para diferentes línguas, como pode ser observado nos estudos de Platzack (1986), Taraldsen (1986), Tomaselli (1990), Vikner (1991), Adams (1989) e Roberts (1992), entre outros.

1.3.1. Evidências empíricas

As evidências empíricas para tal análise estão baseadas em diferentes fatos sintáticos. Comentamos alguns deles a seguir. Começamos com exemplos de

sentenças completivas do alemão (1.24) e do dinamarquês (1.25) (dados de Vikner 1991:54)²⁰:

- (1.24) Ge. a) Er sagt, daß die Kinder diesen Film gesehen haben
 b) Diesen Film haben die Kinder gesehen
 (Ele diz que as crianças este filme visto tinham)
 (este filme tinham as crianças visto)

- (1.25) Da. a) Han siger at børnene har set denne film
 b) Denne film har børnene set
 (Ele diz que crianças-as tinham visto este filme)
 (este filme tinham crianças-as visto)

Esses exemplos evidenciam que os verbos finitos e os complementadores *daß* e *at* disputam por uma mesma posição. Nos exemplos em (a), em que a posição C^0 está preenchida pelos complementadores, a ordem dos constituintes é C^0 -SCV para o alemão e C^0 -SVC para o dinamarquês; nos exemplos em (b), em que os complementadores não são realizados, deixando a posição C^0 disponível para a forma verbal flexionada, a ordem dos constituintes é CVS para ambas as línguas. Nos dois tipos de construção, o verbo e o complementador ocorrem na posição imediatamente à esquerda do sujeito.

As sentenças condicionais também apresentam o mesmo tipo de evidência, ou seja, a distribuição complementar entre as formas verbais flexionadas e os elementos introdutórios de sentença, o que indica uma disputa pela mesma posição sintática. Nos exemplos abaixo (dados de Vikner 1991:54; os exemplos em (a) são do alemão, e os exemplos em (b) são do dinamarquês):

- (1.26) a) Ge. Wenn ich mehr Zeit gehabt hätte, ...
 (se eu mais tempo tido tivesse)
 b) Da. Hvis jeg havde haft mere tid, ...
 (se eu tivesse tido mais tempo)
 (1.27) a) Ge. Hätte ich mehr Zeit gehabt, ...
 (tivesse eu mais tempo tido)
 b) Da. Havde jeg haft mere tid, ...
 (tivesse eu tido mais tempo)

²⁰ As observações sobre evidências de movimento de V^0 para C^0 , apresentadas neste subitem, estão fundamentalmente baseadas em Vikner (1991) e Roberts (1992).

dois tipos de estruturas condicionais se apresentam em variação livre: nos exemplos em (1.26), é o complementador que ocupa a posição C⁰; nos exemplos em (1.27), é o verbo. Nas construções em que o verbo está em C⁰, o sujeito é imediatamente pós-verbal.

Mais evidências de que o V[+f] e o complementador disputam por uma mesma posição nas línguas V2 podem ser derivadas do requerimento de adjacência entre C⁰ e os sujeitos pronominais em holandês e em sueco, por exemplo, como se pode observar nas construções abaixo (dados de Vikner 1991:55²¹):

- (1.28) Du. a) Was ze gisteren ziek?
 b) *Was gisteren ze ziek?
 (estava (ontem) ela (ontem) doente?)
 c) Was Lise gisteren ziek?
 d) Was gisteren Lise ziek?
- (1.29) Du. a) ...dat ze gisteren ziek was
 b) *...dat gisteren ze ziek was
 (... que (ontem) ela (ontem) doente estava)
 c) ... dat Lise gisteren ziek was
 d) ... dat gisteren Lise ziek was
- (1.30) Sw. a) Har han verkligen gjort det här?
 b) *Har verkligen han gjort det här?
 (tinha (realmente) ele (realmente) feito isto?)
 c) Har Kalle verkligen gjort det här?
 d) Har verkligen Kalle gjort det här?
- (1.31) Sw. a) ... att han verkligen har gjort det här
 b) *... att verkligen han har gjort det här
 (que (realmente) ele (realmente) tem feito isto)
 c) ... att Kalle verkligen har gjort det här
 d) ... att verkligen Kalle har gjort det här

Os contrastes de gramaticalidade entre as construções (a) e (b) em (1.28) e em (1.30) mostram que o sujeito pronominal não pode ser separado do verbo, ou, dito de outra forma, ele deve estar imediatamente adjacente ao verbo. Por outro lado, o sujeito não-pronominal não requer adjacência, podendo estar separado do verbo, como nos exemplos (d) em (1.28) e em (1.30), em que os advérbios *gisteren* e

²¹ Os exemplos em (1.29) cf. com Platzack, 1986a:200, e os exemplos em (1.30) são adaptados de Platzack, 1986b:45.

verkligen se posicionam entre o verbo e o sujeito não-pronominal. O mesmo padrão é observado nas construções em (1.29) e (1.31), introduzidas pelos complementadores *dat* e *att*: o sujeito pronominal deve estar adjacente ao elemento em C⁰, como indica a agramaticalidade dos exemplos em (b); os sujeitos não-pronominais, *Lise* e *Kalle*, respectivamente, não requerem adjacência, como mostram os exemplos em (d)²².

Vikner (1991) observa que a posição dos advérbios mediais²³ e dos elementos de negação também evidencia o movimento do verbo para o núcleo C⁰, como se pode observar nas seqüências do dinamarquês (p. 57-58):

(1.32)	CPsp	C ⁰	IPsp	Adv	V ⁰	V ⁰	NP
a)		at	Peter	ofte	har	drukket	kaffe om morgenen
b)		har	Peter	ofte		drukket	kaffe om morgenen?
c)	Peter	har		ofte		drukket	kaffe om morgenen
d)	Kaffe	har	Peter	ofte		drukket	kaffe om morgenen
e)	Om morgenen	har	Peter	ofte		drukket	kaffe
--	--		P.	sempre	tem	bebido	café de manhã

	(C ⁰)	CPsp	C ⁰	IPsp	ADV	V ⁰	V ⁰	NP
f) Vi ved			at	Peter	ofte	har	drukket	kaffe ...
g) Vi ved	at	Peter	har		ofte		drukket	kaffe ...
h) Vi ved	at	om morgenen	har	Peter	ofte		drukket	kaffe ...
nós sabemos que	--	--	tem	P.	sempre		bebido	café

(1.33)	CPsp	C ⁰	IPsp	Adv	V ⁰	NP
a)		at	Peter	ofte	drikker	kaffe om morgenen
b)		drikker	Peter	ofte		kaffe om morgenen?
c)	Peter	drikker		ofte		kaffe om morgenen
d)	Kaffe	drikker	Peter	ofte		kaffe om morgenen
e)	Om morgenen	drikker	Peter	ofte		kaffe
--	--		P.	sempre	toma(bebe)	café de manhã

	(C ⁰)	CPsp	C ⁰	IPsp	ADV	V ⁰	NP
f) Vi ved			at	Peter	ofte	drikker	kaffe ...
g) Vi ved	at	Peter	drikker		ofte		kaffe ...

²² O requerimento de adjacência dos sujeitos pronominais está ligado ao estatuto sintático de sujeitos clíticos destes elementos. Voltaremos a este assunto logo abaixo (cf. também item 1.3.2.2).

²³ Os advérbios mediais são os que não ocorrem nem em posição inicial, nem em posição final de sentença, mas sim em uma posição entre o sujeito e o objeto (cf. item 1.2.1).

h) Vi ved	at	om morgenen	drikker	Peter	ofte	kaffe ...
nós sabemos que	-- --		bebe	P.	sempre	café

Na ordem "normal" (ordem não-V2) de sentença encaixada (exemplos em (a/f)), com realização lexical do complementador, o ADV *ofte* precede o V[+f]. Nas construções raízes V2, com um constituinte XP inicial, (exemplos em (c/d/e)), o V[+f] precede o ADV *ofte*. A única diferença entre elas é a presença do complementador *at* e a posição do V[+f] e do ADV.

No caso das encaixadas, a realização do complementador não é suficiente para indicar se se trata de uma construção V2 ou não-V2, porque o complementador pode ser lexical em ambas. Assim, a única diferença entre uma encaixada V2 (exemplos em (g/h)) e uma encaixada não-V2 (exemplos em (a/f)) é a posição do ADV em relação ao V[+f] e a posição do sujeito (quando o sujeito não está em Spec/C'). A comparação dos exemplos em (f), com sujeito pré-verbal, com os em (h), com sujeito pós-verbal, mostra que só os exemplos em (h) são casos de V2, mesmo se o ADV está ausente. Contudo, não se pode chegar a essa conclusão a partir da comparação entre os exemplos em (f), uma encaixada normal, e em (g), uma encaixada V2, mas com sujeito inicial, porque a ordem linear do sujeito em relação ao V[+f] é a mesma. Nesse caso, só o ADV indica a diferença entre V2 e não-V2.

IngM e FrM apresentam movimento de V[+f] para C⁰ em certos contextos bem específicos, a saber, em sentença raiz interrogativa, ou em sentença introduzida por uma determinada classe de advérbios. Essas línguas ilustram o que Rizzi (1990a/1991) denomina V2 residual em oposição ao V2 geral, típico das línguas germânicas modernas (exceto o inglês), como descrito acima. Em IngM, há ainda mais uma restrição sobre esse processo, pois o movimento do V[+f] para C⁰ só é possível com os verbos auxiliares *modais* e *aspectuais* e a forma *do*. Os seguintes exemplos ilustram o V2 residual do IngM (as formas verbais finitas estão em negrito; dados de Roberts 1992:9):

- (1.34) a) Has John left?
b) Which students **did** the police arrest?
c) Only in America **can** you get away with that
d) *I wonder who **has** John seen
e) ***Left** John?
f) ***Will** be John arrested?

Roberts (1992:9) observa que os três fatores envolvidos no movimento de núcleos verbais nas línguas humanas (cf. subitem 1.2.1) interagem no movimento do verbo no IngM: o verbo deve ser finito (o que exclui a possibilidade de uma construção como a em (1.34(f))), o processo só se aplica em sentenças raízes (daí a impossibilidade do enunciado em (1.34(d)) e só verbos auxiliares são afetados (o que exclui o exemplo em (1.34(e))).

Os contextos em que se pode observar movimento de V[+f] para C⁰ no FrM, são basicamente os mesmos do IngM (dados de Roberts 1992:34):

(1.35) a) A-t-il pris le livre?

b) *A Jean pris le livre?

c) Quel film a-t-il vu?

d) *Quel film a Jean vu?

e) Aime-t-il Marie?

f) Peut-être viendra-t-il demain

Os exemplos em (1.35(a/c/e)) mostram que a subida do V[+f] para C⁰ em FrM, não se restringe a verbos auxiliares; contudo, a agramaticalidade dos exemplos em (1.35(b/d)) indica que o sujeito deve ser pronominal. O exemplo em (1.35(f)) mostra que um advérbio do tipo *peut-être* no início da sentença desencadeia o movimento do verbo para C⁰ (um processo semelhante ao do IngM, ilustrado com o exemplo (1.34(c)) acima).

1.3.2. As explicações teóricas

No nível explicativo, os gerativistas preocupados com o fenômeno V2 tentam explicar por que o movimento do verbo para o núcleo C⁰ é obrigatório em certas línguas (as línguas V2), e não em outras (as línguas não-V2). No quadro teórico pré-minimalista, têm-se feito diversas tentativas para explicar o fenômeno V2 das línguas germânicas e escandinavas. De modo geral, as análises sobre esse fenômeno assumem o movimento do verbo para C⁰ (nas sentenças raízes) e consideram que a ordem prototípica de verbo em segunda posição resulta de um segundo movimento, que coloca um constituinte sintagmático qualquer em Spec/C'. Portanto, o centro de interesse dos estudos do fenômeno V2 é a razão pela qual o verbo tem de ser movido para essa posição. A maior parte das

explicações propostas são análises com base em conjecturas sobre a natureza do núcleo C⁰. Revisamos algumas delas a seguir.

1.3.2.1. Os traços categoriais

Holmberg (1986) e Taraldsen (1986) procuram explicar o fenômeno V2 em termos de traços categoriais²⁴, adotando uma idéia sobre a distribuição das sentenças proposta em Kayne (1982), segundo a qual ele considera que as sentenças podem ser analisadas em termos de traços categoriais, distinguindo-as em dois tipos: sentenças verbais, marcadas [+V], identificadas como as sentenças raízes, e sentenças não-verbais, marcadas [-V], as sentenças subordinadas.

Holmberg (1986) faz uso das sugestões de Kayne (1982) e formula os seguintes princípios: a) um predicado deve ser [+V]; b) um argumento deve ser [-V]. Ele propõe que são os traços no núcleo do sintagma que definem o caráter de sua projeção: a projeção de um sintagma é marcada [+V] se seu núcleo é [+V], e [-V], se seu núcleo é [-V]. Assim, os traços de um CP (S' em Holmberg) dependem do que está em seu núcleo, podendo o CP ser um argumento ou um predicado.

Nas sentenças subordinadas, CP é um argumento, sendo seu núcleo marcado [-V], daí a presença do complementador. O CP que tem um complementador como seu núcleo também é marcado [-V], pertencendo, portanto, à subcategoria de sentença não-verbal. Isto explica por que, nas sentenças encaixadas com C⁰ preenchido, o verbo não necessita ser deslocado para C⁰ (e não poderia, desde que C⁰ está preenchido).

Nas sentenças raízes, o núcleo C⁰ está vazio, o que implica que CP tem um núcleo vazio, não recebendo nenhum traço sintático e não podendo ser interpretado pelas regras que designam funções gramaticais às categorias. Contudo, se o V[+f] é deslocado para a posição C⁰, o núcleo de CP passa a ser um verbo e o CP é marcado [+V], tornando possível interpretar a estrutura como de uma sentença raiz, de acordo com os dois tipos de sentenças de Kayne (1982).

Assim, na análise de Holmberg (*ibid.*), o movimento do verbo é necessário para fornecer um núcleo a CP. Observa-se que a explicação para o movimento do verbo para C⁰ está na identificação da sentença como sentença raiz e como um

²⁴ Os traços categoriais [+/-N], [+/-V] identificam as categorias lexicais da seguinte forma: nome é uma categoria [+N -V]; verbo é uma categoria [-N +V]; adjetivo é uma categoria [+N +V] e preposição é uma categoria [-N -V].

predicado. Se uma outra categoria é movida para C⁰, CP não será verbal e, portanto, não será interpretada como uma sentença raiz nem como um predicado.

Taraldsen (1985:20-21) observa que, em dialetos noruegueses do norte, sintagmas-QU "simples", como *kem* (quem), *ka* (que) e *kor* (onde), são "operadores nus" (*bare operators*) e, portanto, não contam como sujeitos de predicado. Assim, movimento do verbo para C⁰ não se aplica nas interrogativas raízes introduzidas por esses elementos, como se pode observar nos exemplos abaixo:

- (1.36) a) *Kem* som ikkje *kar* betalt?
(quem que não tinha pago?)
- b) *Ka* dokker sa?
(que você disse?)
- c) *Kor* studentan ska bu?
(onde os estudantes devem morar?)

Segundo ele, não há movimento do verbo para C⁰, porque CP não é um predicado.

Quando Spec/C' é preenchido por sintagmas-QU "complexos", formados de palavra-QU + nome, o movimento do verbo para C⁰ torna-se obrigatório, como nos seguintes exemplos:

- (1.37) a) *Ka for nokka* sa dokker?
(que coisa disse você?)
- b) **Ka for nokka* dokker sa?
(que coisa você disse?)

Os sintagmas-QU dos exemplos em (1.37) contam como se fossem sujeitos quando estão em Spec/C', tornando C' um predicado, e requerendo que C⁰ contenha um elemento [+V]. Assim, o V[+f] é deslocado para essa posição.

O comentário que fazemos à análise de Holmberg pode ser traduzido na seguinte questão: as sentenças encaixadas V2, em que há movimento do verbo para o núcleo C⁰, serão, então, interpretadas como sentenças raízes, estando numa relação paratática com a principal? Haider (1986:50) apresenta dois argumentos contra a análise de construções V2 encaixadas como uma citação direta. Ele observa que, num enunciado do alemão, do tipo apresentado abaixo:

- (1.38) er hoffte, er würde rechtzeitig eintreffen
 (ele desejou expl. tivesse em tempo chegado)

o verbo da segunda sentença se realiza no subjuntivo e que subjuntivo é uma propriedade de sentença encaixada. Ele nota ainda que, se se tratasse de uma situação de discurso direto, a forma pronominal deveria ser ich (eu), e não er (forma expletiva).

Desse modo, a análise de Holmberg (*ibid.*) é problemática quando se observam estruturas V2 do tipo em (1.32) e (1.33), em que o verbo está em C⁰, o que identifica a projeção CP como [+V], mas a sentença é uma sentença encaixada. Além disso, seria difícil imaginar como uma construção como a referida em (1.38) poderia ser interpretada como predicado de algum sujeito, uma vez que er é um pronome expletivo.

Outra questão problemática é a diferente especificação de C⁰ das encaixadas quando hospeda um verbo, [+V], e quando hospeda um complementador, [-V], sobretudo quando se consideram as possibilidades de sentenças subordinadas V2 e não-V2. Sumariamos aqui a argumentação de Vikner (1991:66) sobre essa questão, com base em dados do alemão e do dinamarquês. Vikner (*ibid.*) observa que, em alemão e em dinamarquês, uma completiva de verbo do tipo *sige* (dizer) pode ser V2 ou não-V2, como ilustrado nos exemplos abaixo (simplificamos as representações de Vikner; cf. p.66; estão sublinhados os elementos que ocupam C⁰; cf. outros exemplos em (1.24) e (1.25)):

- (1.39) Sie sagte, ... (ela disse)

- a) ... [CP daß [IP wir keinen Wein mitbringen sollten]]
 (que nós não vinho com trazer deveríamos)
- b) ... [CP wir sollten [IP keinen Wein mitbringen]]
 (nós deveríamos não vinho com trazer)
- c) *... [CP daß [CP wir sollten [IP keinen Wein mitbringen]]]
 (que nós deveríamos não vinho com trazer)

- (1.40) Hun sagde ... (ela disse)

- a) ... [CP at [IP vi ikke skulle tage vin med]]
 (que nós não deveríamos trazer vinho com)
- b) ??... [CP vi skulle [IP ikke tage vin med]]]

	(nós deveríamos	não	trazer	vinho	com)
c) ...	[CP at [CP vi skulle [IP	ikke	tage	vin	med]]]
	(que nós deveríamos	não	trazer	vinho	com)

Em alemão, uma completiva V2 não pode ocorrer com o complementador *daß*, como mostra o contraste entre (1.39(b/c)). Em dinamarquês, ao contrário, a completiva V2 deve ocorrer com o complementador *at*, como pode ser visto da comparação de (1.40(b/c)).

Pelas hipóteses de Holmberg (1986) e de Taraldsen (1986), portanto, o CP da completiva de *sagen* em alemão é [-V] em (1.39(a)), em que o núcleo C⁰ está preenchido por *daß*, e [+V] na completiva V2 em (1.39(b)), cujo núcleo C⁰ está preenchido pela forma verbal *sollten*. No dinamarquês, o CP da completiva de *sige* é sempre [-V], seja a completiva V2 ou não-V2, pois em ambas o complementador *at*, que é [-V], é sempre realizado²⁵.

Um outro problema sobre a análise de Holmberg (1986) diz respeito à interpretação de C' (C-barra), uma projeção intermediária, como um predicado. A partir dos exemplos abaixo do dinamarquês (cf. Vikner 1991:64):

- (1.41) a) Kaffe [drikker Peter ikke]
 café bebe P. não)
- b) ... at Peter ikke [drikker kaffe]
 que P. não bebe café

Vikner observa que, em (1.41(a)), o que se supõe ser um predicado não é uma projeção máxima. Por outro lado, o argumento de Holmberg (*ibid.*) pode ser mantido para (1.41(b)), desde que o VP é sobre *Peter* (há uma *aboutness relation* entre o sujeito e o predicado).

1.3.2.2. Caso abstrato

A teoria dos Casos abstratos trata da distribuição dos contextos em que um DP recebe uma marca abstrata de Caso. O Filtro do Caso bloqueia a ocorrência de um DP foneticamente realizado que não tenha recebido uma atribuição de Caso. Desse modo, a teoria dos Casos abstratos define as posições estruturais em que os DPs podem ocorrer.

²⁵ Voltaremos à questão da distribuição entre complementador e verbo em C⁰ no item 1.4

Já comentamos acima que, nas línguas V2 germânicas e escandinavas, o DP sujeito pronominal deve estar posicionado imediatamente após o V[+f] nas sentenças raízes ou imediatamente após o complementador nas sentenças subordinadas. Se V[+f] e complementador estão em C⁰, então o sujeito pronominal deve estar adjacente a C⁰ nas sentenças raízes e encaixadas (cf. exemplos em (1.28), (1.29), (1.30) e (1.31)). Tal restrição sobre o posicionamento do DP sujeito pronominal tem sido analisada como derivada ou da condição de adjacência para designação de Caso (originalmente sugerida por Stowell 1981) ou da condição de adjacência de cliticização do sujeito pronominal (clítico) ao seu atribuidor de Caso.

Koopman (1984) e Platzack (1983), independentemente, sugerem que a gramática pode dar conta dessa distribuição do sujeito pronominal pela teoria dos Casos, assumindo que C⁰ (COMP, no estudo deles) pode funcionar como um atribuidor de Caso. Para ser capaz de designar Caso ao sujeito, segundo eles, C⁰ deve ter conteúdo lexical e ser marcado para [+Tempo]. A especificação para [+Tempo] é independente de preenchimento lexical de C⁰. Contudo, se nenhum elemento lexical preenche a posição C⁰, ela não se qualifica como um atribuidor de Caso, e o sujeito não é marcado para Caso, violando o Filtro do Caso. Assim, o movimento do verbo para C⁰ nas sentenças raízes é necessário para fornecer conteúdo lexical a C⁰. Por outro lado, nas sentenças encaixadas, um complementador é gerado em C⁰ e se qualifica como um elemento lexical atribuidor de Caso, por ser marcado para [+Tempo]. Em resumo, é o requerimento de atribuição de Caso abstrato ao DP sujeito que força o movimento do verbo para C⁰ nas sentenças raízes.

As evidências de que C⁰ pode ser um atribuidor de Caso têm sido derivadas do fato de C⁰ apresentar marcas de concordância de número e pessoa em certos dialetos do alemão e do holandês, como ocorre, por exemplo, em bávaro e no flamengo ocidental. Os dados abaixo do flamengo mostram que há uma certa afinidade entre flexão verbal e C⁰ (dados adaptados de Haegeman 1990, cap. 11:9-10; destacamos os constituintes em C⁰):

(1.42) a)	Goa	Jan	noa	Gent?
	vai	Jan	para	G?
b)	Goan-k	(ik)	noa	Gent?
	vou-1sg	(eu)	para	G?
c)	Goa-me	(we)	noa	Gent?
	vamos-1pl	(nós)	para	G?

d) Goan	Jan en Pol	noa	Gent?	
e) Goa-se		noa	Gent? (3sg fem)	
f) Goan-ze		noa	Gent? (3pl)	
(1.43) a) ... da Jan noa Gent goat (3sg)				
b) ... dan-k	(ik)	noa	Gent	goan (1sg)
c) ... da-me		noa	Gent	goan (1pl)
d) ... dan	Jan en Pol	noa	Gent	goan (3pl)
e) ... da-se		noa	Gent	goat (3sg fem)
f) ... dan-ze		noa	Gent	goan (3pl)

Os exemplos em (1.43) mostram que o complementador *dat* das subordinadas é flexionado para pessoa e número, da mesma forma que o verbo (cf. as formas verbais em (1.42) e os complementadores em (1.43). Exemplos desse tipo são considerados evidências fortes de que C^0 tem traços flexionais, que normalmente estão associados com marcação de Caso Nominativo.

Ao menos três questionamentos podem ser levantados à proposta de que o movimento do verbo para C^0 deriva de marcação de NOM, ou seja, de que a designação de Nominativo é que motiva V2. O primeiro deles está relacionado com as propriedades das completivas [-Wh]²⁶, que excluem V2, pois o núcleo do CP dessas construções contém o traço [+Wh]²⁷, que não pode ser apagado, o que impossibilita o movimento do verbo para C^0 . Assim, em construções como (dados adaptados de Vikner 1991:68; o exemplo em (a) é do dinamarquês, e o em (b), do alemão):

- (1.44) a) Da. Jeg ved ikke hvilken film C^0 [+WH] bfmene har set
b) Ge. Ich weib nicht welchen Film C^0 [+WH] die Kinder esehen haben
(eu sei não qual filme as crianças têm visto)

se se admite a idéia de que C^0 é o atribuidor de Caso, então tem-se de admitir que o traço [+Wh] é capaz de designar NOM aos DPs sujeitos *bfmene* e *die Kinder*, o que nos parece ser uma proposta problemática²⁸. De outro modo, os NPs sujeito devem receber Caso de AGR, o que elimina a motivação da obrigatoriedade do

²⁶ Cf. Vikner (1991:68) para um argumento semelhante.

²⁷ Cf. item 4.2.

²⁸ Vikner (1991:68) observa que o problema se estende para as relativas, cujo núcleo C^0 também deve ser vazio.

movimento do verbo para C⁰ para atribuir NOM, porque AGR se qualifica como atribuidor de Caso NOM.

Um argumento bastante contundente é apresentado por Vikner (1991:68), com base nos chamados "quirky case" de sujeitos, em feróico²⁹ e em islandês, exemplificados abaixo (o exemplo (a) é do feróico; o (b), do islandês; sublinhamos os NPs sujeitos):

(1.45) a) sum óviti dámdi mær ost
(como criança gostei me(dat) queijo(acc))
(=Como uma/toda criança, eu gostei de queijo) (as a child, I liked cheese)

b) Hefur þér nokkurn tíma leiðst Haraldur?
(tem você(dat) algum tempo bored Haraldur(nom)?)
(= você já foi chateado por H.?) (were you ever bored by Harald?)

Nos dois exemplos, o verbo foi movido para C⁰, mas os sujeitos não são marcados com Caso Nominativo. Em ambos os casos, os sujeitos se realizam como DPs dativos³⁰.

Além desses questionamentos empíricos e teóricos, dois outros problemas se colocam quanto à proposta do movimento do verbo para atribuir NOM. Um deles diz respeito à configuração de atribuição de NOM que abordaremos no item 1.3.3. O outro se refere à posição assumida no programa minimalista em relação ao desencadeador de movimentos de núcleos e de DPs. Vimos, no item 1.2.2, que as transformações de movimento são sempre provocadas por requerimentos morfológicos dos componentes de uma estrutura. A teoria de 'checagem' determina que um DP só se torna legítimo se todos os seus traços morfológicos, aí incluso o traço de Caso, são checados. Contudo, todos os movimentos devem ser em proveito próprio. Assim, um DP se move porque tem traços-N (traços de Caso e outros traços- ϕ) a serem checados, mas o verbo não tem que se mover para "salvar" o DP, de acordo com o princípio da avareza.

²⁹ Feróico (ou feroês) é uma língua do ramo germânico setentrional. É considerada por muitos estudiosos um dialeto do islandês, por outros, do norueguês.

³⁰ Vikner (1991:68) diz que o exemplo (a) é de Barnes (1986:22), o (b) é de Sigurðsson (1989:205), e que ambos apresentam diferentes testes que mostram que o NP dativo é o sujeito nessas construções (reflexivização, controle, cliticização, impossibilidade de fronteamento estilístico, etc.).

1.3.2.3 Traços morfológicos

Tomaselli (1990) propõe que o núcleo C⁰ das línguas V2 contém traços de concordância, caracterizando-se como um elemento pronominal. São esses traços de concordância que atraem o V[+f] para C⁰, desde que se supõe que AGR subcategoriza morfológicamente um elemento verbal. Ela propõe uma caracterização morfossintática de C⁰ como em (p.441):

(1.46) GERMAN: COMP⁰ --> +/- Tense, AGR, [+pronoun]

Desse modo, nas línguas V2, os traços morfossintáticos em C⁰ atraem o verbo, do mesmo modo que a caracterização de tempo e concordância de AGRs⁰ (INFL, em seu texto) atrai o verbo nas línguas não-V2.

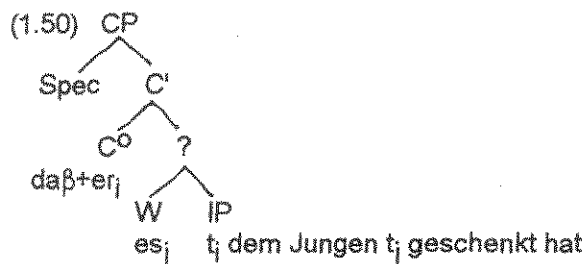
Dois argumentos são apresentados em apoio a essa hipótese. O primeiro deles, o fenômeno da concordância do complementador em dialetos germânicos, já discutido acima, (cf. exemplos (1.42) e (1.43). Tomaselli (*ibid.*) analisa a manifestação de concordância de pessoa e número em C⁰ como uma lexicalização dos traços AGR em C⁰. O segundo argumento se refere aos fatos relativos ao comportamento sintático dos elementos pronominais, em construções como (dados de Tomaselli 1990:438; cf. também exemplos em (1.28), (1.29), (1.30) e (1.31)):

- (1.47) a) ,daß er dem Jungen ein Buch geschenkt hat
 NOM DATIVO ACUSATIVO
- b) *, daß dem Jungen er ein Buch geschenkt hat
 DATIVO NOM ACUSATIVO
- (1.48) a) *, daß ihm er ein Buch geschenkt hat
 DAT NOM
- b) , daß er IHM ein Buch geschenkt hat
 NOM DAT
- (1.49) a) *, daß es er dem Jungen geschenkt hat
 ACC NOM
- b) , daß er es dem Jungen geschenkt hat
 NOM ACC

Os exemplos acima mostram que o sujeito deve ocorrer adjacente ao complementador (cf. a impossibilidade de (1.47(b)), (1.48(a)) e (1.49(a))) e que os

pronomes complementos ocupam uma posição imediatamente à esquerda da posição sujeito, ou seja, adjacente a C⁰³¹.

Tomaselli observa (cf. nota 7 de seu trabalho) que não só o alemão, mas todas as línguas germânicas V2, parecem observar essa adjacência entre sujeito pronominal e o elemento em C⁰. A sua proposta é que o sujeito pronominal é um clítico e, como tal, deve estar cliticizado ao mais alto elemento que contém AGR:



O sujeito pronominal *er* está cliticizado em C⁰, e o complemento pronominal *es* está na posição Wackernagel.

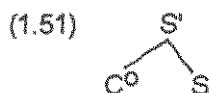
Outro efeito dos traços de concordância em C⁰, ainda segundo Tomaselli (*ibid.*), está relacionado com o licenciamento de sujeito nulo em alemão. Ela traça um paralelismo entre AGR⁰, em línguas de sujeito nulo, como o italiano, e C⁰, em línguas V2, como o alemão. Assim, italiano e alemão diferem com respeito ao núcleo que licencia o sujeito nulo: AGR⁰, em italiano, e C⁰, em alemão.

A ocorrência de sujeito nulo, em alemão, é limitada ao contexto em que a posição sujeito não recebe um papel temático, ou seja, só sujeito nulo expletivo é licenciado em alemão. Tomaselli atribui essa restrição ao fato de que C⁰ e o sujeito nulo não estão numa relação Spec/núcleo, ou seja, C⁰ está fora da projeção máxima que contém o sujeito nulo. Esta hipótese de Tomaselli é problemática quando observamos os dados do francês arcaico, uma língua V2 que, justamente, licencia sujeito nulo referencial só em contextos V2, em que o verbo está em C⁰.

A idéia de que C⁰ pode ser especificado para o traço [+Tempo] também é sugerida por Evers (1981) e Haider (1984), mas de uma forma diferente da proposta de Koopman (1984) e Platzack (1983). Evers (*ibid.*) propõe que se diferenciem sentenças finitas de sentenças infinitivas pela presença do traço

³¹ Tomaselli assume que os pronomes complementos ocupam a posição conhecida na literatura como *Wackernagel*. Voltaremos a essa questão no item 4.2, quando discutimos a colocação dos clíticos em PA.

[+Tempo] em C⁰ nas sentenças finitas. Segundo ele, sentenças raízes e subordinadas (finitas) de uma língua V2 como o alemão têm a seguinte estrutura básica:



[+Tempo]

O índice temporal em C⁰ deve ser absorvido por uma categoria lexical para que a sentença seja bem formada. O índice pode ser absorvido ou pelo complementador gerado em C⁰ nas sentenças encaixadas, ou pelo verbo movido para C⁰ nas raízes.

Haider (1984) defende uma análise similar à de Evers (*ibid.*), propondo ser INFL, que domina os traços de tempo, que ocupa C⁰ nas línguas V2. Ele argumenta que o verbo é forçado a ser movido para C⁰ nas sentenças raízes para ser marcado para tempo. Nas sentenças subordinadas, o complementador já ocupa a posição C⁰. Como C⁰ só pode conter um elemento, INFL é expulso de C⁰ e mapeado no primeiro verbo. Na proposta de Haider (*ibid.*), portanto, a marcação de tempo do verbo está em C⁰.

Rizzi (1990 a 1991) argumenta que as categorias funcionais devem ser definidas pela combinação de traços funcionais apropriados. Ele considera a possibilidade de que os dois traços relevantes sejam [+/-C] e [+/-I]. Esses traços permitem as seguintes combinações lógicas:

- (1.52) a) [+C, -I]: uma categoria que designa uma proposição = C⁰/CP de línguas não-V2;
 b) [-C, +I]: uma categoria que designa uma predicação = I⁰/IP
 c) [-C, -I]: uma categoria que não é nem proposicional, nem predicacional = D⁰/DP
 d) [+C, +I]: uma categoria que é proposicional e predicacional = C⁰/CP de línguas V2.

Desde que se olha núcleos funcionais como feixes de traços, a especificação positiva para um traço determina sua capacidade para licenciar um determinado tipo de especificador. Desse modo, a posição de especificador de um núcleo [+C] pode ser preenchida por um operador de algum tipo (desde que outras condições sejam satisfeitas) ou por um traço pertencendo a uma cadeia não-A; a posição de

especificador de um núcleo [+I] pode ser preenchida pelo sujeito da predicação. Os casos híbridos de [+C, +I] das estruturas V2 plenas deixa as duas possibilidades em aberto: como núcleo [+C], seu especificador pode ser preenchido por um sintagma-WH; como núcleo [+I], seu especificador pode conter o sujeito da predicação. Assim, na proposta de Rizzi (*ibid.*), o CP de uma língua V2 difere do CP de uma língua não-V2: no primeiro caso, CP é ao mesmo tempo um predicado e uma proposição; no segundo caso, CP é somente uma proposição.

Quanto ao movimento sistemático de V[+f] para C⁰, Rizzi (1990a:383) assume, seguindo Laka (1989), que a especificação de tempo deve c-comandar todas as projeções flexionais, como formulado abaixo:

- (1.53) The tense specification must c-command all the other [+I] categories in the same
clause (adapted from Laka 1989)

A especificação de tempo, originada em um nóculo flexional 'puro' (no núcleo de IP), deve se mover para o núcleo [I] mais alto, que, nas línguas V2, é o núcleo híbrido [+C, +I]. Portanto, essa é a razão fundamental para o movimento obrigatório de I⁰ para C⁰. Nas sentenças encaixadas introduzidas pelo complementador do tipo *que*, por outro lado, o núcleo C é uma projeção de [+C, -I]. Assim, tal movimento não é requerido (nem é possível).

A proposta de Rizzi (1990a/1991) tem uma vantagem sobre as outras por oferecer uma explicação única para os fenômenos de concordância de complementadores (cf. exemplos (1.42) e (1.43)), de restrição de adjacência entre C⁰ e sujeito pronominal (cf. exemplos (1.47), (1.48) e (1.49)) e de licenciamento de sujeito nulo expletivo pelo núcleo C⁰ (cf. item 1.3.2.3): sendo a posição C⁰ das línguas V2 especificada para o traço [+I], o sujeito pronominal, um clítico, é atraído para essa posição; *pro* é licenciado pelo traço [+I] em C⁰, de acordo com a idéia geral de que sujeito nulo é licenciado por um traço [+I], esteja esse traço no núcleo de CP ou no núcleo de IP.

Contudo, observa-se que, no sistema de Rizzi (*ibid.*), o sujeito nulo expletivo em Spec/I' tem de ser licenciado pelo núcleo C⁰ numa configuração de regência, o que é totalmente impossível no MPLT (cf. item 1.3.3 a seguir). Também é evidente que as observações feitas acima sobre a análise de CP como predicado (cf. 1.3.2.1) se aplicam diretamente à proposta de Rizzi (1990b), como já comentado por Vikner (1991:73): "If CP is a predicate, it is difficult to see what it is a predicate

of, unless there is a left dislocated constituent. This however is only the case in a small fraction of V2 structures".

Watanabe (1993) comenta que o irlandês, uma língua VSC, fornece evidências de que o verbo finito de uma sentença está em C^0 (ao menos na LF), pois o complementador de uma sentença finita muda de forma a depender da realização de tempo (Watanabe 1993:24):

(1.54)

	Nonpast	Past
subordinating	go	gur
'direct' relative	a	a
'indirect' relative	a	ar
interrogative	an	ar
matrix negative	ní	níor
embedded negative	nach	nár

Segundo ele, esses fatos devem derivar de alguma marca morfológica do verbo a ser checado em C^0 . Não fica claro como esse fenômeno poderia ser explicado, se o verbo não estivesse em C^0 .

Em resumo, este subitem procurou mostrar que não está ainda clara para os linguistas a natureza do sistema de traços que caracterizam a projeção funcional CP. As seguintes possibilidades têm sido postuladas:

- (1.55) a) C^0 é o designador de nominativo
 b) C^0 contém traços de finitude e concordância
 c) C^0 tem o traço [+I]
 d) C^0 tem o traço [+V]

O importante dessas propostas é a idéia central de que o sistema CP de línguas V2 tem um estatuto categorial diferente do de línguas não-V2. A intuição fundamental é a de que C^0 contém uma especificação de traços que atrai o $V[+f]$. Nesse aspecto, as análises propostas não são necessariamente incompatíveis³². Desde que os sistemas V2 oferecem evidências de que o movimento de V para C^0

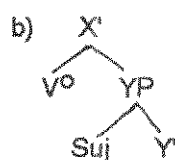
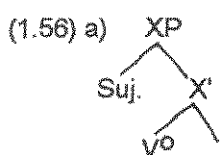
³² Exceto no que diz respeito à análise do traço [+V] como apresentada em 1.3.2.1, porque, neste caso, o movimento do verbo dotará C^0 de uma especificação que ele não tem.

só ocorre em sentenças com tempo, é plausível se imaginar que seja uma especificação de tempo em C^0 que atrai o verbo.

Um outro fato importante, nessas análises, é a confirmação de que a estrutura V2 resulta de movimento de $V[+f]$ para o núcleo C^0 . Seja o traço em C^0 $[+I]$ ou $[+T]$ a real razão de V2, esse traço particular em C^0 'atrai' o verbo finito para essa posição. Nossa proposta de identificação da gramática do PA como uma gramática V2 implica, portanto, que o verbo se desloca para C^0 nas sentenças finitas. É essa a hipótese que assumimos neste trabalho: C^0 é uma posição V-relacionada no PA.

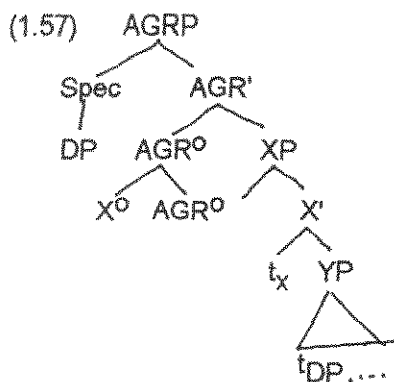
1.3.3 A checagem do Caso Nominativo

No modelo pré-minimalista, admitia-se que Caso NOM poderia ser atribuído por concordância Spec/núcleo ou por regência, portanto, nos dois tipos de configuração abaixo, respectivamente (cf. Koopman & Sportiche (1990) e Roberts (1992):



Desse modo, nas análises que relacionam movimento de V^0 para C^0 com atribuição de NOM, comentadas acima, a configuração de atribuição de NOM é por regência, como ilustrado em (1.56(b)).

Contudo, de acordo com o modelo minimalista de Chomsky (1992), não mais se pode falar em atribuição de NOM por regência. Chomsky (*ibid.*) propõe que Caso estrutural é tão somente uma manifestação de uma relação Spec/núcleo em um AGRP, relação essa uniformemente realizada em LF. A checagem desses Casos é feita conforme representado abaixo:



Um núcleo X^0 carregando um traço de Caso é alçado e adjungido ao núcleo AGR^0 , e o traço de Caso do núcleo X^0 é comparado com aquele do DP em Spec/AGR³³. Desse modo, a configuração de Caso passa a ser uniformemente por concordância Spec/núcleo, como em (1.57), e a noção de atribuição de NOM por regência é totalmente eliminada da teoria.

Em relação à checagem de Caso do sujeito, Chomsky (1992) diz que Caso NOM é checado em um DP em Spec/AGRs' se Tempo foi adjungido a AGRs⁰. Cabe a Tempo a propriedade de checar Caso NOM, mas AGRs⁰ também tem traços que devem ser checados nessa configuração (os demais traços- ϕ). Assim, se tal proposta está correta, o movimento do verbo para C^0 não pode estar relacionado com a atribuição de Caso *per se*.

1.4. Movimento do verbo finito nas sentenças encaixadas

Analisar V2 como movimento de $V[+f]$ para C^0 prediz que estruturas V2 não podem ocorrer em sentenças encaixadas, desde que a posição C^0 já está preenchida pelo complementador. O padrão V2 do alemão ilustra bem esse ponto: construções V2 são possíveis nas completivas em que a posição C^0 não é preenchida pelo complementador *daß*, mas nunca coocorrem V2 e *daß*, como ilustrado nos exemplos abaixo (dados de Vikner 1991:77; estão destacados os constituintes em C^0):

- (1.58) a) Er sagt *daß* die Kinder diesen Film *gesehen* haben
 (ele diz *que* as crianças este filme visto tem)
- b) Er sagt die Kinder *haben* diesen Film *haben*
 (ele diz as crianças tem este filme visto)

³³ Como numa sentença transitiva há duas relações de Caso, duas relações Spec/núcleo devem existir na sentença: AGRs⁰ e AGRo⁰.

- c) *Er sagt daß die Kinder haben diesen Film gesehen
(ele diz que as crianças tem este filme visto)
- d) Er sagt diesen Film haben die Kinder gesehen
(ele diz este filme tem as crianças visto)
- e) *Er sagt daß diesen Film haben die Kinder gesehen
(ele diz que este filme tinham as crianças visto)

A agramaticalidade dos exemplos em (1.58(c) e (e)) deriva do fato de que V2 e daß não podem ocorrer numa mesma construção. O exemplo em (1.58(a)) ilustra a ordem comum das completivas no alemão, ou seja, CV, com a forma verbal flexionada em posição final da sentença e a posição C⁰ preenchida pelo complementador daß. Os exemplos em (1.58(b) e (d)) são construções V2, com a forma verbal haben em C⁰, estando o sujeito e o objeto em Spec/C', respectivamente.

Contudo, os casos de V2 em sentenças encaixadas não são homogêneos, como os dados do alemão podem levar a se supor. Dois traços essenciais distinguem as línguas germânicas quanto às possibilidades de realização de V2 nas sentenças encaixadas. Tais diferenças podem ser vistas de duas perspectivas: quanto à realização do complementador na posição C⁰ e quanto aos tipos de encaixadas que admitem V2.

No alemão e no holandês, por exemplo, V2 é essencialmente um fenômeno raiz. Nas sentenças encaixadas, V2 só ocorre em completivas dos verbos denominados verbos ponte (como dizer, acreditar, afirmar, etc; em geral, verbos declarativos e epistêmicos), mas com a condição de a posição C⁰ não estar preenchida pelo complementador (cf. exemplos em (1.58) acima).

Por outro lado, em islandês (e ídiche), V2 parece ser generalizado a todos os tipos de sentenças e o complementador está sempre foneticamente realizado. Pode-se observar, nos exemplos abaixo, que V2 é possível em completiva de verbo ponte (exemplo (1.59a))), em completiva de verbo factivo (exemplo (1.59b))), em completiva+WH (exemplo (1.59c))), em completiva nominal (exemplo (1.59d))) e em relativa (exemplo (1.59(e))) (dados de Cardinaletti & Roberts 1991:4):

- (1.59) a) Ég held að þegar hafi María lesið þessa bók
(eu acredito que já tem Maria lido este livro)
- b) Ég harma að þegar hafi María lesið þessa bók. (factiva)
(eu lamento que já tem Maria lido este livro)

- c) Ég spurdi hvort þegar hefði María lesið þessa bók. (Wh)
 (eu perguntei se já tinha Maria lido este livro)
- d) sú staðreynd að þegar hefur María lesið þessa bók.... (NP)
 (o fato que já tinha Maria lido este livro)
- e) bókin sem þegar hefur María lesið... (relativa)
 (livro o que já tinha Maria lido)

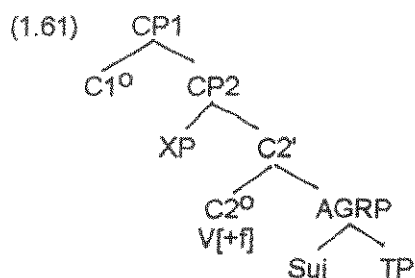
Todos os exemplos em (1.59) acima são realizações de construções V2, independentemente do tipo de encaixamento.

O dinamarquês (assim como o norueguês, o sueco e o feróico) se comporta de forma semelhante ao alemão, só aceitando construções V2 encaixadas em completivas de verbos ponte. Contudo, distingue-se do alemão em que a posição C^0 está sempre preenchida pelo complementador *at*. Nos exemplos abaixo (adaptados de Vikner 1991:78):

(1.60) Vi ved...(nós sabemos)

- a) ...[CP *at* [CP *denne bog*_i *har*_j [IP *Bo ikke* *t*_j *læst* *t*_i]]
 (que este livro tem Bo não lido)
- b) ...[CP *at* [CP *Bo*_i *har*_j [IP *t*_j *ikke* *t*_i *læst* *denne bog*]]
 (que Bo tem não lido este livro)
- c) ... [CP *at* [IP *Bo ikke har læst* *denne bog*]]
 (que Bo não tem lido este livro)

Vikner (*ibid.*) observa que as encaixadas V2 (exemplos em (1.60(a)) e (1.60(b))) contrastam com as não-V2 (como no exemplo em (1.60(c))). Observa-se, nos exemplos em (1.60(a)) e (1.60(b)), que a posição C^0 da primeira projeção de CP está preenchida pelo complementador *at*, e a segunda, pela forma verbal finita. Desse modo, tais construções são analisadas como realizações de dois CPs, com a seguinte representação estrutural:



em que CP1 é o 'tradicional' CP, selecionado pelo verbo ponte, e CP2 é a projeção funcional selecionada pelo núcleo C1⁰ (cf. Salvi (1989), Adams (1989), Vikner (1990), entre outros).

Um padrão semelhante pode ser observado nas completivas V2 do francês medieval, como em (exemplos adaptados de Adams 1988:17):

(1.62) a) Et il respondirent que de ceste nouvele sont il moult lié (M.A.45)
e eles responderam que d-esta notícia estavam eles muito felizes

b) Or voi ge bien, plains es de mautalant (Ch.N.295)
agora vejo eu bem, cheio estás de más-intenções

em que V2 é possível em completivas de verbo ponte, com (cf. exemplo em (1.62(a))) ou sem (cf. exemplo em (1.62(b))) a realização fonética do complementador *que*. Adams (*ibid*) lista o seguinte conjunto de verbos pontes que admitem V2 nas completivas do FrA: *penser* (pensar), *cuidier* (imaginar-se), *dire* (dizer), *croire* (acreditar/crer), *jurer* (jurar), *promettre* (prometer), *sambler* (parecer), *savoir* (saber), *voloir* (querer) e *veoir* (ver), essencialmente os mesmos verbos que admitem V2 no alemão³⁴.

Em resumo, este subitem procurou ilustrar os casos de V2 em sentenças encaixadas, considerando quatro grupos de línguas V2, assim distribuídas: a) línguas como o alemão, que só admitem V2 em completivas de verbos pontes, sem realização do complementador; b) línguas como o dinamarquês, também com V2 só em completivas de verbos pontes, mas com realização fonética do complementador; c) línguas como o islandês, com construções V2 em qualquer tipo de sentença encaixada e com realização fonética do complementador; d) línguas como o francês medieval, com V2 em completivas de verbos pontes³⁵, sendo facultativa a realização fonética do complementador.

³⁴ Haider (1986:53) lista os seguintes verbos do alemão que admitem completivas sem a realização do complementador: *hoffen* (esperar/desejar), *glauben* (pensar), *wünschen* (desejar), *sagen* (dizer), *behaupten* (afirmar), *ahnen* (prever/pressentir).

³⁵ Alguns casos de V2 em sentenças-WH (adverbiais e relativas) são observados no FrA. Deixamos para tratar de construções desse tipo no capítulo 4, item 4.3, quando discutimos a questão da ordem V2 nas encaixadas do PA. Adams (1987/1988) cita também alguns exemplos de V2 em construções introduzidas por um advérbio de intensidade, como em (cf. Adams 1987:119):

(i) Jo ai tel gent **plus bele** ne verreiz (Rol. 564)
(Eu tenho um tal exército mais belo não vereis)

1.5. Considerações Gerais

Neste subitem, introduzimos mais alguns dos princípios de economia do MPLT que serão assumidos neste trabalho. Tratamos paralelamente de questões formais envolvidas nos movimentos de projeções máximas. Esses conceitos direcionam implícita e explicitamente nossas discussões sobre a sintaxe da ordem, no capítulo 4.

1.5.1 Princípios de Economia

Chomsky (1992:6) propõe que as condições sobre representações são válidos somente nos níveis de interface LF e PF e que restrições legítimas devem ser motivadas por propriedades da interface "perhaps properly understood as modes of interpretation by performance systems". As condições de economia pertencem naturalmente a duas classes: economia nas representações (FI) e economia nas derivações (princípios que requerem que as derivações tenham o menor número de passos e que os passos sejam os mais curtos possíveis (cf. item 1.5.1.3 abaixo).

Desse modo, a idéia fundamental subjacente ao modelo Minimalista é a de que derivações são restringidas principalmente por noções de Economia. Nesse modelo, operações de movimento são restringidas em um número de distintas maneiras, todas elas partilhando a propriedade de forçar uma derivação a escolher o caminho mais econômico em detrimento de um caminho menos econômico.

1.5.1.1 Último Recurso e Avareza

Uma das restrições sobre movimentos é o princípio de Último Recurso, que requer que cada transformação mova- α seja uma parte necessária para tornar uma sentença convergente. Sob Último Recurso, uma operação de movimento é permitida somente se, na estrutura resultante, traços morfológicos de algum objeto, que não podiam ser checados na estrutura de *input*, podem ser checados.

Considerar o caso de alçamento para Spec/AGRs', como em (1.63) abaixo:

(1.63) a) *John was believed [_{IP} t had robbed the bank]

b) John was believed [_{IP} t to have robbed the bank]

Numa sentença como (1.63(a)), o Tempo da forma verbal finita "had" é capaz de checar o Caso do seu sujeito "John", assim movimento de "John" para Spec/AGRs' da sentença mais alta viola Último Recurso. Em (1.63(b)), contudo, alçamento é permitido simplesmente porque "John" não pode ter seu traço de Caso checado de outra forma, visto que a forma infinitiva "to have" é [-Tempo].

O princípio da Avareza diz que uma categoria não pode ser movida somente para permitir a checagem de traços de outra categoria, mesmo se esta é a única forma de produzir uma derivação convergente. A única justificativa para movimento de uma categoria é a necessidade de ela mesma ter de checar alguns dos seus próprios traços.

1.5.1.2 Minimalidade Relativizada

A Minimalidade Relativizada (doravante, RM, por *Relativized Minimality*) desempenha papel importante na teoria lingüística corrente e é conceptual e empiricamente bem motivada. A idéia núcleo da RM de Chomsky³⁶ é a de que traços são bem formados em LF sse eles foram criados por uma operação de movimento que toma o caminho mais econômico possível, não pulando qualquer lugar possível de aterrissagem³⁷: movimento deve ser sempre para a "nearest available position". A RM é uma formalização do que se identifica como a **posição mais próxima**.

A RM estabelece que a operação Formar Cadeia entre X e Y é bloqueada se há um elemento Z tal que³⁸:

- (1.64) (i) Z e X são morfologicamente relacionados
- (ii) Z c-comanda Y, mas não c-comanda X

Assim, a RM é uma condição de localidade que proíbe o movimento de um elemento (XP ou X⁰) cruzando um outro elemento do mesmo estatuto. Como as posições ocupadas por outros objetos do mesmo tipo (elementos A, A-barra ou X⁰)

³⁶ Esta restrição de economia sobre movimentos é uma versão derivacional da *Relativized Minimality* de Rizzi (1991).

³⁷ O movimento "passo a passo" é forçado por uma condição de economia, *Minimize Chain Links*, a versão chomskyana da RM.

³⁸ Adotamos aqui a definição de RM de Roberts (1993). Ser morfologicamente relacionado nessa definição significa ser L-relacionado.

são *ipso facto* possíveis lugares de pouso, disto se deriva que qualquer operação de movimento que mova um elemento sobre um outro elemento do mesmo tipo viola a RM³⁹.

Na estrutura padrão de sujeito interno ao VP, como em:

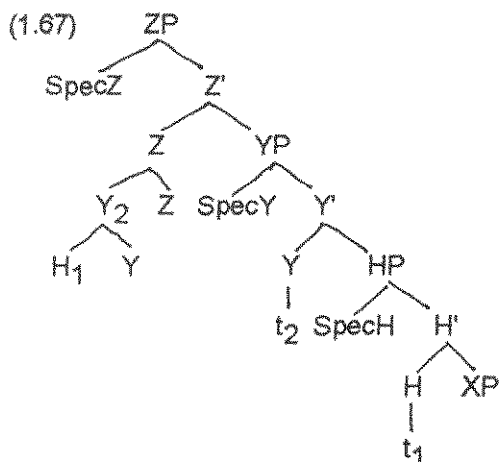


o sujeito e o objeto se movem para uma posição especificador de um AGRP ou na sintaxe evidente ou na LF: o sujeito é alçado para Spec/AGRs', e o objeto, para Spec/AGRo'. Já vimos que tais movimentos são motivados por razões morfológicas, tais como checagem de traços-N.

Para bloquear o movimento do objeto para Spec/AGRs' e para justificar a possibilidade do objeto se mover por sobre o sujeito em Spec/V', portanto um Especificador-A, o que poderia implicar numa violação da RM, Chomsky (*ibid*) define a noção de "proximidade" (*closeness*) relevante para a RM do seguinte modo:

(1.66) If A, B are in the same minimal domain, they are equidistant from K.

Grosso modo, pode-se dizer que Spec e Complemento de um núcleo H estão no domínio mínimo de H. Numa representação como em (1.67) abaixo:



³⁹ A análise de Chomsky (assim como a de Rizzi 1991) exclui casos de *super-raising* e de extração diretamente de uma ilha-WH. O primeiro caso envolve movimento de um P para uma posição-A pulando uma posição-A intermediária; o segundo envolve movimento A-barra por sobre um possível lugar de aterissagem A-barra. Muitas das violações da Restrição de Movimento de Núcleo (HMC = *Head Movement Constraint*) podem ser explicadas assim.

em que o núcleo H se move primeiro para a posição núcleo Y, então Spec/Y (= A da definição (1.66)) e Spec/H (= B de (1.66)) (assim como o complemento de H) estão no domínio mínimo da cadeia (H_1, t_1). Desse ponto de vista, Spec/Y e Spec/H estão equidistantes de outras posições K, tais como Complemento de H e XP.

Embora o movimento de um núcleo possa estender o domínio desse núcleo, a relação de equidistância não é transitiva. No caso da adjunção do núcleo [γ H γ] ao núcleo Z (cf. representação acima), Spec/Z e Spec/Y (e HP) estão no domínio mínimo da cadeia (Y_2, t_2). Assim Spec/Z e Spec/Y estão equidistantes de outras posições, como, por exemplo, de XP. Além disso, Spec/Y e Spec/H permanecem equidistantes de XP após o movimento de Y. No entanto, Spec/Z e Spec/H não estão equidistantes de XP, porque não estão no mesmo domínio mínimo.

Voltando agora à representação em (1.65), Spec/AGRo' e Spec/V' estão equidistantes da posição do objeto após adjunção de V a AGRo como em:

(1.68) [AGRoP $\uparrow$ V-AGRo [γ_P SU t_V OB]]

O movimento do V para AGRo cria uma cadeia que estende o domínio do V e permite que o OB saia de VP. Assim, se o objeto é alçado para Spec/AGRo', tecnicamente não conta como cruzando Spec/V'. Após a adjunção do complexo Spec/V' V-AGRo a AGRs, como representado abaixo:

(1.69) [AGRsP V-AGRo-AGRs [AGRoP OB₁ t_{AGR} [γ_P SU t_V t₁]]]
 $\uparrow$ _____

Spec/AGRs' e Spec/AGRo' estão equidistantes da posição básica do sujeito, por isso o sujeito pode ser alçado para Spec/AGRs' sem violar a condição da RM, como adaptada em Chomsky (1992) (*Minimize Chain Links*). A impossibilidade de o objeto ser movido para Spec/AGRs' se deve a que tal movimento cruza Spec/V', que não está equidistante de Spec/AGRs', violando a RM.

1.5.1.3 A Condição do Ciclo Estrito e Formar Cadeia

É um princípio de economia global o requerimento de que derivações com movimentos mais curtos e com menor número de passos sejam escolhidas sobre derivações com movimentos mais longos e com maior número de passos. Parece haver aí um conflito: quanto mais curtos os movimentos, maior será o número de passos na derivação; quanto menores forem os elos das cadeias, maiores elas serão em números. Portanto, numa interpretação simplista desse princípio, se poderia pensar que as derivações não-cíclicas seriam preferidas a derivações cíclicas (se o resultado é ou não gramatical).

Contudo, essa restrição global sobre derivações é acompanhada de certos refinamentos sobre as operações transformacionais cíclicas. Chomsky (1992:21) diz que "the paradox is resolved if we take the basic transformational operation to be not Move- α but Form-Chain". Assim, tais operações são consideradas como contando como uma única operação complexa, chamada *Formar Cadeia*, que resulta na criação de um único objeto complexo: uma cadeia. Cada operação de *Formar Cadeia* conta como um único passo em relação à economia global, e, assim, derivações cíclicas são menos custosas do que as não-cíclicas.

A formulação intuitiva desse princípio simplesmente requer que cada transformação torne as sentenças mais extensas. Como movimentos não-cíclicos movem um objeto para o meio de uma sentença, a sentença não se torna maior, e, assim, o *Ciclo Estrito* é violado. O *Ciclo Estrito* deve ser visto como um princípio que se mantém só para operações de construção de estrutura. Movimento para o especificador de um sintagma sempre acrescenta estrutura ao sintagma; adjunção a um sintagma, não. Quando uma categoria é adjungida a outra, não se tem como resultado um número maior de categorias. O que existe é um segmento extra presente na categoria adjungida, mas segmento adicional não conta como mais estrutura. Assim, adjunções podem violar o *Ciclo Estrito*.

Na teoria de movimento de Chomsky (1992), a formação de uma cadeia por movimento é verdadeiramente uma transformação que copia o conteúdo da cauda da cadeia em cada uma das posições ocupadas por membros da cadeia. A cauda da cadeia não fica vazia como resultado de movimento; ela contém o mesmo material que tinha antes da aplicação da operação de movimento. Contudo, não está sujeita à interpretação fonética, porque o mapeamento de PF interpreta somente a cabeça de uma cadeia. A intenção da teoria de Cópia é fornecer uma explicação para fatos de reconstrução.

1.5.1.4 Superioridade e Procrastinar

Os efeitos de Superioridade são também considerados como consequência de considerações sobre economia. Nesse caso, não é o número de passos que está em questão, mas sim a distância. Violações de Superioridade ocorrem quando existem dois objetos que podem ser movidos para uma mesma posição para que a convergência ocorra, e é o objeto mais distante que é movido. Isso viola a Economia Global, porque movimento mais curto é menos custoso.

Procrastinar é um princípio que requer que operações ocultas sejam preferidas a operações evidentes. Esse princípio é amplamente responsável pela explicação da variação translingüística, bloqueando movimentos evidentes sempre que uma dada língua não requeira que o movimento seja evidente. Assim, Procrastinar força o movimento a ser oculto, a menos que ele seja forçado, na sintaxe explícita, por algum princípio.

1.5.2 Conclusão

O conjunto de hipóteses teóricas apresentadas em Chomsky (1992) e que assumimos em toda nossa pesquisa pode ser assim resumido:

- I - Uma derivação converge se ela é totalmente interpretável nos níveis de interface PF e LF;
- II - Uma representação é totalmente interpretável se só contém objetos legítimos;
- III - Um objeto legítimo é o que tem todos os seus traços morfológicos checados;
- IV - Movimentos só ocorrem para checar traços morfológicos.

Os processos que essas hipóteses permitem estão sujeitos a restrições gerais de economia, as quais estabelecem que movimentos devem ocorrer tão menores e tão tardios quanto possível, de preferência na LF. Movimentos que ocorrem na sintaxe evidente, em violação aos princípios de economia, devem ser reduzidos à condição de FI no nível da PF. Isso permite conjecturar que certos traços morfológicos são visíveis no nível da PF, e outros, não. Os que são visíveis devem ser eliminados antes da PF e, por essa razão, o movimento deverá ocorrer antes deste ponto na derivação.

Desde que presença/ausência de movimento evidente responde por variação de ordem das palavras entre as línguas, torna-se importante, neste estudo da

sintaxe da ordem no português arcaico, elucidar a natureza do movimento evidente dos núcleos verbais. Movimento evidente de constituintes Xs também contribui para variações na ordem das palavras. Assumimos, aqui, que as variações inter e intralingüísticas de movimento de núcleos são devidas à força dos traços morfológicos dos núcleos funcionais e as variações inter e translingüísticas na ordenação dos constituintes maiores são devidas à natureza dos traços-N dos elementos flexionais.

CAPÍTULO 2. A lingüística diacrônica e a natureza da documentação para análise

2.1. Considerações iniciais

2.1.1 A teoria da gramática e a lingüística diacrônica

O desenvolvimento do modelo sintático da gramática gerativa denominado "princípios e parâmetros", seguindo Chomsky 1981 (*Lectures on Government and Binding*) e trabalhos relacionados (cf., entre outros, Jaeggli 1982, Rizzi 1982 e Kayne 1984), tem fornecido uma fundamentação teórica sólida para o desenvolvimento dos estudos de sintaxe, sobretudo de sintaxe comparada. A partir da última década, esse tipo de estudo tem se tornado um componente essencial dos programas de pesquisa da gramática gerativa, apresentando resultados frutíferos no estudo de muitas das línguas contemporâneas e também no estudo da sintaxe diacrônica.

A teoria da gramática gerativa tem como objetivo especificar, para o conjunto de línguas humanas possíveis, as restrições estruturais que todas as gramáticas devem obedecer. É através da sintaxe comparada que os gerativistas tentam determinar o que pode variar e o que permanece constante entre as línguas. A Gramática Universal, a teoria dos universais lingüísticos biologicamente determinados, é uma caracterização abstrata da noção de língua humana possível e tenta determinar o que pode variar entre as línguas (os parâmetros) e o que permanece constante (os princípios).

A abordagem paramétrica se propôs, inicialmente, a explicar as diferenças sintáticas entre as línguas numa dimensão sincrônica. Como Battye & Roberts (1992) observam, o desenvolvimento para a dimensão diacrônica é bastante natural, uma vez que as diferenças sintáticas entre dois ou mais estágios de uma língua são analisadas em termos de diferentes valores paramétricos, do mesmo modo que se analisam as diferenças sintáticas entre as línguas contemporâneas. A mudança sintática, portanto, é vista como mudança de parâmetro: analisa-se o

desenvolvimento histórico de uma dada língua em termos dos diferentes valores paramétricos correspondentes aos seus diferentes estágios.

Esse modelo paramétrico tem apresentado resultados interessantes no estudo da sintaxe diacrônica, dos quais são bons exemplos os trabalhos de Adams (1987/1988), Vance (1988/1989), Dupuis (1988/1989), Hirschbühler & Junker (1988) e Roberts (1992) sobre o francês antigo; Lightfoot (1991) e Roberts (1992), sobre o inglês antigo; Rivero (1986), sobre o espanhol antigo; Salvi (1989/1990/1993), Benincà (1992) e Martins (1993/1994) sobre o PA e outros mais (cf. referências). A importância de uma teoria sintática altamente articulada que permita fundamentar os estudos da mudança sintática já está bem explicitada em Lightfoot (1979).

O primeiro passo da abordagem gerativista nos estudos diacrônicos é o de depreender uma gramática coerente do fenômeno sintático em estudo nos textos selecionados. Escrever uma gramática de uma língua não mais falada envolve uma tarefa que não difere de qualquer outro estudo sincrônico, exceto pelo fato de que os dados são finitos e limitados a fontes escritas (Adams (1987), Vance (1989)). A partir do momento em que se tem consciência da limitação dos dados, os métodos da teoria sintática gerativa servem bem a este tipo de investigação. O segundo passo - comparação com outros sistemas lingüísticos beneficia particularmente do sistema de princípios e parâmetros da teoria gerativa. Assumindo-se que as línguas variam parametricamente, as diferenças observadas entre, por exemplo, o português arcaico, o PEM e o português brasileiro, podem ser vistas como resultando de remarcação de um ou mais parâmetros durante o seu desenvolvimento histórico.

É certo que alguns problemas especiais se colocam na aplicação da metodologia gerativa à sintaxe diacrônica. Por exemplo, é um procedimento comum, entre os gerativistas, nos estudos sincrônicos, usar não só evidências positivas, como também evidências negativas e dados complexos para testar suas hipóteses. Nos estudos diacrônicos, não se tem evidência negativa, não se sabe o que os falantes não podem dizer e sabe-se que o *corpus* escrito não reflete todas

as possibilidades de estruturação de sentenças na língua em estudo. E, evidentemente, não pode usar sua intuição, mesmo sendo um lingüista muito familiarizado com os textos históricos de uma dada língua, para testar gramaticalidade e agramaticalidade.

Alguns gerativistas argumentam que se pode ter acesso indireto a dados negativos quando admitem que a ausência de uma construção nos textos escritos permite se concluir por sua agramaticalidade. Por exemplo, é isto que Vance (1988:32) propõe quando diz que "If a common word order type (...) does not occur at all in a certain context in the text, it is considered to be ungrammatical in that context". Essa questão levanta problemas não triviais na definição dos contextos em que acesso indireto a dados negativos é válido. Pode-se observar ainda que a definição dos termos "ordem comum de palavras" e "certo contexto" não é uma questão menor. Como Kroch (1989:200) observa, ausência de uma construção nos textos escritos não nos permite concluir ser tal construção agramatical, desde que "nonoccurrence in a corpus may always be due to nongrammatical contextual factors or even to chance".

Contudo, é possível que evidências negativas sejam necessárias para a explicação da mudança lingüística, se pudermos relacionar a ausência de uma dada construção e sua agramaticalidade a outras propriedades da gramática da língua em questão, numa definição tipológica das propriedades associadas aos parâmetros, como tem sido um procedimento comum entre os gerativistas. Assim, identificadas as escolhas paramétricas realizadas por uma dada língua e as construções que esses valores paramétricos permitem gerar, pode-se prever a agramaticalidade de estruturas que violariam os parâmetros. Só desse modo acreditamos que se possam sugerir soluções plausíveis para alguns problemas que parecem requerer acesso indireto a dados negativos.

A tentativa de cercar o problema da ausência de julgamentos de falantes nativos (as intuições dos falantes sobre quais arranjos de palavras constituem uma sentença de sua língua), procurando usar os pressupostos teóricos para predizer agramaticalidade, tem sido freqüente nas pesquisas gerativistas. É isso que esta

implícito na seguinte afirmação de Martins (1994:13): "quando as fontes que utilizo não são suficientemente eloquentes, me permito colocar hipóteses sobre a gramaticalidade de construções não atestadas para uma dada época".

A comparação que se pode estabelecer entre a pesquisa sincrônica e a diacrônica, no que tange ao uso da metodologia gerativa, pode ser sintetizada da seguinte forma: de posse dos dados e das intuições sobre os dados, a pesquisa gerativa sincrônica procura descobrir o desconhecido, as propriedades da UG, às quais não se tem acesso direto; de posse dos dados e da teoria (as propriedades da UG), a pesquisa gerativa diacrônica procura descobrir um outro desconhecido, a gramática de uma fase pretérita de uma língua. Desse modo, os gerativistas acreditam que se pode chegar a uma gramática e a julgamentos de gramaticalidade sobre sentenças na base só de dados e da teoria. Essa é também a posição por nós assumida neste estudo.

A idéia central, portanto, é a de que a lingüística diacrônica pode usar os resultados da lingüística sincrônica para cercar a questão da intuição. À medida que o conhecimento de UG aumenta, o lingüista torna-se mais capaz de fazer julgamentos corretos sobre sentenças com base só em dados e na teoria. Adams (1987) observa que o grau de precisão desses julgamentos estará em proporção direta com a adequação dos dados e a precisão do nosso conhecimento de UG. Assim, a margem de erro decrescerá à medida que o conhecimento de UG aumente, porque se estará mais apto a analisar os dados e predizer possíveis e impossíveis sentenças.

O estudo de textos antigos pode apresentar conseqüências importantes para a teoria da gramática. O PA, que caracterizamos como um sistema V2, é esclarecedor nesse aspecto, devido à sua forma de realização de estruturas V1 e V2, o que o distingue de outros sistemas V2, como o FA e as línguas germânicas modernas. Nas línguas germânicas modernas e no FA, só ocorrem construções V1 em interrogativas s/n, em condicionais, imperativas e alguns casos de V1 narrativo, essencialmente com verbos declarativos e inacusativos. No PA, por outro

lado, encontramos construções V1 mais livremente, sem se limitarem a esses contextos.

Excetuando as construções V1, as línguas germânicas modernas e o FA são sistemas V2 rígidos, realizando as sentenças raízes finitas sempre com a ordem X V, o que significa dizer que um e só um constituinte antecede o verbo nas construções raízes finitas. Vários estudiosos do fenômeno V2 concordam que, nessas línguas, o verbo ocupa a posição C^0 , núcleo de CP, quer em construções V1, quer em construções V2 (cf. capítulo 1). O preenchimento lexical da posição Spec/C' é obrigatório (excetuando os ambientes V1 definidos acima), o que tem levado os estudiosos desse fenômeno a pressupor que ou é o preenchimento de Spec/C' por um constituinte X que condiciona o preenchimento do núcleo C^0 pelo verbo flexionado, ou é o preenchimento do núcleo C^0 pelo verbo flexionado que desencadeia o movimento de um constituinte X para Spec/C'. Em qualquer das duas análises, a configuração resultante deve promover uma relação de concordância entre Spec/núcleo da projeção CP.

No PA, um sistema V2, o verbo também está sempre em C^0 nas sentenças raízes finitas V1 e V2. No entanto, a restrição sobre só um constituinte antecedendo o verbo nem sempre é observada nos dados do PA: estruturas V>2 são atestadas em diferentes tipos de documentos do período arcaico do português, e já comentamos acima que estruturas V1 são muito frequentes, independentemente dos contextos de interrogativa s/n, imperativas, condicionais e narrativas. Desse modo, se a característica das gramáticas V2 é definida pelas propriedades do núcleo C^0 , que atrai o verbo para essa posição, e pelo requerimento de que Spec/C' seja obrigatoriamente preenchido por um constituinte XP, os fatos do PA sugerem uma revisão teórica sobre tais propriedades.

É evidente que, desde que as hipóteses levantadas sobre gramáticas V2 têm como pressuposição básica que sistemas V2 só licenciam construções V1 dos tipos enumerados acima e raramente admitem construções V>2, uma proposta viável seria a de que um sistema como o do PA não pode ser identificado

como sistema V2, ainda mais se consideramos as explicações propostas para a perda da restrição V2 do francês medieval, em que se tem explicitamente assumido como evidência crucial da perda dessa propriedade o número crescente de construções V>2 atestadas, sobretudo, nos documentos franceses do século XV. No entanto, no capítulo 4, apresentamos evidências empíricas que permitem caracterizar o PA como um sistema V2, apesar das construções V>2. Sugerimos aí que as diferenças entre estruturas V1 e V2 do FA e das línguas germânicas, de um lado, e do PA, do outro, podem ser explicadas em termos de condições sintáticas, independentemente requeridas para licenciamentos de sujeito nulo e de elementos topicalizados para Spec/C' e/ou para uma posição externa a CP. Propomos, então, que o preenchimento de Spec/C' e o movimento de V para C⁰ devem ser processos dissociados, requeridos por diferentes fatores.

Outrossim, acreditamos que não se deve pensar em definir uma gramática pelo maior ou menor uso de certas construções. O que importa é, essencialmente, se a gramática permite gerar determinadas sentenças; o maior ou menor uso que os falantes possam fazer dessas construções não é uma questão com a qual os gerativistas estejam fundamentalmente preocupados. Portanto, pensamos que um sistema lingüístico com gramática V2 não exclui a realização de construções V1 e V>2, o que tem como consequência direta não se aceitar a consideração de que um maior número de ocorrências de construções V>2 seja indício forte da perda da restrição V2 no francês medieval, ou em qualquer outro sistema lingüístico.

No capítulo 4, discutimos consequências potenciais do estudo diacrônico para a teoria da gramática ao abordar a questão do "enrijecimento" da restrição V2 no português clássico. Este é mais um aspecto do estudo lingüístico diacrônico que pode apresentar subsídios para o entendimento da UG. A mudança de um sistema V2 para um sistema não-V2 está bem documentada nos estudos sobre o francês medieval. Contudo, até onde sabemos, poucos estudos diacrônicos abordam a questão da mudança de um sistema V2 "não-rígido" (por permitir um maior número de construções V>2) para um sistema V2 rígido. Assim, este estudo pode fornecer elementos não só para teorias desenvolvidas na base de evidências

sincrônicas sobre o funcionamento de sistemas V2, como também permitir se levantar questões teóricas sobre a teoria da mudança, sobretudo no que concerne a saber se a mudança de um sistema V2 "não-rígido" para um sistema V2 rígido envolve mudança de gramática, no sentido que os gerativistas assumem, ou envolve simplesmente reanálise de certas construções ou de certos constituintes. Os dados do PA são esclarecedores sobre a natureza da restrição V2, apresentando evidências que permitem estabelecer relações entre um sistema V2 "não-rígido" (o português arcaico) e um sistema V2 rígido (o português do séc. XVI). O estudo da mudança, portanto, pode esclarecer questões teóricas e auxiliar na resolução de novos problemas.

Por outro lado, a teoria da gramática também é fundamental na explicação da mudança, por nos permitir observar os dados munidos de certas pressuposições definidas *a priori*: traços-V e traços-N fortes devem ser checados na sintaxe evidente, o que condiciona o movimento de núcleos verbais e de DPs, operadores devem estar numa relação de concordância com núcleos de certo tipo, categorias vazias devem satisfazer certas condições, DPs devem receber Caso numa configuração Spec/núcleo com o atribuidor de caso, anáforas e seus antecedentes devem estar ligados de uma certa maneira e assim por diante. Assim, a teoria guia nossas análises e nosso entendimento dos fenômenos sintáticos. Isto porque assumimos que qualquer gramática e qualquer mudança sintática devem obedecer às restrições da teoria da gramática.

2.1.2 Aquisição e mudança

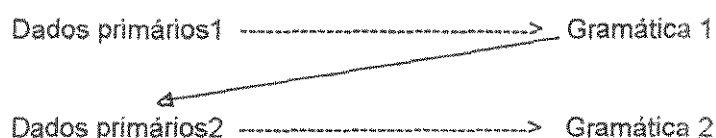
Os estudos de aquisição da sintaxe, dentro do programa gerativista, têm visto a questão da aquisição como um problema de fixação dos parâmetros definidos pela UG (cf. Hyams (1986) e Roeper & Williams (1987) e Lightfoot (1991), entre outros). Desse modo, os mecanismos de mudança paramétrica podem ser identificados com os mecanismos de fixação de parâmetros, o que coloca a lingüística diacrônica no centro do empreendimento teórico gerativo, dada

a importância da aquisição da linguagem para a teoria gerativa como visto em Battye & Roberts (1992).

O papel essencial do estudo da mudança lingüística para se entender a aquisição, especialmente a natureza dos dados primários a partir dos quais as crianças definem as opções paramétricas da sua gramática, é amplamente defendido por Lightfoot (1979, 1981, 1991). Segundo ele, "the nature of certain changes makes it possible to define the structural limits to the triggering experience rather exactly, and to define some parameters in clearer fashion" (Lightfoot, 1991:ix). Na sua proposta, portanto, a mudança lingüística pode oferecer evidências cruciais para se fazer afirmações sobre a aquisição da linguagem pelas crianças, aprendendo-se mais sobre a natureza da experiência desencadeadora e sobre como os parâmetros são marcados.

A abordagem da mudança assumida neste trabalho se baseia nas seguintes assunções fundamentais: a criança constrói sua gramática a partir do que ouve (os dados lingüísticos primários) e do que possui de inato (os princípios da gramática universal). Como a criança não tem acesso direto à gramática das pessoas à sua volta, as conclusões a que ela chega sobre sua gramática são baseadas inteiramente nessas duas fontes do conhecimento lingüístico: os dados primários e os princípios universais. Portanto, a aquisição é vista como um processo de seleção de uma gramática a partir dos dados lingüísticos primários e dos princípios da UG.

Assim, a gramática da criança (gramática 2) e a gramática do adulto (gramática 1) são totalmente descontínuas (cf. Lightfoot 1981, 1991).



Considerando que a ordenação linear dos constituintes dos enunciados de uma língua pode ser compatível com mais de uma gramática e que a criança não

sabe qual das análises representa a G1 (gramática do adulto), ela tanto pode optar pela G1, como levantar uma hipótese incorreta sobre essa gramática. Ocorre uma mudança gramatical se a gramática que a criança constrói difere da do adulto, ou, melhor dizendo, a mudança ocorre porque as crianças são levadas pelas propriedades dos dados a escolher uma gramática que difere da gramática do adulto. Isto significa dizer que, num estudo diacrônico, estamos preocupados em descobrir propriedades nos dados lingüísticos primários que induzem as crianças a uma análise diferente da dos adultos.

Embora as propriedades da UG permaneçam constantes de geração em geração, os dados lingüísticos primários mudam, e, assim, o *input* para uma geração pode não ser o mesmo do da próxima geração. Como a gramática a ser adquirida é uma consequência da interação entre propriedades da UG biologicamente determinadas e o ambiente, e o ambiente é constantemente afetado, de muitas maneiras, por mudanças culturais e pragmáticas, que se tornarão parte do *input* lingüístico para uma próxima geração, a mudança é inevitável. As mudanças graduais, portanto, embora não reflitam mudanças em gramáticas, afetam a experiência desencadeadora.

Lightfoot (1991:160) é bem enfático na observação de que as mudanças graduais afetam os dados lingüísticos primários, mas não as gramáticas, ou seja, algumas mudanças ocorrem enquanto as gramáticas permanecem constantes. Por exemplo, um tipo particular de construção pode se tornar mais freqüente como resultado de ter adquirido alguma função expressiva. Isto reflete uma mudança na *performance* dos falantes em termos de probabilidade de uso de uma ou outra expressão, mas, segundo ele, não há razão para se dizer que a mudança gradual observada nos textos manifestou uma mudança na gramática dos falantes: "The spread of a new parameter setting through a speech community is typically manifested by categorically different usage on the part of different authors rather than by variation within the usage of individuals, although the data are sometimes not as clean as that idealization would suggest, because a writer often commands more than one form of a language" Lightfoot (1991:162).

Comentamos, acima, que a natureza de certas mudanças pode auxiliar na determinação dos limites estruturais dos dados lingüísticos primários que constituem a base para a aquisição, como também na definição dos parâmetros de modo mais claro (Lightfoot (1991), Clark & Roberts (1991), Battye & Roberts (1992)). Se a proposta de Lightfoot (1991) está correta, ou seja, se as crianças fixam seus parâmetros tendo por base dados salientes e freqüentes, compreendendo somente material simples, não encaixado (essencialmente, a sentença raiz e o início da sentença encaixada), então, dentro desta perspectiva, é também a partir desses dados que uma mudança paramétrica é desencadeada.

É desnecessário comentar o quanto é difícil para o lingüista determinar o que as crianças observam, quais dos dados da experiência lingüística desencadeiam os valores paramétricos, desde que não se tem acesso direto à UG. De modo semelhante, como comenta Adams (1987:19), "to determine from historical records what was subtle and what was robust in the kinds of data to which children were exposed is considerably more of a challenge." Contudo, a procura desses dados é justamente a tarefa do lingüista que estuda a aquisição e a mudança lingüísticas em termos da interação entre princípios da UG e opções paramétricas. Adams (1987) diz que observar se os dados do *input* contêm elementos incompatíveis com certos parâmetros da UG ou se são compatíveis com mais de uma gramática é a forma mais promissora de lidar com esta questão. Esses dados, então, oferecem elementos para se tentar formular hipóteses sobre a aquisição e a mudança.

Assim, estudar estados de uma língua não mais falada (mas historicamente documentada) não só amplia os dados básicos válidos para comparações sincrônicas e diacrônicas (Battye & Roberts 1992), como também fornece uma base empírica para hipóteses sobre reanálises seletivas de certos tipos de enunciados. Os gerativistas não assumem uma teoria da mudança sintática independente da teoria da gramática. A teoria da gramática, elaborada para explicar a variação sincrônica e os fatos da aquisição, fornece toda a ferramenta conceptual necessária ao estudo da sintaxe diacrônica (Lightfoot (1991) e Battye &

Roberts (1992)). Quanto mais se souber sobre a UG e os dados lingüísticos primários, melhor se poderá entender e explicar a aquisição e a mudança.

Evidentemente, existem diferenças significativas nas questões que os estudos sobre aquisição e sobre mudança procuram responder. A seguinte citação de Adams (1987:18) é esclarecedora sobre esse aspecto: "The problem for acquisition is to discover what it is about the *input* data which leads the child to the correct grammar. The problem for change is to discover what it is about the data which interferes with this normal process and induces a different analysis". Contudo, o estudo da mudança pode fornecer evidências fortes de que enunciados reanalisados constituem/constituíram os dados lingüísticos primários válidos para as crianças Lightfoot (1991).

Assim, não só as mudanças sintáticas têm potencial valor para o entendimento da UG, como também a teoria da gramática fornece explicações mais satisfatórias para a mudança lingüística. De posse de uma teoria da gramática fortemente restritiva e do conhecimento da sintaxe das línguas modernas, podem-se fazer inferências sobre a gramática de uma fase pretérita de uma língua qualquer, apesar da inadequação dos dados históricos.

2.2. Período estudado e escolha dos textos

2.2.1 Periodização

A constituição histórica do português é comumente dividida em períodos com base em critérios mais históricos - extralingüísticos - que propriamente lingüísticos. As divisões variam de autor para autor, a depender de qual seja o critério histórico/lingüístico tomado como decisivo. Sobre essa problemática, Mattos e Silva (1992:1) diz o seguinte: "Como qualquer taxionomia, a classificação de períodos ou fases de uma língua no seu processo de constituição histórica será sempre, por natureza, arbitrária, já que dependerá dos critérios adotados pelo taxionomista". A periodização da história do português não foge a essa limitação.

A delimitação do período arcaico com base em fatos lingüísticos tem sido fundamentada, sobretudo, em características fônicas e morfofônicas. Em relação às características morfossintáticas e sintáticas, Mattos e Silva (1992:12) comenta que "Na tradição filológica, não encontraremos dados organizados ou organizáveis que permitam uma cronologia para fatos morfossintáticos e sintáticos caracterizadores do período arcaico, já que esses estudos se concentram, como antes foi dito, nos níveis gráfico-fônicos e morfológicos, muito freqüentemente também em aspectos do léxico". Esperamos que nosso estudo forneça algum subsídio para o preenchimento dessa lacuna.

Adotamos aqui a seguinte cronologia na delimitação do período arcaico da língua portuguesa, baseada nas reflexões de Mattos e Silva (1991/1992) sobre diferentes propostas de periodização do português.

PORTUGUÊS ARCAICO:

•1200-1300 (primeira fase) - O surgimento dos primeiros documentos escritos em português marca o limite inicial do português arcaico: o **Testamento de Afonso II**, de 1214, e **Notícia de Torto**, minuta escrita entre 1214-1216¹. A maioria dos estudiosos reconhece o ano de 1350 como limite da primeira fase do português arcaico, subperiodização condicionada ao tipo de produção literária predominante, período trovadoresco/ prosa nacional, ou ao processo de diferenciação histórica entre o galego e o português, galego-português/português pré-clássico. Outros, com base em fatos da história externa, avançam até 1385-1420: a batalha de Aljubarrota e a subida ao trono da dinastia de Avis.

¹ O período anterior a esta época, denominado de período pré-literário, é subdividido em pré-histórico e proto-histórico. Os documentos remanescentes deste período são ou escritos em latim ou modelados no latim. Os escritos no chamado "latim bárbaro" ou "latim notarial" (no período proto-histórico, a partir do séc. IX) apresentam já alguns traços da variante portuguesa, mas ainda estão longe de fornecer evidências lingüísticas seguras (cf. Mattos e Silva, 1991:15-16).

•1300-1500 (segunda fase) - O limite final do português arcaico oscila entre as primeiras décadas do século XVI, com o início da normatização gramatical da língua (a publicação da gramática de Fernão de Oliveira, em 1536, e a de João de Barros, em 1540) e a publicação de **Os Lusíadas**, em 1572.

Portanto, o século XVI parece ser o divisor dos períodos arcaico e clássico, ou seja, o marco inicial do período clássico da língua portuguesa. Sobre essa questão se pronuncia Mattos e Silva (1991:16): "Se o início do português arcaico pode ser marcado pelos fatos descritos, o limite final desse período é uma questão em aberto, embora se costume considerar o século XVI como o ponto de partida de um novo período na história da língua. Um limite final para a fase arcaica da língua, com base em fatos lingüísticos, está à espera de que se estabeleça uma cronologia relativa para o desaparecimento de características lingüísticas que configuram o português antigo em oposição ao moderno". Em relação a essa problemática, podemos dizer que as principais propriedades que caracterizam a sintaxe dos quatro documentos do PA que estudamos estão presentes no século XVI (do período entre 1524-1562), como podemos depreender do confronto dos nossos dados com os de Lobo (1992).

No entanto, observamos que determinados tipos de constituintes sofrem um processo de reanálise (cf. capítulo 4), o que leva o português do século XVI a apresentar características de uma gramática V2 rígida. Considerando que o português dos séculos XIII a inícios de XVI (precisamente, 1500) também é um sistema V2, mas do tipo que se tem denominado "V2 não-rígido", a mudança de um V2 rígido para um V2 não-rígido seria suficiente para caracterizar uma nova fase da língua?

Trabalhamos com a hipótese de que essa mudança não envolve mudança de gramática, ou seja, a nossa proposta é a de que uma mesma gramática pode estar subjacente a um sistema V2 rígido e a um sistema V2 não-rígido (discutimos essa hipótese no item 4.2). A questão que se coloca, então, é saber quais são os critérios filológicos e lingüísticos pertinentes à periodização da história de uma

língua. Lembramos que, de acordo com a citação de Mattos e Silva, transcrita acima, qualquer classificação desse tipo é arbitrária.

Finalizamos essas reflexões com uma citação de Mattos e Silva (1991:17): "Falta ainda, contudo, uma investigação sistemática da documentação remanescente do português arcaico, em confronto com o do século XVI para que, com maior rigor e precisão, nos permita dizer não apenas que o período arcaico termina nos fins do século XV ou na primeira metade do século XVI". Não podemos dizer que seja sistemático o confronto que desenvolvemos dos dados dos séculos XIII a início de XVI com os dados de Lobo (1992) da primeira e segunda metades do século XVI. Mas, estudos de fases do português posteriores a essas, especialmente a tese de Torres Morais (1995), mostram que as características essenciais que identificam o português como um sistema V2 estão presentes ainda no século XVII. Só a partir dessa época se pode detectar nos dados a emergência de uma nova gramática do português. Ficam aqui essas informações para serem melhor entendidas a partir dos resultados obtidos em outros estudos, quando, então, se poderá, "com maior rigor e precisão" definir as características gerais do português clássico, ou ainda arcaico.

2.2.2 OS CORPORA

O estudo que aqui se apresenta cobre o período do século XIII ao século XVI. Na organização dos *corpora*, nos preocupamos em selecionar só documentos em prosa, literária e não-literária. O estudo diacrônico depende dos textos escritos que sobreviveram para fornecer informações da língua falada em períodos anteriores; pensamos que os problemas decorrentes desse fato podem ser minimizados pelo uso de textos em prosa, preferencialmente a textos em verso².

² Embora textos em versos tenham sido consultados assistematicamente.

Mattos e Silva (1991:30) diz que a documentação poética e a documentação em prosa "se complementam para um conhecimento o mais abrangente possível dessa etapa histórica da língua portuguesa". Mas, porque sabemos que, nos textos em verso, considerações métricas e as exigências de rima impõem limitações na ordenação dos constituintes, além do que a sintaxe nos versos também trabalha para satisfazer requerimentos do estilo mais literário usado sempre em poesia, optamos por trabalhar com a prosa³. A lacuna que tal decisão possa deixar poderá ser preenchida futuramente, com novas pesquisas, em que poderemos confrontar os resultados a que chegamos com as análises que os textos em verso nos fornecerem. Portanto, partimos inicialmente do pressuposto de que os textos em prosa literária estão mais próximos da língua falada, embora, evidentemente, saibamos que a língua de tais textos não pode ser considerada um representante fiel da língua falada na época em questão, mas talvez seja a variante da língua menos estilizada.

Dos documentos selecionados para a organização do nosso *corpus*, utilizamos fundamentalmente fontes primárias, edições críticas de valor e que podem ser usadas para estudos lingüísticos. São os seguintes os textos selecionados:

FORO REAL DE AFONSO X - O Foro Real (doravante, FR), um conjunto de leis, é um documento originalmente escrito em espanhol, a mando do rei da Espanha, Afonso X, o Sábio, no século XIII. A tradução do "Fuero Real" para o português parece ter sido feita ainda nesse mesmo século, no reinado de Afonso III, de Portugal, genro de Afonso X. Os fatos históricos e filológicos que corroboram tal datação são: a) o fato de constar no mesmo código uma lei de D.

³ Não queremos com isso dizer que os poetas usam ordens de palavras que nunca foram atestadas em prosa, ou que não sejam licenciadas pela gramática. Simplesmente consideramos que, nesta primeira abordagem do tema, seria metodologicamente mais proveitoso separar a prosa do verso. Talvez um procedimento metodológico desnecessário, se considerarmos a observação de Adams (1987) de que a diferença nas ordenações de palavras entre a narrativa e o verso no francês medieval é mais em relação de frequência. Por outro lado, não sentimos necessidade de controlar variantes geográficas, desde que há uma uniformidade nos textos em relação aos diferentes tipos de ordenação.

Dinis, datada de 24 de agosto de 1282, segundo observação de Alexandre Herculano; b) segundo Carolina Michaélis, a grafia do códice é semelhante à do Cancioneiro da Ajuda, situável também no século XIII. Utilizo aqui a Edição Crítica de José de Azevedo Ferreira (1987), baseada em um manuscrito português dos fins do séc. XIII ou início do séc. XIV. O *corpus* foi organizado com os dados dos Livro I e Livro II, dos fólhos 70v a 96v.

DIÁLOGOS DE SÃO GREGÓRIO - Os Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório (doravante, DSG), textos pragmáticos de caráter religioso, são textos literários traduzidos do latim. O original do papa Gregório I ou Gregório Magno foi escrito no século VI. Gregório I foi figura de renomada importância na organização da Igreja de Roma e da Europa Ocidental, nos começos da Idade Média, tendo sido papa do fim do século VI ao começo do século VII. Os DSG reportam a conversa do pontífice com Pedro, seu diácono, na qual são retratados os valores da sociedade italiana do séc. VI. Existem três versões medievais portuguesas remanescentes dos DSG: uma, alcobacense, datada de 1416; outra, também de Alcobaça, situada, por fatos externos, entre fins do século XIV e início do XV; e a mais antiga, o manuscrito que pertenceu ao filólogo Serafim da Silva Neto, datada por Mattos e Silva, a partir de dados internos, como das últimas décadas do século XIV (anterior a 1385). A edição crítica utilizada neste trabalho, a de Mattos e Silva (1971), batizada por ela de "A mais antiga versão portuguesa dos Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório", tem como base o manuscrito de Serafim da Silva Neto, confrontado com as versões alcobacenses. Nosso *corpus* base foi organizado a partir dos dados do "Livro Primeiro" deste documento.

CRÔNICA DE D. PEDRO, DE FERNÃO LOPES - A Crônica de D. Pedro (doravante, CDP), de Fernão Lopes, cronista-mor do reino, é um texto histórico, documento datado e escrito originalmente em português. A obra de Fernão Lopes, considerado o iniciador da prosa literária em português, se situa entre 1418 e 1452, mas as cópias manuscritas remanescentes mais antigas datam dos fins do

século XV. Segundo Mattos e Silva (1989:30), a obra de Fernão Lopes é "o maior marco da produção literária medieval portuguesa", constituindo-se numa importante fonte de estudo do dialeto literário quatrocentista de Lisboa⁴. A edição crítica utilizada é a de Giuliano Macchi (1966). O *corpus* constituído a partir desse documento consta de dados extraídos do prólogo e dos 21 primeiros capítulos.

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA - A Carta de Pero Vaz de Caminha (doravante, CPVC) é uma narrativa de viagem, em que Caminha, escrivão da frota que seguia com Cabral para Calecut, narra a D. Manuel os principais acontecimentos da viagem: descreve a viagem, a terra descoberta e o povo que a habita; fornece informes de interesses geográfico e etnológico; fala dos acontecimentos com precisão e clareza. É um documento assinado por Caminha e datado da "ilha de Vera Cruz", em 01/05/1500, sexta feira. Caminha, homem culto, de origem minhota, teria 50 anos ao embarcar na frota de Cabral, tendo falecido em Calecut, em 16/12/1500. Constituímos nosso *corpus* a partir da publicação denominada "Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha", uma transcrição feita por Sílvio Batista Pereira (1964) da leitura diplomática de Jaime Cortesão, acompanhada da reprodução do fac-simile do manuscrito autógrafo de Caminha.

A comparação dos nossos dados com os de outros textos representantes de diferentes dialetos e de diferentes períodos de tempo é necessária para se poder determinar a natureza de possíveis variações não esclarecidas em nossos textos. Contudo, vale ressaltar que são raríssimas as análises sistemáticas sobre fatos da sintaxe do PA e mais escassas ainda as análises sobre a sintaxe da ordem das palavras. Coletamos algumas informações importantes, mas restritas e sem

⁴ A prosa histórica escrita em português é iniciada na primeira metade do século XIV, sob a direção de D. Pedro, conde de Barcelos, e atinge seu apogeu com Fernão Lopes, com quem teve origem a Crônica Oficial do Reino Português, na primeira metade do século XV.

sistematicidade, em gramáticas históricas⁵ (Silva Dias (1933), Said Ali (1966), Silva Neto (1979), Huber (1986), Nunes (1989)) e em manuais filológicos (Mário Barreto (1982) e Souza da Silveira (1983)). Alguns estudos específicos sobre a ordem no PA - de Pádua (1960), Mattos e Silva (1981/1989/1991/1992/1994), Salvi (1989/1990/1993) e Benincá (1989/1992) - nos forneceram informações e interpretações importantes sobre a sintaxe arcaica.

As comparações com uma fase posterior da língua também são de importância crucial para a compreensão dos processos sintáticos em estudo, sobretudo numa pesquisa diacrônica, em que também se está preocupado em observar e datar possíveis mudanças sintáticas. Assim, qualquer tentativa de caracterizar o PA e seu limite final, o que implica em detectar mudança sintática, deve levar em conta fatos lingüísticos do período subsequente, neste caso, do período inicial do português clássico. Para esse aspecto, contamos, além das informações pinçadas nas gramáticas históricas, com um *corpus* relativo ao século XVI, organizado por Lobo (1992) para seu estudo sobre a colocação dos clíticos no português do século XVI⁶, e com estudos de Martins (1993/1994) que fornecem informações sobre a sintaxe do clítico no português do século XIII ao português europeu.

São essas, basicamente, as nossas fontes primárias⁷ e secundárias. Em diversas ocasiões, recorreremos às fontes secundárias para informações adicionais, mas a maioria dos dados usados no desenvolvimento das análises é recolhida de fontes primárias.

⁵ Em geral as gramáticas históricas tratam de mudanças fonéticas e morfológicas ocorridas do latim para o português e apresentam fatos genéricos sobre a sintaxe do PA.

⁶ Lobo (1992) estuda um conjunto de dados das Cartas da Corte de João III que constitui o *corpus* básico de sua análise da colocação dos pronomes complemento no português do século XVI. A edição crítica das Cartas, intitulada *Letters of the Court of John III - King of Portugal* foi realizada por J. D. M. Ford & L. G. Moffat (1933) e é constituída de um conjunto de 174 documentos, sendo, em sua maioria, cartas ao rei D. João III de seus familiares e de personalidades da sua corte, escritas entre 1524 e 1562.

⁷ Os documentos *As Cantigas de Santa Maria* (edição crítica de Mettmann (1972)) e *La Tradición gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castela* (edição crítica de Lorenzo (1975)) foram consultados sistematicamente.

2.3 Procedimentos metodológicos

Existem ao menos dois processos para se tentar definir a gramática de uma língua que não é mais falada. Pode-se considerar uma série ampla de textos de diferentes regiões e de diferentes períodos de tempo e organizar uma síntese das características por eles apresentadas. Essa é a abordagem utilizada por Adams (1987/1988) no seu estudo da sintaxe do francês medieval. Pode-se também considerar um único texto, definindo-se, então, a gramática que representa um dialeto, um estilo e uma época particular. Essa foi a estratégia escolhida por Vance (1988/1989), ao estudar também o francês medieval.

Dos dois processos, Vance (1989:5) pensa que um estudo detalhado de um texto para cada época considerada pode contribuir mais para um melhor entendimento das complexidades do fenômeno sintático em estudo. Além disso, tal análise poderia ser avaliada de uma perspectiva mais ampla, fornecida por estudos mais gerais. Ela observa ainda que, embora seu estudo cubra somente uma pequena parte dos dados do francês arcaico e médio, esse tipo de análise intensiva de um único texto representativo para cada época permite desenvolver uma gramática mais consistente.

Por outro lado, na perspectiva de Adams (1987:24), um amplo e variado *corpus* é crucial na ausência de intuições dos falantes nativos, não só porque ajuda a reduzir erros e correções dos escribas, mas também porque os documentos que sobreviveram são acidentais e provavelmente não são uma amostra representativa do que originalmente existiu.

Nossa abordagem da sintaxe da ordem em textos do século XIII ao século XVI se encaixa mais na visão geral dos textos. Como não possuímos um amplo conjunto de estudos filológicos e gramaticais de textos de vários tipos, estilos e épocas, como ocorre, por exemplo, em relação ao francês medieval, julgamos que limitar o estudo a um único texto poderia nos fazer perder certas generalizações e superestimar a importância de outras.

Do documento **Diálogos de São Gregório** (séc. XIV), composto de quatro livros, fizemos um estudo amplo do livro primeiro, computando um total de 2.335 sentenças finitas. Observamos sistematicamente as 2.004 primeiras construções do **Foro Real** (séc. XIII) e as 2.153 primeiras construções da **Crônica de Dom Pedro** (séc. XV), iniciando a pesquisa nos respectivos prólogos. Na **Carta de Caminha** (início do séc. XVI), por ser um documento curto, foram computadas todas as sentenças finitas, num total de 1.006 ocorrências. Contamos ainda com minuciosas descrições e análises da morfossintaxe dos DSG, apresentados nos trabalhos de Mattos e Silva (cf. Mattos e Silva 1981/1989/1990/1991/1992). Outras fontes secundárias usadas já foram comentadas acima.

Ao estudar os documentos, procedemos como se os dados nos textos representassem o conjunto de possíveis ordenações de palavras da língua da época em questão. Neste aspecto, concordamos com a posição assumida por Mattos e Silva (1991:39) na seguinte citação: "se o que está escrito procura espelhar a voz e esta nos falta, pelo escrito se pode depreender, embora não integralmente, a língua no seu uso primeiro, em qualquer dos níveis em que se pode estruturá-la: fônico, mórfico, sintático, discursivo." Assim, consideramos que os padrões básicos de ordenação dos constituintes que são observados em centenas de linhas de textos em prosa são suficientes para nos delinear um quadro quase exato das possíveis ordens das palavras na língua em questão. Evidentemente, isto pode não estar inteiramente correto, considerando que a capacidade lingüística dos seres humanos inclui a habilidade de gerar sentenças longas e complexas que provavelmente não aparecem nas narrativas em prosa.

Conhecer os tipos de sentenças que são possíveis, mas não atestadas, poderia contribuir para uma análise mais exata da língua e um maior entendimento da UG, mas tal informação não é necessária para estabelecer as características sintáticas gerais de uma língua que não mais é falada. Como tem sido admitido, parte de nossa segurança na interpretação da gramática de textos históricos provém de nosso conhecimento da UG e das características tipológicas que identificam as escolhas paramétricas na sintaxe de línguas modernas.

A quantificação tem sido usada como um guia útil na confirmação das tendências gerais do fenômeno sintático em estudo. Tem-se considerado que a frequência com que diferentes padrões de ordenação dos constituintes ocorrem permite se fazer certas generalizações sobre a sintaxe dos documentos em questão. Considera-se, ainda, que, se uma determinada ordenação de palavras é rara e sobretudo se ela não se ajusta ao amplo padrão sintático do texto, é muito provavelmente um arcaísmo ou artifício literário (cf., por exemplo, Vance 1989, cf. item 2.1.1 acima).

Julgamos que a frequência dos dados pode certamente esclarecer sobre a validade de nossas hipóteses. Contudo, pensamos que se deve ter cuidado com generalizações desse tipo, desde que a não-ocorrência de uma determinada ordem pode ser devida a fatores ocasionais (cf. capítulo 4). Além do que, como bem esclarece Dupuis (1989:5), "il faut bien plus que la fréquence d' une construction pour motiver le choix d' une structure de base". Na descrição dos dados dos *corpora* (cf. capítulo 3) apresentamos em detalhes as frequências de ocorrências das ordens atestadas⁸, com o objetivo de deixar evidente as tendências gerais da sintaxe do texto. Contudo, fomos cuidadosa nas inferências a serem derivadas dessas frequências, nem sempre utilizando-as de instrumento básico para definir nossa proposta teórica sobre a estrutura sintática do PA.

⁸ Nossos dados foram submetidos ao programa Varbrul.

CAPÍTULO 3. Descrição dos dados

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma descrição detalhada das possíveis ordenações dos constituintes nas sentenças raízes e encaixadas dos *corpora* em estudo. Como Mattos e Silva (1989) comenta, esse é um dos aspectos do português medieval menos estudado. Além dos seus estudos sobre a ordem dos constituintes no *corpus* da versão trecentista portuguesa de "Os Diálogos de São Gregório" e do estudo de Pádua (1960), que analisa a posição do sujeito, do verbo e do complemento, em frases de verbos transitivos, utilizando dados de textos dos séculos XIV e XV, encontramos somente observações assistemáticas sobre a ordem, em gramáticas, como a de Huber (1986) e a de Silva Dias (1933), e em manuais filológicos, como os de Barreto (1982) e o de Sousa da Silveira (1983)¹. Esse fato por si só já justifica a inclusão deste capítulo neste estudo².

A organização dos dados foi direcionada pelas questões teóricas que norteiam esta pesquisa, fundamentalmente questões relacionadas com o fronteamto de verbos e de constituintes sintagmáticos. Assim, embora não tratemos, neste capítulo, dessas questões teóricas, procuramos apresentar uma descrição adequada e o mais detalhada possível, motivando as análises propostas no capítulo 4. Desse modo, os fatos descritos e ilustrados com uma multiplicidade de exemplos serão retomados no capítulo 4, quando analisarmos a organização sintática das sentenças no PA e tentarmos oferecer uma explicação teórica para os fatos sintáticos observados.

Estabelecemos comparações assistemáticas, mas relevantes para questões teóricas em discussão no capítulo 4, entre a ordem dos constituintes no PA e em outras línguas românicas, sobretudo o francês arcaico e o espanhol arcaico. Centramos nossa atenção na posição do verbo em relação aos outros constituintes sintagmáticos, ou, melhor dizendo, abordamos o problema da ordem com base na variação do número de constituintes que antecedem o verbo na estrutura superficial e linear das sentenças em que ele ocorre. Portanto, utilizamos, neste capítulo, os termos "V1", "V2", e "V>2" no seu sentido descritivo, em referência apenas a

¹ Os trabalhos de Salvi (1989/1990/1993) e Benicà (1989/1992) tratam da questão da ordem no português arcaico em uma abordagem gerativa.

² Dentro do quadro da teoria gerativa, são poucos os estudos sobre o português arcaico, essencialmente os trabalhos de Salvi (1989/1990/1993), de Benincà (1989/1992), de Ribeiro (1990/1992/1993/1994) e de Martins (1993/1994), aos quais nos referimos anteriormente.

sentenças declarativas (e algumas imperativas) em que, respectivamente, nenhum, um, dois ou mais de dois constituintes antecedem o verbo³. Desse modo, falamos aqui em estruturas V1, aquelas com o verbo em posição inicial da sentença, só podendo estar antecedido das conjunções coordenativas ou subordinativas⁴ em estruturas V2, aquelas em que o verbo é antecedido por um e só um constituinte sintagmático e estruturas V>2, as que têm o verbo antecedido por três ou mais constituintes.

Na apresentação dos exemplos, sigo a tradição lingüística, ao usar a letra X para representar um constituinte inicial de um tipo não especificado, diferente do sujeito. Assim, X pode designar adjuntos da sentença, como também complementos verbais. A letra C refere-se mais especificamente a um complemento verbal subcategorizado, ou seja, um objeto direto, um objeto indireto ou um sintagma preposicionado circunstancial subcategorizado pelo verbo. Desse modo, um argumento do verbo pode estar representado pela letra C, quando queremos chamar atenção para sua função sintática, ou pela letra X, quando a função sintática do constituinte não é o ponto em discussão.

Na representação de ordens de palavras que têm mais de um constituinte não-sujeito antecedendo o verbo, a letra X também representa tais constituintes, em qualquer posição sintática em que ele ocorra. Em alguns casos, quando explicitado, a letra X pode estar indicando uma série de constituintes antecedendo o verbo; caso contrário, cada letra representará um e só um constituinte. O verbo finito é representado como V, e o sujeito, como S. O sujeito também pode ser especificado como Sn (sujeito não-pronominal) ou como Sp (sujeito pronominal).

A ausência de um S, na representação da ordem de uma sentença, indica uma construção de sujeito nulo, como, por exemplo, em VC ou VX. Tais especificações indicam que não há um sujeito foneticamente realizado à

³ Neste caso, o uso dos termos "V1", "V2" e "V3", neste capítulo, não se refere à posição estrutural ocupada pelo verbo flexionado, nem a qualquer análise particular de movimento de verbo, conforme discussão apresentada no capítulo 1 sobre o fenômeno V2 em línguas germânicas, mesmo porque, na análise que desenvolvemos no capítulo 4, consideramos que no PA o verbo das sentenças finitas ocupa sempre a mesma posição, independente do número de constituintes que o antecedem.

⁴ Os conectivos de coordenação e subordinação não são computados por serem simplesmente elementos introdutórios ou de conexão entre sentenças. Também os elementos clíticos - os pronomes complemento e o elemento de negação "não" - não foram computados como constituintes maiores da sentença por serem geralmente analisados como afixos, elementos ligados ou dependentes de outros elementos. Contudo, cf. análise sobre negação no item 4.2.

esquerda ou à direita dos constituintes indicados pelas letras, nem qualquer outro tipo de constituinte, exceto as conjunções (quando se tratar de sentenças coordenadas e encaixadas). Desse modo, a ordem SVC não inclui XSVC, como também as ordens VC e VX não incluem XVC e XVX, e assim por diante. Da mesma forma, VS, VC e VX se referem unicamente a estruturas com o verbo em posição inicial absoluta⁵. Os constituintes opcionais são dados entre parênteses, como, por exemplo, XV(S) - nesse tipo de estrutura o sujeito, opcionalmente, se apresenta não preenchido por material lexical; (X)XSV significa que o sujeito pode ser precedido por um ou mais de um constituinte X.

Como tem sido usado em trabalhos de gramática gerativa, todos os exemplos são introduzidos por um número referente ao capítulo, seguido do número do exemplo no interior do capítulo, ambos entre parênteses. Portanto, em cada capítulo, a numeração começa a partir do número (1), antecedido do número do capítulo. A indicação dos exemplos é sempre feita através desses números. Assim, a referência ao exemplo (3.8) indica tratar-se do exemplo (8) do capítulo 3.

Cada exemplo será identificado como segue: com a sigla **FR**, para o **Foro Real**, seguida dos números do livro, do título e do fôlio, respectivamente. Para os **Diálogos de São Gregório**, adotamos as indicações utilizadas por Mattos e Silva (1989), em que os exemplos são citados seguidos da sigla **DSG** e dos números do livro, capítulo e linha(s) em que ocorre a sentença. A sigla **CDP** identifica os exemplos da **Crônica de D. Pedro** e vem seguida da letra P, quando se tratar de um exemplo do prólogo, e do(s) número(s) da(s) linha(s); finalmente, **CPVC** refere-se aos dados da **Carta de Pero Vaz de Caminha**, sendo seguida de F, para fôlio, e dos números do(s) fôlio(s) e da(s) linha(s)⁶.

Organizamos este capítulo em três itens, de acordo com o número de constituintes sintagmáticos que antecedem o verbo. Tratamos das construções V1, em que o verbo está em posição inicial, no item 3.1. No item 3.2, tratamos das construções V2, construções em que um e só um constituinte sintagmático antecede o verbo. No item 3.3, apresentamos as construções V>2, aquelas em que o verbo está antecedido por mais de dois

⁵ A expressão "posição inicial" é usada aqui com uma noção preteórica que não considera a possibilidade de presença de material não-fonológico no início da sentença.

⁶ Foi conservada a pontuação adotada pelos editores críticos das diversas obras.

constituintes. A análise da estrutura das sentenças nos leva a examinar, em cada um dos três itens, dois fenômenos inter-relacionados: a ordem dos pronomes complemento ou clíticos em relação aos constituintes maiores da sentença e as diferentes posições do elemento de negação predicativa "não" em relação aos clíticos. As propriedades específicas de cada um desses fenômenos fornecem elementos para uma explicação de certas características sintáticas do PA.

3.1 Tipos de construções V1

Denominamos V1 as construções com verbo em primeira posição. Os enunciados V1 dos documentos estudados apresentam as seguintes ordens: (a) VS(X), b) VXS e (c) V(X). As diferenças entre tais construções estão definidas em termos da realização lexical ou não do DP sujeito. Nas representações em (a) e (b), os sujeitos são lexicalmente realizados; em (c), o sujeito é fonologicamente vazio.

Mais uma diferença pode ser estabelecida em relação às ordens em (a) e (b): um constituinte sintagmático qualquer intervém entre V e S em (b), mas não em (a). Desse modo, na ordem VS, o sujeito aparece imediatamente após o verbo; na ordem VXS, o sujeito geralmente está no final do sintagma verbal, após o verbo e seus complementos e/ou adjuntos. VXS também representa as construções em que o S não está em posição final absoluta do VP, mas há um constituinte X entre o S e o V.

3.1.1. As ordens V(C), VS e VXS

Do total de sentenças analisadas nos quatro documentos, 7.498 sentenças finitas, a ordem V1 é a mais freqüente em todos os documentos, perfazendo um total de 3.780 ocorrências, o que importa em 50,41% dos dados⁷. Também na amostra dos DSG, organizada por Mattos e Silva (1989), de 289 enunciados principais afirmativos, 179 ocorrem com a ordem V1, portanto 61.93% dos seus dados (cf. quadro sumário, p.837). Pádua (1960:90) igualmente observa que a ordem com verbo em posição inicial é "um dos tipos de construção mais freqüentes no português arcaico".

⁷ Os 49,59% restantes estão distribuídos entre construções V2 e V>2.

Dos três tipos de construções V1, os com a ordem V (X) (= VC / VX), portanto, sem realização fonológica do sujeito, são os mais freqüentes, quer em sentenças raízes, quer em encaixadas: 89.31% das construções V1 apresentam a ordem V(X). Alguns exemplos ilustrativos são apresentados abaixo (os verbos das construções V1 estão em negrito). Pode-se ver, nos exemplos, que diferentes tipos de verbo podem ocorrer em construções V1 no PA:

(3.1) VC / VX raízes

- a) E fez os angios boos per natura (FR.1.1.71r)
- b) **Mandamos** que...(FR.1.10.83r)
- c) e **começaron** a louvar a esteença de que ante escarnecian (DSG.1.2.10)
- d) **Quero** que mh'o digas e **desejo** mui de coraçõ a saber (DSG.1.14.12)
- e) **Amava** muito de fazer justiça com dereito (CDP.1.35-36)
- f) mas **ouve** amigas com que dormio (CDP.1.55)
- g) e **estam** açerqua disso com tamta jnocemçia (CPVC.2v.8-9)
- h) **acemderam** tochas (CPVC.3.1)
- i) e **andou** la huú boó pedaço (CPVC.F8.26)
- j) e **comeram** toda vianda (CPVC.F10v.2-3)
- k) **abasta** que poseram seus arcos (CPVC.F3v.25)
- l) **semelha-me** que... (DSG.1.1.18)
- m) **Acaeceu** en outro tempo que...(DSG.1.4.2)
- n) e **parece** que...(CDP.6.60)
- o) e **aviia** ja tempo que durava este apousentamento (CDP.8.36-37)

Pode-se argumentar que a alta freqüência de construções VC / VX nos documentos do PA se explica pelo fato de o português ter sido (e ainda ser) uma língua de sujeito nulo. No entanto, observando-se o que ocorre no FrA, também uma língua de sujeito nulo, vê-se que algo mais precisa ser dito sobre a alta freqüência dessas construções no PA.

A distribuição do sujeito nulo, no FrA, tem sido objeto de um número de estudos filológicos e lingüísticos, como, por exemplo, Foulet (1919), Wagner (1974), Adams (1987/1988), Vance (1988/1989), Roberts (1992), Dupuis (1989). Esses estudos estabelecem uma correlação entre o licenciamento do sujeito nulo no FrA e a ordem das palavras, observando que o sujeito nulo,

referencial ou expletivo, é geralmente atestado no FrA em construções X V, em que X é um elemento forte (advérbio, objeto, atributo, etc), ocupando a primeira posição da sentença⁸. Assim, em construções não iniciadas por um constituinte X qualquer, o FrA tem sujeito pronominal realizado, não necessariamente enfático, como no exemplo a seguir, citado em Vance (*ibid.*):

(3.2) Il regarde l' enfant (Q2)

(3.2) é um exemplo de *La Queste*, narrativa francesa em prosa do século XIII. Vance (*ibid.*) observa que, nesse documento, não ocorrem estruturas raízes VX / VC, ou seja, sentenças raízes declarativas iniciadas por um verbo, como as em (3.1), não aparecem em *La Queste* e em outros documentos do FrA.

As construções Sp V também estão presentes nos documentos do PA (cf. item 3.2.1), mas a possibilidade de deixar o sujeito foneticamente vazio em sentenças raízes é atestada em vários documentos da fase arcaica do português, independentemente de a ordem dos constituintes ser XV ou VX. Pode-se concluir disso que, apesar de o PA e de o FrA serem línguas *pro-drop*, elas se distinguem nas estratégias de licenciamento do sujeito nulo.

Também nas sentenças encaixadas do FrA, o sujeito nulo referencial é quase inteiramente ausente, visto que a ordem mais usual das sentenças encaixadas é VC / VX e, nesse contexto, o FrA geralmente não licencia sujeito nulo referencial⁹. A propósito dessa questão do licenciamento do sujeito nulo nas sentenças subordinadas em FrA, Dupuis (1989:iv) diz que "L' étude de ces structures dans la prose et les vers du XIIe et du XIIIe siècle, nous a en effet permis d'établir qu'il existe des différences marquées selon les époques et selon le type de texte".

Nenhuma restrição é observada nos documentos do PA quanto à realização de sujeito nulo nas encaixadas: quer em sentenças completivas, quer em adverbiais e relativas, o sujeito referencial e o expletivo podem estar foneticamente vazios em ambientes VC e VX. Exemplos são apresentados abaixo, com sujeito nulo referencial e expletivo, em sentenças encaixadas:

⁸ Segundo Vance (1989), exceções a esse padrão sintático ou pertencem a classes bem definidas ou são extremamente raras.

⁹ Vance (*ibid.*) observa que as poucas realizações de sujeito nulo nas encaixadas de "La Queste" são sempre em ambientes CV.

(3.3) V C / V X nas encaixadas

- a) os usus seus que **achassemos** que **erã** sen dereyto (FR.1.1.71r)
- b) todo quanto **ouuesse** (FR.1.2.72v)
- c) per razon do oficio que **avia** (DSG.1.1.4)
- d) porque non **achou** logar en que se **retevesse** (DSG.1.2.15)
- e) e sabendo que **eram** a ello negligentes (CDP.5.17)
- f) e mandou a pressa que lh'o **trouvessem** preso (CDP.9.52-53)
- g) em quanto **esteuemos** aamisa e aapregacom (CPVC.5.23)
- h) o prazer que **avia** en cuidar sempre nas cousas celestiaes (DSG.1.1.12)
- i) da vida que **fazia** ora, quando **era** papa (DSG.1.1.5)
- j) en este estado en que **sõõ** (DSG.1.1.5)
- k) aquelas cousas que **sei** dos homêes perfeitos e acabados (DSG.1.1.29)
- l) per hũũ mar en que **ha** mui tempestade (DSG.1.1.16)
- m) necessario he que **contemos** primeiro como sse **começou** sua desaveença e de que guisa se el partio do rreino (CDP.17.6-8)
- n) fingeo que **queria** hir aa caça (CDP.17.172)

Nas relativas de sujeito, a posição vazia do sujeito está relacionada com o pronome relativo "que" e com o seu antecedente. Identifica-se tal sujeito não como sujeito nulo referencial ou expletivo, mas como um traço-Wh, quer dizer, um traço ou vestígio deixado na posição de sujeito pelo movimento do elemento-Wh (o pronome relativo) para C⁰. Os exemplos abaixo ilustram as duas possibilidades de ordem V1 nas relativas (os verbos estão em negrito):

(3.4) V C / V X nas relativas de sujeito

- a) alguũs que **amdauam** sem eles (CPVC.4.17)
- b) come agua que non **torna** mais (DSG.1.1.11)
- c) dalgũũs que **leixaron** o mundo de todo seu coraçõ (DSG.1.1.21)
- d) o abade que **estava** ende muito alonjado (DSG.1.5.74)
- e) ao seu messejeiro, que **avia** nome Juiãõ, que **foi** depois bispo na eigreja de Sabina (DSG.1.8.9)
- f) pero era embargado per hũũ gram penedo que **nascia** hi naturalmente (DSG.1.13.10)
- g) a todollos que **forom** e **eram** rrecadadores das rrendas d'el-rrei (CDP.13.36-37)

- h) As gentes que **dormiam** sahiã aas janelas (CDP.14.26-27)
- i) ou aquelles que **deuë** a coller os dyzimos (FR.1.5.76r)
- j) as cousas que **sõ** de Deus (FR.1.6.76v)

Nas construções VS(X), o sujeito ocorre em posição imediatamente pós-verbal e um constituinte qualquer pode aparecer após o sujeito. Não é uma ordem freqüente nos textos estudados, tendo sido registradas só 330 ocorrências de VS(X), correspondentes à porcentagem de 08.73% das construções V1. Alguns exemplos são do seguinte tipo (estão em **negrito** os sujeitos)¹⁰:

(3.5) V S raiz

- a) Casou **el-rrei** com dona Branca (CDP.17.107)
- b) nê se perçã **os dereytos de Deus e da Sancta Eygreya** per mingua de iustiça nossa (FR.1.5.75v)
- c) e rogou **o bispo** muito aficadamente que...(DSG.1.18.4)
- d) Sei **eu** que non he teu proveito (DSG.1.28.29)
- e) e dava-o **el-rrei** a quem sua mercee era (CDP.3.5-7)
- f) Screvem **algüus** louvando este rrei dom Pedro (CDP.15.4)
- g) leuaua **njcolaaõ coelho** cascauees e manjilhas (CPVC.4.7-8)
- h) Vio **huũ deles** huũas contas de rrosairo brancas (CPVC.3.23-24)
- i) e deu **el-rrei** a sua madre todollos bẽes de Lionor Nunez (CDP.16.34-35)
- j) Mandou **el-rrei** matar Garcia Lasso da Veiga (CDP.16.35-36)
- k) fomos **todos** nos batees em tera armados e abandeira cõ nosco (CPVC.F6v.3-4)
- l) traziã **algüus deles** arcos e seetas (CPVC.F10v.29-30)
- m) dise **ele** que nõ vira... (CPVC.F8.34-35)
- n) forã **algüus** em nos hy estãdo buscar marisco (CPVC.F5v.34-35)
- o) e ouverom **todos** acordo de sse apartar d' el-rrei (CDP.17.45-46)
- p) e nom pôde **el-rrei** hi assessegãr per mingua d' augua (CDP.17.183-184)
- q) e caio **o** iffante morto (CDP.21.59)

Em geral, o sujeito dessas construções ou é um DP [+definido] (cf. exemplos (a/b/c/e/g/i/j/p/q)), ou um DP indefinido (cf. exemplos (f/h/k/l/n/o)).

¹⁰ Usamos o trema para representar o til nas letras **i** e **u**.

São mais raros os exemplos em que o sujeito é um pronome pessoal (cf. exemplos d/m).

As construções V1 com a ordem VS(X/C) têm sido rotuladas, pelos estudiosos de gramáticas V2, de "V1 narrativo". Por exemplo, Vance (1984), com base em fatores discursivos, propõe que essas sentenças são fundamentalmente de dois tipos (sublinhamos os sujeitos pós-verbais):

(3.6) a) *et se partiront demain de cort c' il qui compaignon en doivent estre* (Q 18)

e se partirão amanhã da corte aqueles que participantes disto devem ser

b) *et s'en alerent les damoiseles chascune en son pais* (Q 15)

e se-disto foram as donzelas cada uma em/para seu país

(3.7) a) *Et l'en li certifia plus et plus et dist l'en que ce est veritez* (Q 82)

e alguém lho afirmou mais e mais/repelidamente e disse alguém que isto é verdade

b) *jadis me mist uns riches hons en son ostel por lui servir, et estoit*

outrora me colocou um rico homem em sua casa para lhe servir, e era

cil riches hons li plus riches rois que len sache (Q 107)

este rico homem o mais rico rei que alguém/se conhecia

Vance denomina as construções em (3.6) de sentenças apresentativas (*introduction*). Elas introduzem um novo sujeito no discurso ou retomam um sujeito não presente no ambiente discursivo imediato. O segundo grupo, representado em (3.7), é denominado sentenças lembretes (*recall*). Essas focalizam a atenção em um sujeito referido no discurso imediatamente precedente.

Já comentamos acima que o FrA se distingue do PA quanto às possibilidades de realização das ordens VX e VC. Por outro lado, esses dois sistemas se aproximam quanto à realização de construções VS, desde que essas construções parecem ter um caráter de introdutoras do sujeito no discurso, essencialmente aquelas com os verbos declarativos e ergativos, no PA e no FrA.

Exemplos da ordem V S nas encaixadas são apresentados abaixo (os constituintes sujeitos estão em negrito):

(3.8) V S encaixadas

- a) alguu erro que faça **el rey** (FR.1.2.73r)
- b) assy como manda a lee (FR.1.9.80v)
- c) se queres **tu** mais saber da obra que **el** fazia (DSG.1.7.19)
- d) ata que veo **o hortelan** na hora en que soia a viir (DSG.1.5.36)
- e) posto que fosse **eu** vosso tesoureiro (CDP.13.22-23)
- f) porquanto lhe disserom que o mandava **el-rrei** prender (CDP.17.77-78)
- g) antre huñas moutas depalmas onde estauam **outros** (CPVC.3v.32-33)
- h) e seg^o deziã **eses que la foram** (CPVC.8v.16-17)
- i) E pero diz a Escritura que rogou **Isaac** Nosso Senhor por sa molher Rabeca (DSG.1.16.30)
- j) E o santo bispo pois soube que era **Marcelo** morto (DSG.1.29.9)
- l) Ora podes entender, Pedro, quanto amava **Deus** aqueste sacerdote Severo (DSG.1.31.20)
- m) Ben te nembras tu, Pedro, que diz **a Escritura** que San Pedro apostolo andou sobrelo mar con seus pees (DSG.1.31.34)
- n) do ben que perdeu **aquel que en religion vivia tan toste** (DSG.1.1.10)
- o) hüü exemplo que contou **San Gregorio** düü abade düü moesteiro de Fundon (DSG.1.2.1)
- p) assi son caladas que as non sabemos **nós** (DSG.1.1.27)
- q) nenhũa cousa, nen torto nen hüü per que podesse **o abade santo** caer en sanha (DSG.1.8.9)
- r) se tu ouvires hũa cousa que fez **este santo homen Constancio** (DSG.1.10.13)
- s) e quisera **el-rrei** partir em pós elle (CDP.17.188-189)
- t) poderá seer que nos prasmaram **algüus** (CDP.11.19)
- u) ante dise ele que lhe tomara **huü deles** huñas continhas amarelas (CPVC.F8.29-31)
- v) que nos ajudauam **deles** aacaretar lenha (CPVC.9v.8-9)

Como nas sentenças VS raízes, também nas encaixadas o sujeito pode ser um elemento [+definido], como nos exemplos (a/b/d/f/h/i/j/l/m/n/o/q/r/s), um elemento [-definido], como nos exemplos (g/t/u/v), ou um pronome pessoal (exemplos c/e/p). O S [+definido] é sempre mais frequente.

As construções do tipo VXS / VXSX, comumente denominadas "posposição de sujeito" ou "inversão românica", são pouco utilizadas nos documentos¹¹. Computamos 74 ocorrências dessas ordens, o que equivale a 01,95% das construções V1. Em geral, a ordem VXS ocorre em construções inacusativas¹² e com verbos declarativos, embora não se limite a esses dois tipos de estrutura. Na maioria dos exemplos, o sujeito é um DP "pesado".

O termo "DP pesado" é intuitivamente apropriado e cobre, de modo geral, aqueles DPs que, por serem modificados ou coordenados, contêm uma relativamente ampla quantidade de material fonético. Vance (1989) identifica um sujeito pesado não só em relação ao seu conteúdo fonológico, mas também em relação à sua proeminência no discurso. Segundo ela, há razões para se supor que a posposição do sujeito de verbos inacusativo e passivo carrega um acento mais forte e que a ênfase que um sujeito recebe quando posposto é o que diferencia sua função no discurso¹³.

Observamos acima que a construção VXS não é freqüente. Julgamos que a não recorrência de construções com sujeito posposto se deva ao fato de que o PA faz uso preferencialmente de um outro recurso para enfatizar os DPs sujeitos: as construções de topicalização ou de deslocamento à esquerda. Nelas, também, o elemento deslocado, seja ele sujeito, complemento ou adjunto verbal, é um constituinte que carrega acento enfático (cf. item 4.1).

Apresentamos, agora, exemplos da ordem VXS, em que entre o V e o S ocorre um ou mais de um constituinte sintagmático qualquer (colocamos em **negrito** os sujeitos):

(3.9) V X S raiz

a) pasaram aalem **tantos dos nosos** (CPVC.6v.18-19)

b) e ficou ende **o bispo** mui triste e disse-lhi (DSG.1.28.28)

¹¹ No item 4.1 argumentaremos que nem todas as construções VXSX devem ser identificadas como de "posposição de sujeito" e desenvolvemos uma análise que trata construções com inversão tipo (X)VS e (X)VXS como casos de anteposição de verbo ou inversão germânica.

¹² São denominadas "construções inacusativas" as construções passivas e aquelas constituídas de verbos inacusativos, incluindo-se aí verbos tipo nascer, chegar, levantar-se, ser, por ambas partilharem uma propriedade sintática importante: o sujeito dessas construções exprime um papel semântico típico de objeto direto: paciente, experienciador do conteúdo verbal verbal. (para maiores detalhes dessas construções, cf. Perlmutter (1978/1983/1989), Burzio (1986), Belletti (1988), Eliseu (1984), Jaeggli (1982), entre outros)

¹³ Na seleção de exemplos com a ordem VS e VXS não levamos em consideração essa identificação do sujeito como DP pesado ou não. Consideramos somente se entre o V e o S havia ou não um constituinte X.

- c) Contou depós esto **San Gregorio** que... (DSG.1.14.2)
- d) E recebe ende **homen** duas ajudas (DSG.1.1.35)
- e) e foram entom feitas as **dobras** que chamarom de dona Branca (CDP.16.55-56)
- f) e mandou logo **el-rrei** queimar a alcouveta (CDP.10.8-9)
- g) andariam na praya quãdo saymos **blij** ou **x deles** (CPVC.10v.26-7)
- h) pasouse emtam aalem do rio **diego dijz alx^o** (CPVC.7v.10-11)
- i) e foram logo **todos** beijala (CPVC.F11.22)
- j) foramse la **todos** (CPVC.F9.6)
- l) amdauam aly **mujtos deles** ou **casy amamor parte** (CPVC.F4.15)
- m) e estiverom aa porta **ambos** (CDP.20.48-49)
- n) e leixou por fronteiros em Badalhouce **ho conde dom Henrrique e o meestre de Santiago dom Fradarique seu irmão** (CDP.17.116-118)
- o) e foram aquel dia, com estes dous, **onze** mortos per justiça antre ladroões e malfeitores (CDP.9.38-39)
- p) quer seyã começados **os preytos** quer nõ começados (FR.1.10.81v)
- q) e saíam-no a rreceber **os cidadãos e todollos dos mesteres** com danças e trebelhos (CDP.14.17-18)

Também nessas construções o sujeito é mais frequentemente um DP [+definido], embora um sujeito indefinido possa ocorrer, como nos exemplos (i/j/l/m). Observa-se que, em geral, o constituinte X é um elemento adverbial 'aalem', 'logo', 'ende', 'depós', 'entom', 'la', etc. Os exemplos (e/g/h/n/o) mostram que mais de um constituinte X pode intervir entre o verbo e o sujeito.

Nas encaixadas, o mesmo padrão é observado:

(3.10) V X S encaixadas

- a) quando o quiserã temptar **os judeos** (FR.1.5.75r)
- b) aquel a que for dada a **querella** (FR.1.7.78r)
- c) tenho eu que valeu muito pera se comprir este miragre a **homildade daqueste monge Libertino** (DSG.1.4.19)
- d) porque usou dela ben **aquel a que a dera** (DSG.1.7.16)
- e) na quall foram armados **outros cavalleiros** (CDP.14.54-55)
- f) Porém que dizia **el-rrei** que nom fazia pouco **quem guardava o tesouro** que lhe ficava **d'outrem** (CDP.12.78-79)

- g) tam grande...que podem jazer dentro neela **mais de ij^e navjos e naaos** (CPVC.3v.6-7)
- h) tam furado que lhe caberja pelo furado huũ **gram dedo polegar** (CPVC.7.26-7)
- i) ca mandado de Nosso Senhor he a que non pode contradizer nen huũ **homen que no mundo seja** (DSG.1.29.10)
- j) leemos que fez outra vegada **Eliseo, o profeta** (DSG.1.4.21)
- l) d'algũs homẽes bõos, que moran na provincia de Valeria, de que mi contou muitos miragres **o honrado baron Fortunado** (DSG.1.29.28)
- m) no moesteiro en que era preposto **aqueste santo homen Nonnoso** (DSG.1.15.3)
- n) hũa eigreja de Santo Stevan martir, en que servia continuadamente por Deus e por sa alma huũ **homen de santa vida** (DSG.1.10.4)
- o) e disse aos bizcainhos que estavom hi **muitos** (CDP.21.62-63)
- p) o dya e o mes e o ano en que foy feyta a **carta** (FR.1.11.83r)

Os sintagmas verbais dos exemplos em abaixo são constituídos de uma forma verbal flexionada, respectivamente, "mandava", "quiserã" "seyã" e "for", e do verbo principal no infinitivo, para os exemplos (3.11(a)) e (3.11(b)), e no particípio, para os exemplos (3.11(c)) e (3.11(d)). Nas construções (3.11(a)) e (3.11(c)), o S está posicionado entre a forma verbal flexionada e o infinitivo/particípio, realizando a ordem V_[+finito] S V_[-finito]; nas construções (3.11(b)) e (3.11(d)), por outro lado, encontramos o S posicionado após a forma verbal [-finita], apresentando a ordem V_[+finito] V_[-finito] S. Essas construções ilustram uma das diferenças fundamentais entre as ordens VS e VXS.

- (3.11) a) porquanto lhe disserom que o mandava **el-rrei** prender (CDP.17.77-78)
- b) quando o quiserã temptar **os judeos** (FR.1.5.75r)
- c) ata que seyã **as razoes** acabad[a]s (FR.2.8.95v)
- d) aquel a que for dada a **querella** (FR.1.7.78r)

Pode-se também observar a diferença entre VS e VXS, considerando-se a posição do S em relação ao objeto direto, como nos exemplos abaixo:

- (3.12) a) e deu **el-rrei** a sua madre todollos bẽes de Lionor Nunez (CDP.16.34-35)

- b) leuaua njcolaa coelho cascauees e manjilhas (CPVC.4.7-8)
- c) d'algũus homẽes bõõs, que moran na provincia de Valeria, de que mi contou muitos miragres o honrado baron Fortunado (DSG.1.29.28)
- d) E recebe ende homen duas ajudas (DSG.1.1.35)

Nos exemplos (3.12(a)) e (3.12(b)), o S está numa posição que antecede a do objeto direto; por outro lado, no exemplo (3.12 (c)), o S se realiza depois do objeto direto. No exemplo (3.12 (d)), apesar de o S anteceder o objeto direto, há uma distinção em relação aos exemplos (3.12 (a)) e (3.12 (b)) por haver um constituinte X entre o verbo e o sujeito. Voltamos a essa questão no item 4.1.2.

O Quadro 3.1 abaixo apresenta o número de ocorrências de cada tipo de construção V1 nos quatro documentos. Pode-se observar que o padrão de ocorrências dos três tipos de construção V1 é basicamente o mesmo nos quatro documentos: a ordem V(X) é a mais freqüente, e as ordens VS e VXS são menos freqüentes.

ORDEM\TEXTO	FR	DSG	CDP	CPVC	TOTAL
V(X)	972	1072	894	438	3.376
VS	82	100	100	48	330
VXS(X)	16	22	22	14	74
TOTAL	1.070	1.194	1.016	500	3.780

Quadro 3.1: Número de ocorrências das construções V1 nos quatro corpora

O Quadro 3.2 abaixo apresenta a distribuição das construções V1 nos diferentes tipos de sentenças. As porcentagens referem-se ao número de ocorrências dessas construções em relação ao total absoluto de dados analisados em cada documento.

TEXTOS\TIPOS	Raiz	Relativa	Adverbial	Completiva	TOTAL
FR	124	510	338	98	1.070 / 53.39%
DSG	299	470	241	184	1.194 / 51.13%
CDP	316	304	200	196	1.016 / 47.18%
CPVC	228	114	96	62	500 / 49.70%
TOTAL	967	1.398	875	540	3.780 / 50.41%

Quadro 3.2:Distribuição das construções V1 nos quatro tipos de sentenças

Observa-se, no Quadro 3.2, que a ordem V1 se realiza em, aproximadamente, 50% das ocorrências; os demais 50% estão distribuídos entre as construções V2 e V>2.

3.1.2 As construções V1 e os complementos pronominais

Filólogos e linguistas têm observado que, nas línguas românicas arcaicas, os complementos pronominais clíticos ocupam sempre a segunda posição na sentença raiz. Essa restrição de complemento pronominal em segunda posição, conhecida na literatura lingüística como a "Lei Tobler-Mussafia" (doravante, T-M), tem sido atestada em documentos das fases arcaica e medieval do português (cf. Salvi (1990), Benincà (1992), entre outros) e é ainda observada no PEM¹⁴ (cf. Rouveret (1992), Manzini (1993), Galves (1993)).

O fenômeno de complemento pronominal em segunda posição importa na impossibilidade de o clítico pronominal ocorrer em posição inicial de sentença. A generalização T-M diz, essencialmente, que próclise¹⁵ é agramatical em posição inicial de sentença, sendo a ênclise obrigatória nesse caso. Portanto, em princípio, os contextos de ênclise obrigatória são os de sentenças raízes V1. As construções em (3.13) ilustram os casos de ênclise obrigatória¹⁶:

(3.13) V-Cl raiz

- a) e metia-sse na dança com elles (CDP.14.19-20)
- b) e leixou-a em outro dia (CDP.17.107)
- c) e saiam-no a rreceber os cidadãos e todollos dos mesteres com danças e trebelhos (CDP.14.17-18)
- d) e délhy o alcayde .III. prazos de terçar en terçar dya (FR.2.8.95r)
- e) e lancouas ao pescoço (CPVC.3.31)
- f) foramse la todos (CPVC.9.6)

¹⁴ PEM = português europeu moderno.

¹⁵ Usamos os termos "próclise" e "ênclise" de modo não técnico, indicando, respectivamente, posição pré-verbal e posição pós-verbal do clítico. Isto significa que esses termos não refletem noções de cliticização fonológica à direita ou à esquerda. Esta é uma questão que não nos concerne neste trabalho.

¹⁶ Em todos os exemplos deste item colocamos os complementos pronominais em negrito.

- g) Quero-ti eu contar, Pedro, o que me contaron dous homens muito honrados (DSG.1.13.3)
- h) E tornaron-se muit'agiha (DSG.1.2.41)
- i) E deulhy poder de gubar e de mandar seu poobo (FR.1.2.72v)
- j) e pose-os todos ante o altar (DSG.1.14.3)
- l) Prometeo-lh'o el-rrei assi (CDP.17.113)
- m) e mandou-ho matar (CDP.16.42)
- n) e façãnas dereytas e uerdadeyras todas (FR.2.9.95v)

Por outro lado, nas sentenças encaixadas, o complemento pronominal está em posição pré-verbal. Nesse contexto, não há violação da "lei T-M", desde que o elemento introdutor da sentença encaixada conta como primeiro elemento para efeito da colocação pronominal, como nos exemplos abaixo:

(3.14) CI-V encaixadas

- a) a riba do mar de que me parti (DSG.1.1.19)
- b) e quando se tornou o mancebo (DSG.1.2.9)
- c) azenou que lhas dessem (CPVC.3.24)
- d) todo oque lhe preguntam (CPVC.6.23-24)
- e) que nos ajudauam deles aacaretar lenha (CPVC.9v.8-9)
- f) das respostas per que se começã os preytos (FR.2.6.91r)
- g) e se o diser (FR.1.2.73v)
- h) porque sse lhe alargasse o corpo por mais espaçosamente poder dar (CDP.1.30-31)
- i) porquanto lhe disserom que o mandava el-rrei prender (CDP.17.77-78)
- j) das perguntas que lhi fazia hũu seu clerigo d'avangelho, homem de muí santa vida (DSG.1.1.2)
- k) dũu homem muito honrado per que se regia a vila de Roma (DSG.1.2.2)
- l) daquela petiçon que lhi fezera aquela mulher con tan gram juramento (DSG.1.4.7)
- m) E o outro frade prestumeiro a que se calou a voz hũu pequeno de tempo ante que o chamasse (DSG.1.16.13)
- n) Quero-ti eu contar, Pedro, o que me contaron dous homens muito honrados (DSG.1.13.3)
- o) estas mhas lagrimas de que me perguntas (DSG.1.1.21)
- p) e no estado a que os chamou (DSG.1.1.23)

- q) e pero fazia enfinta aa gente que o podia ende deitar (DSG.1.24.17)
- r) nen hũa honra no mundo per que os tirasse do estado fremoso e limpio (DSG.1.1.23)
- s) todas aquestas bestas que se non querian mover (DSG.1.2.39)
- t) muito me leixas triste por estes menihos que mi non dás (DSG.1.28.22)
- u) algũa cousa quer que se faça que se non pode comprir (DSG.1.17.23)
- v) nos seus corações he presente aquel que os pode logo vingar (DSG.1.18.17)

Encontramos alguns poucos casos de coordenação de sentenças raízes, em que a posição pós-verbal deveria ser a forma de realização do clítico e, no entanto, o pronome complemento ocorre em posição pré-verbal. Dissemos, acima, que o PA observava a restrição Tobler-Mussafia, o que implica na realização pós-verbal do clítico em construções V1. Desse modo, sentenças raízes V1 com clítico pré-verbal têm uma importância fundamental para um estudo diacrônico, sobretudo se admitimos que a gramática que observa a "lei T-M" é diferente da gramática que "viola" a "lei T-M".

São as seguintes as construções CI V raízes encontradas nos *corpora*:

(3.15) CI-V em coordenação de sentença raiz

- a) E lhes den ben cada ano o que prometen a Nostro Senhur cada huu que lly dé compridamente seu dizimo (FR.1.5.75v)
- b) Se seruo dalguu ome ha hũa demanda contra outro e o outro contra el, o senhur seya teodo de demãdar e de responder por el ou o desempare (FR.2.1.85r)
- c) Ja ora podes entender, Pedro, que aquelas cousas que Deus ordiõu e soube ante que o mundo fosse feito, compriron-se pelas orações dos santos homens ca en esta maneira as ordinhou ele e as soube ante que o mundo fizesse que se comprissen (DSG.1.16.32)
- d) "Acorree-me aqui, Lourenço Gonçalvez, ca hũu homem me deu hũa punhada no rosto e me depenou a barva!" (CDP.9.49-51)
- e) Ca se esforça homen pera fazer ben en ouvir contar os bêes que os outros fezeron moormente quando sabe que lhi conta verbade e lhi nomea as pessoas certas que aquelas cousas fezeron, ca en cuidar sen outra prova e sen outra certidoen en como se poderian fazer (DSG.1.1.33)
- f) E porque, don Pedro meu amigo, cuidando eu no ben que perdi e no mal que ora soffro, é-mi mui grave de soffrer o estado en que ora vivo, ca mi semelha

que a mha alma anda per hũũ mar en que ha mui tempestade e as ondas me deitan da hũa parte e da outra (DSG.1.1.16)

- g) E a cabo de pouco veo o homen de Deus calçado de sas calças que tragian solas de coiro con seus cravos ben ferradas e tragia a fouce en que segara o feo a seu colo e, ante que chegasse a don Juiãão, mandadeiro do papa, o seu homen lhi disse e lhi mostrou quen era o abade (DSG.1.8.25)
- h) e assi lh'os tragian presos do cabo do rreino e lh'os apresentavom hu quer que estava (CDP.6.23-24)

Para os exemplos em (3.15 (c)), (3.15(d)), (3.15(e)) e (3.15 (f)), levanta-se a questão relativa ao estatuto de "ca", se seria um elemento de coordenação explicativa ou de subordinação causal. Sabemos que a identificação desses dois tipos de estruturas é bastante problemática, como Mattos e Silva (1989:690) comenta: "...chamamos atenção para o facto de que em muitas situações é difícil estabelecer o limite entre coordenação e subordinação. As dependências semântica e sintática seriam as marcas típicas das subordinadas indiscutíveis como é o caso das completivas e relativas em oposição às coordenadas indiscutíveis, isto é, aditivas e disjuntivas. Os enunciados introduzidos por *ca* estão naquela zona limítrofe da coordenação e da subordinação".

A seguinte passagem de Mattos e Silva (p.690) deixa bem evidente a dificuldade da classificação de *ca* por gramáticos do PA: "Estudiosos do português antigo se dividem quanto à sua classificação, por exemplo: Huber (1933: § 430.4) o classifica como coordenativa causal, Epiphanyo Dias (1959:277) como subordinante causal; Carolina Michaëlis (1922: s.v. *ca*), Said Ali (1964:221), Mettmann (1972: s. v. *ca*), sem discutirem se é subordinativa ou coordenativa, o classificam, respectivamente, de *consecutiva, causal, explicativa*".

A análise de *ca* como subordinante causal eliminaria o problema com as construções (3.15 (c)), (3.15(d)), (3.15(e)) e (3.15 (f)), considerando-se que a posição normal dos clíticos nas encaixadas é logo após o conectivo de subordinação. Contudo, optamos por considerar essas quatro construções como explicativas, por julgarmos que esses enunciados expressam uma explicação e não uma causa, evidentemente, uma solução muito subjetiva. Desse modo, a questão do clítico em primeira posição permanece.

Observa-se que, no exemplo (3.15(e)), "ca" apresenta uma leitura adverbial, numa relação de comparação estabelecida entre a sentença introduzida pelo primeiro "ca" e a sentença introduzida pelo segundo "ca", do tipo "mais se esforça homén do que en cuidar...". A realização de "ca" com valor adverbial nos DSG é confirmada pela seguinte passagem de Mattos e Silva (1989:691): "o *ca*, despojado de seu valor explicativo, ocorre como um "elo narrativo", encadeador de histórias. Embora menos frequente que e nessa função, é marcante esse seu emprego e não favorece a interpretação de *ca* como elemento subordinante". Veremos, no item 3.23, que certos advérbios geralmente condicionam a colocação pré-verbal do clítico. Desse modo, a possível análise de "ca", no exemplo (3.15(e)), como advérbio, classificação em que também propomos incluir o "ca" do exemplo (3.15(f)), é uma explicação viável para a possibilidade de realização do clítico em posição pré-verbal nas referidas construções.

Quanto aos exemplos (c) e (d), a simples inclusão de 'ca' no rol dos elementos adverbiais não resolve a questão, desde que é na segunda coordenada, justamente naquela em que não há realização de 'ca', que a ordem CI V se realiza. É interessante o que Ramsden (1963:97)¹⁷ observa sobre esse fato, quando diz que casos de anteposição de clítico em coordenação de sentenças raízes são geralmente atestados em documentos de línguas românicas medievais. Ilustramos com dados do espanhol medieval, um sistema lingüístico essencialmente enclítico, e que, nas palavras de Granberg (1988:254), "no structure could tolerate a clitic pronoun in absolute sentence initial position nor in the initial position of a sentence or clause introduced by the coordinate conjunctions *mas*, *pero*, (*ca*), etc."¹⁸:

(3.16) Et CI V no espanhol (dados de Granberg 1988:233-235)

- a) E ellas **tanto mas** obrauan e creyen e **se** dauan a ello. (GE II:200)
- b) Leuanta te et apressúrate, mi amiga, mi paloma fermosa, ven; ya passó el yuierno et **se** fue la lluuia et **se** partió. (GE III:213)
- c) **ca** nunca ffizo cosa que contra la ffe de Ssanta Eglesia de Rroma ffuese, mas sienpre andido a ssu mandado e le ffue obediente. Temiol otrosí muy uerdaderamente. (Set:14)

¹⁷ Apud Granberg (1988:231).

¹⁸ Segundo Granberg (*ibid.*), o uso moderno de clítico em posição inicial de sentença no espanhol só começa a ser atestado a partir da primeira metade do século XV.

d) Tù tornaste aca et los tomaste (CeD:1984, 172)

e) Yo vos defiendo que non vengades y más, et si non, yo vos çegaré et vos mataré. (CeD:1984, 232)

Na análise de Ramsden, assumida por Gramberg (*ibid.*), todos os casos de clítico pré-verbal em coordenação ocorrem em construções em que o primeiro conjunto da coordenação tem a forma X CL V e em que esse elemento X (normalmente um sujeito enfático ou um adverbial que "atrai" o clítico) está subentendido antes do segundo conjunto da coordenação.

Em outras palavras, a generalização observada significa que nessas construções a coordenação se dá em um nível após o constituinte X, e, assim, não se poderia realmente dizer que o clítico está em primeira posição. A questão dos diferentes níveis em que duas ou mais construções podem ser coordenadas é também a proposta de Salvi (1989/1990/1993) para explicar as ocorrências de construções desse tipo. Assim, não só as construções (3.15(c)) e (3.15(d)) estariam incluídas nesta explicação, como também as construções (3.15(g)) e (3.15(h)), que apresentam estrutura de coordenação X CL V e CL V, sendo X, respectivamente, "o seu homem" e "assi".

As diferentes possibilidades de posicionamento dos clíticos nas estruturas de coordenação são como a seguir:

(3.17) a) e el, por comprir voontade, depenou-lhe a barva e deu-lhe hũa punhada(CDP.9.44-46)

b) e levaron-na a hũü rio e meteron-na dentro na agua (DSG.1.24.19)

c) E foi assi feito, e troverom-lh'o a Avrantes e alli o mandou degollar (CDP.9.54-55)

d) ca en esta maneira as ordinhou ele e as soube ante que o mundo fizesse que se comprissen (DSG.1.16.32)

e) e assi se confortava e deleitava en eles a mha alma ben come fossen novos (DSG.1.29.29)

f) En outro dia abriron-nas e acharon-nas todas cheas ata a cima (DSG.1.15.11)

g) e deitô-o no fogo e matô-o (DSG.1.25.8)

Nos exemplos em (3.17(a)), (3.17(b)), (3.17(g)) e (3.17(f)), o clítico é pós-verbal nas duas coordenadas e, em (3.17(d)), ele está em posição pré-verbal nas duas coordenadas. No exemplo (3.17(c)), o clítico é pós-verbal na primeira sentença da coordenação e pré-verbal na segunda coordenada. No exemplo em (3.17(e)), há uma única realização do clítico *se* para as duas formas verbais coordenadas. Podem-se derivar as diferenças entre essas construções a partir dos diferentes níveis em que a coordenação pode ser realizada numa língua: coordenação de núcleos, coordenação de projeções máximas e coordenação de projeções intermediárias.

Quanto aos exemplos (3.15(a)) e (3.15(b)), uma outra questão se coloca, a do estatuto de *e* e *ou* como conjunções ou advérbios. Já vimos que *ca* podia ter valor adverbial no PA. Mattos e Silva (1989:655) comenta, em relação aos DSG que "O *e*, além de expressar a cópula de enunciados e de constituintes do enunciado, é profusamente usado no *corpus* como uma espécie de encadeador da narração, equivalente, poderíamos dizer, ao *aí* hoje tão comum em narrativas orais informais".

Que certas "conjunções" do PA possam ter, em alguns casos, um valor adverbial é de se esperar, considerando-se que muitas das conjunções latinas são provenientes de formas adverbiais (Cf. Said Ali (1965) e Barreto (1992)). A comparação com outras línguas românicas pode fornecer elementos esclarecedores.

Por exemplo, no FrA, uma outra "filha" direta do latim, construções "Et Cl V" são atestadas e, segundo Foulet (1930) e Adams (1987), o elemento "et" tem valor adverbial em construções desse tipo. Ilustramos esse fato com um exemplo de Adams (1987:114)

(3.18) Et vous dit ____ que entre Briude en Auvergne et Eause (Froissart, p.555)
(e (=então/assi) vos digo que entre Briude em Auvergne e Eause)

Vance (1989:92) cita um exemplo de *Les Quinze Joies de Mariage*, texto do século XIV, em que "et" equivale a "mesmo se":

(3.19) et en la batant il ne fera que alumner le feu de folle amour d'elle et de son amy,
(e em a batendo ele fará somente acender o fogo de louco amor entre ela e seu amigo,
et lui eust il coupé les membres (II, 92)

mesmo se lhe tivesse ele cortado os membros)

Granberg (1988:252) comenta que, no espanhol medieval, a "conjunção" **ou**, em sentenças raízes, condicionava comumente, mas não sempre, o uso pré-verbal do clítico. Segundo ele, "This suggests that this coordinate conjunction may differ in some way from the standard paradigm of conjunctions..." Citamos alguns exemplos abaixo:

(3.20) ou CI V no espanhol medieval

- a) O ganan los coraçones de los omnes o **los** pierden. (Doze:108)
- b) Et vienen otros e ffúrtangelo o **ge lo** rroban, e non les ha ende grado (Set:45)

Granberg (*ibid.*) comenta que, em geral, o clítico é pré-verbal quando a disjunção apresenta uma alternativa entre dois elementos, um deles excluindo o outro. Este também é o caso da nossa construção em (3.15(b)), em que **ou** permite como leitura as expressões adverbiais "ao contrário", "de outra forma".

Pensamos, portanto, que as construções apresentadas em (3.15) de forma alguma fomentam uma análise de violação da "lei T-M". Se **ca**, **e** e **ou** podem, em alguns casos, funcionar como advérbios, a colocação pré-verbal do clítico deixa de ser uma exceção. Por outro lado, se o mecanismo de coordenação pode se aplicar a diferentes níveis estruturais, construções coordenadas com clítico pré-verbal não são estranhas.

É evidente que mais uma pergunta pode ser colocada quanto a essas construções: quais as propriedades sintáticas que distinguem tais construções das "modernas" CI V do PB (assim como das do FrM e do EspM), como em:

- (3.21) a) E lhe dei um belo presente
b) Ele me viu e me cumprimentou
c) Me contaram um caso incrível
d) Ou me ajuda ou me esquece

Consideramos essa questão no item 4.2.

3.1.3 A negação e os complementos pronominais na ordem V1

A ordenação dos clíticos e da negação entre si mesmos, e a sua ordenação em relação aos constituintes maiores da sentença fornecem evidências empíricas fundamentais às propostas teóricas que desenvolvemos no capítulo 4. Esse é o motivo da inclusão dessas questões na nossa pesquisa.

Observamos que os documentos em estudo apresentam uma certa assimetria em relação às ordens Neg + Cl + V / Cl + Neg + V, sendo a primeira característica de sentenças raízes, e a segunda, de sentenças encaixadas (Mattos e Silva (1989) e Huber (1986) também chamam atenção para esse fato). Alguns exemplos são apresentados abaixo:

(3.22) negação em sentença raiz (Neg Cl V)¹⁹

- a) e non se afastauam muito (CPVC.3v.24-25)
- b) e nom lh'o podiam ja tirar das mãos (CDP.7.56)
- c) e nom lhe valesse nenhũa igreja (CDP.9.53)
- d) e nõo quiserõ conhecer (FR.1.2.73r)
- e) e non-nas preçava rem (DSG.1.1.11)
- f) mais non-no sol veer (DSG.1.2.8)
- g) Nom se podem tam temperadamente dizer os louvores d' algũa pessoa (CDP.11.3-4)
- h) e nom lh' o podiam ja tirar das mãos (CDP.7.56)
- i) e nom o podiam quitar d' ello per nenhũa guisa (CDP.6.16-17)

(3.23) negação em sentença encaixada (Cl Neg V)

- a) porque lho nõ aviamos de dar (CPVC.3.31)
- b) por que se lho nõ queria tēer (CPVC.10v.20)
- c) que lhe nõ pode homẽ dar comto (CPVC.11.13-14)
- d) e por esto defendeo el-rrei que a nom fosse nenhũu mais ver (CDP.17.75-76)
- e) alçando os agravos aos teus sobditos que lhe nom seja feita enjuria (CDP.3.40-41)

¹⁹ Não computamos a negação para manter um padrão descritivo. Contudo nossa análise propõe uma distinção do o estatuto sintático da negação em sentenças raízes e em encaixadas. Propomos, na realidade, que, em sentenças com a ordem Neg CL V, a negação não é distinta de outros advérbios, como nem, por exemplo, tendo estatuto de constituinte XP. Assim, Neg CL V resulta em construção V2 em termos dessa análise.

- f) e sse disser que as nõ pode auer (FR.2.8.94v)
- g) de guysa que o nõ perça a eygreya cuio é (FR.1.5.76v)
- h) assi son caladas que as non sabemos nós (DSG.1.1.27)
- i) mandou que o non dissesen a nengũũ (DSG.1.17.22)
- j) Muito me leixas triste por estes meniños que mi non dás (DSG.1.28.22)

Embora sejam essas as ordens do tipo padrão, algumas poucas exceções são encontradas nas encaixadas, como nos exemplos abaixo, que se realizam com a ordem Neg CL V:

(3.24) Neg + CI + V nas encaixadas

- a) dissesse ca non o podesse reprehender (FR.1.5.75r)
- b) ca nõno deuen todos razõar (FR.2.1.86r)
- c) quando vivia en meu moesteiro e non se partia a mha alma per desvairados cuidados das cousas temporaes e vããs daqueste mundo (DSG.1.1.4)
- d) e mandou a pressa que lh' o trouvessem preso, e nom lhe valesse nehũua egreja (CDP.9.52-53)

O Quadro 3.3 abaixo mostra a distribuição das ordenações dos clíticos e da negação nas construções V1 dos quatro documentos²⁰:

Tipos de Sentença	Ordem/Texto	FR	DSG	CDP	CPVC
raiz	CL V(S)	2	8	1	2
relativa		108	101	64	26
adverbial		63	63	50	30
completiva		22	59	80	18
raiz	Neg CI V(S)	5	12	7	10
relativa		3	/	/	/
adverbial		6	1	/	1
completiva		5	/	/	/
raiz	CI Neg V(S)	/	/	/	/
relativa		5	5	3	/
adverbial		22	6	6	7
completiva		2	9	6	/
raiz	V CI (S)	32	101	100	52
relativa		/	1	/	/
adverbial		/	1	1	2
completiva		3	6	2	1
	TOTAL	278	373	320	149

Quadro 3.3. Ordenação dos clíticos e da negação nos diferentes tipos de sentenças V1 nos quatro corpora

²⁰ Só foram computadas sentenças V1.

3.2 Tipos de construções V2

As construções com verbo em posição medial, ou V2, com sujeito foneticamente realizado em posição pré- ou pós-verbal, são dos seguintes tipos: (a) S V (X), (b) X V (S) e (c) X V X S. As com sujeito nulo apresentam-se com a ordem X V (X)²¹.

3.2.1 A ordem S V (X)

A ordem S V (X), no PA, considerada como "ordem normal" por Huber (1993) e "ordem directa" por Pádua (1960), ocorre em sentenças raízes e encaixadas, num total de 17.61% dos dados. Nenhuma restrição foi observada sobre o tipo de DP sujeito, podendo ser nominal ou pronominal, definido ou indefinido. Em (3.25), exemplificamos as construções S V (X) em sentenças raízes e, em (3.26), as construções S V (X) em sentenças encaixadas (colocamos em **negrito** os constituintes sujeitos):²²

²¹ Em Mateus et alii (1989:228-236) são identificados quatro processos de formação de tópicos marcados no PEM, em que um constituinte diferente do sujeito ocupa uma posição em início da sentença:

- (i) **Fábulas**, não gosto especialmente da história do corvo e da raposa
- (ii) **O corvo**, a raposa roubou-lhe o queijo
- (iii) **A Ana**, o João juntou com ela ontem
- (iii) **Ao corvo**, a raposa roubou-lhe o queijo
- (iv) **Ao corvo**, a raposa roubou o queijo [-] num abrir e fechar de olhos

As características desses tipos de tópicos marcados são assim definidas em Mateus et alii:228-234:

I - **Tópico Pendente** (exemplo em (i)). Não existe conectividade referencial entre o tópico e a expressão interna ao comentário, mas obedece à condição de relevância; o tópico não é um argumento do predador presente no comentário.

II - **Deslocada à Esquerda de Tópico Pendente** (exemplos em (ii)). Existe conectividade referencial entre o tópico e o elemento interno ao comentário. Esse elemento não é necessariamente um pronome clítico. Não há conectividade de Caso entre o tópico e a expressão interna ao comentário. Esse tipo de tópico só ocorre em ambientes de sentenças raízes e não é possível mais de um constituinte "deslocado" nesse tipo de construção. Esse tópico é um elemento externo à predicação contida no comentário.

III - **Deslocada à Esquerda Clítica**. (exemplo em (iii)). Existe conectividade referencial entre o tópico e o elemento interno ao comentário, sempre um clítico. Há conectividade de Caso entre os dois elementos, não se limita a contextos de sentença raiz e pode ser recursivo.

IV - **Topicalização** - (exemplo em (iv)). Existe uma posição vazia (uma lacuna) no comentário, interpretada obrigatoriamente como dependente referencial do tópico. O tópico manifesta o Caso que lhe seria atribuído se ocupasse a posição vazia no comentário. A topicalização não está limitada a ambientes de sentença raiz e pode ser recursivo.

Para a descrição das ordens encontradas, consideramos só o número de constituintes que antecedem o verbo, sem preocupação com os diferentes comportamentos sintáticos desses constituintes. No item 4.1 procuramos identificar as diferentes construções.

²² Nos itens 4.1 e 4.2 observo que alguns desses DPs não são sujeito no sentido estrito do termo; eles se comportam sintaticamente como elementos topicalizados e/ou deslocados à

(3.25) S V raiz

- a) E a **serpente** obedeceu tan toste (DSG.1.5.34)
- b) e as **naaos** arribaram sobreles (CPVC.F2.29)
- c) e **todalas outras cousas que no logar silam** ficaram a salvo (DSG.1.9.5)
- d) E elle juntou per esta guisa ante d'hüu anno n'aquelles castellos tam grande tesouro que era estranha cousa de veer (CDP.13.56-58)
- e) **os cabelos seus** sam coredios (CPVC.F2v.18-19)
- f) **As gentes que dormiam** sahíam aas janelas (CDP.14.26-27)
- g) **Nenhuu ome** nõ diga testimonyo per carta (FR.2.8.94r)
- h) **eles** amdauam aly na praya aaboca do rrio (CPVC.F6v.5-6)
- i) **este queo agasalhou** era ja de dias (CPVC.F4v.10-11)
- j) **ajente que aly era** nõ serja mais caaquela que soya (CPVC.F6v.24-25)
- k) e huü deles trazia huü arco e bj ou bij seetas (CPVC.F2.37)
- l) **Todo crischao** crea firmemente que... (FR.1.1.71r)
- m) **mays cada huu** faça as cartas per sa mao (FR.1.8.80r)
- n) e elle fogio a pressa (CDP.21.16)
- o) **Eu** viim aquí pera comer (DSG.1.18.10)

Os exemplos (a/b/e) ilustram realizações de sujeitos [+definidos], e (g/k/m/n) são exemplos de sujeitos [-definidos]. Em (c/f/i/j/l), os sujeitos são constituídos de elementos nominais modificados por uma relativa, são os chamados "DPs complexos". Realizações do sujeito por pronomes pessoais estão ilustradas em (d/h/o/p).

(3.26) S V encaixada

- a) como **vosa alteza** sabe (CPVC.F1.16)
- b) per guisa que **eu** nom puide tomar d'ello conta assessegadamente (CDP.13.27-28)
- c) Acaeceu hüü dia que **seu padre e sa madre** fizeram gram jantar a seus vezihos fora da vila (DSG.1.2.6)
- d) doque **eles** dariam (CPVC.F6.26-27)
- e) des que el começara de **reinar ataa entom** (CDP.13.37)
- f) as carnes que **os outros** comian (DSG.1.2.6)

esquerda. Mas, para efeito das descrições, mantemos a identificação dos constituintes nominais que estabelecem uma concordância com o verbo como sujeito.

- g) E se o demandador quiser prouar (FR.2.6.91r)
- h) ca mi semelha que a mha alma anda per hüü mar en que ha mui tempestade
(DSG.1.1.16)
- i) non ouvi que **aqueste** fosse discipolo de nengüü (DSG.1.2.19)
- j) E pois entendeu que **os pobres** avian ja sa parte (DSG.1.17.16)
- k) E digo-ti, Pedro meu amigo, que **estas mhas lagrimas de que me perguntas**
crecen cada dia mais (DSG.1.1.21)
- l) os nomes dalgüüs a que **algüüs** feitos de que eu falo acaeceron
(DSG.1.1.24)
- m) E quando veo o tempo que **aqueles poucos d'azeos d'uvas** que lhi ficaram
amadureceron (DSG.1.17.7)
- n) nas bulras e nos enganos per que **os que no mundo viven** soen a passar
(DSG.1.1.23)
- o) achou que naquela hora foi a monja sãã da féver, en que **o abade que estava**
ende muito alonjado dissera que seeria sãã (DSG.1.5.74)
- p) mais pero tan ben sabia el sofrer os seus costumes que **todo lh' era prazer**
quanto lhi o abade fazia (DSG.1.13.8)

Nos exemplos acima, o sujeito é um elemento [+definido] em (a/c/g/h/j), um elemento [-definido] em (f), um pronome pessoal em (b/d/e), um demonstrativo em (i) e um *DP* complexo em (k/l/m/n/o). O exemplo em (p) traz um dado sintático importante. Observa-se que a sentença encaixada, uma consecutiva, tem uma leitura como: 'que todo quanto lhi o abade fazia lh' era prazer', em que o sujeito é um *DP* complexo, formado pelo constituinte "todo" + a relativa "quanto lhi o abade fazia"; no entanto, só "todo" se realiza em posição pré-verbal, ficando a relativa em posição pós-verbal.

Como observação final deste item, queremos chamar atenção para o fato de que nenhuma ocorrência de sujeito expletivo foi encontrada nos dados. Uriagereka (1992:8) cita os seguintes exemplos do galego e do português:

- (3.27) a) El chove (Galician)
- b) Isto sao dez horas ja (Portuguese)
- c) el e sabido que ... (Galician)
- d) elle ha marotos muito grandes na tropa (Portuguese)
- e) el sabedes cando chegaran (Galician)

f) el era unha lanterna de papel (Galician)

Nada semelhante a essas construções encontramos nos nossos dados: nenhuma construção com verbo impessoal, ou ergativo, ou passivo se realiza com sujeito expletivo foneticamente realizado. Em todas elas, o sujeito é nulo.

3.2.2 A ordem X V (S)

São frequentes, nos textos, construções em que um constituinte diferente do sujeito inicia a sentença, apresentando ordenações do tipo X V S (com sujeito foneticamente realizado) e X V (com sujeito nulo). Essas ordens são mais frequentes do que a ordem S V (X), perfazendo um total de 23.92% dos dados. Nesses dois tipos de construção, o constituinte X inicial pode ser representado por um complemento, um predicativo, um adjunto verbal, um advérbio de sentença, ou uma sentença adverbial.

As ordens X V S e X V (C/X), são encontradas quer em sentenças raízes, quer em encaixadas. Sobre a ordem V S nesse tipo de construção, Mattos e Silva (1989:793) diz que o deslocamento do sujeito para depois do verbo, frequente nos DSG, "decorre ou do deslocamento do complemento para a primeira posição (...) ou de haver, no início do enunciado, circunstanciais...". De modo semelhante, mas com base em outros documentos, dos séculos XIV e XV, Pádua (1960) observa a importância da colocação inicial dos complementos e dos elementos adverbiais nas construções com inversão de sujeito e verbo.

Em (3.28) e (3.29), estão exemplos da ordem X V S em sentenças raízes e encaixadas, respectivamente; em (3.30) e (3.31), da ordem XV (estão em negrito os constituintes representando X):²³

(3.28) ordem X V S em sentenças raízes

- a) E **por esta razão** aueem muytas descordias e muytas contendas antr'os omees (FR.1.1.70v)

²³ O pequeno número de ocorrências da ordem VXS indica que a denominada "posposição de sujeito" ou "inversão românica" é uma construção rara no PA, diferentemente de línguas românicas modernas, como o italiano e o espanhol, que parecem fazer uso desse tipo de construção com muita frequência.

- b) E **esto** lhi fazia o prazer que avia en cuidar sempre nas cousas celestiaes (DSG.1.1.12)
- c) e **tan grande** foi a coita que ouve que... (DSG.1.5.68)
- d) E **a cabo de pouco** veo o homen de Deus calçado de sas calças (DSG.1.8.25)
- e) E **aacima a piedade** venceu a homildade (DSG.1.4.11)
- f) **Daqueste** conta hüü clerigo de missa, que foi seu criado, muitas maravilhas que fez (DSG.1.17.3)
- g) E **pois fez sa oraçon** tornou a alma ao corpo do meniho e viveu (DSG.1.4.13)
- h) E **esta vertude de paceença** ouve este santo monge Libertino mui compridamente (DSG.1.5.5)
- i) **Ben** sei eu ainda algũa cousa deste santo homen (DSG.1.5.3)
- k) E **estes dizimos** quis Nostro Senhur pera as eygreyas fazer (FR.1.5.75r-75v)
- l) E **esta meesma pëa** ayã os saos que non ueerë nen enuiarë responder aos plazos (FR.2.3.89r)
- m) -Padre, **aqueste por que me tu rogas** vejo eu que non he monge (DSG.1.5.62)
- n) -Ora ponho eu as mhas paravoas na ta boca (DSG.1.7.7)
- o) -Ai eul Ai eul **Morto** he aquel mesquinho! (DSG.1.18.9)
- p) E **estes** dizia el-rrei que mandava matar porque forom da parte da rainha dona Branca (CDP.20.83-84)
- q) **Com estas e outras taaes rrazões** arrefeço el-rrei de sua brava sanha (CDP.7.62-63)
- r) e **de seis filhas** que elle tiinha escolherom os messegeiros hüua que chamavom dona Branca (CDP.16.48-49)
- s) **Em outro dia** estavom mui grandes tendas armadas no Rressio acerca d'aquell moesteiro (CDP.14.47-49)
- t) E **nom curando mais de fallar de taaes jogos**, hordenou el-rrei de fazer conde e armar cavalleiro Joham Affonso Tello (CDP.14.32-34)
- u) **edaquy** mandou ocapitã a njcolao coelho ebertolameu dijz que... (CPVC.F3v.9-10)
- v) e **do emsino** que dantes tijnhem poseram todos os arcos (CPVC.F6v.7-8)
- w) **acabada amisa** tirou o padre a vestim^{ta} decjma (CPVC.F12v.8-9)
- x) **Edepois dacomunham.** comungaram eses rrelegiosos e sacerdotes (CPVC.F12.30-32)
- y) e **saindo-se da casa**, caeu hüü seixo do teito da casa (DSG.1.18.13)

z) **E pois o meniño fez o que lhi mandaron**, colheu o bispo en hũu vaso aquele pouquetinho de viõ que das uvas saio (DSG.1.17.13)

Os exemplos acima mostram que diferentes tipos de constituinte podem ocupar a primeira posição na sentença: um objeto direto (exemplos b/h/k/l), um PP (exemplos a/d/e/f/q/r/s/v/x), uma sentença adverbial (exemplos g/t/w/y/z), um advérbio (exemplos i/c/n/u), um predicativo (exemplo (o)).

As construções (m) e (p) ilustram a possibilidade sintática de o sujeito da sentença encaixada (para o exemplo em (m)) ou do objeto do verbo da sentença encaixada (para o exemplo em (p)) poderem ser deslocados para a sentença raiz. Nesses dois exemplos, o sujeito e o objeto das respectivas sentenças encaixadas ocupam a primeira posição da sentença, uma posição pré-verbal.

Embora as construções X V S sejam mais atestadas nas sentenças raízes, não se pode dizer que estejam ausentes dos domínios encaixados, ao menos nas completivas e adverbiais. Nenhuma ocorrência da ordem X V S foi registrada nas relativas. Em número de ocorrências, as encaixadas XVS se realizam 13 vezes em um total de 36 realizações dessa ordem no FR; nos DSG, há 32 realizações da ordem XV nas encaixadas em um total de 124 construções; na CDP, computamos 134 construções XV, sendo 24 em sentenças encaixadas; na CPVC, de 71 construções XV, só 06 se realizam em encaixadas, unicamente em completivas.

Apresentamos abaixo exemplos de X V S nas completivas e adverbiais (estão em **negrito** os constituintes X iniciais e sublinhados os sujeitos pós verbais).

(3.29) ordem X V S em sentenças encaixadas

- a) **nõ doujdo que per ese sartãao** ajam mujtas aues (CPVC.F10.9-10)
- b) **creo Sñor que com estes dous degradados que aquy ficam**. ficam mais dous grometes (CPVC.F13.28-29)
- c) **e deziã que em cada casa se colhiã** xxx ou R. pesoas (CPVC.F9.19-20)
- d) **segundo veer podem os que desejã de o saber**, leendo parte de sua estoria (CDP.P.80-82)
- e) **dizendo que ... e que melhor sabia ell** quem ella era que ell (CDP.9.17-18)

- f) ...respondeo a esto que **bem certo** devia el de seer dos bõos e grandes divedos que sempre ouvera antre os rreis de Purtugall e d'Aragom (CDP.15.72-75)
- g) depois que **antre elles** rrecrecera aquella discordia (CDP.15.82-83)
- h) E se **ante das feyras** for o preyto começado (FR.2.5.90v)
- i) por mostrar ca el era senhur de todo e **per el uijam** todollos bees (FR.1.5.75r)
- j) E se **per sa culpa** perder o dono da uoz o preyto (FR.1.10.82r)
- k) osmo que **ante** se acabaria o dia que eu leixasse de contar o que... (DSG.1.1.29)
- l) debes a entender, Pedro, que **algũs feitos** contarei eu per razon daquelas cousas (DSG.1.1.39)
- m) porque **ao papa** prougue o queixume que lhi fezeron os clerigos alousinhadores (DSG.1.8.8)
- n) E por esto parece abertamente que **pela oraçon d'Anastasio** comprio Nosso Senhor aaquel frade o desejo que avia da morte (DSG.1.16.17)
- o) achou que **naquela hora** foi a monja sãã da féver, en que o abade que estava ende muito alonjado dissera que seeria sãã (DSG.1.5.74)
- p) E se a Escriptura afirma que **por o rrei nom fazer justiça** vêm as tempestades e tribullações sobre o poboo (CDP.1.42-45)
- q) ueemos que **aquelles que deritamête o fazem** acrecentalhes Deus seus bees (FR.1.5.75v)
- r) Se **sobre hũa demanda** forẽ muytos (FR.2.1.85v)
- s) de guisa que **n' aquell dia ou no outro seguinte** eram as partes desembargadas (CDP.4.15-16)
- t) como quer que **assi fizesse David** (DSG.1.8.52)
- u) tanta vãã gloria lhi creceria en seu coraçon quanto **louvor** lhi dessen os homens aa de fora (DSG.1.17.19)

Da mesma forma como ocorre nas sentenças raízes com a ordem X V S, diferentes tipos semânticos de sintagmas preposicionados realizam o constituinte X nas construções encaixadas X V S, como nos exemplos (a/b/c/g/h/i/j/m/n/o/r). As outras realizações do constituinte X são: advérbios nas construções (e/f/k), uma sentença adverbial em (p), um objeto direto em (l) e um infinitivo em (d). Assim, os mesmos tipos de constituintes que podem realizar X nas sentenças raízes podem aparecer nas sentenças encaixadas.

No exemplo (q), X é um dativo não preposicionado, retomado pelo clítico "lhe"²⁴.

A ordem X V raiz se distingue da ordem X V S raiz unicamente pela não realização lexical do sujeito, sendo o estatuto sintático do constituinte X o mesmo nos dois tipos de ordem, como se pode observar a partir dos exemplos abaixo:

(3.30) ordem X V em sentenças raizes

- a) e **se o díser** peyte .C. marauidis a el rey (FR.1.2.73v)
- b) e **estes terceyros ou aquelles que an de colier os dizymos** deffendemos
que nõ seyam ameaçados de nenguu (FR.1.5.76r)
- c) e **de mil marauidis a cento** receba .I. soldo de burgaleses (FR.1.8.79r)
- d) e **en esto** pecava ainda mortalmente (DSG.1.24.12)
- e) e **con muitas lagrimas** dava con a cabeça en terra (DSG.1.31.10)
- f) **E tan vilmente** andava vestido (DSG.1.7.20)
- g) Ora entendi, Pedro, de quam gram merecimento foi este Constancio
(DSG.1.10.7)
- h) **Muito** fezești boa demanda, Pedro (DSG,1,10,11)
- i) **da marinhagem e simgraduras do caminho** nõ darey aquy cõta a vossa alteza
(CPVC.F1.11-13)
- j) **Easy** segujmos nosso caminho per este mar delomgo (CPVC.F1.29-30)
- k) e **amỹ** mandou que fose cõ nicolaa coelho (CPVC.F3v.19)
- l) **ao velho cõ que ocapitam falou** deu huia carapuça vermelha (CPVC.F8.4-5)
- m) e **aly** pararom (CPVC.F3v.33)
- n) **ca el** dizem que foi mui luxurioso (CDP.16.13-14)
- o) e **em outro dia** chegou a Monte Alvom (CDP.16.73-74)
- p) e **d'alli** partio (CDP.21.71)
- q) **Estando el-rrei ainda comendo**, mandou chamar logo o iffante dom Joham
seu primo (CDP.21.4-5)
- r) **mais pera non entenderes que eu ti quero seer desobediente** quero fazer o
que me rogas (DSG,1,5,66)
- s) e **aquesto** prouamos cada dya (FR.1.5.75v)
- t) **mays seu preyto publico** razoe se quiser (FR.1.10.81r)

²⁴ Identifica-se esse tipo de construção como "deslocada à esquerda clítica".

u) e tall hordenança tiinha em esto que nêhüu era deteudo em sua casa
(CDP.1.33-35)

Os constituintes X que antecedem os verbos nas construções acima são: sentença adverbial em (a/q/r), sintagma preposicionado em (c/d/e/i/k/l/o/p), advérbio em (f/g/h/j/m), objeto direto em (s/t/u), portanto, os mesmos tipos de constituintes X que aparecem nas construções X V S raízes. Nos exemplos (b) e (n), X é o sujeito das respectivas sentenças mais encaixadas²⁵.

A ordem X V, nas encaixadas, é bem mais freqüente do que a ordem X V S, totalizando os seguintes números de ocorrência: no FR, 137 das 376 construções XV são de encaixadas; nos DSG, há 235 ocorrências de XV em encaixadas, em um total de 432 construções; na CDP, ocorrem 278 construções XV encaixadas em um total de 436; na CPVC, das 179 construções XV, 76 são de sentenças encaixadas (cf. Quadro 3.5).

Diferentemente do que acontece com a ordem X V S, a ordem X V é atestada nas relativas, sendo inclusive mais freqüente do que nas outras encaixadas, exceto no documento FR, como os números abaixo mostram:

Textos/Tipos de Sentença	relativa	adverbial	completiva	raiz
FR	43 / 11.4%	82 / 21.8%	12 / 03.2%	234 / 62.2%
DSG	157 / 36.3%	53 / 12.2%	25 / 05.7%	197 / 45.6%
CDP	138 / 31.6%	66 / 15.1%	74 / 16.9%	158 / 36.2%
CPVC	50 / 27.9%	17 / 09.4%	09 / 05.0%	103 / 57.5%

Quadro 3.4: Porcentagens da ordem X V nas encaixadas e na raiz

Exemplos dessas construções são apresentados abaixo:

(3.31) ordem X V em sentenças encaixadas

- a) aqueles que mal fazē (FR.1.1.71v)
- b) e natureza que del recebiā (FR.1.2.73r)
- c) se iurar que ante nō sabya aquela razō per que o queriā deytar (FR.1.7.79r)
- d) perante aqueles que aqui estavam (CDP.13.16-17)
- e) ... dizer que mais teendes juntas de vinte mil dobras (CDP.13.30-32)
- f) pois a el-rrei nom prazia d'ello (CDP.18.49)
- g) ... disse que ... e que as pousadas cuidava que seeriam boas (CDP.20.32-33)

²⁵ Na análise que apresentaremos no item 4.1 veremos que constituintes desse tipo podem ser analisados com tópicos marcados.

- h) as amarguras grandes que **eno meu coração** avia (DSG.1.1.7)
- i) se **de vista** foren (DSG.1.1.38)
- j) E pois que **esto** feze (DSG.1.17.14)
- k) pero sabe Deus que **morto** he (DSG.1.18.12)
- l) ataa que **mais** nom podiam (CPVC.F4.1-2)
- m) em huü jlheeo grande que **na baya** esta que **de baixamar** fica muy vazio (CPVC.F4v.28-30)
- n) por eles nom quererem que **la** dormisem (CPVC.F10.26-27)
- o) quando **aquy** chegamos (CPVC.F11v.26)
- p) polos preitos dos homens que **no mundo** viven (DSG.1.1.4)
- q) nas cousas celestiaes que **sempre** duran (DSG.1.1.12)
- r) E o coração, que **tan fremoso** soia seer pelos bẽes celestiaes en que **sempre** cuidava, (DSG.1.1.14)
- s) as pessoas certas que **aquelas cousas** fezeron (DSG.1.1.33)
- t) E todos aqueles que **esto** viron (DSG.1.2.10)
- u) con todolos outros que **con el** moravan na vila (DSG.1.2.11)
- v) aqueles que **ordiada vida** fazem (DSG.1.2.20)
- w) outros que **enfermos** somos e muito alonjados daquestes homẽes (DSG.1.2.28)
- x) a fe da molher que **o filho** tiinha morto (DSG.1.4.18)
- y) aaqueles que **estas cousas que eu conto** quiseren leer e ouvir (DSG.1.1.38)
- z) ainda seguia o enxemplo de Nosso Senhor Jesu Cristo que, **querendo trazer os homens a carreira d'homildade**, mandou aos seus discipolos que... (DSG.1.17.20)

Nessas construções, o constituinte X está representado por: advérbios (exemplos a/c/d/e/l/n/o/q/r), sintagmas preposicionados (exemplos b/f/h/i/m/p/u), complementos verbais (exemplos j/s/t/v/x/y), predicativos (exemplos r/X), participio adjetival (exemplo k), sentença adverbial (exemplo w) e pelo sujeito da sentença mais encaixada (exemplo g).

Assim como ocorre nas construções V1, em algumas poucas construções V2, um constituinte X pode ocorrer entre o verbo e o sujeito, dando origem a uma estrutura do tipo XVXS, como em:

(3.32) X V X S raiz e encaixada

- a) Hũa noite veo a mín huü mancebo mui fremoso (DSG.1.7.6)

- b) E tanta foi des ali en deante a **virtude de Deus en ele** (DSG.1.5.56)
- c) A cabo de poucos dias morreu primeiramente **Anastasio**, que primeiro fora chamado (DSG.1.16.12)
- d) mais pela sa perfia e pelas sas encantações, en que confiavan, entraron en ela **seix mil e VI centos e sasseenta e VI** (DSG.1.24.23)
- e) porque pelos feitos dos bõs recebem gram proveito os outros homens que **no mundo viven** (DSG.1.17.29)
- f) E se doutra quysa for posta a **pëa** (FR.1.11.83v)
- g) E se alguê contra quê forem dadas as testemunhyas for è aquel logar, façalho a saber o **alcayde** (FR.2.8.94v)
- h) stabellecemos que enas cidades <e> enas uillas todas seyan postos **escrivaos ppublicos** (FR.1.8.79r)
- i) e a aquesto seya dâdo **fiador** (FR.1.10.81r)
- j) e, teendo cada hũu cuidado de lhe responder, chegarom-lhe em esta sazom **suas rrespostas** (CDP.3.15-17)
- l) e de Castella veo a elle, da parte d'el-rrei dom Pedro, hũu cavalleiro que **chamavom Fernam Lopez d' Estunhega** (CDP.15.13-15)
- m) aly era com ocapitam **abandeira de xpos** (CPVC.F5.12-13)
- n) e tanto que os batees poserã as proas em trra pasarãse logo **todos** aalem do rio (CPVC.F6v.8-10)
- o) e quando fazemos vela seriam ja na praya asentados jumto cõ orrio, **obrra de ix ou ix homeës** (CPVC.F2.18-20)

Os elementos que ocorrem entre o verbo e o sujeito são: sintagmas preposicionados nos exemplos (a/b/d/j/m), elementos adverbiais, como nos exemplos (c/n), mais raramente um objeto direto, como em (e), formas verbais no particípio ou no infinitivo, como em (f/h/i/g). No exemplo (l), dois sintagmas preposicionados intervêm entre o verbo e o sujeito e, no exemplo (o), são três os constituintes realizados entre o verbo e o sujeito: o advérbio "ja", o sintagma preposicionado "na praya" e o particípio adjetival "asentados" + a locução adverbial de lugar "jumto cõ orrio".

O Quadro 3.5 abaixo sumariza as possibilidades de ordenação dos constituintes nos quatro documentos.

Tipo Sent.	Ordem/Texto	FR	DSG	CDP	CPVC	TOTAL
raiz	SV(X))	97	119	134	81	431
relativa		32	109	97	33	271
adverbial		181	91	100	42	414
completiva		49	79	72	05	205
raiz	XVS	23	92	110	65	290
relativa		/	/	/	/	/
adverbial		09	13	11	/	33
completiva		04	19	13	06	42
raiz	XV(C/X)	242	197	158	103	700
relativa		43	157	138	50	388
adverbial		85	53	66	17	221
completiva		12	25	74	09	120
raiz	XVXS	01	04	03	08	16
relativa		/	/	/	/	/
adverbial		01	01	/	02	04
completiva		/	01	/	01	02
	TOTAL	779	960	976	422	3.137

Quadro 3.5: Distribuição das construções V2 nos quatro tipos de sentenças

3.2.3 A colocação dos complementos pronominais nas construções V2

O posicionamento dos complementos pronominais clíticos tem sido utilizado como um guia para identificar certos processos sintáticos relacionados com focalização e topicalização nas línguas românicas. Por exemplo, é um fato bastante conhecido que, no PEM, a próclise só ocorre nas sentenças raízes introduzidas por quantificadores, por sintagmas focalizados, por certos advérbios focalizados, ou pelo operador de negação predicativa 'não'. De outro modo, é a ênclise que se superficializa nas sentenças raízes. Ilustramos tal distribuição abaixo (os dados são de Barbosa 1991:3-5):

(3.33) próclise / ênclise no português europeu moderno

- a) Ninguém o viu
 * Ninguém viu-o (DP Quantificado)
- b) Só o Pedro o viu
 * Só o Pedro viu-o (Foco)
- c) O Pedro não o viu
 * O Pedro não viu-o (Negação)
- d) O Pedro já/nunca o viu
 * O Pedro já/nunca viu-o (Advérbio)
- e) *A Maria o viu
 A Maria/ela viu-o (DP referencial)
- f) *Aqueles rapazes, a Maria os viu ontem (Tópico)

Aqueles rapazes, a Maria viu-os ontem

Nos exemplos (3.33(a)), (3.33(b)), (3.33(c)) e (3.33(d)), o DP quantificado, o DP focalizado, a negação e os advérbios, respectivamente,

condicionam a próclise, obrigatória nesses contextos, como indica a agramaticalidade dessas construções com ênclise. Por outro lado, nos exemplos (3.33(e)) e (3.33(f)), a próclise origina construções agramaticais; os DPs referenciais condicionam o uso enclítico do pronome complemento quer em estruturas com topicalização, quer em estruturas sem topicalização.

Assim justificamos a necessidade de observarmos se a colocação pré- ou pós-verbal dos clíticos no PA está condicionada pelo estatuto sintático dos constituintes que antecedem o verbo. Neste subitem, fazemos somente a apresentação dos diferentes ambientes em que os clíticos se realizam no PA. Deixamos para o item 4.1 a discussão do estatuto sintático desses constituintes, sobretudo no que se refere à sua caracterização como elementos focalizados ou topicalizados.

3.2.3.1. As ordens S CL V e X CL V

Observa-se, nas sentenças raízes com as ordens S V (X) e X V (S), que o pronome complemento pode estar numa posição pré- ou pós-verbal. Os exemplos em (3.34), (3.35), (3.36) e (3.37) ilustram casos de colocação pré-verbal.

(3.34) complemento pronominal pré-verbal nas construções raízes S CL V (X)

- a) E cada huu se guarde de mal fazer (FR.1.2.72r)
- b) e eles os poseram (CPVC.F1v.31-32)
- c) e nicolaao coelho lhes fez sinal (CPVC.F1v.30-31)
- d) e ocapitã lha fez tirar (CPVC.F7.29-30)
- e) e eu ch'o darei (DSG.1.5.47)
- f) e os seus homens o levavan hu quer que queria ir en sas mãos (DSG.1.12.4)
- g) Deus ti me deu porque quesisti fazer tantas vegadas furto naqueste horto en
que os monges tanto trabalho sofren (DSG.1.5.43)
- h) e o cardeall se agravou contra el-rrei (CDP.19.31)
- i) e el-rrei lhe mandou dizer outra vez que ... (CDP.18.21)
- j) e elle as dava a hüu escrivam quall lhe prazia (CDP.4.10-12)
- k) Eu ti mando eno nome de Jesu Cristo que...(DSG.1.5.33)
- l) mays aquelles que foren dados d' amballas partes o razoë (FR.2.1.86r)
- m) Ei as galias que cria, húa raposa lhas comel (DSG.1.23.6)

- n) E huũ deles lhe deu huũ huũ sombreiro de penas daues compridas (CPVC.F1v.36/F2.3)
- o) e outros se afastauam (CPVC.F6v.14)
- p) Este escudeiro se veo a namorar de Catellina Tosse (CDP.8.26-27)
- q) e jsto me faz presumir que nõ teem casas nẽ moradas (CPVC.F8.20-21)
- r) e todo se pasa como eles querem (CPVC.F8.3)

(3.35) complemento pronominal pré-verbal nas construções S CI V (X) encaixadas

- a) asy mesturados cõ eles. que eles se esqujuauam (CPVC.F6v.19-20)
- b) ante dise ele que... e ele se queixou (CPVC.F8v.31-32)
- c) Eem tal maneira se pasou acousa que bem xx ou xxx pessoas das nosas se forã cõ elles (CPVC.F8v.10-11)
- d) en guisa que o osso se partiu en duas partes (DSG.1.28.31)
- e) o abade sabia que os homens da terra o honravan muito (DSG.1.5.9)
- f) ca se temeue que o gaanho do azeite se tornaria en danos das sas almas (DSG.1.15.5)
- g) viu que o enmiigo a atormentava tan torpemente (DSG.1.24.15)
- h) tan gram ferida... que toda a face lhi inchou e encardeceu (DSG.1.5.6)
- i) semelhou-lhi que hũũ anjo lhi talhava aquela parte do corpo onde lhi aquele mal nacia (DSG.1.5.54)
- j) logo sospeitarom que el-rrei lhe queria jugar d'algũu maoõ jogo (CDP.7.45.46)
- k) em tanto que muitos bõos se afastavom d'elle (CDP.16.22-23)
- l) e dos preytos que o alcayde lhy posser (FR.2.8.93v)
- m) E pois o servo de Deus se foi chegando a ele (DSG.1.8.27)
- n) en guisa que o osso se partiu en duas partes (DSG.1.28.31)
- o) tan gram ferida...que toda a face lhi inchou e encardeceu (DSG.1.5.6)
- p) outosy nõ queremos soffrer que nenhuu ly diga mal (FR.1.2.73r)
- q) se alguu s' asconder (FR.2.2.87v)
- r) taaes boliços por quaaes os rrecadadores de vossas rrendas se atreveram a fazer algũas cousas que nom deviam (CDP.13.25-26)

A ordem S CI V, como os exemplos acima mostram, se realiza quer em sentenças raízes, quer em encaixadas. Em relação ao sujeito, este pode ser uma expressão nominal [+/-definida], ou um pronome pessoal ou indefinido,

ou ainda um demonstrativo, embora o sujeito realizado por expressões nominais [+/- definidas] seja mais freqüente do que por formas pronominais.

A ordem X CI V também é atestada nos nossos dados, em sentenças raízes e encaixadas, como exemplificado abaixo:

(3.36) complemento pronominal pré-verbal nas construções X CI V (S) raiz

- a) Esta trra S^{or} **me** parece que dapomta ~q mais cont^a osul vimos ataa out^a pomta que cont^a onorte vem de que nos deste porto ouuemos vista./ sera tamanha que... (CPVC.F13v.1-4)
- b) e em tal maneira **o** trazem aly emcaxado (CPVC.F2v.16-17)
- c) Eaçerqua danoute **nos** voluemos peraaas naaos com nossa lenha (CPVC.F10.10-11)
- d) e depois a teve presa em Medina Sidonia (CDP.16.101)
- e) e ali a mandou matar (CDP.16.101-102)
- f) e assi **o** fez (CDP.16.135)
- g) e da mesa **se** levantava (CDP.6.24-25)
- h) E porende **nos** deuemos pensar e acuydar (FR.1.2.72r)
- i) E non tan solamēnte **o** deuemos dar, mays aguardar o que é dado (FR.1.5.74r-74v)
- j) ca en esta maneira **as** ordinhou ele (DSG.1.16.32)
- k) Muito **me** leixas triste por estes meniños que mi non dás (DSG.1.28.22)
- m) Ora **te** vai (DSG.1.5.39)
- n) E assi **se** fez (DSG.1.28.41)
- o) Aqui **se** começa hũu livro que dizem Dialago (DSG.1.1.1)
- p) e tan gram ferida **lhi** deu con elas na cabeça e no rostro que...(DSG.1.5.6)
- q) e ali a mandou matar a rrainha dona Maria per Affonssso Fernandez de Ollmedo seu escrivam (CDP.17.79-81)
- r) e assi **o** fez elle, que dos tesouros que achou nunca despendeo nêhũa cousa (CDP.12.81-83)
- s) e depois aouue ocapitam (CPVC.F7.35-36)
- t) Eem tal maneira **se** pasou acousa (CPVC.F8v.10)

(3.37) complemento pronominal pré-verbal nas construções X CL V (S) encaixadas

- a) e se algũua vez **lh'o** queriam tanger (CDP.14.10-11)
- b) todo o que feamente **se** poderia ouvir de seus feitos (CDP.16.6-7)
- c) e que porém **lhe** rrequeria que **lh'o** entregasse (CDP.18.39-40)

- d) assim como de pequena faísca **se** acende grande fogo (CDP.18.28-29)
- e) rogando-vos mui caramente que de vosso boom estado e rreal casa **nos** certifiquees per vossa carta (CDP.3.88-90)
- f) aquelles que deritamête **o** fazem (FR.1.5.75v)
- g) E se doutra guysa a lexar (FR.1.10.82r)
- h) e disserlhy qua lha pagou ou qua ia lha quitou (FR.2.8.93r)
- i) omjlhor fruto que neela **se** pode fazer (CPVC.F13v.22)
- j) e que asy **os** achauam (CPVC.F9.20-21)
- k) Ca son muitos que muitas vezes **se** trabalham de fazer ben (DSG.1.25.22)
- l) tanta vãã gloria lhi creceria en seu coração quanto louvor lhi dessen os homens aa de fora (DSG.1.17.19)
- m) osmo que ante **se** acabaria o dia que eu leixasse de contar o que... (DSG.1.1.29)
- n) tan comprida...que non solamente d'obras maas e desaguisadas, mais de palavra sobeja, que non presta nen empeece a nengũũ, a que chama a Escritura ociosa, **se** guardava (DSG.1.2.5)
- o) tanto foi... que adur lhl pôde dizer aquelo que lhi o papa mandara que lhi dissesse (DSG.1.8.27)
- p) todos aqueles maaos movimentos que daquela parte lhl soiam a recodir (DSG.1.5.54)
- q) Ca son muitos que muitas vezes **se** trabalham de fazer ben (DSG.1.25.22)
- r) ajmda que perao bem contar e falar **o** saiba pior que todos fazer (CPVC.F1.7-8)
- s) huũ homê que logo ao sair do batel **ho** agasalhou (CPVC.F3v.34-35)

Em geral, na ordem X Cl V , o constituinte X está representado por expressões nominais quantificadas (cf. exemplos (i/p/b/l/n) para sentenças raízes, e exemplo (n) para encaixada) por sintagmas preposicionados selecionados pelo predicado verbal (para as sentenças raízes, cf. exemplos (g/d/e/p); para as encaixadas, exemplos (d/e/i/p)) ou por expressões adverbiais de modo, lugar, tempo, intensidade (cf. sentenças raízes (b/c/d/e/f/h/j) e sentenças encaixadas (a/b/f/g/h/j/k/m/o/q). No exemplo (l) em (3.37), X é o objeto direto "louvor"; em (r) e (s), são sentenças reduzidas que realizam o constituinte X. Em (3.36) (a), o constituinte X "Esta trra" é o sujeito da sentença encaixada "sera tamanha que..."

Listamos abaixo as diferentes possibilidades de realização do constituinte X²⁶:

(3.38) Tipos e números de ocorrências do constituinte X na ordem X Cl V raiz:

FR: porende (01 ocor.), assy (01 ocor.), ia (01 ocor.), nūqua (01 ocor.), deritamēte (01 ocor.), muyto mays (01 ocor.), doutra guisa (04 ocor.), en todo tempo (01 ocor.), non tan solamente (01 ocor.), contra isto (01 ocor.), objeto direto (01 ocor.).

DSG: aqui (02 ocor.), ante (01 ocor.), assi (05 ocor.), logo (02 ocor.), ben (01 ocor.), DP quantificado (03 ocor.), nunca (02 ocor.), pois (01 ocor.), objeto direto (02 ocor.), ora (02 ocor.), muito (04 ocor.), aquela hora, por esso, sempre, en esta maneira, muitas vezes, nen (01 ocor. de cada).

CDP: depois (04 ocor.), depois a longos tempos (01 ocor.), ali (04 ocor.), d' alli (01 ocor.), assi (08 ocor.), d' hi, porém, entom, ,ja, ante, muitas vezes, aas vezes, a poucos dias, sempre, d' esta segunda vez, logo em esse dia, todavia, feamente (01 ocor. de cada), sintagma preposicionado selecionado pelo verbo (09), sentença adverbial (04 ocor.), DP complexo (01 ocor.), objeto indireto (01 ocor.), nunca (02 ocor.).

CPVC: entam, logo, casy, daly, aquy, sábadu, a noute segujmte, esta noute, acerca da noute, neeste dia (01 ocor. de cada), asy (06 ocor.), aly, despois, em tal maneira, sentença adverbial, cõ jsto/com jsto (02 ocor. de cada), sintagmas preposicionados (05 ocor.), DP complexo (01 ocor.).

3.2.3.2. As ordens S V-CL e X V-CL

A ordem S V das sentenças raízes também ocorre com o clítico em posição pós-verbal, como nos exemplos abaixo:

(3.39) complemento pronominal pós-verbal nas construções S V-Cl raízes

a) e o alcayde façao aguardar (FR.1.11.83r)

b) e aquel a que o disser recebao de guisa que lhi faça dereyto (FR.2.2.87v)

c) aqueles que nos leuauamos acenaramlhes que se afastasem (CPVC.F3v.22-23)

²⁶ Não estamos computando aqui as construções negativas; nelas a ordem é sempre X Neg Cl V, independente do estatuto sintático de X.

- d) e huü dos nosos deulhe pola pedra huü sonbreiro uelho (CPVC.F7.33-34)
fe e eles foramse (CPVC.F4v.22)
- f) E todos aqueles que esto viron maravilharon-se muito (DSG.1.2.10)
- g) El quisera-lhi fugir de boa mente, mais non pôde (DSG.1.4.8)
- h) E todos aqueles beschos que na horta andavan e as verças comian partiron-se do horto (DSG.1.21.6)
- i) E Severo levantou-se logo de terra (DSG.1.31.17)
- j) e el perdoou-lhe (CDP.17.88)
- k) e ell feze-o assi (CDP.17.192)
- l) e o conde com elles veherom-sse pera elle (CDP.19.18-19)
- m) e hüu beesteiro deu-lhe com hüua maça na cabeça (CDP.21.58)
- n) Homens negros que deitavan per sas bocas e per seus narizes fogo que eu non podia sofrer, levavan-me per hüüs logares muito escuros (DSG.1.31.14)
- o) E estes dous monges amavan-se porque eram vezinhos (DSG.1.13.7)
- p) aqueles que nos leuauamos acenaramlhes que se afastassem (CPVC.F3v.22-23)

Os sujeitos dessas construções estão representados por expressões nominais definidas (cf. exemplos (a/i/j)), por expressões nominais complexas (cf. exemplos (b/c/f/h/n/p)), por expressões nominais e pronominais indefinidas (cf. exemplos (d/m/o)) e por pronome pessoal (cf. exemplos (e/g/j/k)).

De modo semelhante, a ordem X V também admite a colocação pós-verbal do clítico, como nas construções abaixo:

(3.40) complemento pronominal pós-verbal nas construções X V-CI raizes

- a) e depois foi-se con os outros (DSG.1.16.13)
- b) E por esso despreçô-o (DSG.1.11.8)
- c) En outro dia abriron-nas (DSG.1.15.11)
- d) E per hüü pequeno tempo calou-se aquela voz (DSG.1.16.9)
- e) E aos oito dias saiu-lhl a alma do corpo con gram prazer (DSG.1.31.18)
- f) E quando er cuido ora o estado en que vivo, semelha-me que me vou per esse mar ao desdado hu me Deus levar (DSG.1.1.18)
- g) E pera seeres certo, Pedro meu amigo, destas cousas que tí eu conto, direi-ti os nomes dalgüüs a que... (DSG.1.1.24)

- h) E pois que o assi fezeron e se foron con o cavalo, deitou-se el en sa oraçon (DSG.1.2.38)
- i) e depois que dom Joham Affonso foi em Purtugall cercou-lhe el-rrei Medelim (CDP.17.113-114)
- j) e des i mandou-ha el-rrei levar guardada a Arevollo (CDP.16.99-100)
- k) e depois que sse el-rrei foi, partio-sse o conde dom Henrrique pera Galiza (CDP.17.185-186)
- l) E depouys resucitou-se en carne (FR.1.1.71v)
- m) E sse o assy mostrar recebanno por pessueyro (FR.1.10.81r)
- n) E se nõ ueer filhêlhy quanto ouuer (FR.2.2.88r)
- o) e entam tornou-se ocapitam aaquem do rrio (CPVC.F6v.34-35)
- p) acabado ocomer metemonos todos no batel e eles cõ nosco (CPVC.F10v.16-17)
- q) e quãdo se sacho de toar rrecolheo aanaao querianse vijr cõ ele alguis (CPVC.F10.29-31)
- r) e emtam enfadouse ocapitã (CPVC.F7.32-33)
- s) acabada amisa desuestiosse o padre (CPVC.F5.15)
- t) e encima deytêno uiltadamente (FR.2.1.86r)
- u) er emprazeo outra uez aa terceyra outros .VIII. dias (FR.2.2.88r)
- v) er apregoeo de cabo ata outro mes (FR.2.2.88v)
- w) E quando uijr quiser fação a saber aos alcaydes ca quer uijr sobre tal razão como é dita (FR.2.2.88v)

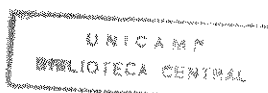
Relacionamos a seguir as realizações e o número de ocorrências do constituinte X dessas construções:

(3.41) Tipos e números de ocorrências do constituinte X na ordem X V-CI:

FR: sentenças adverbiais (44 ocor.), encima (01 ocor.), depouys (01 ocor.), er (02 ocor.) e dessy (02 ocor.)

DSG: sentenças adverbiais (35 ocor.), DP complexo (07 ocor.), enton (04 ocor.), depois (01 ocor.), pois (01 ocor.), por esso (01 ocor.), en outro dia (02 ocor.), per hũu pequeno tempo (01 ocor.), tan toste (01 ocor.), aos oito dias (01 ocor.) e sintagma preposicionado selecionado pelo verbo (01 ocor.).

CDP: sentenças adverbiais (28 ocor.), DP complexo (03 ocor.) des i (02 ocor.), em isto/em esto (02 ocor.), objeto indireto (01 ocor.), outro dia (01 ocor.).



CPVC: sentenças adverbiais (18 ocor.), soamente (01 ocor.), depois (01 ocor.), aatarde (01 ocor.), entam/entã (08 ocor.), junto cõ ele (01 ocor.) e 01 ocor. de objeto direto retomado por um clítico.

Observa-se, assim, que é o contexto em que X é uma sentença adverbial aquele em que se encontra o maior número de construções com o clítico em posição pós-verbal nas sentenças raízes. Propomos uma análise para essa questão sintática no item 4.2.

Embora o fenômeno da ênclise em sentenças encaixadas seja menos atestado nas línguas românicas, em princípio, a generalização Tobler-Mussafia não define qualquer restrição para a ocorrência de ênclise nessas construções. Os exemplos abaixo são casos de ênclise em encaixadas V1:

(3.42) V-CL encaixada

- a) E tanto foi o amor do filho que ouve que, quando vio o servo de Deus, tomou o cavalo en que andava pelo freo e disse-lhi con gram juramento (DSG.1.4.5)
- b) Ca disse que hüü dia entrou o bispo en hüü seu horto e achô-o todo coberto de burgo e de pulgon e de lagarta (DSG.1.21.3)
- c) E este clerigo mi contou que este Bonifacio, seendo meniho e vivendo con sa madre, quando saia da casa e achava algüü pobre andando nuu, desvestia-se aas vegadas da saia e dava-lha (DSG.1.22.6)
- d) acabado jsto. dise ocapitam que fosemos nos batees em trra e veersia bem o rrio quejando era (CPVC.6v.1-2)
- e) e amdauam asy mesturados cõ eles. que eles se esqujuauam e afastauanse e hianse deles peracjma onde outros estauam (CPVC.6v.19-22)
- f) E mādamos que se alguu ome demanda contra el rey peçalhy mercee en puridade e mandelly dizer que llo enderêce todo muy ben (FR.1.2.73v)

Os exemplos (b/c/d/f) são casos de ênclise nas encaixadas V1 de verbos declarativos, onde são mais atestados, embora a ênclise também ocorra em adverbiais comparativas/consecutivas (cf. exemplos a/e).

Exemplos da colocação pós-verbal do clítico em encaixadas V2 são dados abaixo:

(3.43) complemento pronominal pós-verbal nas construções S V-CL / X V-CL encaixadas

- a) ...stabellecemos que todo ome que entender e souber alguu erro que faça el rey, digao en puridade (FR.1.2.73r)
- b) E mãdamos que se alguu ome demanda contra el rey peçalhy mercee en puridade (FR.1.2.73v)
- c) Ja ora podes entender, Pedro, que aquelas cousas que Deus ordiou e soube ante que o mundo fosse feito, compriron-se pelas orações dos santos homens (DSG.1.16.32)
- d) e parece que nembrando-lhes a criação que em elles fezera e como os queria mandar matar, viinham-lhe as lagrimas aos olhos per vezes (CDP.6.60-62)
- e) e deziã que ... e que ... e como foy tarde fezerãnos logo todos tornar e nom quiseram que lá ficasse nhuu (CPVC.F9.24-26)
- f) ante dise ele que ... e emtam mãdarãno vijr (CPVC.F8.33-34)
- g) E em tal maneira he graciosa que querendoa aproueitar darsea neela tudo per bem das agoas que tem (CPVC.F13v.19-21)
- h) Acaeceu hũu dia que per culpa ja de quen foi, acendeu-se o fogo na cidade d'Anconha (DSG.1.12.5)
- i) e porque dos bẽes das vertudes que se pagava huum, pagava-se o outro (DSG.1.13.7)
- j) Diz que todos aqueles que Jesu Cristo receberam e creeron que era filho de Deus, deu-lhis el poderio (Mattos e Silva, 1989:839)
- l) A hũa he ca, se bõõ non he, correge e enmenda seu estado; A outra he ca, se bõõ he, homilda-se mais (Mattos e Silva, 1989:839)
- m) que as leis e justiça eram taaes como a tea da aranha, na quall os mosquitos pequenos caindo som rreteudos e morrem em ella, e as moscas grandes e que som mais rrijas, jazendo em ella, rompem-na e vaan-sse (CDP.9.61-68)

São basicamente os mesmos os ambientes de ênclise em construções V1 e V2: completivas de verbos declarativos (cf. exemplos a/b/c/d/e/h/j), sentenças adverbiais comparativas/consecutivas (cf. exemplo g), além de uma adverbial causal (exemplo i) e uma clivada (exemplo l).

Martins (1994:93) diz que "Nas orações subordinadas finitas, os pronomes pessoais átonos ocorrem em posição pré-verbal, em todas as épocas, independentemente do tipo de oração subordinada. No *corpus* de documentos notariais, as atestações de orações subordinadas finitas são

numerosíssimas e não há exceções relativamente à regra enunciada". Contudo, Martins cita alguns exemplos de ênclise encontrados em outros estudos sobre a colocação do clítico no PA, que são:

(3.44) colocação pós-verbal do clítico em oração coordenada (dados de Martins 1944)

- a) assy como o conta Moysem êno sexto capytolo do genesis, ct diz lo Jeronymo êna Glosa sobre este lugar (Ogando 1980:265) (p.96)
- b) ca fex mandado do Papa e confirmou-lh' o Esleito (Ogando 1980:265) (p.96)
- c) E, elle assy andando, foy ferido de hũa lança per tal quysa que caeo do cavalo. E tam grande era a pressa da batalha **que** o nã vyrom os seus e colherõno so hos pees dos cavallos e matarõno (Eijk 1954:II.141) (p.96)
- d) A batalha durou des meio dia ata sol posto: e nem um nom podia ver qual haveria a victoria, **quando** os Seines feriram juntamente nos Franceses e fezerom-lhes leixar a praça. (Mateus 1980:67) (p.97)
- e) E quando Cesar viu esta cousa foi tam espantado **que** todos os membros lhe tremerom e arripiarom-lhe os cabelos, e esteve quedo sobre a ribeira; e pensou bem que esta imagem representava a terra de Roma (Mateus 1980:79) (p.97)
- f) diz **que** hũu lobo furtou hũu bode e leuou-ho a hũu gram ssiluado (Lobo 1991:157) (p.97)
- g) Et aquelles mourros eram tã muytos **que**, fiandosse êna muyteduem, partirõse et... (Ogando 1980:266) (p.99)

Levanta-se, então, a questão do estatuto sintático dessas construções quanto a serem estruturas de parataxe, em que a sentença matriz e a dependente têm estatuto de sentença raiz, ou de hipotaxe, em que se realiza a tradicional noção de subordinação; vejam-se, a esse respeito, as afirmações feitas por Martins (1994), transcritas acima. Em relação a isto, Martins (pp.97-98) diz ainda que "Nos casos em que o clítico se pospõe ao verbo, esta colocação é a que esperaríamos encontrar numa oração não-dependente e não numa subordinada" e que a escolha entre a colocação pré ou pós-verbal do clítico nesse tipo de construção deriva de uma opção estilística quanto "ao nível (mais alto ou mais baixo) a que se situa a coordenação".

Com base no fato de que só se atesta ênclise em orações subordinadas completiva e consecutiva, com verbo no indicativo, Martins (p.102) conclui que tais construções "representam um tipo de estrutura que não é tipicamente subordinada, aproximando-se antes da estrutura das orações não-dependentes". Para tal conclusão, essa autora se vale da análise e dos testes propostos por Uriagereka (1992) para distinguir, dentre as sentenças tradicionalmente denominadas de subordinação, aquelas que correspondem a casos de hipotaxe das que correspondem a casos de parataxe.

Dois desses testes que identificam construções paratáticas são: a) o verbo deve estar no modo indicativo; b) as construções devem admitir tópicos pendentes²⁷. Nossos dados ou infirmam a hipótese de que as construções completivas e adverbiais com ênclise são estruturas paratáticas ou negam a hipótese de Uriagereka (1992) de que "paratactic constructions are indicative", uma vez que as formas verbais dos exemplos (3.42 (f)) e (3.43 (a/b)) estão no subjuntivo. Por outro lado, o exemplo (3.43 (m)) é de uma estrutura relativa, a qual é difícil se imaginar que possa ser considerada uma estrutura paratática. Tendo em vista que as relativas são construções que não aceitam tópico pendente, o exemplo (3.43 (m)) confirma mais ainda a impossibilidade dessa construção relativa com ênclise poder ser incluída no rol das sentenças com propriedades de sentenças raízes.

A possibilidade de ênclise em encaixadas também é atestada em outras línguas românicas arcaicas. Por exemplo, Granberg (1988) observa que, no espanhol medieval, a regra geral é a colocação pré-verbal do clítico em sentenças completivas, relativas e adverbiais. Contudo, como ele afirma, "postverbal clitics appear systematically in a limited number of constructions: causal clauses of reason (...), clauses involving pronoun duplication, some adverbial clauses of comparison, degree and extent, and in complement clauses of verbs of narration" (pp. 29-30). Basicamente são esses também os ambientes em que a ênclise é observada nas sentenças encaixadas do PA. Citamos alguns exemplos de Granberg (*ibid.*:81-):

²⁷ Sobre "tópicos pendentes" ver nota 21.

(3.45) V-CL em encaixadas no EA

- a) E vi que en la rreligion pensar es bien porque el que en ella pensare omillase e tienese por pagado con lo que ha (CeD A:30) (p.81)
- b) Ahe Toledo non fue destruida que los christianos que y eran rendieronse por suyos (EG:63) (p.93)
- c) E a todo regidor cunple de ser mas justiciero e fuerte e cruel, ca el que cae en su rret çerçernan le las alas y non pueden çerçer mas (BP:78) (p.101)
- d) E tan fuertes son estas bestias que prenden con estos braços los *elefantes* e metenlos consigo en agua (Sem:22) (p.106)
- e) E es tal commo el rrelanpago que alunbra un poco e vase luego. (CeD A:32) (p110)
- f) dixo que ronperie so regno e daloya a so siervo (p.113)
- g) E por ende *dizen* que quien non cata adelante cáese atras (Zif:405) (p.114)

Trataremos, com detalhes, da sintaxe dessas construções no item 4.3.

Nas sentenças raízes iniciadas por uma sentença adverbial, o pronome complemento se posiciona sempre após o verbo no FR e nos DSG. Contudo, na CDP e na CPVC, há exemplos dessas construções com pronome complemento pré-verbal. Os DP complexos também são mais frequentes com clítico pós-verbal, embora algumas ocorrências com clítico pré-verbal sejam registradas. Os exemplos são como:

(3.46) sentença adverbial / DP complexo CI V

- a) e o bizconde e cavalleiros que com ella veherom *se* partirom sem mais fallar a el-rrei (CDP.16.82-84)
- b) e jsto me faz presumir que ... eo aar aque *se* criam os faz taaes (CPVC.F8.20-22)
- c) nem depois que reinou lhe prouve rreceber molher (CDP.1.54)
- d) e isto guardando *se* compre a virtude da castidade e da temperança (CDP.P.22-23)
- e) E toda boa ordem em que isto poserdes *vos* agradecerei 50,33 (Lobo 1991)
- f) Porque queria falar comvosco alguñas cousas de muita importancia e meu serviço, *vos* agradecerey 77,62 (Lobo 1991)
- g) e logo em esse dia que partirom de Medina *se* foram a Moram (CDP.17.47-48)

- h) pois enquanto n' eeste mundo viveo se trabalhou de o servir com bõos merecimentos (CDP.3.29-31)
- i) cao desejo que tijnha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo meudo (CPVC.F14.2-4)

Martins (1994:51) cita vários outros exemplos da ordem Sent. CL V. Reproduzimos alguns deles abaixo:

- (3.47) a) porquanto fuj çerto (...) que o dici prazo he fecto a proueito do dicto Mosteiro lhe dey e dou mjnha autoridade ordinarja com Interposiçom de degrado (NO, 1489)
- b) segundo mais compridamente se diz nos ditos stromentos lhe deu mais E entregou dobras douro Reaes de prata de castella e destes ora em estes Regnos correntes (Lx, 1426)
- c) avendo Respeito as teras serẽ maas e frias nos parece que deuẽ os caseiros a pagar de Renda (...) (NO, 1545)
- d) e nom lhe pagamdo Como dito he se obrygam a lhe pagarem tudo a pee de Juizi (Lx, 1544)

Nos exemplos acima, de textos dos séculos XV e XVI, a oração principal está antecedita por uma sentença adverbial e, ainda assim, o clítico está em posição pré-verbal. Tratamos detalhadamente dessa questão no item 4.2.

3.2.4 A negação e os complementos pronominais na ordem V2

Em geral, nas sentenças raízes V2, como acontece nas sentenças raízes V1, a negação antecede o clítico, como nos exemplos abaixo:

- (3.48) S Neg CI V / X Neg CI V raiz
- a) e homẽ nom lhes ousa de falar (CPVC.F8.1-2)
- b) mas eu nõ as vy (CPVC.F10.6-7)
- c) e o outro non se escuse (FR.2.1.85r)
- d) e o que o cobrar non lhy responda mays por elha (FR.12.84v)
- e) E sse algua razõ conprir ao preyto que caya en deosto nõno diga (FR.9.80v)

- f) e esto ñ se entende por aquelles que son chamados a juyzes cõ seus contentores (FR.4.74r)
- g) E el non se quis viir ante (DSG.1.31.6)
- h) Tu non te partirás daqui ata que resuscites o meu filho (DSG.1.4.6)
- i) E porque o aviam de levar longe pera soterrar, non-no poderon en aquel dia soterrar (DSG.1.29.6)

Também nas encaixadas encontramos construções em que a negação antecede o clítico. Alguns exemplos estão abaixo:

(3.49) S Neg CI V / X Neg CI V encaixadas

- a) e ~q. ã toda maneira ñ se viesem adormjr aas naos (CPVC.F9v.28-29)
- b) .ll. omees boos almeos, que seyã taes que a outra parte nonos possa deytar per foro (FR.2.8.92r)
- c) en guisa que outro omc ñno sabya (FR.1.2.73r)
- d) se o dono da uoz non lho outurgar de cabo (FR.1.10.81v)
- e) pero que o dono da uoz non lha toilha nēbradamēte (FR.1.10.81v)
- f) e se preyto acaecer que per este liuro ñ sse possa determinar (FR.1.7.77v)
- g) E sse aujir ñ se poder cū el (FR.1.9.80r)
- h) E pois desasperou que per ajuda d'homēes non se poderia ende tolher (DSG.1.13.12)
- i) porque todo o tempo do dia d'hoje non nos abastaria pera os contar compridamente (DSG.1.31.43)
- j) mais semelhava que o vñ non se acrescentava do barril mais que nacia en el (DSG.1.20.5)

Embora mais raras, ainda são atestadas construções em que o clítico antecede a negação, em ambientes em que um constituinte X antecede o clítico, como nos exemplos abaixo:

(3.50) S CI Neg V / X CI Neg V raiz / encaixada

- a) e outros os ñ punham (CPVC.F5v.12)
- b) e outros o ñ podiam beber (CPVC.F10v.32-33)
- c) começou-se a coitar e a cuidar como os pobres se non partissen del sen algũa esmolna (DSG.1.19.3)
- d) porque o bispo o non queria receber per nen hũa maneira (DSG.1.27.6)

e) e assi diziam elles que as leis e justiça se nom compria senom em-nos pobres (CDP.9.65-66)

f) asy vermelha que aagoa lha nã comya nem desfazia (CPVC.F5v.20-21)

g) e se fyador lhy <nõ> der (FR.2.2.87r)

h) se per sa culpa a nõ perdeu (FR.1.10.81r)

Compare os exemplos em (3.48) com os em (3.50) acima. Em (3.48) X antecede o CL e o V e a ordem é X Neg CL e V; em (3.50), por outro lado, apesar de serem antecedidos por um constituinte, a ordem é X CL Neg e V, característica das construções encaixadas com interpolação (cf. item 3.4.3 sobre a interpolação).

3.2.5 Sobre a ordem X CL S V

Uriagereka (1992) diz que uma das diferenças fundamentais entre as línguas românicas está na colocação dos complementos pronominais clíticos. Nas línguas românicas ocidentais, é o seguinte o padrão encontrado (cf. Uriagereka 1992:3):

(3.51) Patterns of Western Romance

A: < cl, V >

French, Sardinian (?), Brazilian (?)

B: < cl, ... V >

[+tense]

Castilian, Aragonese, Catalan, Milanese, ...

C: < 0, V ,cl >; < Governor, cl, ... V >

[+tns]

[+tns]

Portuguese, Galician, Leonese, most "archaic" dialects

Observa-se que o PA está incluso no padrão C. Segundo ele, associadas ao padrão C estão as seguintes propriedades sintáticas (cf. Uriagereka 1992:3):

(3.52) Properties apparently associated to Pattern C:

(i) Overt F(ocus) elements.

(ii) Overt Focus movement.

- (iii) "Recomplementation"
- (iv) "Sandwiched" Dislocations.
- (v) Overt expletives.
- (vi) Personal infinitives without Aux-to-Comp.
- (vii) Interpolation of elements between clitics and V.

Em relação aos documentos que examinamos, podemos dizer que as propriedades sintáticas delineadas no padrão C se aproximam bastante daquilo que pensamos ser as características básicas da sintaxe do PA. Não vamos discutir todas elas neste item. A caracterização das propriedades (iii) e (iv) é apresentada no item 3.5. A questão da interpolação é abordada no item 3.4.3. Não trataremos, neste estudo, das construções infinitivas, assim nada diremos sobre a propriedade (vi).

Sobre a propriedade (v), já observamos, no item 3.2.1, que não encontramos qualquer ocorrência de sujeito expletivo nos documentos em estudo. Portanto, nossos dados não confirmam essa hipótese de Uriagereka. Passamos a falar sobre as propriedades (i), (ii) e (vii), que nos interessam neste momento.

Segundo Uriagereka (*ibid.*), entre as propriedades sintáticas associadas à focalização, está a possibilidade de que sejam geradas construções com a ordem X CL S V, em que X é um constituinte focalizado, como no exemplo abaixo:

(3.53) *moitas cousas lle eu dixeram* (Uriagereka 1992:5)

Na análise de Uriagereka, o posicionamento do clítico logo após o constituinte focalizado "moitas cousas" deriva da relação íntima entre o clítico e o núcleo funcional associado com Foco.

Tratamos formalmente das estruturas com focalização, do tipo em (3.53), no item 4.2. No momento, só queremos chamar atenção para a existência desse tipo de construção nos nossos dados do PA, mas ressaltando que é um tipo de construção muito raro. Todos os exemplos que coletamos nos *corpora* organizados e em leituras assistemáticas dos documentos, de manuais filológicos e de gramáticas históricas e no glossário de Mattos e Silva (1971) estão abaixo:

(3.54) X Cl S V (Foco)

- a) E a mha cabeça, ja a el ten metuda na sa boca (DSG.4.36.17)
- b) E logo l~~he~~ el-rrei taxava que ouvesse por dia quatro soldos, e mais nom (CDP.4.64-65)
- c) tam bem dizer que mujto mjlhor ~~ho~~ estoutros nom digam (CPVC.F6.29-30)
- d) e portanto as homen cree por mais verdadeiras quanto el foi mais presente (DSG.1.17.3)
- e) O conselho já o eu filhei (CA.4195) (Huber,1933:284)
- f) e disse aos mandadeiros que se veessen e que logo se el verria depós eles (DSG.1.31.5)
- g) ca todas aquelas cousas que a Deus pede todas lhas el compre (DSG.1.28.11)
- h) Ajmda nos este dout[or ensin]a (Lobo, 1991:161)
- i) todo nos este uemtre come (Lobo, 1990:11)
- j) E nunca o Cesar soube atá que ela foi entre sua gente (Eijk, 1989:59)²⁸
- k) e nunca a mais quis veer (CDP.16.82)
- l) E ja m' El tanto mal fez que... (Ogando 1980:256)
- m) Ainda vos eu mais direi (Ogando 1980)

Nas construções (a), (e) e (g), o clítico retoma o objeto direto deslocado (cf. item 3.4.1). Com exceção dos exemplos (g) e (i), nos demais, o constituinte X é um elemento adverbial focalizado. Observa-se que, no exemplo em (g), o constituinte X é o modificador do complemento pronominal, tendo a sentença uma leitura como "todas aquelas cousas que (alguém) a Deus pede, el lhe compre todas elas". As construções (c) e (d/f) são de estruturas encaixadas, respectivamente, uma adverbial e duas completivas; as demais são construções raízes.

Encontramos mais alguns exemplos desse tipo de construção, em sentenças encaixadas, no estudo de Martins (1994). Relacionamo-las abaixo:

(3.55) ordem X Cl S V em sentenças encaixadas (dados de Martins 1992:171-17)

- a) E sse pela uëtura uos Alguê enbargar (Lx, 1294)
- b) E sse pela uëntujra uos alguê enbargar (Lx, 1296)

²⁸ Apud Martins (1994:188 e 545) os exemplos de Eijk (1989) e de Ogando (1980).

c) e que sempre a os Moesteyro de Anssedj e de Arnoya usarõ e possoyrã (NO, 1285)

Voltaremos a essas construções no item 4.2, quando então trataremos da possível relação entre este tipo de focalização e a interpolação.

O Quadro abaixo sumariza a distribuição dos clíticos nos quatro documentos²⁹:

Tipo Sentença	Ordem/Texto	FR	DSG	CDP	CPVC
raiz	X C I V	06	34	35	22
relativa		05	06	06	06
adverbial		08	02	09	05
completiva		02	03	15	03
raiz	X V C I	53	61	37	31
relativa		/	/	/	/
adverbial		/	01	/	01
completiva		03	02	1	02
raiz	S C I V	03	18	19	21
relativa		03	/	03	/
adverbial		22	06	06	03
completiva		03	09	09	02
raiz	S V O I	17	20	25	14
relativa		/	/	02	/
adverbial		/	/	01	/
completiva		01	05	/	/
raiz	C I S V	/	02	/	/
relativa		02	22	11	05
adverbial		03	09	09	05
completiva		/	01	02	/
raiz	C I X V	/	/	/	01
relativa		/	13	19	06
adverbial		05	08	06	03
completiva		/	/	01	01

Quadro 3.5: Distribuição dos clíticos nas construções V2 nos quatro tipos de sentenças

3.3 As construções V>2

Ocorrem construções em que um constituinte qualquer está posicionado entre o sujeito e o verbo, apresentando uma ordem do tipo SXV. Frequentemente o constituinte X é representado por uma sentença adverbial, mas pode também ser representado por um sintagma preposicionado, por um advérbio ou por um predicativo. Ocorrem também construções SXV, embora mais raras, em que dois constituintes aparecem entre o sujeito e o verbo, portanto, apresentando a ordem SXXV. A ordem XSV também é

²⁹ Não foram computadas, neste quadro, as construções com a ordem X C I S V. Todos os exemplos anotados já foram apresentados.

observada nos textos, o constituinte X podendo ser uma sentença adverbial, um advérbio, um sintagma temporal ou um sintagma preposicionado. A ocorrência de dois constituintes X é possível, numa ordem XXSV.

3.3.1 V>2 em sentenças raízes

Os exemplos abaixo ilustram a ordem SXV em sentenças raízes. Observa-se que diferentes tipos de DP podem realizar o constituinte S nesse tipo de estrutura: expressões nominais definidas (cf. exemplos a/c/d/g/k/m/o), DPs complexos (cf. exemplos f/i), pronomes pessoais (cf. exemplos h/l/n) e pronomes indefinidos (cf. exemplos b/e)

(3.56) a ordem S X V raiz

- a) **e cada hũũ deles** ainda he vivo (DSG.1.13.4)
- b) **Todos** aqui viven e eu soo non posso aqui viver! (DSG.1.19.7)
- c) **Aqueste Equiclo**, pola gram santidade que avia, fora abade naquela proença e de muitos moesteiros e de muitos monges (DSG.1.5.53)
- d) **E o juízo de Deus** maravilhoso e ascondudo foi contra ela (DSG.1.24.21)
- e) **E todos** comunalmēte seyã teodos de fazerlhy menage a el (FR.1.3.74r)
- f) **e os que algua cousa teueren que perteesca a senhurio del rey**, logo que souberē morte del rey uenhã logo o que ficar en seu logar por reynar (FR.1.3.73v)
- g) **E o alcayde** porque luygou torto e mandou fillar o que nō deuya, peyte outro tanto de seu auer aaquel a que o fillarõ sen a entrega que suso é dita (FR.2.2.86v)
- h) **ca ell**, per morte d' el-rrei seu padre, achou o rregno sem nēhũa briga (CDP.15.7-8)
- i) **e quem taaes leis comprir**, sempre bem obrará (CDP.P.36)
- j) **E ella**, quando os vio matar tam acerqua de ssi, caio em terra come morta (CDP.16.131-132)
- k) **-Aqueste homen** muito alonjado he daquestes que nós ora veemos (DSG.1.28.11)
- l) **e ele** nō sey que diaabo falaua (CPVC.F7.30)
- m) **ocapitam** quando eles vieram estaua asentado em huũa cadeira (CPVC.F2v.30-35)

n) **nê nos** ajnda ataagora nom vimos nhuûas casas nem maneira delas(CPVC.F8.22-24)

o) **El-rrei de Castella**, como isto soube, partio de Sevilha (CDP.19.21-22)

O constituinte X das construções S X V pode ser realizado por: a) sintagmas adverbiais, nos exemplos (a/b/e/i/n); b) sintagmas preposicionados, em (c) e (h); c) predicativos, como nos exemplos (d) e (k); (d) sentenças adverbiais, nos exemplos (f/g/j/m/o); (e) objeto direto, como em (l). Assim, o estatuto sintático de X é praticamente o mesmo do constituinte X das construções V2.

Os elementos que ocorrem como X na ordem X S V são do mesmo tipo dos que ocorrem na ordem X V S, com inversão da ordem sujeito-verbo. Sobre esse fato, Mattos e Silva (1989:793) comenta que "Embora um circunstancial iniciando o enunciado principal seja uma condição que favorece, na maioria das vezes, o deslocamento do sujeito para depois do verbo, há casos em que, ocorrendo o circunstancial, o sujeito não se desloca". Também Pádua (1960:118) observa que "um elemento ou um conjunto de elementos frásicos condiciona e exige determinada ordem de palavras, (...) arrastando a inversão do sujeito". Os elementos a que Pádua se refere são: advérbios, complementos circunstanciais e orações subordinadas.

Exemplos da ordem X S V são dados abaixo:

(3.57) a ordem X S V raiz

a) E por esto **dialago** quer dizer paravra de dous (DSG.1.1.2)

b) e tanto que desenbarcamos. **alguûs dos nosos** pasarom logo o rrio (CPVC.F6v.11-13)

c) E pois que o padre Equicio entrou na horta, **o enmigo que entrara na monja** começou a dizer e a braadar per boca da monja come se quisesse fazer enmenda (DSG.1.6.4)

d) Enton **o santo abade** reteve o mandadeiro do papa no moesteiro ja quantos dias (DSG.1.8.42)

e) e logo **o penedo** esteve en si (DSG.1.2.14)

f) Eentã **ocapitã** pasou orrio cõ todos nos outros (CPVC.F7v.22-23)

g) Ealy **deles** andauam daquelas timturas quartejados outros de meetades outros detanta feiçam coma ê panos darmar (CPVC.F8v.20-24)

- h) E se o fyador peytar a demanda assy come foro, **o deuedor** peyte a demanda subredita (FR.2.5.90v)
- i) E enestes dyas ia dictos **nenhuū omen** nō seya ousado nen constraniudo d' entrar en preyto (FR.2.5.90v)
- j) e dementre que a carne foy morta, a **alma delhe** decedeo aos infernos (FR.1.1.71v)
- k) e estas dobras que el-rrei dom Pedro mandava lavrar, **cínquenta d' ellas** faziam hūu marco (CDP.11.37-39)
- l) E porém a **justiça** he muito necessaria, assi no poboo como no rrei (CDP.P.40-41)
- m) quando el-rrei outorgava algūas mercees a alguem, **os que lhe aviam de dar desembargo** escreviam logo na ementa perante el-rrei a maneira como lh' as dava (CDP.4.41-44)
- n) se per nós **algūa cousa** podesse ser feita (CDP.3.70-72)
- o) porque, negada a justiça a algūa pessoa, **grande injuria** he feita ao principe e a toda sua terra (CDP.P.76-77)

Nessas construções, os constituintes X são realizações de advérbios (nos exemplos a/d/e/f/g/l), de sintagmas preposicionados (nos exemplos i/n) e de sentenças adverbiais (nos exemplos b/c/h/j/m/o). No exemplo em (k), X é realizado por um tópico relacionado com o sujeito. Nenhuma ocorrência de argumentos verbais, especificamente, objeto direto e indireto, nem de predicativos foi atestada nessa ordem.

Isso confirma a análise de Mattos e Silva (1989:794) quando ela diz que, na sua amostra dos DSG, não ocorre a ordem CSV. Em relação aos documentos analisados por Pádua (1960), ela diz que a construção CSV é raríssima no PA e cita um exemplo do **Leal Conselheiro**:

(3.58) Todas estas cousas as gentes demandam (Leal cons., cap. XXXV, p.140)

Mais de um constituinte X pode estar posicionado entre o S e o V, como nos exemplos abaixo:

(3.59) a ordem S X X V raiz

- a) E **o padre santo Equiclo** depois que isto ouvio, con gram desdenho, começou a sorriir (DSG.1.5.71)

- b) **El-rrei**, quando esto ouvio, por saber de que guisa era nom viia o día que estevesse com elle pera lh'o aver de preguntar (CDP.7.20-22)
- c) **os outros dous queo capitã teue nas naaos aque deu oque ja dito he**, numca aqui mais pareceram (CPVC.F8.9-11)
- d) **Aqueste des sa meninice** sempre fez mui grande asteença (DSG.1.2.4)
- e) **El-rrei de Castella**, enquanto mandou a Aragom o rrecado que avees ouvido, ante que a rreposta de lá vehesse, com desejo de tomar vingança mandou a pressa armar sete galees e seis naaos (CDP.19.3-6)
- f) **E o coraçon de cada hũũ prelado**, polos cuidados muitos que ha, ca non cuida en hũa cousa soo, ligeiramente se pode embargar (DSG.1.8.55)

São sintagmas preposicionados, adverbiais e sentenças adverbiais os constituintes X dessas construções. Observa-se que não só dois, mas três constituintes X podem estar intercalados entre S e V: duas sentenças adverbiais e um sintagma preposicionado no exemplo em (e), um sintagma preposicionado, uma sentença adverbial e um advérbio no exemplo em (f) e três advérbios no exemplo em (c).

A ordem V>2 também se realiza com dois constituintes X antecedendo o sujeito, como em:

(3.60) a ordem X X S V raiz

- a) E outrosy (se) se tempo for que as uinhas nõ madurescã ou o pan tan aginha, **os alcaýdes** mudem estas feryas adeante (FR.2.5.90v)
- b) E ao braado do monge que esto disse logo **o espíritu maaõ** entrou nos lombardos que querian atormentar os monges e derribar o moesteiro (DSG.1.9.11)
- c) En outro dia, querendo-se ir aqueles godos pera a cidade de Ravena, a que iam de gram pressa, **hũũ daqueles que era maior**al veo veer o bispo ante que se fosse (DSG.1.28.26)
- d) E assi en hũũ meesmo elemento en que san Pedro andava con seus pees, **San Paulo** non podia ir (DSG.1.31.36)
- e) Aquell dia, logo aa noite, estando el-rrei em sua camara, dom Samuel Levi **seu tesoureiro-moor** lhe disse presente todos (CDP.13.13-15)
- f) E outrosy se o pessoeyro morrer ante que entre ena uoz, a **pessoaria** nõ ualla (FR.1.10.83r)

De modo semelhante, o constituinte X é sempre realização de um advérbio, de uma sentença adverbial ou de um sintagma preposicionado.

Um outro tipo de ordenação possível está ilustrado abaixo, em que um constituinte X antecede S e um ou dois o seguem:

(3.61) a ordem X S (X) X V raiz

- a) Enton **o servo de Deus** pois que esto ouvio ficou triste e disse (DSG.1.8.40)
- b) E assi **o homen santo** pela resposta que deu disse verdade (DSG.1.5.20)
- c) E enton **o hospede piadoso** pois perdeu o filho per aquel que recebera, entendeu quem era aquel que en sa casa recebera (DSG.1.25.9)
- d) E outrossi **Moises** no deserto polo anjo aprendeu aquelas cousas que depois amostrou aos filhos d'Israel, e non per homen. (DSG.1.2.26)

Essa ordem encontra-se essencialmente nos DSG. Em todos os exemplos encontrados, o primeiro constituinte X é um advérbio. Observa-se que, no exemplo em (d), dois constituintes X seguem o sujeito, ambos sendo sintagmas preposicionados.

As construções V>2 com sujeito nulo ou com sujeito em posição pós-verbal são dos seguintes tipos (estão em negrito os constituintes X que antecedem o verbo):

(3.62) ordem X X V (S) raiz

- a) Se alguu ome morar so alguu senhorio e fazer preyto por que deue auer pëa no corpo ou no auer e for morar a otro senhurio, **ali** responda (FR.2.1.85r)
- b) Assy como nus sumos teodos de dar gualardõ dos bees deste mundo aos que nos y seruë, **mayormente** deuemos dar a Nostro Senhur Ihesu Cristo dos bees terreaes por saude de nossas almas (FR.1.5.74r)
- c) Prazer **outrossi** ouvemos mui grande, rei irmão (CDP.3.74-75)
- d) A todo logar honde el-rrei hia, **sempre** achariees prestes com hüu açoute o que de tall officio tiinha encarrego (CDP.6.28-29)
- e) e como hia entrando pellas portas dos paaços e das camaras, **assi** hia cada vez mais desacompanhado (CDP.20.45-47)
- f) E pois estas palavras disse, **logo** ficou são de sa enfermidade (DSG.1.29.22)
- g) E ali, **per sas encantações**, trabalharon que o enmiigo que en ela entrara que saisse dela (DSG.1.24.20)
- h) e, **assi** como o tiinha ordihado, **assi** sabia que se avia de fazer (DSG.1.16.23)

- i) E enton, pola sa bõa vontade que ouve pera compartir con os pobres, creceu o vinho tanto no lagar que...(DSG.1.17.15)
- j) E, estando ainda muito alonjado del, tan grande foi o temor e o tremer e a lassidoen que veo sobr'el que...(DSG.1.8.15)
- k) ca se non receberan o don do Spiritu Santo que lhi a el Deus dera, ligeiramente poderian caer en pecado (DSG.1.5.57)
- l) pero no tempo da sa mancebia tan grandes tentações ouve en a carne que... (DSG.1.5.53)
- m) e en toda esta sa cidade, porque ele hi á poderio, non acho hu me receban (DSG.1.25.5)

Com mais frequência, ocorrem construções em que o primeiro constituinte X é uma sentença adverbial e o segundo é um advérbio (cf. exemplos a/b/e/f/h/k). Mas outras ordenações são atestadas: advérbio + sintagma preposicionado nos exemplos em (g) e (i), sintagma preposicionado + sentença no exemplo em (m), sintagma preposicionado + objeto no exemplo em (l) e objeto + advérbio no exemplo em (c).

Observamos, assim, que os constituintes X das construções V>2 são basicamente advérbios, sintagmas preposicionados e sentenças adverbiais. Os exemplos em que um dos constituintes X é um objeto direto ou um predicativo são mais raros. Vimos também que são variadas as possibilidades de ordenação dos constituintes X nas construções V>2. São esses os fatos básicos da ordem nas construções V>2 raízes.

3.3.2. V>2 em sentenças encaixadas

Em relação às sentenças encaixadas V>2, encontramos nas encaixadas os mesmos tipos de ordenação atestados nas sentenças raízes. Apresentamos inicialmente construções com a ordem S X V e X S V:

(3.63) S X V encaixada

- a) e achegou-se ao leito en que o corpo morto jazia (DSG.1.29.11)
- b) as lágrimas que eu cada día deito dos meus olhos (DSG.1.1.10)
- c) as vertudes e os bẽes que Deus por el fazia (DSG.1.2.13)
- d) Este embargo e este nojo que nós ora sofremos (DSG.1.2.40)
- e) naqueste horto en que os monges tanto trabalho sofren (DSG.1.5.43)

- f) **creo queo capitã** aela ha demujar (CPVC.F10.17)
- g) **nã** queremos que **nengũu** per ellas razoe nen juyge (FR.1.6.77r)
- h) Se **o alcayde** per querella dalgũu ome emprazar outro (FR.2.2.89r)
- i) E porque poderya seer que **algũus omees** depoyes que entendessẽ que son culpados por tal feyto dariã e aleariam todo quanto ouuesse a sseus fillos e a sas mollerres (FR.1.2.72r)
- j) mostrou que **o seu recebimento** sen culpa non foi (DSG.1.25.21)
- k) cuidou quanto **o cavalo** diretamente podia valer (DSG.1.27.7)
- l) que te pergunte porque **o nosso remildor** quando alumeou os dous cegos mandou que o non dissessen a nengũu (DSG.1.17.22)
- m) a nom boa maneira que **el-rrei de Castella** com elle queria teer (CDP.19.15-16)
- n) ante que a **rreposta** de lá vehesse (CDP.19.4)
- o) a razom por que el depois fogio de seu rreino (CDP.15.110-111)
- p) sse alguu de **gran guysa** ou de meor stado isto nõ conprir (FR.1.3.74r)

(3.64) ordem X S V encaixada

- a) Aquesto que ora eu conto (DSG.1.1.41)
- b) E quando **alguen o homen santo** move (DSG.1.18.16)
- c) Assi como ora eu ouvi ata aqui (DSG.1.5.49)
- d) depois que naquela hora **o seu filho** ficara sen a féver (DSG.1.5.76)
- e) quando ja **Deus** queria galardoar a Santo Anastasio os trabalhos que por el en este mundo sofrera (DSG.1.16.6)
- f) de guisa que por as justiças que em ellas fazia **mui poucas** husavom de taaes officios (CDP.10.4-5)
- g) ca cousa è deguysada que por hũa diuida **omẽ** perça todos seus bees e sa requeza e sa pessoa (FR.1.11.83v)
- h) e quando a enmenda for feyta, a **sentença** seya logo tollecta (FR.1.5.76r)
- i) mandamos que quando ouuyrẽ morte del rey, **todos** guardẽ senhorio e os dereytos del rey aaquel que reynar en seu logo (FR.1.3.73v)

Em ambos os conjuntos de exemplos, são sentenças adverbiais, sintagmas adverbiais, sintagmas preposicionados (mais frequentemente) e DP com função de objeto direto os constituintes X que precedem ou seguem o sujeito. Um predicativo também pode ocorrer nessas estruturas, como o exemplo (3.64(a)) deixa evidente. Portanto, os exemplos mostram que não há

uma ordem fixa desses constituintes em relação ao sujeito. Os exemplos (3.64(d)) e (3.65(a)) são bastante ilustrativos quanto a isto: no primeiro, encontramos **nós + ora** e, no segundo, a ordem inversa **ora + eu**.

Como acontece nas sentenças raízes $V > 2$, os verbos das sentenças encaixadas pode estar antecedido por três constituintes, como nos seguintes exemplos:

(3.65) ordens $S X X V / X X S V / X S X V$ encaixada

- a) en aquel tempo en que Deus por ele estas vertudes fazia na proença de Sania (DSG.1.2.35)
- b) por tan bõõ... que Deus por ele nen hũ morto devesse resuscitar (DSG.1.4.9)
- c) pois que elle, com boom desejo, por naturall enclinaçom, rrefreou os males, rregendo bem seu rreino (CDP.P.82-83)
- d) come se en ela nunca nen hũ enmiigo entrasse (DSG.1.24.26)
- e) Naquel tempo en que esta cidade de Roma os malfeltores que saben d'encantar os homẽes, con ajuda e poderio dos enmiigos, foron conhoçudos e presos (DSG.1.5.59)
- f) Leixados os modos e diffinçoões da justiça que per desvairadas guisas muitos em seus livros escrevem (CDP.P.2-3)

As construções $V > 2$ sem realização lexical de S são como abaixo:

(3.66) $X X V \sim X X X V$ encaixada

- a) ca sabia que sen ela aa vida perduravil non podia viir nen receber o galardon do seu trabalho (DSG.1.1.12)
- b) en vida dalgũs que leixaron o mundo de todo seu coraçom e nunca a el per nen hũa maneira tornaron (DSG.1.1.21)
- c) pera dar a entender que como dá as cousas pequenas, assi devemos a esperar que nos dará as maiores (DSG.1.23.11)
- d) mais que podemos dizer que no tempo d'ora taaes homens non podemos achar no mundo (DSG.1.31.22)
- e) non era guisado que, pois ele pobre era, as vestiduras que tragia desse aos outros pobres e ficasse desnudo (DSG.1.22.8)
- f) aquesto que ora dito he (DSG.1.29.3)
- g) a don Lourenço, hornen mui religioso que ainda vivo he (DSG.1.2.35)

- h) padre daqueste bispo Castorio que ora nosco mora na cidade de Roma (DSG.1.7.2)
- i) de guisa que por tuas obras dignamente sejas chamado per nome de rrei que bem rrege (CDP.3.43-44)
- j) os trabalhos que por el en este mundo sofrera (DSG.1.16.6)
- k) do sobejo deleito que de noite con seu marido comprira (DSG.1.24.12)
- l) e Lucifer e os outros que depoyz per sa maldade son feytos diaboos e maos (FR.1.1.71r)
- m) e se algumas cousas das eygreyas uendudas acharẽ ou alleadas ou mal baratadas sen dereyto (FR.1.5.74v)
- n) assy como ya dito ẽ (FR.1.7.77v)
- o) mais per enveja d' algũus que d' el bem nom disserom (CDP.10.35-36)
- p) e que, sem rrecebimento d' algũa pessoa, sempre sejas honrrador e amador da justiça (CDP.3.42-43)
- q) que homildade ouve dentro na sa alma de quen tanta vertude fora aos homens demostrava (DSG.1.10.9)

Os exemplos deixam bem evidente que as possibilidades de ordenação dos constituintes X são bastante variadas nas sentenças encaixadas, do mesmo modo que nas sentenças raízes.

O Quadro 3.6 abaixo sumariza a distribuição das ordens V>2 nos quatro documentos:

Tipo Sentença	Ordem/Texto	FR	DSG	CDP	CPVC	TOTAL
raiz	S X V	14	39	50	12	115
relativa		/	25	16	05	46
adverbial		20	18	14	05	57
completiva		04	05	04	02	15
raiz	X S V	69	29	15	15	128
relativa		/	05	02	01	08
adverbial		11	06	09	06	32
completiva		04	06	02	01	13
raiz	X X V	23	26	35	13	97
relativa		02	08	05	13	28
adverbial		07	07	06	07	27
completiva		01	07	03	04	15

Quadro 3.6:Distribuição das construções V>2 nos quatro tipos de sentenças

3.3.3 Os complementos pronominais nas construções V>2

Ocorrendo um pronome complemento nos subtipos da ordem V>2, dois padrões são observados: o pronome é sempre pós-verbal quando X é uma sentença adverbial ou um DP complexo ou quando X é um objeto direto retomado pelo pronome complemento; o pronome pode ser pré ou pós-verbal nos outros casos.

Ilustramos as construções S X CL V e X S CL V abaixo:

(3.67) ... X / S... CL V raiz

- a) porque sse a lei he rrega d'o que sse há de fazer, muito mais o deve de seer rrei que a põe e o juiz que a há d'encaminhar (CDP.P.47-50)
- b) E se a Escriptura afirma que por o rrei nom fazer justiça vêm as tempestades e tribulações sobre o poboo, non se pode assi dizer d'este (CDP.1.42-45)
- c) e quãdo veo ao avanjelho que nos erguemos todos é pee cõ as mãos leuantadas. eles se leuantaram cõ nosco (CPVC.F12.19-22)
- d) e, contra sas vontades, por proveito dos outros, se deven a descobrir (DSG.1.17.30)
- e) E o coraçõ de cada hũu prelado, polos cuidados muitos que ha, ca non cuida en hũa cousa soo, ligeiramente se pode embargar (DSG.1.8.55)
- f) e o enmiigo logo se partio dela (DSG.1.6.9)
- g) E eles assi o fezeron (DSG.1.12.8)
- h) assi o bõõ e santo se deleitan quando...(DSG.1.11.15)
- i) Mais porque todo tempo do dia d' hoje non nos abastaria pera os contar compridamente, mais livremente os poderemos depois contar (DSG.1.31.42)
- j) E passando o corpo d' el-rrei perante a villa de Medina Sidonia, que era de Lionor Nunez, ella se foi dentro ao lugar (CDP.17.25-27)
- k) e o iffante, com leda esperança de cobrar a terra, lhe beijou as mãos por esto (CDP.21.33-34)
- l) O capitam das galees por todo isto nom o quis fazer (CDP.18.24-25)
- m) e el per seu corpo os queria punir e atormentar (CDP.7.11)
- n) ese aaíguu pouco alomguey. ela me perdoe (CPVC.F14.1-2)
- o) Este embargo e este nojo que nós ora sofremos, nunca nos aveo senon polo torto que fezemos ao abade servo de Deus (DSG.1.2.40)
- p) e porque a dyzyna é diuido que deuemos a dar a Nostro Senhur de todo, nenguu nõ se possa escusar de o nõ dar (FR.1.5.75r)

- q) sse depouys aquel por que demandou ou por que respondeu non lho quizer outorgar (FR.1.10.81v)

Nas construções com o operador de negação predicativa "não", o clítico sempre antecede o verbo, como nos exemplos (b/p//q). Nos enunciados em (a/e//g//o), os clíticos estão anteceditos por expressões adverbiais; em (d/k/m), são sintagmas preposicionados os constituintes que antecedem os clíticos. Nos demais exemplos (h//n), a ordem é X S V, sendo os sujeitos os constituintes que antecedem os clíticos.

As construções S X CL V e X S CL V encaixadas são do seguinte tipo:

(3.68) ... X / S... Cl V nas encaixadas

- a) ca temia o santo bispo que, se os homens soubessen aquello que acaecera, tanta vãã gloria lhi creceria en seu coração (DSG.1.17.19)
- b) de todas estas cousas que mi contas que ata aqui sempre mi foron ascondudas (DSG.1.31.22)
- c) viir em conhecimento quall foi e como depois de sua morte muitos lugares de castella se deram a el-rrei dom Fernando (CDP.15.112-113)
- d) porque como a alma soporta o corpo e partindo-sse d' elle o corpo se perde (CDP.P.44-45)
- e) se alguu contra isto o fezer (FR.1.7.78r)
- f) e que el assi o entendia de fazer (CDP.15.87-88)
- j) deman^{ra} que com aquela emcarna casy nos queriam dar amaão (CPVC.F4.9-11)

Contudo, as ordens X S V e S X V podem ocorrer com clítico em posição pós-verbal, como nos exemplos abaixo. Neles, estão inclusos exemplos com a ordem X X V-CL S (cf. ex. h e a):

(3.69) ...X / S... V CL (raízes e encaixadas)

- a) e con gram temor, querendo tirar o pee empós sí, empeçou-lhi o çapato en hũu paa da sebe (DSG.1.5.36)
- b) E ele, porque non avia en costume de fazer tal miragre, espantou-se muito daquela petiçon que lhi fizera aquela mulher con tan gram juramento (DSG.1.4.7)

- c) e a cabo de poucos dias Equicio, o abade servo de Deus, saiu-se do mosteiro pera preegar...(DSG.1.5.67)
- d) E el, pois fez sa oraçon, fez-lhi o sinal da cruz sobre los olhos e foi logo sãão (DSG.1.26.4)
- e) E el con vergonha das feridas calou-se (DSG.1.5.7)
- f) E este clérigo mi contou que este Bonifacio, seendo meniño e vivendo con sa madre, quando saia da casa e achava algũu pobre andando nuu, desvestia-se aas vegadas da saia e dava-lha (DSG.1.22.6)
- g) quando morria este honrado baron Anastasio, hũu frade que non queria viver depós sa morte deitou-se a seus pees (DSG.1.16.14)
- h) Ca non he duvida que aquele que ante sa morte fez muitas boas obras per que prouguesse a Deus, pela oraçon do seu amigo podia-lhi Deus tanto ben dar (DSG.1.29.24)
- i) e hũu seu escudeiro, quando vio el-rrei, foi-lh'o logo dizer tostemente (CDP.21.15-16)
- j) e elles com medo disserom-no assi (CDP.16.93)
- k) e el-rrei, visto o que lhe pediam, livrava-o logo sem outra deteença (CDP.4.66-67)
- l) e el, por cumprir voontade, depenou-lhe a barva (CDP.9.44-45)
- m) e disy o alcaide délhy prazo qual uir guysado (FR.2.8.95r)
- n) E se lla non quiser teer por aquello, o alcaide délll outro uozeyro (FR.1.9.80r)
- o) e depois poucos epoucos misturarãse cõ nosco (CPVC.F8v.5-6)
- p) alguũs deles por o sol seer grãde ã nos estando comungando aleuantarãse (CPVC.F12.32-33)
- q) e entã ocapitam fezese tomar ao colo de dous homees (CPVC.F6v.22-23)
- r) que as leis e justiça eram taaes como a tea da aranha, na quall os mosquitos pequenos caindo som rreteudos e morrem em ella e as moscas grandes e que som mais rrijas, jazendo em ellas, rrompem-na e vaan-sse (CDP.9.61-68)
- s) e depois dacabada amisa aseetados nos aapregaçom aleuantaranse mujtos deles (CPVC.F5.27-29)
- t) e com toda a fala que cõ ele pasou e com acarapuça que lhe deu, tanto que se espedio que começou de pasar o rrio, foise logo rrecatando (CPVC.F8.5-8)
- u) e quando uerrẽ ao preyto ao tempo que deuẽ seer as firmas dadas, se forẽ uiuas as testemõnhyas digãno todo de cabo (FR.2.8.94v)

v) assi como he custume naquela proença - que o pan quando he cruu assiinan-
no con hũu madeiro (DSG.1.30.4)

Nos enunciados com as ordens S X V-CL e X S V CL, mais freqüentemente X é uma sentença adverbial (cf. ex. a/b/d/f/i/k/l/p/r/s/t/u). Nos exemplos (e/j), são sintagmas preposicionados que antecedem os clíticos. Observa-se, no exemplo (h), uma sentença completiva, o clítico *lhi* retomando o objeto indireto deslocado para o início da sentença.

O Quadro 3.7 abaixo sumariza a distribuição dos clíticos nas construções V>2.

Tipo Sentença	Ordem/Texto	FR	DSG	CDP	CPVC
raiz		04	11	08	07
relativa	S X CL V /	/	01	/	/
adverbial	X S CL V	03	01	02	/
completiva		01	01	02	01
raiz		06	08	11	04
relativa	S X V CL /	/	/	01	/
adverbial	X S V CL	/	/	/	/
completiva		/	02	/	04
raiz		02	02	11	/
relativa	X X CL V	/	01	/	/
adverbial		/	01	01	02
completiva		/	01	01	01
raiz		01	05	02	03
relativa	X X V CL	/	/	/	/
adverbial		/	/	/	/
completiva		/	03	/	/

Quadro 3.7: Distribuição dos clíticos nas construções V >2

3.4 Mais sobre os complementos pronominais

3.4.1 A retomada pronominal do objeto direto deslocado

Quando o complemento verbal vem no início da sentença, observam-se, nos dados, dois padrões. No primeiro, a construção se realiza com a ordem C V (S), sem retomada pronominal do pronome complemento, como nas construções a seguir:

(3.70) ordem C CL V

- a) D' algúas cousas me calarei (DSG.1.5.25)
- b) e algúas outras cousas ti contarei (DSG.1.1.40)

- c) E esto lhís fazia ele pera lho agalardear Deus por cujo amor lho el fazia (DSG.1.22.7)
- d) Unha verdade vos direi (CD.309) (Huber, 1933:285)
- e) Huma punhada grande te darey (CV.14) (Huber: *ibid.*)

No segundo, a construção se realiza com a ordem C V-CL, sendo o complemento retomado por um pronome CL, como nos exemplos abaixo³⁰:

(3.71) OB_i V CL_i

- a) e as leys que el-rey lís der metanas eneste liuro (FR.1.7.77v)
- b) os ospedes asentarãnos em senhas cadeiras (CPVC.F10v.12-13)
- c) As outras pitições que eram de graça e mercee que perteenciam aa ssua fazenda, fazia-a poer hũu dos veeadores em ementa a seu escrivam (FR.4.17-20)
- d) e as taalhas en que mui pouquetiho de viho deitara, achô-as todas cheas de viho (DSG.1.17.17)
- e) aquelas cousas, Pedro, que ti eu contar, contar-ch'as-ei per testernão d'homêes bõs e honrados (DSG.1.1.37)
- f) E o poderio..... tolheron-mh'o ante os meus olhos (Mattos e Silva:786)
- g) esto, Pedro, que ti eu ora quero contar, aprendi-o dũu homen muito honrado (DSG.1.9.7)
- h) Eu que soon homen estranho, deitou-me de mha pousada (DSG.1.25.5)
- i) Como eu ei lecença de preegar direi-ch'o eu,...(DSG.1.7.5)
- j) Diz que todos aqueles que Jesu Cristo receberam e creeron que era filho de Deus, deu-lhís el poderio (Mattos e Silva:839)
- k) E o homen santo, pois fez o sinal da cruz con sa mão sobre a cabeça do cavalo, toda a rãvia e a braveza que avia mudou-a en mansidoen (DSG.1.27.4)

O exemplo em (3.71(i)) apresenta a ordem C V-CL S, com realização do sujeito em posição pós-verbal. Observa-se, em (3.71(j)), que esse tipo de construção pode ocorrer em sentenças encaixadas, ao menos em completivas.

³⁰ Em todos os exemplos deste subitem os complementos pronominais estão em negrito.

Huber (1933:284) e Pádua (1960:69-70) comentam que o posicionamento do objeto direto no início da sentença, retomado por uma forma pronominal, é mais usual na prosa quatrocentista. Nas palavras de Pádua (p.69), "na prosa mais primitiva não se encontram [construções com anteposição do complemento direto retomado por um pronome IMOR], pelo menos com relativa frequência".

Pelo número de exemplos citados acima, não podemos dizer que esta seja uma construção não-usual nos nossos dados. Como Pádua não fornece o número de ocorrências dessa construção nos seus dados, fica difícil estabelecer uma comparação em termos de frequência. Além do que, o que realmente importa para o nosso estudo é a possibilidade de essas construções serem geradas pela gramática do PA. Esta é a questão que diretamente nos interessa e que exploraremos nos itens 4.3. e 4.4.

Citamos agora alguns exemplos de Pádua (*ibid.*) e Huber (*ibid.*):

(3.72) retomada pronominal do objeto

- a) Teus comeres guarda-os pera ty (Fab.12) (Huber. *ibid.*)
- b) O trigo, que eu como, guanço-o ('ganho-o') per meu trabalho (Fab.23) (Huber. *ibid.*)
- c) A mia senhor feze-a Deus mais fremosa de quantas el fez (CA.9675) (Huber:285)
- d) A ssanha, injurias, agravos, como se devem desprezar, nosso senhor o demonstra, mandando que amemos quem nos mal fezer (Leal cons., cap. XIII, p.49) (Pádua:69)
- e) Que a ssanha venha sem desprazer, pesar, nojo ou tristeza, a pratica o demonstra, mas pera mayor declaraçom ponho exemplo. (Leal cons., cap. xxv, p.97) (Pádua:*ibid.*)
- f) ...mas ainda os livros que eu compus da philosaphia, que som já iguaees a elas, tu os leas com boa diligencia (Liv. of., p. 8) (Pádua:70)

Nos exemplos de Huber (*ibid.*), os constituintes se apresentam com a ordem C_i V-CL_i, com o complemento pronominal pós-verbal, enquanto que, nos de Pádua (*ibid.*) o complemento é pré-verbal, havendo sempre um constituinte S intervindo entre C e o V. A ordem é, portanto, C_i S CL_i-V.

Esse tipo de ordem também é atestado nos nossos documentos. Contudo, nos exemplos que apresentamos abaixo, pode-se observar que o

constituente que intervém entre o C e o V nem sempre é o DP sujeito: diferentes tipos de constituintes X, e mesmo mais de um constituinte X, podem ocupar essa posição. Por outro lado, a interferência de um elemento X entre o constituinte C e o V não implica necessariamente que o pronome complemento será pós-verbal. Vejamos os seguintes exemplos:

(3.73) ...C X V CL

- a) assi como he custume naquela proença - que o pan quando he cruu assinan-
no con hũu madeiro (DSG.1.30.4)
- b) e alguã coussa se aprouauam lamçauãna logo fora (CPVC.F3.17-18)
- c) A verdade daquesta profecia mais claramente a veemos cada dia a luz do sol
(DSG.2.15.14)
- d) rogoo-u o cavaleiro de tan gram coraçõ que por amor de Deus o don que lhi
dava non-no despreçasse (DSG.1.27.6)
- e) mais estes menihs non ch'os daremos (DSG.1.28.20)
- f) mandou aos seus discipolos que algũs miragres daqueles que lhi viam fazer
non-no dissessen a nengũu (DSG.1.17.20)

Nos exemplos em (a-b), a ordem é C X V-CL, sendo X uma sentença adverbial; o exemplo em (c) apresenta a ordem C X Cl V, e X é um sintagma adverbial; por último, nos exemplos em (d-f), com a ordem C Neg Cl V, a presença da negação é suficiente para desencadear a colocação pré-verbal do pronome complemento.

Huber (1933:283-284) e Pádua (1960:60-70) comentam o valor enfático das construções com retomada pronominal do objeto direto. Posição semelhante assume Mattos e Silva (1989:786) quando diz que "esta posição enfática do complemento, observe-se, é reforçada por sua repetição pleonástica sob forma pronominal logo após o verbo".

É possível se imaginar que os dois processos de posicionamento do objeto direto no início da oração devem ser recursos utilizados para dar ênfase ao constituinte C. Mas, evidentemente, se quisermos dar conta da realização e da não-realização da retomada pronominal, devemos olhar esses dois tipos de construção como resultantes de diferentes processos sintáticos.

3.4.2 A mesóclise

Nos documentos em estudo, em construções com formas verbais no futuro do presente e no futuro do pretérito, o pronome complemento está enclítico ou proclítico ao verbo na maioria das vezes, sendo a mesóclise muito rara (11 casos). Este mesmo fato é observado por Mattos e Silva (*ibid.*). Nos 182 enunciados principais e coordenados da sua amostra, só foram encontrados 04 casos de mesóclise.

Sabe-se que a mesóclise resulta do posicionamento do pronome complemento entre a forma verbal infinitiva e a forma do verbo "haver" nos tempos do futuro e do condicional. No PEM, a mesóclise é obrigatória em sentenças raízes V1. Em sentenças raízes V2, limita-se às construções do tipo em (3.74 (a) e (b)), não se verificando em construções como a apresentada em (3.74 (c)):

- (3.74) a) O João tê-la-á visto ontem (Mateus et alii 1989:333)
b) Eles dir-te-ão se tenho ou não razão (Mateus et alii: *ibid.*)
c) Só o João me faria ir ao cinema hoje

Dois fatos básicos distinguem o PEM do PA em relação à mesóclise: primeiro, no PA, a mesóclise não é obrigatória em construções V1, conforme os exemplos abaixo ilustram:

- (3.75) a) direi-ch'o eu (DSG.1.7.5)
b) -Direi-ti os nomes d'alguûs (DSG.1.2.3)

Segundo, a mesóclise é atestada em sentenças encaixadas, completivas e adverbiais, como as seguintes:

- (3.76) a) por ~q certo esta jente he boa e de boa sijnpresidade e enpremarsea
ligeiraméte neeles qual~qr crunho que lhes quiserem dar
(CPVC.F11/F11v.31-32/1)
b) e disse-lhe em segredo ... e que se fosse com elle e dar-lhe-hia o senhorio
d'aquella terra (CDP.21.7-8)
c) E em tal maneira he graciosa que querendoa aproueitar darsea neela tudo
per bem das agoas (CPVC.F13v.19)

- d) dise ocapitam que fosemos e veersla bem o rrio quejando era (CPVC.F6v.2)
- e) E porque poderya seer que alguus omees depoyz que // (fol.72v) entendessê que son culpados por tal feyto dariã e aleariam todo quanto ouuessê a sseus fillos e a sas molleres e dalhuyam enalguus logares por amor que el rey nõno podesse auer (FR.1.2.72r/72v)

A conclusão a que chegamos, apesar do pequeno número de dados com mesóclise, é que a distribuição do pronome complemento com as formas verbais de futuro e condicional não é essencialmente diferente da que se atesta para com as demais formas verbais (cf. análise no item 4.4).

Observando-se os seguintes exemplos:

- (3.77) a) e teer-lh'o-hia em serviço (CDP.20.19-20)
- b) d' outra guisa mostrar-se-hia seu rregno cheo de boas leis e maaos costumes (CDP.P.55-57)
- c) E enton dar-lh' ia Deus lume de seus olhos (Mattos e Silva:850)
- d) e nós agradecer-vo-lo-emos (CDP.2.49)
- e) Muito me prazeria (Mattos e Silva:846)
- f) non ch'os daremos (DSG.1.28.20)
- g) Aquesto, Pedro, que tu dizes diria-se dereitamente (Mattos e Silva:846)

O exemplo em (3.77 (a)), uma construção V1, é o ambiente típico de ênclise. Já vimos que construções iniciadas por sujeito (3.77(d)) e por modificadores adverbiais (3.77 (b-c)) também ocorrem com ênclise. Nos exemplos em (3.77 (e-f)), os quantificadores de intensidade (muito) e de negação (não) requerem sempre a próclise. Embora pareça se poder definir os ambientes de mesóclise como ambientes de ênclise, no item 4.4 propomos defini-la como ocorrendo em ambientes de próclise.

3.4.3 A interpolação

Tem-se identificado como "interpolação" o fenômeno da não-adjacência entre o clítico e o verbo, fenômeno bastante atestado no PA. A interpolação é característica de sentenças encaixadas. Em princípio, qualquer tipo de

constituente pode ocorrer interpolado: sintagmas advérbiais, sintagmas preposicionados, argumentos do sintagma verbal (sujeito e complementos), predicativos adjetivais e formas verbais [-finitas].

Apresentamos, em (3.78), construções em que o sujeito é o elemento interpolado e, em (3.79), construções em que a interpolação se realiza por constituintes outros, diferentes do sujeito:

(3.78) as construções CI S V (X) encaixadas

- a) se lhes homē acenaua (CPVC.F11v.18)
- b) ajnda que os eles mandasem (CPVC.F9v.30)
- c) cō huu paao dhuūa almaadia que lhes o mar leuara (CPVC.F5v.5-6)
- d) e das respostas que lhi el dava (DSG.1.1.2)
- e) depois que os Deus apartou do mundo (DSG.1.1.23)
- f) E pois se o bispo saio da eigreja (DSG.1.19.14)
- g) aqueste por que me tu rogas (DSG.1.5.62)
- h) se vos algūua necessidade veesse aa mão (CDP.12.63)
- i) da guisa que o elles disserom (CDP.11.14-15)
- j) a mercee que lhe el-rrei fazia (CDP.4.26-28)
- k) pera ver como as el-rrei desembargava (CDP.4.45-46)
- l) poys s' el conheceu por maa (FR.2.7.91v)
- m) sobre algua demāda que lh' outro faça (FR.1.10.82r)
- n) pello acrecentamēto qua lhys Deus deu (FR.1.5.75v)
- o) E quando me eu nembro de como algūūs deles son achegados a Deus (DSG.1.1.22)
- p) Se ti eu, Pedro, contasse, que soon homeciho de pouco proveito, aquelas cousas... (DSG.1.1.29)
- q) se o alguen non conhocesse (DSG.1.7.20)
- r) Pois mi tu contasti, padre, tan gram miragre que el fez... (DSG.1.10.15)
- s) Des que me este homem deu hūua punhada (CDP.9.55-56)
- t) necessario he que contemos primeiro como sse começou sua desaveença e de que guisa se el partio do reino (CDP.17.6-8)
- u) pero lhes el-rrei avia ja perdoado (CDP.20.84-85)

(3.79) as construções CI X V

- a) E sse o assy mostrar (FR.1.10.81r)
- b) e se se del alçar (FR.1.10.82r)

- c) quando lhe compridoiro fosse (CDP.15.72)
- d) quando soube que a assi levarom (CDP.19.55)
- e) compravam prata e ouro aaquelles que o vender queriam (CDP.12.29-30)
- f) por se queixar d'o que lhe feito avia (CDP.9.13-14)
- g) quando nos asy virã vijr (CPVC.F12.8-9)
- h) aaquele queo da prim^a agasalhou (CPVC.F4v.9)
- i) seo hy ouuese (CPVC.F4v.5)
- j) ca o coraçon que se per muitos cuidados parte (DSG.1.8.56)
- k) a quen quer que o compridamente demanda (DSG.1.29.27)
- l) come aquelas que se nunca faran (DSG.1.2.27)
- m) dos feitos terreaes en que se cada día envolve (DSG.1.1.14)
- n) non recebia embargo de nengüü que me de todo esto estorvasse (DSG.1.1.4)
- o) e veer o que sse despender pode (CDP.12.58-59)
- p) quanto a mais desejo tanto mais andando per esse mar a posso meos aver
(DSG.1.1.19)
- q) pois que o assi fezeron (DSG.1.2.38)
- r) quando o por cousas grandes rogasse (DSG.1.23.12)
- s) non recebia embargo de nengüü que me de todo esto estorvasse (DSG.1.1.4)
- t) per razon das cousas que se per eles poden entender (DSG.1.1.40)
- u) de seu cavalo de que o primeiramente derribaron (DSG.1.2.45)
- v) longa criaçom e serviço que lhe feito aviam (CDP.6.46-47)
- w) assi son caladas que as non sabemos nós (DSG.1.1.27)
- x) Ca o mal que lh'ende acaeceu (DSG.1.25.21)
- y) os perigos que lhe aviir podiam de tall feito (CDP.8.27-28)
- z) o bõo logar a que o ja levaron (DSG.1.29.23)

A interpolação também pode ocorrer com mais de um constituinte dos tipos listados acima. Os exemplos em (3.80) ilustram as possibilidades de interpolação de dois constituintes, sendo que um dos constituintes interpolados é o sujeito da sentença. Como anteriormente, só em sentenças encaixadas são atestadas essas construções.

(3.80) as construções CI S X V / CI X S V

- a) Esto, Pedro, que ti eu ora quero contar, (DSG.1.9.7)
- b) o rogo que lh' o cavaleiro tan aficadamente fazia (DSG.1.27.7)
- c) pela graça que lhi Deus ante dera (DSG.1.7.16)

- d) contra quem lhe elle entom rrequeria ajuda (CDP.15.47-48)
- e) posto que o bem servisse e lhe el muita mercee e honrra fizesse (CDP.16.24.25)
- f) e como quer que lhe esta mais custosa fosse (CDP.15.95)
- g) ainda que o el primeiramente salvasse (DSG.1.7.20)
- h) ...quando se a alma do corpo parte (Mattos e Silva:841)
- i) como quer que se eles em alguia parte amansasem (CPVC.F7v.33-34)
- j) O que te ora eu quero contar (DSG.1.5.51)
- k) o don do Spiritu Santo que lhi a el Deus dera (DSG.1.5.57)
- l) posto que o bem servisse e lhe el muita mercee e honra fizesse (CDP.16.24.25)
- m) ...a que se ren non asconde (Mattos e Silva:853)
- n) se a o penedo grande non embargasse (DSG.1.13.11)
- o) E como quer que o el-rrei muito amasse (CDP.8.47-48)

Embora mais raras, foram também encontradas construções com dois constituintes que não desempenham a função de sujeito interpolados. Vejam-se os exemplos abaixo:

(3.81) as construções CI X X V

- a) se os leixar non quisesse (CDP.18.22)
- b) E sse o assy nõ fazer (FR.1.9.80v)
- c) desta vossa terra noua que se ora neesta nauegaçam achou (CPVC.F1.4-5)
- d) com quanto os cõ aquilo muito segurou e afaagou (CPVC.F7v.19-20)
- e) a guarda que Deus ha daqueles que se en este mundo polo seu amor despreçaron (DSG.1.8.45)
- f) o escrivam que o assi nom fazia (CDP.4.16-17)
- g) e a azamell que por ella fosse e a d' esta guisa nom pagasse (CDP.5.83-85)

Só encontramos duas construções com interpolação de três constituintes, sendo um deles, nos dois casos, a negação predicativa. Igual observação faz Martins (1994:179) sobre a interpolação de três constituintes: "esta situação é menos frequente e em todas as atestações encontradas um dos constituintes interpolado é o operador de negação predicativa não". A seguir, apresentamos nossos dois exemplos e alguns exemplos de Martins (p. 179, 181; exemplos (c/d/e) abaixo):

(3.82) interpolação de três constituintes

- a) que lhe logo el-rei nom mandou cortar a cabeça (CDP.9.33-34)
- b) as quaaes nos parece que **see** em outro logar melhor contar nom podem que todas aqui juntamente (CDP.15.118-120)
- c) e se **nolo** vos en ese día **nõ** derdes a nos ou noso procurador (Lx, 1296)
- d) E **sse** pela uentura a uos **assj** **nõ** adubardes (Lx, 1305)
- e) e mjlhor se o elle Jorge duarte e pessoa depes elles mjlhor poder aver (NO, 1513)

3.5 A recomplementação

O fenómeno da recomplementação se refere à possibilidade de sequência de complementadores, como nos exemplos abaixo, em que o elemento introdutor das sentenças completivas "que" se superficializa duas vezes (estão em negrito os constituintes "que"):

- (3.83) a) Ebem **creo** **que** se vosa alteza aquy mandar quem mais antreles de vagar ande. **que** todos serem tornados ao desejo de vosa alteza (CPVC.F13.8-10)
- b) mandou ocapitam aos nauios pequenos **que** fosem mais chegados aattra e **que** se achasem pouso seguro peraas naaos **que** amaynasem (CPVC.F2.21-24)
- c) mas parece **que** se lho avezarem **queo** beberam de boa vontade (CPVC.F10v.33/F11.1)
- d) rogo-te **que** se te nembras d'alguũs **que** mh'os digas (DSG.1.31.40)
- e) e dizia **que** se lhi non enviassem Basilio monge **que** a saasse **que** logo morreria (DSG.1.5.68)
- f) E disse a seu filho **que**, pois el tan aginha gaanhava de Nosso Senhor as cousas **que** lhi demandava **que**, des aqui en deante, desse aos pobres do seu quanto el quisesse dar (DSG.1.22.16)
- g) acharom **que** tiradas as despesas **que** os rreis em costume tiinham de fazer, **que** soamente no seu tesouro de Lixboa podia cada ano poer na torre do castello ataa quinze mil dobras (CDP.12.71-75)
- h) El-rei lhe mandou dizer **que** pois aquelles baixees estavom em seu porto, **que** os nom quisesse tomar (CDP.18.16-18)

- i) ben mandamos **que** se cartas algũas teuer **que** façã pera seu preyto, **que** as possa aduzer e prouar per ellas (FR.2.8.95v)
- j) e rogamos-vos **que** essas joyas **que** ella leixou **que** as mandees dar ao dito Joham Fernandez (CDP.2.47-49)
- k) E pero non he pera creer -diz San Gregorio - **que** o bõõ logar a **que** o ja levaron **que** o perdesse (DSG.1.29.23)
- l) mandanos **que** aquel a **que** o adusserẽ en apenhoramẽto **que** o recabede (FR.1.5.76v)
- m) ca lhi semelhava **que** quanto trigo despendera per todo o ano **que** ali o viã ajuntado (DSG.1.22.14)
- n) e o abade San Beento dizendo o contrairo **que** Deus **que** o fezera por el (Mattos e Silva 2.7.9)
- o) mandou-lhi dizer **que** el **que** o ia ver (Mattos e Silva)
- p) deffendemus firmemẽte **que** daqui adeante **que** nenhuu seya ousado de coller ne de midir ome pan (FR.1.5.76r)

Observa-se que, entre as duas realizações do complementador "que", há um constituinte sintagmático: mais frequentemente, uma sentença adverbial (cf. exemplos (a-i)) ou um objeto direto deslocado retomado por um clítico que ocupa uma posição depois do segundo "que" (cf. exemplos (j-m)), mas pode também ocorrer um Sn ou um Sp (cf. exemplos (n) e (o), respectivamente), ou um elemento adverbial (cf. exemplo (p)).

Uriagereka (1992:6) denomina essas construções de recomplementação de "sandwiched dislocations", por haver sempre um elemento deslocado "ensanduichado" entre as duas realizações do "que". Alguns exemplos da recomplementação no galego são como:

(3.84) recomplementação no galego

- a) <dixeron que> a este home <que> non o maltratemos
- b) <Din que> o que e ver <que> non veu res
- c) <Din que> se atopan a saída <que> han marchar

No exemplo em (a), o elemento deslocado é o objeto direto; no (b) e no (c), são constituintes clausais.

A seguinte passagem da CDP, com quatro completivas (que estão entre colchetes), sendo três delas de recomplementação, ilustra a produtividade da recomplementação no PA:

(3.85) recomplementação na CDP

E el-rrei d' Aragon deu sua rresposta [**que** lhe pesava do nojo que a el-rrei fora feito] e [**que**, como aquell cavalleiro tornasse pera seu rreino, **que** el ho ouviria e faria justiça], de guisa que el-rrei de Castella fosse contento; e [**que** a comenda que avia dada a dorn Pedro Moniz, pois a el-rrei nom prazia d'ello, **que** cataria outra cousa de que lhe fizesse mercee]; mas [**que** ataa que lhe al desse, **que** lh'a nom podia tirar sem grande sua mingua] (CDP.18.44-51)

Pode-se indagar se a recomplementação, como o próprio termo indica, é um traço característico só de construções completivas. Alguns exemplos, que apresentamos abaixo, parecem indicar que não:

(3.86) recomplementação em encaixadas adverbiais

- a) -Queria, padre, que mi provassen mais abertamente **se** a ordinhaçon que Deus feze dos feitos que se fazem no mundo, ou a sabença que ouve desses feitos ante que o mundo fosse feito, **se** se pode ajudar per orações dos santos homens (DSG.1.16.26)
- b) de guysa **que** o temporal e o spirital que uen todo de Deus **que** se acordê todos en huu (FR.1.5.76r)
- c) en guysa **que** os maoos que per sa maldade e por sa natura son dessaujdoos e denodados, **que** pellas leyx seyã desarraygados (FR.1.2.72r)
- d) E ali, per sas encantações, trabalharon **que** o enmiigo que en ela entrara **que** saisse dela (DSG.1.24.20)
- e) pareçeme jemte de tal jnoçencia **que** se os homê emtendese e eles anos. **que** seriam logo xpaãos (CPVC.F11.22-24)

No exemplo (a), embora a sentença seja introduzida por **se**, trata-se de uma completiva do verbo "provar". Nos exemplos (b-d), as sentenças são adverbiais, aceitam recomplementação, apresentando como constituintes "ensanduichados" os DPs sujeitos. Em (e), exemplo de uma construção adverbial consecutiva, o constituinte "ensanduichado" é uma sentença adverbial.

3.6 Considerações Gerais

Nossa descrição tentou captar uma série de fatos relacionados com a ordenação dos constituintes sintagmáticos nos quatro documentos em estudo, sobretudo os relacionados com as possíveis ordenações dos argumentos verbais, dos adjuntos adverbiais, dos clíticos e da negação em relação aos verbos, nos diversos tipos de estruturas finitas. Abordamos a questão da ordem, tendo como ponto central o verbo, e observamos quantos e de que tipo são os constituintes que o antecedem. Assim, identificamos em síntese os enunciados como segue:

- a) as construções V1, com verbo em posição inicial, são as mais frequentes nos quatro documentos. Em um total de 7.498 sentenças, 3.780 são construções V1, sendo 3.376 construções com sujeito nulo e 404 com sujeito realizado, evidentemente, em posição pós-verbal. Observamos a posição ocupada pelos clíticos pronominais nas construções V1 e vimos que a ênclise é obrigatória nessas estruturas. Alguns casos de aparentes exceções, resultam, na realidade, da possibilidade de algumas das hoje chamadas conjunções coordenativas serem usadas, no PA (e em outras línguas românicas), como elementos com valor adverbial. Assim sendo, tais construções deixam de ser V1 e, como V2, permitem a colocação pré-verbal do clítico. Outros casos podem ser explicados se considerarmos que existem diferentes possibilidades de coordenação de constituintes em qualquer língua humana. Desse modo, construções com clítico em posição inicial, como ocorre no PB, no FrM e no EspM, não foram atestadas nos nossos dados. O quadro 3.2 mostra que V1 é possível em qualquer tipo de construção, nos quatro documentos.
- b) as estruturas V2, em que o verbo está antecedido por um constituinte qualquer, também são bastante frequentes nos *corpora*, ocorrendo 3.137 vezes, distribuídas entre as ordens SV(X), com 1.321 ocorrências e XV(S) / XVXS, com 1.816 ocorrências. São diversos os tipos de constituintes que realizam X nessas construções: argumentos verbais e adjuntos adverbiais, predicativos, formas verbais [-finitas] e sentenças adverbiais.
- c) as estruturas V>2, as menos frequentes nos *corpora*, são realizadas 581 vezes, com as seguintes possibilidades de ordenação: SXV, XSV, XXV, podendo ainda serem realizados dois ou mais de dois constituintes X.

Os quadros abaixo sumarizam a distribuição das construções V1, V2 e V>2 nos quatro documentos:

ORDENSTIPOS	Raiz	Relativa	Adverbial	Completiva	TOTAL
V1	124	510	338	98	1.070 / 53.39%
V2	363	75	276	65	779 / 38.87%
V > 2	106	02	38	09	155 / 07.73%
TOTAL	593	587	652	172	2.004

Quadro 3.8:Distribuição das construções V1, V2 e V>2 no FR

ORDENSTIPOS	Raiz	Relativa	Adverbial	Completiva	TOTAL
V1	299	470	241	184	1.194 / 51.13%
V2	412	266	158	124	960 / 41.11%
V > 2	94	38	31	18	181 / 7.76%
TOTAL	805	774	430	326	2.335

Quadro 3.9:Distribuição das construções V1, V2 e V>2 nos DSG

ORDENSTIPOS	Raiz	Relativa	Adverbial	Completiva	TOTAL
V1	316	304	200	196	1.016 / 47.18%
V2	405	236	177	158	976 / 45.33%
V > 2	100	23	29	09	161 / 07.47%
TOTAL	831	563	406	363	2.153

Quadro 3.10:Distribuição das construções V1, V2 e V>2 na CDP

ORDENSTIPOS	Raiz	Relativa	Adverbial	Completiva	TOTAL
V1	228	114	96	62	500 / 49.70%
V2	257	83	61	21	422 / 41.94%
V > 2	40	19	18	07	84 / 08.34%
TOTAL	525	216	175	90	1.006

Quadro 3.11:Distribuição das construções V1, V2 e V>2 no CPVC

Como as tabelas mostram, é bastante semelhante a distribuição dessas construções nos quatro documentos. Assim, apesar de os documentos FR e DSG serem traduções de originais em espanhol e em latim, respectivamente, podemos dizer que as propriedades que caracterizam a sua sintaxe não diferem das dos textos CDP e CPVC, escritos originalmente em português. Se há variação entre os documentos quanto ao número de ocorrências de certas estruturas, como mostrado nos diversos Quadros, no decorrer deste capítulo, tais diferenças são mais quantitativas do que qualitativas.

Também ao longo deste capítulo pudemos observar que, em geral, as mesmas possibilidades de ordenação de constituintes nas sentenças raízes são atestadas nas sentenças encaixadas, embora, às vezes, com um menor

número de ocorrências. As questões teóricas relacionadas com o licenciamento dessas estruturas são o objeto do capítulo 4, em que discutimos a questão técnica do V2 e do posicionamento do verbo no PA. Tratamos aí também de topicalização e de focalização, quando, então, comparamos o PA com outros sistemas linguísticos, germânicos e românicos.

CAPÍTULO 4. Aspectos da gramática do português arcaico

4.0 Introdução

Procuramos neste capítulo apresentar uma proposta de análise para um conjunto de fenômenos sintáticos atestados no PA, como descritos no capítulo 3. Tentamos formular uma proposta de análise que explique uma série de fenômenos relacionados com a ordenação de palavras no PA. Seguindo Chomsky (1992), tomamos como ponto norteador da nossa análise o princípio de que os traços-N e os traços-V das categorias lexicais e funcionais precisam ser licenciados (ou checados) numa relação estrutural de concordância entre Spec/núcleo. Essa checagem de traços pode se dar na sintaxe evidente, se os traços são morfologicamente fortes, ou na sintaxe oculta, se morfologicamente fracos (cf. capítulo 1).

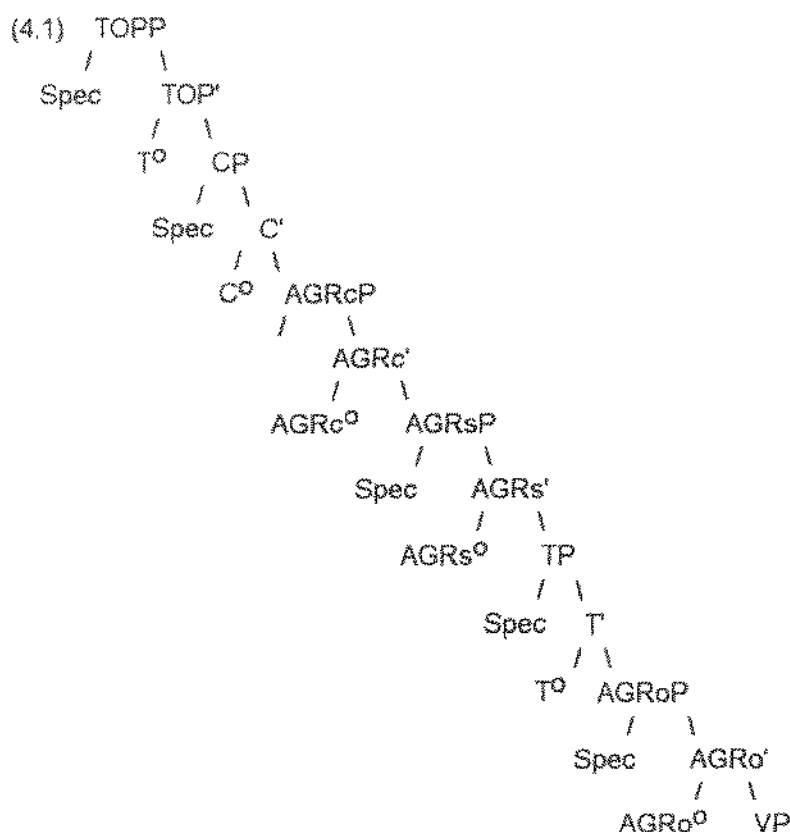
Na abordagem minimalista, pressupõe-se que todas as línguas são iguais na FL. As diferenças entre elas estão nas características morfológicas dos seus núcleos funcionais, que desempenham um papel crucial na determinação de processos gramaticais, em particular, nos processos de movimento na sintaxe explícita, desde que podem ser os desencadeadores do movimento de outra categoria para a projeção em que está o núcleo funcional, como também inibir o movimento de outra categoria para sua projeção.

São vários os estudos lingüísticos que têm mostrado que as propriedades dos núcleos funcionais C^0 e $AGRs^0$ desempenham um papel fundamental na organização da gramática das línguas humanas, sobretudo na determinação de processos de movimento. Também são vários os estudos que têm caracterizado línguas V2 como aquelas que requerem o preenchimento de CP em sentenças raízes declarativas. A implicação também vai na outra direção, estabelecendo-se que línguas não-V2 são as que não ativam CP nas sentenças raízes declarativas.

As propostas teóricas que elaboramos aqui procuram explicar fatos lingüísticos relacionados com o movimento sistemático do $V^0[+f]$ para C^0 no PA. Tentamos dar um tratamento unificado da interação entre o fenômeno V2 e certas propriedades sintáticas que caracterizam línguas românicas e germânicas V2.

A estrutura que propomos para o PA admite as seguintes projeções funcionais¹:

¹ Omitimos aqui a projeção FP (sintagma funcional). Cf. item 4.3



Nossa análise pretende mostrar que o $V[+f]$ sempre se move até C^0 na sintaxe evidente, a posição funcional em que finaliza a checagem de seus traços. Assumimos que os traços dessas categorias funcionais são V-relacionados (com exceção de $AGRc^0$), e que, sendo traços-V fortes, devem ser checados antes do *spell-out*. Assim, no seu caminho para C^0 , o $V[+f]$ deve passar por $AGRo^0$, por T^0 e por $AGRs^0$ para checar os traços- ϕ . O V^0 não passa por $AGRc^0$ porque não há traços-V a serem checado nessa posição. $AGRc^0$ é o núcleo funcional que hospeda os clíticos.

O capítulo está organizado como segue. No item 4.1 analisamos o fenômeno V2 em sentenças raízes, nos baseando nos casos mais bem conhecidos deste tipo, o alemão e o FrA. Apresentamos evidências empíricas de que o $V[+f]$ se move para o núcleo C^0 antes do *spell-out* para a PF, considerando a posição do $V[+f]$ em relação aos outros constituintes da sentença. Este item trata também da questão da TOPICALIZAÇÃO² externa a CP. No item 4.2, procuramos mostrar como nosso

² Considerando que o termo "topicalização" é muitas vezes usados com um sentido amplo, cobrindo diferentes fenômenos sintáticos, optamos por nos referirmos como "TOPICALIZAÇÃO" ou "TOP" ou "TÓPICO" (em maiúsculas) para a frontalização/topicalização de constituintes para uma posição externa a CP, "V2" ou "topicalização V2" para os movimentos de constituintes para Spec/CP e mantemos "fronteamento estilístico" (*stylistic fronting*) para um tipo de topicalização característico de sentenças

sistema pode oferecer uma análise natural para os fenômenos **V2** e **CL-2** no PA. Assumimos que, no PA, o clítico ocupa uma posição funcional tipo-AGR independente da posição-AGR relacionada com a morfologia verbal. No item 4.3 tratamos da topicalização em sentenças encaixadas, e propomos identificar três diferentes tipos de topicalização encaixada, cada uma delas licenciadas por diferentes núcleos funcionais.

4.1 Os efeitos V2 nas sentenças raízes do português arcaico

Foi dito, no capítulo 1 (cf. item 1.3), que os efeitos V2 são analisados em termos de duas regras de movimento: a) uma regra move o verbo flexionado para a segunda posição, a do núcleo C^0 ; b) uma outra regra move algum constituinte XP para a primeira posição, ou seja, Spec/ C' . A derivação é ilustrada em (4.2) abaixo, com dados do alemão e do FrA (exemplos de Adams 1988:14)

(4.2) a) [$_{CP}$ Hans_i [$_{C'}$ hat_j [$_{IP}$ t_i den Mann gesehen t_j]]]
 H. tem o homen visto

b) [$_{CP}$ Tant_i [$_{C'}$ ont_j [$_{IP}$ t_i François t_j chevauchié t_j]]] (Le Charroi de Nîmes 1070)
 muito têm franceses cavalgado (os franceses cavalgaram por muito tempo)

O objetivo deste item é caracterizar as propriedades do requerimento V2 nas sentenças raízes do PA. Nossa análise procura mostrar que as propostas para dar conta das características essenciais do V2 do alemão e do FrA se aplicam bastante naturalmente aos dados do PA. Dividimos este item em três partes. No item 4.1.1, apresentamos evidências de que o $V[+f]$ está em C^0 nas sentenças raízes, antecedido por um constituinte sintagmático qualquer. Apresentamos também algumas reflexões sobre a caracterização do efeito V2 como um processo de focalização ou de topicalização para Spec/ C' , e procuramos distinguir V2 de TOPICALIZAÇÃO externo a CP. No item 4.1.2, discutimos sobre a ordem V (X) S e procuramos identificar os diferentes tipos de construção V1 no PA. Em 4.1.3,

encaixadas (cf. item 4.3). Desse modo, o uso dos termos "topicalização" e "frontalização", em minúsculas e sem adjetivação, cobre qualquer tipo de movimento de frontalização de constituintes, sem preocupação com a posição sintática envolvida na operação.

tratamos das construções V>2, um caso peculiar de ordem, que distingue o PA de outros sistemas V2.

4.1.1 Movimento de V[+f] para C⁰; as evidências empíricas

No capítulo 3 deste trabalho, listamos os diferentes tipos de ordenação de constituintes dos documentos em estudo. O Quadro 4.1 abaixo apresenta a distribuição das construções V1, V2 e V>2 nos quatro documentos:

Ordens/Textos	FR - séc. XIII	DSG - séc. XIV	CDP - séc. XV	CPVC - séc. XVI
SV(C/X)	359 / 0.179%	398 / 0.170%	403 / 0.187%	161 / 0.160%
XV(S)	420 / 0.209%	562 / 0.240%	573 / 0.266%	261 / 0.259%
SXV	38 / 0.018%	87 / 0.037%	84 / 0.039%	24 / 0.023%
XXV	33 / 0.016%	48 / 0.020%	49 / 0.022%	37 / 0.036%
XSV	84 / 0.041%	46 / 0.019%	28 / 0.013%	23 / 0.022%
V(C/X)	972 / 0.485%	1072 / 0.459%	894 / 0.415%	438 / 0.435%
VS	82 / 0.040%	100 / 0.042%	100 / 0.046%	48 / 0.047%
VXS(X)	16 / 0.007%	22 / 0.009%	22 / 0.010%	14 / 0.013%
TOTAL	2004 (0.995%)	2335 (0.996%)	2153 (0.998%)	1006 (0.995%)

Quadro 4.1: Distribuição das ordens V1, V2 e V>2 nos *corpora*³

Os números no Quadro 4.1 mostram que a ordem SVC não é a mais frequente nos *corpora*. A par das construções V1, majoritariamente realizadas, as construções com a ordem XV(S) são um pouco mais frequentes do que as com a ordem SV(C/X). Como a ordem básica no VP é SVC, as propriedades básicas de ordenação dos constituintes no PA envolvem movimento do núcleo verbal para uma posição mais alta do que a ocupada pelo DP sujeito e movimento de um constituinte XP qualquer para a posição que antecede a que o verbo ocupa.

Os efeitos do movimento de XP para Spec/C' e de V para C⁰ não são visíveis nas construções SVC, em que o DP sujeito ocupa a primeira posição na sentença e o verbo, a segunda, como nos exemplos abaixo (os sujeitos estão em negrito e sublinhamos os elementos adverbiais pós-verbais):

- (4.3) a) **Este rrei** **nom** quis mais casar depois da morte de dona Enes (CDP.1.52-53)
- b) e **mujtos deles** os hiam logo poer e tra (CPVC.F5v.11)
- c) e o conde con sa companhia veeron muit'agíha (DSG.1.2.38)

³ No cálculo das percentagens deste Quadro, decidimos considerar as três primeiras casas decimais, para evitar a representação de valores 0.00% em algumas ocorrências. Como anteriormente, não fizemos arredondamentos.

- d) E a serpente obedeceu tan toste (DSG.1.5.34)
- e) E o monge veo depois ao ladron (DSG.1.5.41)
- f) Todo crischao crea firmemente que huu soo é uerdadeyro Deus...(FR.1.71r)
- g) Este rrei acrecentou muito nas contias de fidalgos...(CDP.1.23-24)

Construções como as vistas em (4.3) acima não apresentam evidências diretas do movimento do verbo e do DP sujeito para CP, porque a sequência apresentaria a mesma ordem linear se esses constituintes estivessem em AGRsP. Mas a posição pós-verbal dos elementos adverbiais *mais*, *logo*, *muit'* *agüa*, *tan toste*, *depois*, *firmemente* e *muito*, nos exemplos em (4.3) acima, ao menos indica que o verbo e o sujeito estão fora do VP (voltamos a essa questão logo abaixo).

Diversos exemplos derivados dos efeitos V2 no PA já foram apresentados no Capítulo 3, sobretudo construções com a ordem XV(S)⁴. Alguns exemplos são apresentados abaixo (sublinhamos os sujeitos pós-verbais, e estão em **negrito** os constituintes iniciais)⁵:

- (4.4) a) [_{CP} **Com tanta paceença**_i [_{C'} **sofria**_i [_{AGR_{sP}} **ela** *t_i* **esta enfermidade** *t_j*]]]
(DSG 4.13.13)
- b) e **daquy** mandou o **capitã** a **njcolao coelho e bartolomeu** dijz que...
(CPVC.F3v.9-10)
- c) E **enton** respondeu o **abade santo** e disse (DSG 1.8.33)
- d) **Com estas e outras taaes rrazões** arrefeço el-rrei de sua brava sanha
(CDP.7.62-63)
- e) E **estes** dizimos **quis Nostro Senhur** pera as **eygreyas** fazer (FR.1.5.75r-75v)
- f) e **algüas outras cousas** ti contarei (DSG.1.1.40)
- g) e **tan gram ferida** lhi deu con elas na cabeça e no rosto (DSG 1.5.6)
- h) e **aos degradados** mandou que ficasem la esta noute (CPVC.F9.4-6)

Observa-se que diferentes tipos de constituintes podem ocupar a posição Spec/C', como representado em (4.4(a)). Os exemplos em (e), (f) e (g) ilustram a ordem em que objetos diretos ocupam a primeira posição; advérbios e PPs são os constituintes

⁴ Veremos, no item 4.1.3, que algumas das construções XVS podem ser analisada como estruturas V1, estando o constituinte X numa posição à esquerda de CP.

⁵ As representações das sentenças serão quase sempre simplificadas, focalizando somente a questão em discussão. Quando necessário, por motivos de clareza, detalhamos as representações.

iniciais nos exemplos em (a), (b), (c), (d) e (h). Se esses elementos ocupam todos a mesma posição nessas construções, pode-se dizer, então, que tal posição pode hospedar constituintes argumentos e constituintes adjuntos. Esses exemplos mostram também que o sujeito não é o constituinte privilegiado para ocupar a posição pré-verbal.

Se assumimos a hipótese de Vance (1988/1989)⁶ de que sujeitos pronominais pós-verbais devem estar em Spec/AGRs' (=Spec/I'), como ilustrado na representação em (4.4(a)), então podemos generalizar, admitindo que os sujeitos pós-verbais dos exemplos (b/c/d/e), em (4.4), estão em Spec/AGRs'. O V[+f] e os constituintes que o antecedem devem estar em CP. A mesma análise se estende para os exemplos em (e), (f) e (g), com o sujeito nulo **pro** em Spec/AGRs', onde pode ser formal e funcionalmente identificado, numa relação de concordância Spec/núcleo com AGRs⁰ (cf. Rizzi (1986), Roberts (1992a) e Rizzi & Roberts (1989))⁷.

Evidência positiva de que o sujeito não permanece no VP pode ser derivada de exemplos como:

(4.5) a) ca pela arte do encantamento saiu [hũũ enmiũgo_i [do seu corpo [que t_i a atormentava]]] (DSG.1.24.21)

b) Hũũ nobre homen_i morava en aquel lugar, [t_i que avia nome Fortunado] (DSG.1.27.2)

Estando as sentenças relativas de sujeito dentro do VP⁸, os sujeitos hũũ enmiũgo e Hũũ nobre homen estão numa posição hierarquicamente mais alta. Em (4.5(a)), o sujeito está alojado em Spec/AGRs' e, em (4.5(b)), em Spec/C'. Enquanto que, em (4.5(b)), é o sujeito Hũũ nobre homen que realiza a estrutura V2, em (4.5(a)), é o PP pela arte do encantamento que se aloja em Spec/C'.

O DP sujeito de uma sentença encaixada pode ser alçado para o início da sentença raiz e desencadear a inversão sujeito-verbo, típica de movimentos envolvendo o nível CP, como o movimento de elementos+Wh⁹:

⁶ Cf. item 4.1.2 para maiores detalhes da proposta de Vance (1988/1989) sobre a questão do licenciamento do sujeito pronominal pós-verbal.

⁷ Naturalmente, essa relação deve ser estabelecida antes do movimento do complexo [V⁰-AGRs⁰-T⁰-AGRs⁰] para C⁰. Lembramos que, no MPLT, a identificação de **pro** não pode ser feita por regência.

⁸ Consideramos que a possibilidade de a relativa permanecer dentro do VP deriva de um processo semelhante ao da flutuação do quantificador *todos* em construções como "os meninos saíram todos". (cf. discussão no item 1.2 sobre quantificadores flutuantes).

⁹ As diferenças e semelhanças entre essas construções e a TOPICALIZAÇÃO externa a CP serão discutidas no item 4.1.3; mas cf. também subitem 4.1.1.1 a seguir.

(4.6) a) Padre, [_{CP} a queste por que me tu rogas_i vejo [_{AGRsP} eu t_v [_{CP} que [_{AGRsP} t_i non he monge]]]] (DSG.1.5.62)

b) Onde porque [_{CP} o miragre que fez quando os cegos alumeou_i quis [_{AGRsP} pro t_v [_{CP} que t_i jouvesse ascondudo]]] (DSG.1.17.26)

O exemplo em (4.6(a)), em que um Sp segue o V[+f], é esclarecedor: É viável se imaginar que a inversão sujeito-verbo, nesse exemplo, resulte de movimento do verbo para C⁰. Dadas as semelhanças entre as construções em (4.6(a)) e (4.6(b)), não vemos por que tratá-las diferentemente: as duas envolvem movimento do sujeito das sentenças encaixadas para Spec/C' e do verbo para C⁰^{10,11}. No exemplo em (b), o sujeito foneticamente nulo **pro** deve estar em Spec/AGRs', onde pode ser licenciado.

O DP objeto da sentença encaixada também pode ser topicalizado para Spec/C', desencadeando a inversão sujeito-verbo:

(4.7) a) E estes_i dizia [cl-trvi [que pro mandava matar t_i porque foron da parte da rainha dona Branca]] (CDP.20.83-84)

Consideramos esses dados como estruturas que envolvem o nível CP. O V[+f] está em C⁰ em todas essas construções, e um constituinte qualquer se desloca para Spec/C'. Se o constituinte topicalizado é diferente do sujeito, este se realiza em posição pós-verbal, em Spec/AGRs'.

¹⁰ Como assumimos neste trabalho que os traços-N de AGRs⁰ e T⁰ são sempre fortes no PA, representamos o traço do sujeito em Spec/Agrs'. Assim, mantemos como hipótese de trabalho que o sujeito sempre se desloca para Spec/AGRs', podendo adicionalmente se deslocar para Spec/C'.

¹¹ Esse tipo de construção também ocorre em domínios encaixados, o que pode levantar dúvidas sobre a análise envolvendo CP:

(i) mais pero tan ben sabia el sofrer os seus custumes [que todo_i lh' era prazer [t_i [quanto lh' o abade fazia]]] (DSG.1.13.8)

(ii) Se ti eu_i, Pedro, contasse, [t_i [que soon homeciho de pouco proveito] [aquelas cousas]]
(DSG.1.1.29) objeto direto

A descrição apresentada no capítulo 3 mostra bem a simetria raiz / encaixada nas questões de ordenação dos constituintes. No item 4.3, apresentamos uma proposta de análise em que procuramos identificar três diferentes processos de frontalização de constituintes nas sentenças encaixadas do PA. Exemplos como em (i) e (ii) serão aí discutidos.

Nos itens 1.2 e 1.3 do capítulo 1, apresentamos algumas propostas de análise sobre movimento de verbo e vimos que um dos testes utilizados para detectar a posição dos verbos em uma sentença leva em conta a posição dos advérbios em relação ao próprio verbo e aos demais constituintes da sentença, sobretudo o sujeito¹². Aplicar esse teste aos dados do PA, para detectar a posição do verbo nesse sistema, não é uma tarefa fácil.

Precisamos de imediato imaginar que, sendo uma língua V2, diferentes tipos de advérbios podem ser topicalizados para Spec/C', conforme acontece em outros sistemas V2, como o alemão e o FrA, por exemplo. Desse modo, nas construções abaixo:

- (4.8) a) Ora entendi, Pedro, de quam gram merecimento foi este Constancio (DSG.1.10.7)
b) logo ficou são de sa enfermidade (DSG.1.29.22)
c) e assi hia ataa o paaço (CDP.14.20)

a ordem ADV V não indica se o verbo está em C⁰ ou em uma posição interna a AGRsP.

Contudo, acreditamos que o posicionamento dos advérbios, nessas construções, não é diferente de outros tipos de fronteamento de quantificadores de DP, como em:

- (4.9) a) Muito_i fizisti [t_i boa demanda] , Pedro (DSG.1.10.11)
b) Todo_i he verdade [t_i quanto dizes] (DSG.1.8.58)

Nesses exemplos, só os quantificadores *muito* e *todo* são focalizados, deixando os constituintes que eles quantificam numa posição interna a AGRsP¹³.

Esse processo de fronteamento é atestado com outros tipos de constituintes. Vários exemplos foram apresentados no item 3.2. Acima apresentamos alguns exemplos em que um constituinte do VP está em posição inicial de sentença. Em (4.6) e (4.7), ilustramos casos em que o sujeito ou o objeto direto da sentença encaixada é deslocado para Spec/C'. O fronteamento desses elementos pode ser analisado da mesma forma, sobretudo porque, quando o advérbio sofre topicalização

¹² Outrossim, a posição pré ou pós-verbal dos clíticos tem sido um guia na definição de processos de colocação dos verbos. Tratamos formalmente dessa questão no item 4.2, mas cf. também o subitem 4.1.3.

¹³ No exemplo em (b), *todo* é o antecedente da relativa *quanto dizes*.

V2, a inversão sujeito-verbo é atestada (se há um sujeito foneticamente realizado), como na seguinte construção:

(4.10) Ora ás tu teu aver que demandasti (DSG.1.19.15)

A inversão sujeito-verbo do exemplo em (4.10) pode ser vista como resultando do movimento do verbo para C⁰ e do ADV para Spec/C', como nas demais construções acima discutidas.

Nos exemplos em (4.11) abaixo, os advérbios *mais livremente* e *ben* antecedem o V[+f], enquanto que os advérbios *depois* e *ainda* seguem o V[+f]. Em (4.11(b)), *ainda* segue não só o V[+f], como o sujeito pronominal e antecede o objeto direto.

(4.11) a) *mais livremente* os poderemos *depois* contar (DSG.1.31.43)

b) *Ben* sei eu *ainda* algũa cousa deste santo homen (DSG.1.5.3)

Se, em (4.11(b)), o sujeito está em Spec/AGRs' e o advérbio em adjunção a TP, o V[+f] e o advérbio *ben* podem estar em CP. A mesma análise pode explicar a distribuição dos advérbios no exemplo em (4.11(b)).

Nas sentenças raízes que sem dúvida envolvem movimento de V para o núcleo C⁰, como nas interrogativas S/N abaixo:

(4.12) a) Acaeceu, padre, ja algũa cousa nova por que choras mais que sooes? (DSG.1.1.8)

b) Diremos nós *ora*, padre, que ... ? (DSG.1.4.16)

c) Que pescado cuidas tu *ora* que ti nós tragamos naquestes montes? (DSG.1.2.7)

os advérbios ocorrem sempre em posição pós-verbal. No exemplo em (4.12(c)), a ordem é Wh + V + Sp + *ora*. O sujeito está em Spec/AGRs', e o ADV, adjungido a TP. No exemplo em (4.12(b)), o sujeito também é pós-verbal, e o ADV *ora* segue o sujeito.

Desse modo, a análise mais viável para construções com a ordem XP + V + ADV é considerá-las como envolvendo os mecanismos sintáticos característicos de sistemas V2:

(4.13) a) e *mujtos deles* os hiam *logo* poer é trra (CPVC.F5v.11)

b) e *en esto* pecava *ainda* mortalmente (DSG.1.24.12)

c) *este queo* agasalhou *era* ja de días (CPVC.F4v.10-11)

Nossa análise é que, nos exemplos de (4.3) a (4.13), os constituintes iniciais estão em Spec/C' e o V[+f] está em C⁰¹⁴. A comparação dos exemplos em (4.12) (b) e (c) com o exemplo em (4.8(a)) nos leva a dizer que, em (4.8(a)), a forma adverbial ora está alojada em Spec/C'.

4.1.1.1 V2, foco e TOPICALIZAÇÃO

A questão que colocamos agora é se a configuração V2 se caracteriza como focalização ou como topicalização V2 (ou tematização), quer dizer, se a estratégia de fracionamento de constituintes no PA se identifica como um processo de focalização ou não. Em seguida, desenvolvemos algumas reflexões sobre os dois processos de topicalização que identificamos como topicalização V2 para Spec/C' e TOPICALIZAÇÃO externa a CP.

As noções gramaticais de **tópico** e **foco** são, em grande parte, fundamentadas nas noções discursivas "informação dada" e "informação nova". Essa dicotomia tem a ver com o modo como a informação é articulada no discurso em um dado ponto do tempo e do espaço. Reflete-se, portanto, no modo como os sintagmas são organizados dentro de uma sentença (Cf. Kato (1989/1991), Ilari (1992) e Zubizarreta (1993), entre outros).

Na definição das noções discursivas "dado" e "novo", é preciso ter em mente as distinções pragmáticas "conhecimento geral" e "universo do discurso". Zubizarreta (1993:1) diz que "Common Ground (CG) consists of the set of referents and properties shared permanently by speakers and hearers. On the other hand, the Universe of Discourse (UD) includes the set of referents and properties that are shared by the speaker and the hearer **in the instant of the utterance**. The notions of old and new information are defined with respect to the UD (and not with respect to the CG). Since the UD has a temporary existence (i.e. it is bound in space and time), a referent or property may be "old" or "new" with respect to a given discourse D". In other word, in the instant of utterance U within a discourse D, "old" information is constituted by referents and properties that have been introduced prior to U and "new" information is

¹⁴ Nas interrogativas em (4.12) (a) e (b), um traço de operador+WH deve estar em Spec/C'.

constituted by referents and properties that had not been introduced prior to U". Esse é o procedimento de identificação de **tópico** (ou tema) e **foco** que adotamos aqui¹⁵.

Naturalmente, a interpretação de foco de elementos introduzidos por partículas como *até*, *somente*, *já*, ou ainda de advérbios/quantificadores fronteados, como *muito*, *bem*, é direta, pois esses elementos são identificados como marcadores de foco da sentença (cf. exemplos acima). Por outro lado, o fronteamento de um objeto direto nem sempre implica em uma focalização do objeto, como ilustrado abaixo:

(4.14) a) E esta vertude de paceença ouve este santo monge (DSG.1.5.5)

b) Daqueste conta hũu clerigo de missa, que foi seu criado muitas maravilhas que fez (DSG.17.13)

c) E esto lhi fazia o prazer que avia en cuidar sempre nas cousas celestiais (DSG.1.1.12)

d) e tall hordenança tiinha em esto que nêhũu era deteudo em sua casa, por cousa que lhe irrequeresse (CDP.1.33-35)

e) E esto lhis fazia ele pera lho agalardoar Deus por cujo amor lhe el fazia (DSG.1.22.7)

Nos exemplos em (4.14), os objetos não representam informação nova. É comum o objeto fronteado ser introduzido por um demonstrativo ou por um determinante com valor de demonstrativo (como *tall* em (4.14(d))). Isto sugere que o objeto é, na realidade, topicalizado para Spec/C'.

A focalização de um objeto para Spec/C' também é possível, como nos exemplos abaixo:

(4.15) a) Outra torre avia no castelo de Santarem (CDP.12.35-36)

b) Unha verdade vos direi (CD.309) (Huber, 1933:285)

e) Huma punhada grande te darey (CV.14) (Huber: *ibid.*)

A existência de construções como as em (4.14) e (4.15) indica que os constituintes iniciais das construções com a ordem X V podem ser tópicos ou focos.

¹⁵ Ilari (1992) propõe a aplicação de diversos testes operacionais na definição da articulação tema e rema (o que aqui estamos denominando amplamente de tópico e foco). Contudo, a aplicação desses testes em textos escritos é problemática. A entoação, por exemplo, para ele um recurso básico na identificação da articulação tema-rema (o foco sendo uma parte do rema), é difícil de ser observada em textos em prosa. Desnecessário é falar da impossibilidade de se aplicar o teste da pergunta-resposta. Assim, optamos por distinguir tópico - foco com base apenas no critério de dado - novo, como definido acima.

Construções de TÓPICO marcado com deslocamento à esquerda clítica (CLLD) constituem outro processo de fracionamento de objeto nesses documentos:

- (4.16) a) e as leys que el-rey lis der metanas eneste liuvro (FR.1.7.77v)
b) os ospedes asentarânos em senhas cadeiras (CPVC.F10v.12-13)
c) e as taalhas en que mui pouquetiño de viño deitara, achô-as todas cheas de viño (DSG.1.17.17)

Nesse tipo de construção, o objeto deslocado é sempre retomado por um pronome clítico.

Identificam-se, pois, três processos de fracionamento do objeto: tópico-V2, foco-V2 e TÓPICO marcado. O padrão de colocação dos clíticos, nesses três tipos de construção, mostra o comportamento sintático semelhante do tópico-V2 e do foco-V2, ao mesmo tempo em que os distingue da construção com CLLD: nos dois primeiros, a ordem CL V é o padrão; no último, a ordem V CL se realiza (exceto se algum elemento "procliticizador" intervém entre a CLLD e o verbo. Cf. item 4.2).

Um pronome correferencial com um sujeito de uma sentença anterior também representa informação "dada", como na construção abaixo:

- (4.17) e elle fogio a pressa (CDP.21.16)

caracterizando-se como um tópico.

A fracionamento de um sujeito pode ou não implicar numa leitura de tópico marcado. Nas construções abaixo, por exemplo:

- (4.18) a) e nicolaa coelho lhes fez sinal (CPVC.F1v.30-31)
b) e el, por comprir voontade, depenou-lhe a barva (CDP.9.44-45)

o sujeito é um tópico não-marcado em (a) e um TÓPICO marcado em (b). Podemos pensar, assim, que diferentes representações sintáticas correspondem às posições ocupada pelo sujeito nessas construções: o sujeito TÓPICO marcado se aloja em Spec/TOP', e o sujeito tópico não-marcado, em Spec/C'. Desse modo, é o movimento do tópico não-marcado para Spec/C' que caracteriza os sistemas V2.

TÓPICO marcado coocorre com topicalização-V2, como nos seguintes exemplos:

(4.19) a) Aqueste des sa meninice sempre fez mui grande asteença (DSG.1.2.4)

b) E o coraçon de cada hũu prelado, polos cuidados muitos que ha, ca non cuida en hũa cousa soo, ligeiramente se pode embargar (DSG.1.8.55)

c) E o padre santo Equicio depois que isto ouvio, con gram desdenho, começou a sorrir (DSG.1.5.71)

d) El-rrei de Castella, enquanto mandou a Aragom o recado que avees ouvido, ante que a rreposta de lá vehesse, com desejo de tomar vingança mandou a pressa armar sete galees e seis naaos (CDP.19.3-6)

e) Aquell dia, logo aa noite, estando el-rrei em sua camara, dom Samuel Levi seu tesoureiro-moor lhe disse presente todos (CDP.13.13-15)

Em (4.19) (a) e (b), *sempre* e *ligeiramente*, respectivamente, estão focalizados em Spec/C'. Em (4.19) (c) e (d), respectivamente, os PPs *con gram desdenho* e *com desejo de tomar vingança* também parecem estar focalizados em Spec/C'. Em (4.19(e)), o DP sujeito *dom Samuel Levi seu tesoureiro-moor*, um tópico não-marcado, deve estar em Spec/C'. Nos cinco exemplos, esses constituintes estão antecedidos por mais de um TÓPICO marcado.

Ilari (1992) diz que o TÓPICO marcado (= tema marcado) é detectável por propriedades supra-segmentais, como a pausa. Kato (1989:6) propõe também que na estrutura com TÓPICO marcado a entoação é ascendente, com "uma leve pausa entre o Tópico e o resto, pausa essa que não ocorre com o FOCO". Os exemplos abaixo permitem distinguir claramente as duas construções (exemplos citados em Mateus et alii (1989:331)):

(4.20) a) *Dele*, sabe-se pouca coisa

b) *Dele* se sabe pouca coisa

No exemplo em (4.20(a)), uma pausa separa o TÓPICO marcado (o constituinte inicial *dele*) do predicado; no exemplo em (4.20(b)), o constituinte inicial não é seguido de pausa e recebe o acento de intensidade característico de foco.

Em textos escritos, a pausa é geralmente marcada por uma vírgula. Portanto, a utilização do critério da pausa teria de levar em conta a pontuação que ocorre nos textos antigos. Contudo, como a pontuação desses documentos depende da

interpretação e dos critérios adotados pelo editor crítico, torna-se inviável fazer uso desse critério¹⁶. Observando-se os dois exemplos abaixo:

(4.21) a) e escrevêdo esta, me cortarã o fyo tres vezes 9,15 (Lobo 1992)¹⁷

b) e isto guardando se compre a virtude da castidade e da temperança (CDP.P.22-23)

vê-se que, em ambientes bem semelhantes, Sent. Adverbial CL V, a sentença adverbial é separada do CL por uma vírgula no exemplo em (4.21(a)), mas não no exemplo em (4.21(b)).

O ponto em discussão, neste item, foi a caracterização da fronteira para Spec/C' como um processo de topicalização ou de focalização. Nossa hipótese é que os elementos iniciais de construções V2 podem representar informação nova (elementos focalizados) ou podem representar informação dada (os tópicos não marcados). Desse modo, os constituintes em Spec/C' nem sempre são equivalentes a foco e, conseqüentemente, não são os elementos mais acentuados da sentença. Se Spec/C' é ocupado por um constituinte que não é o foco da sentença, algum outro elemento da sentença recebe o acento focal. O TÓPICO marcado é separado do resto da sentença, ocorrendo externo a CP, em Spec/TOP'.

4.1.2 As construções V1 declarativas e narrativas

Neste item, discutimos alguns aspectos das declarativas V1 do PA, distinguindo-as em dois grupos: (a) as declarativas V1, denominadas "narrativas" ou "inversão narrativa", que se apresentam com a ordem VS / VXS (doravante, narrativa V1) e (b) as declarativas V1, que se realizam com a ordem V X, sem sujeito foneticamente realizado (doravante, declarativa V1)¹⁸. As declarativas V1 não são

¹⁶ Martins (1994) assume a mesma posição em relação à pontuação nos documentos históricos: "A pontuação não pode ser um critério a considerar: não só ela não tem certamente o mesmo valor que na ortografia moderna, como os princípios que a regem não são ainda devidamente conhecidos. Note-se ainda que em grande parte dos exemplos que transcrevo, a pontuação é da responsabilidade dos editores, os quais geralmente "normalizam" a pontuação dos textos originais" (p.231).

¹⁷ Esse exemplo não se encontra na Dissertação de Lobo (1992), mas faz parte de sua listagem geral de dados.

¹⁸ As características gerais das construções V1 narrativas foram apresentadas no capítulo 3. Vimos, então, que Vance (1989) distingue dois tipos de V1 narrativo: as sentenças apresentativas e as sentenças lembreles (cf. item 3.1).

encontradas em línguas germânicas V2, exceto no islandês e no iídiche¹⁹. No PA, essas construções são bem freqüentes, como mostram os números do Quadro 4.1 (cf. também Quadro 3.1), quer em sentenças raízes, quer em encaixadas. Desse modo, a questão central nessas observações diz respeito aos mecanismos de licenciamento das construções V1 em sistemas V2, sobretudo em relação às posições ocupadas pelo V[+f] e pelo DP sujeito.

Já falamos no item 1.3 sobre as várias tentativas para explicar a restrição V2. Vimos que a proposta de den Besten (1983), traduzida para o sistema CP de Chomsky (1986), diz que o V[+f] se move para o núcleo C⁰. Então, Spec/C' é a única posição para hospedar o constituinte que precede o V[+f], explicando, assim, a segunda posição do V[+f]. Tem-se procurado derivar os efeitos V2 do Critério-Wh de Rizzi (1990a/1991). Dado o papel da relação Spec/núcleo na sintaxe, é tentador relacionar o movimento do V[+f] para C⁰ à presença de um tópico em Spec/C': o tópico em Spec/C' requer um núcleo apropriado para que seja estabelecida a relação de concordância Spec/núcleo²⁰. Dado que topicalização em línguas V2 é obrigatória em sentenças raízes, pode-se derivar daí que o V[+f] se move para C⁰ para concordar com o tópico.

As restrições sobre as possibilidades de construções V1 nas línguas germânicas modernas têm, de algum modo, fornecido elementos em apoio a essa proposta de análise. É bem conhecido o fato de que as línguas germânicas V2, como o alemão, só admitem construções V1 em contextos de interrogativas S/N, imperativas, condicionais e as V1 narrativas, portanto, essencialmente em ambientes raízes. Em geral, as propostas de licenciamento dessas construções assumem a existência de um Operador nulo em Spec/C'. Desse modo, movimento de V[+f] para C⁰, nesses tipos de construção V1, é derivado dos mesmos mecanismos das construções V2: o V[+f] e o Op nulo estabelecem uma relação de concordância Spec/núcleo em CP.

Contudo, no PA, narrativa V1 não se limita a ambientes de sentenças raízes, e declarativa V1 é freqüentemente atestada em sentenças raízes e em encaixadas. Alguns exemplos de construções V1 são dados abaixo:

¹⁹ No entanto, Sigurðsson (1990) diz que declarativas V1 parecem ter sido um traço geral das línguas germânicas arcaicas.

²⁰ Esta é uma extensão da explicação da inversão sujeito-verbo nas interrogativas do inglês, em termos do Critério-Wh, em que movimento de AGR⁰ para C⁰ é desencadeado pelo requerimento de que um sintagma-Wh concorde com um núcleo apropriado.

(4.22) declarativa V1

- a) e começaram a louvar a esteença de que ante escarnecian (DSG.1.2.10)
- b) Quero que mh'o digas e desejo mui de coraçõ a saber (DSG.1.14.12)
- c) Amava muito de fazer justiça com dereito (CDP.1.35-36)
- d) aquelas cousas que sei dos homêes perfeitos e acabados (DSG.1.1.29)
- e) necessario he que contemos primeiro como sse começou sua desaveença e de que guisa se el partio do rreino (CDP.17.6-8)
- f) fingeo que queria hir aa caça (CDP.17.172)

(4.23) Narrativa V1

- a) dise ele que nõ vira ... (CPVC.F8.34)
- b) Sei eu que non he teu proveito (DSG.1.28.29)
- c) Screvem alguus louvando este rrei dom Pedro (CDP.15.4)
- d) traziã alguus deles arcos e seetas (CPVC.F10v.29-30)
- e) Vio huũ deles huũas contas de rrosairo brancas (CPVC.F3.23-24)
- f) e dava-o el-rrei a quem sua mercee era (CDP.11.26)
- g) Mandou el-rrei matar Garcia Lasso da Veiga (CDP.16.35-36)
- h) e rogou o bispo muito aficadamente que...(DSG.1.18.4)
- a) alguu erro que faça el rey (FR.1.2.73r)
- d) ata que veo o hortelan na hora en que soia a viir (DSG.1.5.36)
- c) E pero diz a Escritura que rogou Isaac Nosso Senhor por sa molher Rabeca (DSG.1.16.30)
- d) Ora podes entender, Pedro, quanto amava Deus aqieste sacerdote Severo (DSG.1.31.20)
- e) Ben te nembras tu, Pedro, que diz a Escritura que San Pedro apostolo andou
- f) porquanto lhe disserom que o mandava el-rrei prender (CDP.17.77-78)

Além das ordens V(C) e VS, vimos no item 3.1.1, que as construções V1 podem ser realizadas com a ordem VXS, como vem ilustrado abaixo:

(4.24) V X S raiz

- a) e foram entom feitas as dobras que chamarom de dona Branca (CDP.16.55-56)
- b) e leixou por fronteiros em Badalhouce ho conde dom Henrrique e o meestre de Santiago dom Fradarique seu irmão (CDP.17.116-118)

- c) quer seyã começados os preytos quer nõ começados (FR.1.10.81v)
- d) e saiam-no a receber os cidadãos e todollos dos mesteres com danças e trebelhos (CDP.14.17-18)
- e) E recebe ende homen duas ajudas (DSG.1.1.35)
- f) e mandou logo el-rrei queimar a alcouveta (CDP.10.8-9)

(4.25) V X S encaixadas

- a) quando o quiserõ temptar os judeos (FR.1.5.75r)
- b) aquel a que for dada a querella (FR.1.7.78r)
- c) tenho eu que valeu muito pera se comprir este miragre a homildade daqueste monge Libertino (DSG.1.4.19)
- d) tam furado que lhe caberja pelo furado huũ gram dedo polegar (CPVC.F7.26-7)
- e) ca mandado de Nosso Senhor he a que non pode contradizer nen hũũ homen que no mundo seja (DSG.1.29.10)
- f) o dya e o mes e o ano en que foy feyta a carta (FR.1.11.83r)

A ordem VXS também é problemática para a análise de fronteamento de verbo para C⁰, por dois motivos: primeiro, estando o constituinte XP presente, a análise de fronteamento de verbo para C⁰ não é suficiente para explicar a posição do sujeito. Segundo, o fronteamento do verbo para C⁰, em princípio, só é possível em domínios raízes; nos domínios encaixados, o núcleo C⁰ está preenchido por um complementador ou por um traço-Wh abstrato, não estando disponível para alojar o verbo. Contudo, construções VXS são atestadas nos domínios encaixados, como mostram os exemplos em (4.25) acima.

O centro da nossa discussão neste item, portanto, é o licenciamento dessas construções. Começamos discutindo duas propostas de análise, formuladas com base nos dados do FrA e do islandês moderno. Observamos a adequação dessas propostas quando consideramos os dados do PA, e esboçamos uma proposta de análise.

No seu estudo sobre o FrA, Vance (1988/1989) observa que a ordem V(X)S é menos freqüente em *La Queste* do que as demais ordens. Assumindo que o movimento do verbo para C⁰ não está disponível para essas construções, dada a possibilidade de V(X)S em sentenças raízes e encaixadas, Vance (*ibid.*) propõe que, na ordem V(X)S, o sujeito está numa posição à direita de Spec/AGRs' (=IP), ou dentro do VP, para o sujeito gerado como objeto, com os verbos inacusativos, ou

adjungido a VP, para o sujeito submetido ao processo de posposição de sujeito pesado (= *heavy NP shift*).

O argumento básico de Vance (*ibid.*) para a análise de deslocamento à direita de DP-pesado se baseia em que a ordem V(X)Sp, com sujeito pronominal pós-verbal, não é atestada nas sentenças raízes. A natureza pronominal / não-pronominal do sujeito é irrelevante quando este ocorre em Spec/AGRs'. Se a ordem V(X)S fosse derivada de movimento de V⁰ para C⁰, o Sp deveria ocorrer nesse tipo de ordem, ao menos ocasionalmente. O deslocamento de DP-pesado se submete a uma restrição estilística que exclui a ocorrência de sujeitos "não-pesados" à direita do VP (exceto os que são gerados em posição de objeto). Como pronomes NOM não são DP-pesados, eles estão excluídos dessas construções.

Os argumentos de Vance (*ibid.*) nos levam a considerar que V1 narrativo no PA resulta de movimento de V⁰ para C⁰, já que nas construções VS o sujeito pode ser pronominal (cf. exemplos (a) e (b) em (4.23) acima) ou não-pronominal (cf. exemplos (f), (g) e (h) em (4.23) acima). Assumindo com Vance (*ibid.*) que Spec/AGRs' é a única posição disponível para sujeitos pronominais NOM, então as construções acima sugerem que o V[+f] está em C⁰ nas construções narrativas V1 do PA.

No islandês e no ídiche, a ordem VS ocorre livremente em sentenças raízes, com qualquer tipo de sujeito, pronominal ou não-pronominal. Segundo Sigurðsson (1990:42), "NI clauses essentially involve double verb-raising, "verb-to-INFL" (V-to-I) and "INFL-to-COMP" (I-to-C), as V1 and V2 phenomena in Germanic languages generally seem to involve"²¹. Nesse caso, então, não há razão para supormos que existam diferenças sintáticas entre as narrativas V1 do islandês e do PA. O movimento do verbo para C⁰ permite dar conta da possibilidade de ocorrência de sujeito pronominal NOM nessas construções.

Sobre os exemplos (c), (d) e (e) em (4.23) acima, com um sujeito indefinido, Vance (*ibid.*) diz que o pronome sujeito indefinido (como *len* (alguém/algum) no exemplo (3.7) do capítulo 3) aparece nesse tipo de construção no FrA. Mas, segundo ela, o pronome indefinido sujeito tem origem nominal e não é obrigatoriamente "não-pesado". Contudo, como o PA admite a ordem VS com sujeito pronominal, não encontramos motivação para tratar os exemplos com sujeito pronominal indefinido como envolvendo posposição de DP pesado. Pensamos que uma análise em que esses sujeitos estão em Spec/AGRs' é coerente com a possibilidade de VSp.

²¹ NI = narrative inversion.

Contudo, há um fato complicador nessa análise: VS com sujeito pronominal parece ser possível em sentenças encaixadas do PA, mas não no islandês nem no FrA. Sigurðsson (*ibid.*) diz que, nas sentenças encaixadas, a configuração V1 é frequentemente do tipo VXS, mas que o sujeito não pode ser pronominal nem um DP "não-pesado". Desse modo, ele analisa as construções VS encaixadas como sendo de um tipo fundamentalmente diferente da narrativa V1. A restrição de narrativa V1 a domínios raízes é esperada, considerando-se que teoricamente movimento de V⁰ para C⁰ só deva ocorrer em sentenças raízes. Assim, Sigurðsson (*ibid.*) admite que a ordem VXS em sentenças encaixadas, no islandês, resulta de posposição de DP-pesado.

Contudo, atestamos três ocorrências de V Sp em domínios encaixados:

- (4.26) a) se queres tu mais saber da obra que el fazia (DSG.1.7.19)
- b) posto que fosse eu vosso tesoureiro (CDP.13.22-23)
- c) assi son caladas que as non sabemos nós (DSG.1.1.27)

Se sujeito pronominal só pode ocorrer em posição pós-verbal como resultado de movimento de V⁰ para C⁰, as sentenças acima carecem de explicação, sobretudo porque a teoria prediz que movimento de V⁰ para C⁰ é impossível em sentenças encaixadas desse tipo.

O tratamento que devemos dispensar a estatísticas de ordens de palavras e de outros fenômenos sintáticos em documentos históricos não é uma questão de fácil decisão. Por exemplo, as conclusões apresentadas nos estudos sobre *pro-drop* no FrA, como o de Adams (1987/1988), Vance (1988/1989), Dupuis (1988/1989), Hirschbühler (1989), Hirschbühler & Junker (1988) e Roberts (1992), têm indicado como devemos ser cuidadosa nas conclusões a serem tiradas das frequências de ocorrências de um fato sintático em estudo. Esses estudos têm mostrado uma variabilidade potencial das condições que legitimam o sujeito nulo, em diferentes documentos do FA (cf. discussão no item 3.1).

Uma outra confirmação da existência de variação de um texto a outro se encontra na questão da formação dos tempos compostos no PA. Rosa Virgínia Mattos e Silva (c.p) observa que, nas **Cantigas de Santa Maria** (CSM, séc. XIII), as formas do tempo composto com *ser/ter/haver* têm uma distribuição mais livre do que nos DSG (séc. XIV): nos DSG, *ser* só ocorre com os verbos inacusativos, e *ter/aver*, só com os transitivos (cf. Mattos e Silva 1987/1989), numa distribuição semelhante à que encontramos hoje no italiano; nas CSM, por outro lado, *ter/aver* ocorre numa

distribuição mais livre, inclusive com verbos inacusativos. Considerando-se o processo de mudança atestado nas línguas românicas em relação às formas do tempo composto com *ser/haver/ter*, de um padrão semelhante ao dos DSG para um padrão semelhante ao das CSM, é possível se caracterizar o sistema do século XIII como mais avançado do que o do século XIV? Ou pode-se simplesmente imaginar que o padrão mais "conservador" dos DSG reflete somente uma preferência do autor por uma determinada forma sintática?

Esses fatos mostram o quanto é difícil determinar, com um certo grau de precisão, o peso das frequências atestadas em dados históricos para validar-se uma hipótese. É claro que se pode abrandar essa dificuldade considerando-se que o estudo de línguas contemporâneas pode ajudar a entender o passado. Se analisarmos o comportamento do exemplo em (4.26(a)), uma condicional, à luz de dados de línguas modernas, como os dos exemplos abaixo (exemplos de Vikner 1991:54, já citados no capítulo 1, item 1.3.1; retomamo-los aqui com outra numeração):

(4.27) a) Ge. Wenn ich mehr Zeit gehabt hätte, ...
(se eu mais tempo tido tivesse)

b) Da. Hvis jeg havde haft mere tid, ...
(se eu tivesse tido mais tempo)

(4.28) a) Ge. Hätte ich mehr Zeit gehabt, ...
Tivesse eu mais tempo tido)

b) Da. Havde jeg haft mere tid, ...
(tivesse eu tido mais tempo)

observamos o seguinte padrão: nas construções em que o complementador é foneticamente realizado (exemplos em (4.27), a ordem dos constituintes é SV; quando não-realizado, a ordem é VS. Esses fatos indicam que o V[+f] e o complementador disputam a mesma posição, ou seja, a ordem VS só é possível quando o núcleo C⁰ está disponível para hospedar o verbo. Contudo, no exemplo apresentado em (4.26(a)), a ordem é VS, e o complementador é foneticamente realizado. As construções em (4.26(b)) e (4.26(c)) apresentam o mesmo padrão: ordem V Sp e complementador foneticamente realizado.

A partir desses fatos, formulam-se duas propostas de análise. Podemos, inicialmente, considerar que Sp NOM pode ser deslocado à direita, contra a análise de Vance (1988/1989). Contudo, parece que a posposição de Sp NOM não é atestada em outras línguas, indicando que a análise de Vance (*ibid.*) está correta. A seguir, podemos imaginar que a restrição sobre a ordem VSp, no FrA e no islandês, se deve a outros fatores, e não à impossibilidade de fronteamento de verbo em domínios encaixados. Essa é a proposta que tentamos defender aqui, mostrando que a frequência pode ter um peso relativo na análise, quando consideramos outros fatos dos sistemas em estudo.

Na descrição dos dados, no capítulo 3, mostramos diversas vezes o comportamento simétrico das ordenações de constituintes nos domínios raízes e encaixados. Vimos que a ordem XV é atestada em qualquer tipo de sentença encaixada, inclusive nas condicionais introduzidas por *se*, como nos exemplos abaixo:

- (4.29) a) *se primeiramente non foron sojeitos* (DSG.1.2.20)
 b) *se de vista foren* (DSG.1.1.38)
 c) *se algüua vez lh' o queríam tanger* (CDP.14.10)
 d) *se iustíça fazer* (FR.1.7.78v)
 e) *se per sa culpa perder o dono da uoz o preyto* (FR.1.10.82r)

Essas ocorrências demonstram que algum tipo de fronteamento de constituinte é possível em domínios encaixados. Considerando que o sujeito nulo *pro* está em Spec/AGRs' e o elemento *se* em CP, os constituintes em negrito, nos exemplos em (4.29(a)-(e)), devem estar numa posição entre CP e AGRsP. Em (4.29(e)), o DP sujeito *o dono da uoz* segue a forma verbal *perder* e antecede o DP objeto *o preyto*. Assim, parece-nos que uma análise de deslocamento à direita de DP-pesado não está disponível para essa construção²².

²² Uma proposta de adjunção desses constituintes frontalizados poderia explicar o padrão dessas construções. Argumentamos contra essa idéia, considerando que a adjunção não explicaria a inversão sujeito-verbo do exemplo em (4.29(e)). Por outro lado, a posição dos clíticos em relação aos constituintes em negrito, nos exemplos em (4.29(c)) acima e nos exemplos abaixo:

- (i) *sse o assy mostrar* (FR.1.10.81r)
 (ii) *si ti eu, Pedro, contasse aquelas cousas que sei.* (DSG 1.1.29)

mostra que existem dois diferentes processos de frontalização de constituintes nas encaixadas. Essa é a proposta de análise que desenvolvemos no item 4.3 e a partir da qual identificamos a frontalização ilustrada pelo exemplo em (4.29(c)) como resultando de movimento para Spec/AGRs'.

A ordem VS, em que o sujeito antecede o complemento objeto ou formas verbais [-f], é amplamente atestada nas sentenças encaixadas, com sujeito nominal ou pronominal, como nos exemplos abaixo:

- (4.30) a) E, acaecendo hũu tempo que jazendo os frades dormindo de noite, veeron os lombardos p.450
b) E pera tolher eu toda duvida aaqueles que estas cousas que eu conto quiseren leer e ouvir (DSG.1.1.38)
c) non querendo el comer as carnes que os outros comiam (DSG.1.2.6)
d) E seendo eu assi chorando sen conforto nen hũu (DSG.1.17)
e) E seendo el-rei comendo con seu genro, veo Paulino aa mesa (3.2.24 p.451)
f) E, seendo el falando comigo e con outros, saiu-lhi a alma do corpo 4.4.45 p.452

Os exemplos em (4.30), com exceção do que se apresenta em (b), parecem casos de movimento de AUX para COMP, amplamente discutidos na literatura lingüística (Cf. Raposo (1987a/1987b) e Rizzi (1982)). Em (4.30(a)), o núcleo C⁰ está preenchido pelo complementador *que*, mas isso não impede que a ordem VS ocorra. O exemplo em (4.30(b)) ilustra a inversão VSp com V[-f], numa infinitiva introduzida por *para*, possivelmente um constituinte alojado em CP. Vê-se, então, que o fato de o núcleo C⁰ ser foneticamente realizado ou estar preenchido por um traço abstrato não impede que a ordem (X)VS (com sujeito pronominal ou não-pronominal) ocorra no PA.

Esses fatos nos levam à conclusão de que a estratégia de recursividade de CP está disponível no PA e é amplamente utilizada (mas cf. Item 4.3). Uma estrutura com duplo CP permite explicar por que não há restrições sintáticas quanto à inversão sujeito-verbo nas sentenças encaixadas no PA. Observa-se ainda que a análise da estrutura com duplo CP permite manter a hipótese de Vance (*ibid.*) de que sujeitos pronominais NOM pós-verbais devem estar em Spec/AGRs'.

Retornando agora à indagação levantada com os exemplos em (4.27) e (4.28), de um lado, e os exemplos em (4.29) e (4.30), do outro, quanto à possibilidade da ordem VS e preenchimento de C⁰, acreditamos que esse padrão é semelhante ao das possibilidades de realização fonética do complementador do tipo *que* nas completivas V2, como discutido no item 1.4. Enquanto alguns sistemas lingüísticos permitem completiva V2 com realização fonética do complementador, outros a rejeitam e outros admitem as duas possibilidades. Uma completiva V2 no alemão requer uma estrutura com duplo CP, mas o complementador *daß* não pode ser

foneticamente realizado. Desse modo, a distribuição entre complementador e verbo, nos exemplos do alemão em (4.27(a)) e (4.28(a)), pode ser derivada desse mesmo requerimento.

Quanto à ordem VXS, acreditamos que dois tipos devem ser identificados. Retomamos aqui alguns dos exemplos apresentados em (4.24) e os dividimos em dois grupos:

(4.31) a) E recebe ende **homen** duas ajudas (DSG.1.1.35)

b) e mandou logo **el-rrei** queimar a alcouveta (CDP.10.8-9)

(4.32) a) e foram entom feitas as **dobras** que **chamarom** de dona Branca (CDP.16.55-56)

b) quer seyã começados **os preytos** quer não começados (FR.1.10.81v)

Nos exemplos em (4.31), o sujeito antecede o objeto direto, no exemplo em (a), e antecede o V[-f], no exemplo em (b). Por outro lado, em (4.32), os sujeitos seguem as formas verbais [-f]. Pensamos que uma análise de "posposição de sujeito pesado", como a proposta por Vance (*ibid.*), é uma explicação viável para os casos da ordem VXS ilustrados em (4.32). Para os casos de VXS do tipo em (4.31), pensamos que uma análise em que o DP sujeito está em Spec/AGRs' e o V[+f] em C⁰ pode explicar a ocorrência desse tipo de ordem. Os advérbios *ende* e *logo* podem estar em adjunção a uma posição entre a ocupada pelo V[+f] e o sujeito (cf. análise no item 4.3).

Em geral, declarativas V1 não são encontradas em sistemas V2. No grupo germânico, só o islandês (e o lídiche) admite a ordem V(C). No FrA, narrativa V1 é possível, mas não declarativa V1. Nesse aspecto, o PA se distingue do islandês e do FrA por permitir declarativa V1 em qualquer tipo de sentença. Como temos assumido, neste trabalho, que no PA o núcleo C⁰ é V-relacionado, isto implica em estar o V[+f] em C⁰ em todas as sentenças raízes²³. De outro modo, teríamos que admitir que C⁰ é V-relacionado em certas construções, e não em outras, uma opcionalidade não permitida pelo MPLT.

A ênclise a formas verbais finitas tem sido analisada como envolvendo movimento do verbo para C⁰ (cf. Salvi (1989/1990/1993), Roberts (1992/1993), entre outros). Portanto, o padrão de colocação enclítica do pronome complemento

²³ Exceto se, em algum tipo de construção, o núcleo CP não for projetado. Cf. uma discussão sobre essa possibilidade no subitem 4.2.4.

observado nos dados do PA, nas construções V1, indica que o V[+f] está em C⁰. Os movimentos sintáticos possíveis, de acordo com o MPLT, são todos em proveito próprio. Assim, o movimento de V[+f] para C⁰, nas construções com ênclise, não pode mais ser derivado de uma estratégia de último recurso, como um movimento para impedir que o clítico ocorra em posição inicial de sentença. O V[+f] vai para C⁰ porque tem algum traço a ser checado em C⁰. Logo, se o V[+f] está em C⁰ nas construções com ênclise, ele também deve estar em C⁰ nas demais construções raízes (cf. item 4.2 a seguir). Dadas as restrições sobre construções V1 nos sistemas V2, como explicar, então, que o PA, sendo um sistema V2, permita amplamente construções V1?

Uma possível explicação para esse fato pode ser derivada da proposta de Watanabe (1993). Segundo ele, topicalização e movimento de verbo para C⁰ devem ser tratados como processos independentes: "movement to COMP takes place overtly or at LF, depending on the strength of the V-features of COMP. Thus, it is predicted that overt movement to C⁰ is triggered by an arbitrary feature specification on C⁰. Then, in combination with whether Topicalization takes place or not, there are four possible parameter configurations" (p.26). As quatro possibilidades são:

- (4.33) a) +TOP +V b) +TOP -V
 c) -TOP +V d) -TOP -V

O movimento do verbo finito para C⁰ é desencadeado pelo traço+V em C⁰, e, assim, o movimento para C⁰ tem uma motivação inerente.

Quanto ao movimento de um constituinte XP para Spec/C', diferentes possibilidades são observadas nas línguas, como nos exemplos abaixo (exemplos de Watanabe (1993); negrito acrescentado):

- (4.34) a) **Never in my life** have I seen such a crowd (p.28)
 b) I have **never in my life** seen such a crowd
 c) **This book**, John read (p.29)
 d) Siaradodd hi **ddim** lyweth (Awbery 1990,3) (p. 34)
 (falou-3sg. ela não ainda)

Os exemplos em (4.34(a)) e (4.34(b)) mostram que a preposição de um *affective operator*²⁴ não é obrigatória em inglês. Contudo, se o *affective operator* é preposto, como no exemplo em (4.34(a)), deve ser acompanhado do alçamento do verbo. Por outro lado, o exemplo em (4.34(c)) mostra que topicalização em inglês não desencadeia inversão. Portanto, o inglês tem duas opções para elementos fronteados para Spec/C'²⁵. No exemplo em (4.34(d)), o verbo está em C⁰, mas nenhum constituinte ocupa Spec/C'. Em resumo, movimento de V⁰ para C⁰ e movimento de XP para Spec/C' podem ser vistos como dois processos independentes: o V⁰ se desloca para o núcleo C⁰ se C⁰ é dotado de um traço+V; O movimento de um constituinte XP para Spec/C' é um processo opcional²⁶.

Outras construções têm mostrado que movimento para Spec/C' é opcional e que, quando ocorre, é independente de movimento do verbo para C⁰. Em relação ao movimento de um elemento+Wh no PB, por exemplo, encontram-se duas possibilidades na sintaxe evidente: o elemento+Wh pode se mover para C⁰ ou permanecer *in situ*. Rizzi (1991:8) diz que "Wh Operator = a wh phrase in an A' position". Assim, um elemento+Wh *in situ* não é um operador, e isso explica a opcionalidade de movimento+Wh antes do *spell-out*. Observa-se ainda, no PB, que o movimento do elemento+Wh para Spec/C' não desencadeia o movimento do verbo para C⁰, na sintaxe explícita.

Assim, a característica básica de um sistema V2 deve ser definida em termos da presença de traços+V em C⁰, visto ser o preenchimento de Spec/C' opcional. Contudo, algo mais precisa ser dito sobre a restrição de construções V1 nas línguas em consideração. Nossas reflexões sobre esse problema considera os seguintes fatos: a) PA é um sistema *prodrop*, licenciando sujeito nulo referencial ou expletivo. O PA não dispõe de um sujeito pronominal expletivo, do tipo *it* e *there* do inglês; b) o islandês é um sistema *semi-prodrop*, só licenciando sujeito nulo expletivo²⁷, e tem

²⁴ Por dificuldades em traduzir o termo *affective* no sentido usado acima, manteremos a expressão em inglês.

²⁵ Na análise de Watanabe (ibid.), o fronteamento de *affective operators* ou de constituintes topicalizados do tipo ilustrado com o exemplo (4.34(c)) envolve movimento para Spec/C. No subitem 4.1.3 a seguir e no item 4.3 elaboramos uma proposta diferente da dele, mas que não altera muito o que queremos discutir neste subitem.'

²⁶ A proposta de duas posições para "topicalização" é bastante plausível quando se considera dados do PEM, como, por exemplo:

(i) A Maria, o João ofereceu esse livro ontem

(ii) A Maria ofereceu o João esse livro ontem

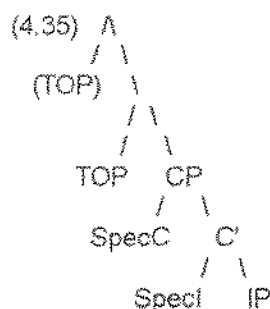
²⁷ Essa parece ser uma característica geral das línguas germânicas V2.

um elemento expletivo *það*, semelhante ao *it* e ao *there* do inglês; c) o FrA é um sistema *prodrop* muito peculiar, apresentando restrições sobre as possibilidades de licenciamento de sujeito nulo²⁸, e tem uma forma pronominal expletiva *il*. Desse modo, acreditamos que a variação observada no licenciamento de construções V1 nesses três sistemas (e talvez nas línguas germânicas V2 em geral) pode ser derivada não da propriedade V2 em si mesma, mas sim dos requerimentos de licenciamento do sujeito nulo. Pensamos que a existência de um pronome sujeito expletivo lexical já é um indício de que o licenciamento de *pro* se submete a determinadas restrições, o que pode estar na base das restrições sobre construções V1. Evidentemente, essas observações são especulativas e carecem de mais pesquisa para serem fundamentadas²⁹.

4.1.3 TOPICALIZAÇÃO; as construções V>2

Neste item, queremos apresentar mais evidências de que dois diferentes processos de topicalização são atestados no PA: a topicalização V2, para Spec/C' e a TOPICALIZAÇÃO externa a CP, para Spec/TOP'. A hipótese de que existem dois diferentes tipos de topicalização nas sentenças raízes do PA já foi independentemente defendida por Salvi (1989/1990/1993) e Benincà (1992).

Benincà (1992:2) propõe a seguinte estrutura para as sentenças do PA:



em que TOP é a posição para elementos Deslocados à esquerda e TOPICALIZADOS. Por outro lado, a topicalização V2 se realiza em CP. Em essência, é essa também a

²⁸ Cf. discussão no capítulo 3, subitem 3.1.1.

²⁹ Vikner (1990) mostra que V2 é generalizado no islandês (ocorre em qualquer tipo de sentença raiz e encaixada) e assume uma estrutura com duplo CP para explicar esse fato (cf. item 1.4). Assim, a restrição da ordem V1 a domínios raízes no islandês deve ter uma outra explicação que não a impossibilidade de movimento do verbo para um núcleo funcional mais alto do que AGRs. É possível que as restrições sobre as ocorrências de V1 sejam derivadas da propriedade *semi-prodrop* desse sistema.

nossa análise para o PA (cf. representação em (4.1)). Consideramos, pois, que é preciso se distinguir no PA a fronteamento de elementos para a periferia à esquerda da sentença da topicalização V2, dentro do domínio CP.

Uma diferença básica entre topicalização V2 e TOP diz respeito à inversão sujeito-verbo no primeiro caso, mas não no segundo. Falamos um pouco dessa questão no item anterior (4.1.2), a qual é retomada aqui com novos dados. Pode-se observar da comparação desses dois pares de sentenças do inglês e do islandês (dados de Rognvaldsson & Thráinsson 1990:3):

(4.36) a) I have never met Mary
(eu tenho nunca encontrado Maria)

b) Mary I have never met
(Maria eu tenho nunca encontrado)

(4.37) a) Ég hef aldrei hitt Mariu
(eu tenho nunca encontrado Maria (ACC))

b) Marfu hef ég aldrei hitt
(Maria (ACC) tenho eu nunca encontrado)

que a ordem neutra do inglês, em (4.36(a)), tem o sujeito em posição inicial, precedendo o V[+f]. O exemplo em (4.36(b)) mostra que é possível ter um DP não-sujeito precedendo o sujeito. Observa-se que não há inversão da ordem sujeito-verbo. A inversão resultaria numa construção agramatical no inglês:

(4.38) *Mary have I never met

As línguas germânicas V2, como o islandês, por exemplo, diferem do inglês justamente neste ponto. A ordem em (4.37(a)) reflete a chamada ordem neutra, com o sujeito em posição pré-verbal, enquanto que, em (4.37(b)), há um constituinte não-sujeito em posição inicial. A característica importante desta construção é que o sujeito não precede o verbo, mas o segue. Em outras palavras, o verbo[+f] é precedido por **um e só um** constituinte em ambos os exemplos, e, assim, ocupa sempre a segunda posição.

Quando observamos as descrições apresentados no capítulo 3, deparamo-nos de imediato com um problema na caracterização do PA como um sistema V2: as

construções V>2, em que **mais de um** constituinte antecede o V[+f]. O Quadro 4.2 abaixo apresenta a porcentagem de construções V>2 nos quatro documentos:

Quadro 4.2 Ocorrências de construções V>2 nos quatro documentos

	Sentenças raízes
FR	106 / 593 = 0.17%
DSG	94 / 805 = 0.11%
CDP	100 / 831 = 0.12%
CPVC	40 / 525 = 0.07%

Embora com porcentagens relativamente baixas, as construções V>2 estão presentes nos quatro documentos. A comparação das porcentagens do FR e da CPVC mostra um decréscimo no uso dessas construções. Mas o ponto em questão é o PA, embora sendo um sistema V2, permite construções V>2.

A comparação do exemplo em (4.36(b)) acima com os seguintes exemplos, (já apresentados em (1.3.1)):

- (4.39) a) Which students **did** the police arrest? (dados de Roberts, 1992:9)
b) Only in America **can** you get away with that

permite uma conclusão óbvia: esses dois processos de fronteamento são sintaticamente diferentes. A fronteamento de *affective operators* (exemplos em (4.39)) desencadeia a inversão sujeito-verbo; a TOP, não (exemplo em (4.36(b))). Dito de outro modo, movimento para Spec/C' e movimento para Spec/TOP' são dois processos distintos que se refletem em dois diferentes tipos de ordenação, respectivamente: XVS (com inversão sujeito-verbo) e XSV (sem inversão sujeito-verbo)³⁰.

Assumindo que a interpretação que estamos propondo para os dados do inglês permitem identificar TOP e V2 como dois processos distintos, resta saber por que as línguas V2 rejeitam construções V>2. Sabe-se que construções V>2 não estão totalmente ausentes nos sistemas V2 rígidos, como o FrA (nos seus primórdios) e o alemão moderno. Nos exemplos abaixo, TOP e V2 coocorrem:

- (4.40) a) Diese Frau, **mit der** **muss** **ich** **sprechen** (Adams, 1987:107)³¹
esta mulher, com ela devo eu falar

³⁰ Sobre as diferentes possibilidades de movimento de V⁰ para C⁰ nesses tipos de construção, cf. o item 4.2 a seguir.

³¹ Adams observa que o exemplo em (4.40(a)) é de Giusti 1986.

b) De cele amor, Dieu me garde (Chast. 91)

Deste amor, Deus me guarde

Adams (1987) diz que os constituintes *Diese Frau* e *De cele amor* dos exemplos acima funcionam como modificadores da sentença e não contam para o V2, por estarem fora da estrutura clausal³². Apesar de não interferirem com a propriedade V2, parece que construções desse tipo não são frequentes no FrA e no alemão moderno.

Contudo, a conclusão a ser tirada desse fato é que sistemas V2 também permitem construções V>2. Uma das restrições sobre V>2 em línguas como o alemão é que o constituinte fronteado seja um LD, como no exemplo em (4.40(a)) acima. Essa restrição não é observada no FrA, segundo indica o exemplo em (4.40(b)).

No seu estudo sobre as deslocadas à esquerda no holandês moderno (língua falada), Jansen (1980) diz que a deslocada à esquerda retomada por um pronome (demonstrativo)³³ é frequentemente encontrada no *corpus*. A seguinte Tabela registra as ocorrências.

Tabela II de Jansen (1980:142)

type of LD-element	Complex NP	Dependent Clause	NP	PP	Adverb	Pronoun
non-left-dislocated	65	155	682	440	666	10,000>
left-dislocated	55	84	140	83	18	1
% of LD	46%	35%	20%	16%	3%	0%

Jansen (*ibid.*) conclui que "LD-construction is an option in the syntax of all members of the Dutch speech community" (p. 143). Assim, dizer que sistemas V2 não admitem construções V>2 e que a frequência de uso dessas construções é muito baixa, parece-nos uma restrição muito forte quando observamos os números na Tabela II acima³⁴.

³² Segundo essa análise, esses constituintes estão adjungidos a CP. Cf. item 4.3 para uma discussão sobre essa questão.

³³ Jansen (*ibid.*) diz que, no holandês medieval, outras duas formas de LD eram atestadas: *Pers-LD*, deslocadas retomadas por um pronome pessoal, e *So-LD*, em que o advérbio *so* ocorre logo após o elemento deslocado.

³⁴ A comparação da construção em (4.38) acima com os números da Tabela II de Jansen (*ibid.*) indica que a questão está relacionada com propriedades que distinguem TOP de LD. Considerando que (4.38) é agramatical em todas as línguas germânicas V2, mas que LD é usual em todas elas, essa distribuição reforça as análises que caracterizam diferentemente as duas construções. Uma análise detalhada dessa

Alguns exemplos de CLLD, no PA, são como (cf. outros exemplos em 3.4.1)³⁵

(4.41) a) Eu que soon homen estranho, deitou-me de mha pousada (DSG.1.25.5)

b) e as taalhas en que muí pouquetiño de viño deitara, achô-as todas cheas de viño
(DSG.1.17.17)

c) esto, Pedro, que ti eu ora quero contar, aprendi-o dũu homen muito honrado
(DSG.1.9.7)

Embora essas construções apresentem a ordem C V, linearmente uma ordem V2, consideramos que devem ser analisadas diferentemente das construções como:

(4.42) a) D' algũas cousas me calarei (DSG.1.5.25)

b) e alhũas outras cousas ti contarei (DSG.1.1.40)

também com a ordem C V. Nota-se logo uma diferença entre elas pelo posicionamento dos pronomes clíticos, enclíticos na construção de LD e próclíticos na construção V2 germânica. Na nossa análise, o objeto fronteado está em TOPP nas construções em (4.41) e em CP nas construções em (4.42). Isto se reflete nas diferentes posições dos clíticos nessas construções.

Watanabe (1993) propõe que TOP, como ilustrado com o exemplo em (4.36(b)), e V2 resultam de movimento para Spec/C'. Se se adota essa análise, perde-se uma possível explicação para a distribuição da ênclise e da próclise nessas construções: se os objetos fronteados estão sempre em Spec/C', por que as duas diferentes ordenações dos clíticos? No entanto, se mantemos a análise de que TOP/CLLD envolve movimento para uma posição à esquerda de CP e V2 resulta de movimento de um constituinte para Spec/C', encontramos uma diferença entre elas que pode explicar essa distribuição na colocação dos clíticos³⁶.

questão, em relação ao PA, está fora do escopo desta pesquisa. Para efeitos da questão V2, o ponto central de nossa análise, estamos assumindo uma única posição externa a CP para hospedar quer o TOP, quer a LD, apesar de sabermos que são processos sintáticos distintos. Cf. Duarte (1987), Mateus et alii (1989), Kato (1989/1991) e Ilari (1922) para propostas de identificação e análise de tópicos.

³⁵ O elemento LD pode ser retomado por um elemento diferente de clítico, como no exemplo abaixo:

(l) e estas dobras que el-rrei dom Pedro mandava lavrar, cinquenta d' **ellas** faziam hũu marco (CDP.11.37-39)

³⁶ Detalhamos essa análise no item 4.2 a seguir, quando tratamos formalmente das questões sobre ênclise e próclise.

Um outro fato que nos leva a manter uma distinção entre as posições envolvidas na CLLD/TOP e no V2 é ilustrado com os exemplos abaixo.

- (4.43) a) A verdade daquesta profecia **mais claramente** a veemos cada dia a luz do sol (DSG.2.15.14)
b) E o homen santo, pois fez o sinal da cruz con sa mão sobrela cabeça do cavalo, toda a rávia e a braveza que avia mudou-a en mansidoen (DSG.1.27.4)
c) e alguia coussa se aprouauam lamcauana logo fora (CPVC.F3.17-18)
d) Aqueste des sa meninice **sempre** fez mui grande asteença (DSG.1.2.4)

Na construção em (4.43(a)), CLLD coocorre com V2 (ou focalização V2); os exemplos em (4.43(b)) e (4.43(c)) mostram que TOP e CLLD (ordem irrelevante; cf. nota 38) podem coocorrer numa mesma sentença. Assim, achamos mais plausível distinguir a posição sintática envolvida em topicalização V2 da envolvida nos movimentos de CLLD/TOP. No exemplo em (4.43(d)), TOP coocorre com topicalização V2, e, no exemplo em (4.43(b)), os dois constituintes que antecedem a CLLD estão TOPICALIZADOS³⁷.

A recursividade de TOP é bem ilustrada com os seguintes exemplos (separamos cada TOP por uma barra para facilitar a leitura do exemplo):

- (4.44) a) El-rrei de Castella,/ enquanto mandou a Aragom o rrecado que avees ouvido,/ ante que a rreposta de lá vehesse, / **com desejo de tomar vingança** mandou a pressa armar sete galees e seis naaos (CDP.19.3-6)
b) E o coraçon de cada hũu prelado,/ polos cuidados muitos que ha,/ ca non cuida en hũa cousa soo,/ **ligeiramente** se pode embargar (DSG.1.8.55)
c) Aquell dia,/ logo aa noite,/ estando el-rrei em sua camara,/ **dom Samuel Levi seu tesoureiro-moor** lhe disse presente todos (CDP.13.13-15)
d) E outrossi/ Moises/ no deserto/ **po lo anjo** aprendeu aquelas cousas que depois amostrou aos filhos d'Israel, e non per homen. (DSG.1.2.26)

Mais de um TOP antecede os V[+f] nessas construções. Os constituintes em negrito podem estar em Spec/TOP' ou em Spec/C'. Nas construções em (4.44(b)) e (4.44(c)), podemos tomar a próclise como evidência de que *ligeiramente* e *dom Samuel Levi seu*

³⁷ É possível que, em muitos dos exemplos com a ordem S X V, o S seja um LD retomado pelo pronome nulo *pro*.

tesoureiro-moor estão em Spec/C'. Os constituintes polo anjo e com desejo de tomar vingança devem estar focalizados em Spec/C'.

Um último argumento para essa distinção pode ser derivado da ordenação desses constituintes entre si. Parece não haver uma ordenação fixa entre TOP e CLLD, o que nos sugere que podem estar em adjunção a uma mesma posição. Por exemplo, as ordens Sent. adverbial + CLLD e CLLD + Sent. adverbial se realizam nos exemplos em (4.43(b)) e (4.43(c)) acima, respectivamente, mostrando que não há uma ordenação fixa entre esses elementos. No entanto, isso não se observa em relação ao tópico/foco V2; ele sempre segue os constituintes CLLD/TOP. Se todos estivessem em adjunção a Spec/C', poderia haver mais liberdade na ordenação entre o tópico/foco V2 e o TOP/CLLD³⁸.

Em resumo, a distinção entre "sistemas V2 rígidos", como o alemão, o holandês e o islandês, e "sistemas V2 não-rígidos", como o PA, deve ser definida em termos da impossibilidade / possibilidade de construções com TOP, considerando que ambos permitem CLLD. Assim, a restrição de que o V[+f] só pode ser antecedido por **um e só um** constituinte deve fazer referência essencialmente a constituintes TÓPICOS.

Contudo, a característica de um sistema V2, que permite contrastá-lo com sistemas não-V2, é fundamentalmente o movimento do V[+f] para o núcleo C⁰ na sintaxe evidente. Nessa perspectiva, o PA é um sistema V2 rígido, pois o V[+f] está sempre em C⁰ antes do *spell-out* para a PF.

As construções V1 indicam que movimento de um constituinte XP para Spec/C' não é obrigatório no PA. Desse modo, em algumas construções, há ambigüidade quanto a uma interpretação do constituinte frontalizado como TOP ou como tópico-V2, sobretudo porque, estando o verbo sempre em C⁰, a ordem X V S se realiza quer o constituinte inicial esteja em Spec/C', quer esteja em Spec/TOP'. Propusemos anteriormente que a construção abaixo:

(4.45) Padre, [aqueste por que me tu rogas]; vejo eu que t_i non he monge (DSG.1.)

³⁸ A partir de uma observação sistemática dos dados, tomando como parâmetro uma posição fixa para a LD, chegamos à seguinte organização entre LD e TOP:

—	—	LD	—
—	—	LD	TOP
—	TOP	LD	—
TOP	TOP	LD	—
—	—	LD	TOP

poderia ser analisada como uma construção em que o constituinte *Aqueste monge Nonnoso* por que me tu rogas estaria em Spec/C' (cf. análise do exemplo em (4.6(a))).

No entanto, uma análise em que esse constituinte está em Spec/TOP' não pode ser totalmente descartada. Para o seguinte exemplo:

(4.46) [TOPp *Aqueste monge Nonnoso*_i [CP *avia* [AGR_{SP} *pro* *t_v*

[DP [DP *hũũ abado muito áspero e muito esquivo*] [CP *con que —_i vivia*]]]
(DSG.1.13.8).

propomos uma análise em que o constituinte *Aqueste monge Nonnoso* é gerado em TOP. Uma análise de movimento de topicalização V2 implicaria em dizer que o constituinte *Aqueste monge Nonnoso* foi extralido de dentro de uma "ilha".

Contudo, como temos admitido que a posição dos clíticos nos permite distinguir os dois processos de topicalização, o Quadro 4.3 abaixo nos fornece alguns esclarecimentos sobre essa questão:

Quadro 4.3 Distribuição das ordens CL V e V CL nas sentenças raízes V2 e V>2

Ordem/Texto	FR	DSG	CDP	CPVC
XP CIV	06 / 0.10%	34 / 0.35%	35 / 0.48%	22 / 0.41%
XP VCI	53 / 0.89%	61 / 0.64%	37 / 0.51%	31 / 0.58%
S CIV	03 / 0.15%	18 / 0.47%	19 / 0.43%	21 / 0.60%
SVCL	17 / 0.85%	20 / 0.52%	25 / 0.56%	14 / 0.40%
... S/X ... CL V	10 / 0.58%	19 / 0.51%	25 / 0.64%	11 / 0.50%
... S/X ... V CL	07 / 0.41%	18 / 0.48%	14 / 0.35%	11 / 0.50%

Se podemos considerar a ordem CL V como guia seguro de que o constituinte que antecede o V[+f] está em Spec/C' e a ordem V CL como indicando que o constituinte que antecede o verbo é um TOP externo a CP, então vamos concluir que as duas possibilidades estão presentes no PA. Observa-se que no FR a estratégia de TOPICALIZAÇÃO é mais freqüente do que a topicalização-V2, pois a ordem V CL é mais freqüente. Nos DSG, há um certo equilíbrio na freqüência das ordens CL V e V CL, nas construções V>2 e V2 em que o primeiro constituinte é o sujeito. Quando o elemento que antecede o verbo é um constituinte diferente do sujeito, a estratégia do TÓPICO parece ser mais freqüente, como indica o número de ocorrências da ordem V CL. Nos outros dois documentos, as duas possibilidades se distribuem em porcentagens aproximadas.

A conclusão a que podemos chegar é que, com exceção da focalização-V2, que envolve sempre movimento do foco para Spec/C', as demais construções XV(S), sem

realização de um pronome clítico, podem permitir uma das duas análises: topicalização-V2 para Spec/C' ou TOPICALIZAÇÃO em Spec/TOP'. Essa ambiguidade não está presente nos sistemas V2 rígidos, como o alemão.

É possível que as diferenças entre o PA e as línguas V2 germânicas e o FrA, quanto às construções V>2, possam estar relacionadas com diferenças na estrutura prosódica desses sistemas. Segundo Adams (1987/1988), a perda da restrição V2 está associada à mudança do padrão de acento no francês medieval. Ela observa que as línguas de acento forte tendem a colocar o acento secundário no início da sentença. Kroch (1989) diz que uma diferença acentual se reflete em diferenças na sintaxe da topicalização³⁹.

4.2. A posição Wackernagel

Desde fins do século XIX que Adolf Tobler (1889)⁴⁰ e Adolfo Mussafia (1886) são bem conhecidos pela observação de que, respectivamente, no FrA e no ItA, os pronomes clíticos não ocorriam em posição inicial da sentença. Diversos outros filólogos e gramáticos fizeram a mesma verificação em relação a outras línguas românicas arcaicas, como o provençal, o romeno e o espanhol. A interdição de clítico em primeira posição passou a ser conhecida como "lei Tobler-Mussafia". Nesse mesmo século, o indo-europeísta suíço Jakob Wackernagel (1892) defendeu a

³⁹ Desse modo, é possível que o padrão acentual possa ter um papel nas questões de aquisição ou seleção de gramática (cf. Galves & Galves (1944) e Galves (1944)), embora não tenhamos uma idéia clara sobre a interrelação desses níveis. Por outro lado, se se define a propriedade V2 pelos traços-V em C⁰, como uma mudança no padrão acentual pode levar a criança a selecionar um valor negativo para o traço-V em C⁰? Kroch (1989) e Adams (1987/1988) propõem que o desenvolvimento de CLLD no FrM, ou seja, a reanálise dos tópicos-V2 como CLLD, se explica por o FrM só admitir um único acento, em final do sintagma, enquanto as línguas germânicas V2 permitem acento em início e em final de sintagma. Essa seria a grande mudança prosódica ocorrida no francês medieval. No item 4.1.4 vimos que o holandês permite um número significativo de CLLD, sem que essas deslocadas interfiram com a propriedade V2 desse sistema. Assim, não vemos de modo claro como a mudança no padrão acentual pode estar diretamente relacionada com a reanálise dos tópicos-V2 como CLLD.

⁴⁰ As observações que se seguem sobre os trabalhos de Tobler, Mussafia e Wackernagel foram colhidas em diversos textos que fazem referências a esses estudos (cf. Anderson (1993), Benincá (1992), Martins (1994), Cardinaletti & Roberts (1991), Rouveret (1992), Salmi (1990), entre outros), uma vez que não tivemos acesso aos estudos originais. Para o leitor interessado nos trabalhos originais de Tobler, Mussafia e Wackernagel, as referências são:

Mussafia, A. (1886). "Una particolarità sintattica della lingua italiana dei primi secoli". In: G. I. Ascoli et alii. *Miscellanea di filologia e linguistica in memoria di Napoleone Caix e Ugo Angelo Canello*. Firenze, LeMonnier. 255-261.

Tobler, A. (1889). "Pronominales object zu infinitiv oder partizipium". *Zeitschrift für romanische philologie*, 13:186-191.

Wackernagel, J. (1892). "Über ein Gesetz der indogermanischen Wortstellung". *Indogermanische Forschungen*, 1:333-436.

hipótese de que, nas línguas indo-européias, os elementos clíticos⁴¹ geralmente aparecem na segunda posição da sentença, ou seja, aparecem enclíticos ao primeiro elemento acentuado da sentença. Anderson (1991:3) comenta a proposta de Wackernagel, segundo a qual "there was a connection between the phenomenon we now call 'Verb-second' in Germanic and the principle of word order that determined the placement of clitics".

A partir desses trabalhos, vários sintaticistas têm procurado dar conta dessas generalizações descritivas no quadro da teoria gerativa. Uma explicação comum à questão do V2 tem sido a de considerar que existe uma posição estrutural na sentença, o núcleo C⁰, cujas propriedades podem desencadear movimento do verbo[+f] para essa posição. O movimento do verbo para C⁰ resulta numa construção em que o verbo[+f] aparece em segunda posição nas sentenças raízes, estando Spec/C' preenchido por um constituinte sintagmático qualquer (cf. capítulo 1 e item 4.1 deste capítulo).

Por outro lado, a restrição de clítico em primeira posição passa a ser tratada como resultado da aplicação da lei T-M. Benincà (1992:1) resume a generalização Tobler-Mussafia com as seguintes fórmulas:

(4.47) a) * # clitic-verb

b) # (X Y) Verb-clitic

A fórmula em (4.47(a)) diz que clítico antes do verbo em posição inicial de sentença é agramatical. Isso significa que, se nenhum constituinte aparece antes do verbo, o clítico deve seguir o verbo. A fórmula em (4.47(b)) diz que clítico seguindo um verbo flexionado é gramatical quer em posição inicial, quer em posição interna da sentença. No âmbito das propostas gerativistas pré-minimalistas, o movimento do verbo para uma posição anterior à do clítico era o recurso utilizado para salvar a representação formulada em (4.47(a)) acima, ficando então o clítico enclítico ao verbo nas construções com verbo em posição inicial de sentença.

Alguns outros estudos têm procurado uma conexão formal entre a posição-Wackernagel e a lei T-M, no âmbito das línguas germânicas e românicas. Até onde sabemos, C&R (1991) são os primeiros a unificar formalmente essas duas observações, ao considerar que as línguas que observam a restrição T-M são línguas

⁴¹ Entre o que Wackernagel denomina de elementos clíticos, estão não só clíticos pronominais, como também clíticos adverbiais, auxiliares, partículas, etc.

que têm uma posição tipo-AGR para clíticos independente da posição AGR relacionada com a morfologia verbal.

Para dar conta da ênclise no romance medieval e do requerimento de adjacência entre sujeito pronominal e C⁰ em línguas germânicas modernas (e de outros fenômenos relacionados com V2 nas completivas-QU; cf. discussão nos subitens 1.3.2 e 1.3.3 e no item 4.3, a seguir), C&R (*ibid.*) propõem uma estrutura clausal com duplo AGR, AGR1P e AGR2P, e definem AGR1 como uma posição para clíticos nas línguas românicas que observam a restrição Tobler-Mussafia. Também identificam essa posição como a posição Wackernagel das línguas germânicas.

(4.48) [CP C⁰ [AGR1P Spec [AGR1' [AGR1⁰ CL] [AGR2P Spec [AGR2' AGR2⁰ [TP ...]]]]]]

A conclusão a que eles chegam é que a posição AGR que hospeda os clíticos nas línguas românicas que observam a restrição T-M é a mesma posição-Wackernagel dos clíticos nas línguas germânicas. Como eles dizem, "our analysis captures the traditional idea that Tobler-Mussafia effects are related to Wackernagel's Law; (...), both sets of phenomena crucially involve the presence of an "autonomous" clitic in Agr1⁰" (pp. 31-32)⁴².

Assumimos aqui as conclusões de C&R (*ibid.*) de que uma língua que observa o efeito T-M tem uma posição independente para clíticos, a posição-Wackernagel. Pensamos que o nome dado a essa posição é uma questão de menor importância. C&R (*ibid.*) a denominam "AGR1⁰", Roberts (1993) define-a como "AGRc⁰". Para Rouveret, essa é simplesmente a posição W, de Wackernagel, e Uriagereka a identifica como Foco⁰. Não acrescentaremos nenhuma outra denominação para essa posição; simplesmente assumiremos o AGRc⁰ de Roberts (1993), embora definamos as propriedades dessa posição diferentemente da dele, da da posição-W de Rouveret (1992) e da da posição Foco de Uriagereka (1992) (cf. subitens 4.2.2 e 4.2.4 abaixo).

A escolha por AGRc⁰ não é aleatória como deixamos transparecer. Na realidade, essa opção por AGRc⁰ se deve a que tentamos, nesta análise, desenvolver uma proposta de Rizzi (1990a/1991) de que as categorias funcionais devem ser identificadas pelos traços [+/-C], [+/-I] e de que o núcleo C⁰ de um sistema lingüístico V2 é identificado pelos traços [+C, +I] (cf. item 1.3.2.3). Vamos assumir, como

⁴² Outros estudos também assumem a existência de uma posição independente para clíticos, quer em relação a línguas germânicas (como, por exemplo, Tomaselli 1990), quer em relação a línguas românicas (como, por exemplo, Rouveret 1992, Uriagereka 1992), mas o trabalho de C&R (1991) é o primeiro a explicitar formalmente a conexão entre os dois fenômenos.

hipótese de trabalho, que um mesmo núcleo funcional não pode ser especificado para dois traços distintos, na linha da hipótese defendida por Pollock (1989) para a divisão de IP em AGR e T, e que, na realidade, cada um desses traços é núcleo de uma projeção sintática.

Desse modo, na nossa análise, o traço [+I] de Rizzi (*ibid.*) identifica o núcleo funcional AGRc. Assumimos a idéia de Rizzi (*ibid.*) de que a diferença paramétrica entre sistemas V2 e não-V2 está relacionada com o valor + / - do traço [I] em C⁰, mas, no nosso sistema, isto significa que ou AGRc⁰ não é projetado nos sistemas não-V2, ou é projetado sem traços, ou é projetado com traços fracos, não desencadeando, assim, movimentos obrigatórios de checagem antes do *spell-out*. Decidir sobre uma dessas opções não é uma questão fácil.

Inicialmente, podemos nos indagar se todas as línguas projetam o mesmo esquema funcional. Acreditamos que o ideal teórico seria todas as línguas terem uma representação clausal comum, a diferença entre elas estando só em relação à "força" dos traços dos núcleos funcionais. Contudo, a perspectiva que tem emergido de alguns estudos é a de que a estrutura funcional das sentenças é variável intra e inter-lingüisticamente.

Por um lado, a ocorrência ou não de elementos funcionais pode ser a explicação para as diferenças sintáticas entre tipos de sentenças em uma mesma língua, como parece ser o caso da distinção entre construções de marcação excepcional de Caso e de alçamento, e construções de controle. Segundo Watanabe (1993), completivas de verbo de controle projetam CP, enquanto as de marcação excepcional de Caso e de alçamento não projetam CP.

Por outro lado, a ocorrência ou não de elementos funcionais em algumas línguas pode explicar certas variações sintáticas entre as línguas. Por exemplo, Áfarli (1991) compara certos fatos sintáticos do norueguês e do islandês e conclui que a diferença entre os dois sistemas está em que, no islandês, as categorias funcionais AGRP e TP são projetadas, enquanto que, no norueguês, só TP é projetada.

O que foi dito acima permite-nos considerar a relação entre as categorias funcionais e a sintaxe em duas dimensões. Primeiro, a questão de quais categorias funcionais são projetadas numa mesma língua e nas diferentes línguas; segundo, quando projetadas, qual a "força" dos traços caracterizadores dessas tais categorias, e conseqüentemente, qual o seu papel na sintaxe da língua que as projeta. Essas dimensões estão colocadas em Uriagereka (1992), quando define as possibilidades de realização da categoria funcional FOCO (em alguns aspectos semelhante ao nosso AGRc) e de variação entre as línguas. Ele considera que FOCO pode ser um

morfema abstrato em algumas línguas (portanto, um núcleo morfologicamente rico), ser só sintaticamente ativo em outras línguas (o que, conseqüentemente, nos permite concluir que é morfologicamente pobre) ou não ter realização sintática em outras. A considerar a proposta de Uriagereka (*ibid.*), poderíamos admitir essas três possibilidades para o núcleo AGRc, como sugerimos acima.

Um importante critério para postular a existência de alguma categoria funcional é a realização fonética de um afixo ligado ao verbo, relacionado a essa tal propriedade flexional. Com base nesse afixo, vários fenômenos sintáticos podem ser explicados como efeito da presença ou ausência de uma dada projeção funcional. Contudo, devemos observar que, do modo como a questão está sendo tratada no MPLT, "ser morfologicamente forte" não implica necessariamente na existência de um morfema com realização fonética. Na proposta de Martins (1993), por exemplo, a morfologia verbal do PEM inclui traços afirmativos, que não são lexicalmente visíveis⁴³. Segundo ela, o núcleo AFF das sentenças afirmativas do PEM, uma das realizações de ΣP , é um morfema abstrato com traços fortes, projetado no léxico ligado ao verbo. Assim, o verbo tem de ser movido para ΣP para checagem do traço.

Todas essas considerações sobre categorias funcionais, apresentadas acima, têm como objetivo mostrar que não há ainda um consenso entre os pesquisadores sobre o número de categorias funcionais e seus traços caracterizadores. Imaginam-se as categorias funcionais como constituindo uma classe finita, cujos membros são determinados pela GU. Cada categoria deve ser especificada para um conjunto de traços gramaticais, para os traços categoriais [+/-V], [+/-N] e traços relacionados com operadores. Esses traços desempenham um papel crucial na determinação de processos gramaticais, em particular, nos processos de movimento, desde que eles podem ser os desencadeadores do movimento de uma outra categoria para a projeção em que está o núcleo funcional, como também podem inibir o movimento de outra categoria para sua projeção⁴⁴.

Desse modo, as diferenças nas propriedades dos traços gramaticais, categoriais e de operadores são responsáveis pelas diferenças fundamentais entre as línguas ou

⁴³ Martins (1994) diz que a idéia de que NEG e AFF sejam especificados com traços-V encontra certo suporte na consideração de que existem línguas em que os verbos apresentam traços morfológicos distintos na realização de sentenças negativas do das sentenças afirmativas.

⁴⁴ Não podemos deixar de observar que, dadas as noções de parâmetro, como sugeridas no capítulo 2, a idéia de que os parâmetros devem ser em número finito recebe uma explicação natural em uma teoria que restringe as categorias que estão sujeitas a variação paramétrica a um conjunto finito de categorias funcionais e restringe as dimensões de variação a um limitado conjunto de propriedades dessas categorias funcionais. Observa-se, portanto, que, se o número de categorias que está sujeito a variação é finito e se o conjunto de propriedades associado a essas categorias também é finito, então as possibilidades de variação entre as línguas também são finitas.

entre duas ou mais fases de uma mesma língua. Isto significa que uma dada categoria funcional pode ser especificada para diferentes valores nas línguas, resultando daí uma variação entre as línguas, o que envolve, entre outros aspectos, derivação de construções que são superficialmente diferentes, ao menos em relação à ordem das palavras. Veremos logo a seguir, no item 4.1.4, que a comparação dos dados do PA com os do PEM e do alemão, a partir da nossa análise, da de Rouveret (1992) e da de C&R (1991), permite-nos apresentar algumas reflexões sobre como as propriedades de AGRc⁰ podem variar parametricamente. Mas mantemos desde já a hipótese de que só nos sistemas V2 AGRc é uma posição para clíticos. Em sistemas não-V2, o clítico está em AGRs.

Em resumo, na análise da colocação dos clíticos no PA que desenvolvemos a seguir, procuramos captar o fato de que esse sistema lingüístico tolera elementos clíticos que ocorrem em uma posição claramente independente da morfologia verbal. Direcionamos essa análise tendo em mente dois objetivos: primeiro, apresentar argumentos que corroborem a hipótese de que a estrutura interna dos domínios clausais das sentenças do PA inclui uma projeção funcional AGRcP, posicionada entre CP e AGRsP; segundo, mostrar que as possibilidades de posicionamento do verbo em C⁰ e do clítico em AGRc⁰ interagem na produção de estruturas em que as ordens V CL e CL V se realizam. Procuramos, pois, especificar os contextos sintáticos em que ênclise e próclise ocorrem nos nossos dados, quer em posição inicial, quer em posição interna à sentença.

Consideramos que o comportamento enclítico ou próclítico dos complementos clíticos nas sentenças raízes depende de condições estruturais relacionadas ao estatuto teórico dos constituintes XPs que antecedem os clíticos e os verbos, isto é, as possibilidades de ênclise ou próclise são definidas pelo estatuto sintático de XP, segundo ele seja ou um elemento TOPICALIZADO para Spec/TOP', ou um constituinte topicalizado para Spec/C', bem como pelas possibilidades estruturais licenciadas pela gramática da língua pertinente⁴⁵. No caso específico de nosso estudo, assumimos que o PA reflete propriedades estruturais de uma língua V2, no sentido de que o V[+f] está em C⁰ na sintaxe evidente.

⁴⁵ Nesse aspecto, nossa análise não é essencialmente diferente da de Benincà (1992) e da de Salvi (1989/1990/1991). Contudo, diferimos deles na proposta de explicação para os fenômenos relacionados com a interação entre posicionamento dos clíticos e preenchimento ou não-preenchimento de Spec/C', desde que assumimos uma posição para clítico independente da posição relacionada com a morfologia verbal. Assim, embora concordemos com eles em que o estatuto dos constituintes que antecedem o V[+f] condiciona o uso enclítico ou próclítico do pronome complemento, discordamos quanto aos mecanismos sintáticos operantes nesses tipos de construções.

O item está dividido em quatro partes. No item 4.1.1, apresentamos as questões gerais da colocação dos clíticos com as quais trabalharemos. No item 4.1.2, definimos formalmente nossa proposta de análise e definimos as propriedades de AGRc⁰. No item 4.1.3, procuramos mostrar como nosso sistema pode dar conta do uso enclítico e próclítico do pronome complemento. Desenvolvemos a análise com base em dados do PA e de outras línguas românicas. No item 4.1.4, apresentamos algumas reflexões sobre possíveis variações paramétricas das propriedades de AGRc. Em 4.1.5, discutimos mais algumas questões relativas à variação paramétrica.

4.2.1 O padrão de colocação dos clíticos nas línguas românicas

O padrão de colocação dos clíticos no PA é bastante intrincado, como se pode observar a partir da descrição apresentada no capítulo 3: embora nas construções V1 a ordem V CL seja o padrão, nas construções V2 e V>2, as ordens V CL e CL V estão em alternância, apresentando um ambiente aparentemente caótico para uma análise das ordenações possíveis.

Esquematizamos abaixo as possibilidades de posicionamento dos clíticos no PA:

4.49) a) Construções V1: ---- V CL

b) Construções V2: S CL V S V CL

ADV CL V ADV V CL

PP CL V PP V CL

OB CL V OB V CL

c) Construções V>2 : XP S CL V XP S V CL

XP ADV CL V XP ADV V CL

XP PP CL V XP PP V CL

XP OB CL V XP OB V CL

Segundo Salvi (1989/1990/1993) e Benincà (1992), o padrão de colocação dos clíticos no PEM é bastante semelhante ao do PA, por permitir ênclise e próclise em domínios raízes. Contudo, como já comentamos no capítulo 3 (cf. item 3.2.3), no PEM, a próclise só ocorre nas sentenças raízes introduzidas por quantificadores, por

sintagmas focalizados, por certos advérbios focalizados, ou pelo operador de negação predicativa 'não'. De outro modo, é a ênclise que se superficializa nas sentenças raízes. Ilustramos essa distribuição no item 3.2.3 com os seguintes dados (os dados são de Barbosa 1993:3-5):

(4.50) próclise / ênclise no português europeu moderno

- | | |
|---|-------------------------------------|
| a) Ninguém o viu | * Ninguém viu-o (DP Quantificado) |
| b) Só o Pedro o viu | * Só o Pedro viu-o (Foco) |
| c) O Pedro não o viu | * O Pedro não viu-o (Negação) |
| d) O Pedro já/nunca o viu | * O Pedro já/nunca viu-o (Advérbio) |
| e) *A Maria o viu | A Maria/ela viu-o (DP referencial) |
| f) *Aqueles rapazes, a Maria os viu ontem | (Tópico) |
| Aqueles rapazes, a Maria viu-os ontem | |

A alternância entre colocação pré-verbal e colocação pós-verbal do clítico, no PEM, é definida pelo estatuto do constituinte XP que antecede o verbo. Nos contextos ilustrados de (a) a (d) acima, os constituintes XPs são elementos com leitura de foco, e a colocação proclítica do pronome é a única possível. Por outro lado, nas construções em que os constituintes que antecedem o verbo são sujeito ou tópico, como nos padrões em (e) e (f) acima, o PEM só admite a colocação enclítica do pronome.

Observa-se que a ordem S CL V é possível no PEM se o sujeito é focalizado, mas agramatical se o sujeito é um tópico (marcado ou não-marcado). Compare-se o contraste entre os exemplos em (e) e (f) em (4.50) acima e os exemplos em (4.51) abaixo:

(4.51) a) Alguém o viu (Barbosa 1991:33)

b) Poucos alunos a encontraram (*ibid.*)

c) Só o Pedro lhe respondeu (Rouveret 1922:24)

d) Apenas o João a viu no cinema (*ibid.*)

Resumidamente, os dois padrões de colocação dos pronomes clíticos em PEM apresentam-se essencialmente como:

(4.52) a) FOCO CL V b) Tópico V CL

Observa-se que o padrão em (4.52(a)) é também característico do PA. No entanto, PA e PEM divergem quanto ao padrão em (4.52(b)). Os dados apresentados nos subitens 3.2.3.1 e 3.2.3.2 mostram a seguinte distribuição:

(4.53) a) e eu ch' o darei (DSG.1.5.47)

b) e el perdoou-lhe (CDP.17.88)

c) e depois a teve presa em Medina Sidonia (CDP.16-101)

d) e depois foi-se con os outros (DSG.1.16.13)

e) e esto lhe fazia o prazer que avia en cuidar sempre nas cousas celestiais (DSG.1.1.12)

f) E todos aqueles que esto viron maravillaron-se muito (DSG.1.2.10)

g) eo aar aque se criam os faz taaes (CPVC.F8.22)

Portanto, dois padrões são observados nas sentenças raízes em (4.53) acima. Esses dois padrões encontram uma explicação na consideração de que os constituintes XPs que antecem as formas verbais nessas construções ocupam diferentes posições sintáticas: os constituintes topicalizados para uma posição externa a CP ocorrem com ênclise; os constituintes deslocados para Spec/C', quer sejam tópicos, quer sejam focos, condicionam o uso proclítico do pronome.

Um padrão semelhante ao do PA é observado em outras línguas românicas medievais, como o EspA e o FrA, por exemplo, conforme se pode depreender dos dados apresentados em Rivero (1986), Granberg (1988), Adams (1987) e Roberts (1992b). Os exemplos abaixo ilustram o padrão enclítico e proclítico de posicionamento do verbo no EspA, em construções com sujeito pré-verbal (dados de Rivero 1986):

(4.54) a) Ellos lo entendieron (Lib.Est. 63.5) (p. 775)

b) El rrey recibio-lo muy bien (Lib.Est.29.32) (p.778)

Essas duas possibilidades de posicionamento do complemento clítico não se restringem a construções em que o constituinte que antecede o verbo é o sujeito. Outros tipos de constituintes também apresentam esse padrão variável, como nos exemplos abaixo (dados de Granberg (1988)):

(4.55) a) Assi la otorgo yo (DL:276,1228)⁴⁶ (p.165)

b) (...) Pusieron entre si que nunca a este recibiesen por rey, et así quitaronse.

(EG:102)⁴⁷ (p.166)

c) (...) et despues casóla con un su criado. (EG:61) (p.181)

d) (...) et despues la dexó por sospecha que ouo dela (EG:84) (p.183)

No entanto, quando se compara o padrão identificado para as línguas românicas, em sua fase antiga, com o padrão que se verifica para as línguas românicas contemporâneas - o FrM e o EspM, por exemplo -, observa-se uma diferença substancial entre as línguas românicas arcaicas e o PEM, de um lado, e as línguas românicas modernas, do outro: as línguas românicas modernas caracterizam-se como sistemas essencialmente proclíticos⁴⁸, enquanto o PA e o PEM, como sistemas mistos, com colocações proclíticas e enclíticas dos pronomes complementos.

Desse modo, nas línguas românicas modernas em questão, os pronomes complementos precedem imediatamente o verbo nas sentenças raízes finitas, independentemente de o complexo CL V ser ou não antecedido por um constituinte focalizado ou topicalizado: Observa-se, nos exemplos abaixo, que S CL V é a única ordem tolerada. A agramaticalidade dos exemplos em (4.56(b)) mostra que a ordem S V CL não é possível nesses sistemas.

(4.56) FrM a) Jean le voit b) *Jean voit-le

EspM a) Juan lo vio b) *Juan vio-lo

A ênclise obrigatória nas construções V1 nas línguas românicas arcaicas e no PEM (exemplos em (4.57) (a)-(c)), deixa de ser observada nas línguas românicas modernas (exemplos (d)-(f) em (4.57))⁴⁹:

⁴⁶ DL = Documentos Lingüísticos (Menéndez Pidal 1966).

⁴⁷ EG = Estoria de los godos 1243-1270.

⁴⁸ Nossas generalizações contemplam unicamente as sentenças declarativas e interrogativas raízes e encaixadas com formas verbais finitas. Desconsideramos, portanto, as sentenças imperativas afirmativas, que apresentam a ordem V-CL em todas as línguas românicas modernas, mesmo as que admitem clítico em primeira posição. Desconsideramos ainda as construções envolvendo o complexo verbal "AUX + Infinitivo", que também aceitam a ordem Infinitivo-CL.

⁴⁹ Por não ser uma língua de sujeito nulo, não se encontram casos de pronome complemento em primeira posição nas sentenças declarativas (raízes) finitas do FrM. Mas, em outros ambientes, é possível se observar essa ordem:

(i) La connais-tu? (C&R 1991)

(ii) Le voilà

- (4.57) a) EspA e pisáronla con los pies de los cavallos (Faz:158) (Granberg 1988:157)⁵⁰
 b) PA e leixou-a em outro dia (CDP.17.107)
 c) PEM Viu-o ontem
 d) EspM Lo vio Juan (dado de Barbosa, 1993:1)⁵¹
 e) ItM L' ho visto ieri, Gianni (Belletti, 1990:42)
 f) PB Me deram um presente (PB)

Nas interrogativas-Wh, a ordem padrão é +Wh CL V, quer no romance arcaico, quer no romance moderno, quer em línguas que observam a restrição T-M, quer em línguas que não a observam:

- (4.58) a) ?Qué me darás? (Faz:52) (Granberg, 1988:132) (EspA)
 b) Qué le dio Juan? (Madeira, 1992:4) (EspM)
 c) Qui t' a donné le livre? (FrM)
 d) Quem te deu o livro? (PB e PEM)
 e) Hu te queres ir? (DSG.1.5.10)
 f) Quem vos foi aquí trager? (CD.1428) (Huber,1986:179)
 g) Que mi podes, padre mostrar que...? (DSG.1.31.27)

Por outro lado, o fenómeno conhecido como *interpolação*, como apresentado no item 3.4.3, é característico das línguas românicas arcaicas⁵². Alguns exemplos apresentados no item 3.4.3 são repetidos abaixo:

(iii) Lui parler serait un erreur (Kayne 1991)

⁵⁰ Faz = Fazienda de ultramar 1200-1230.

⁵¹ Granberg (1988) observa que os casos de clítico em primeira posição no espanhol começam a ser atestados a partir do início do século XVI.

⁵² O galego moderno permite a interpolação (Uriagereka, 1992) e no PEM, em registros literários e em alguns dialetos contemporâneos do norte de Portugal, o marcador de negação não pode intervir entre o objeto clítico e o verbo. Rouveret (1922) comenta que, no português literário do século XIX, o pronome sujeito podia intervir entre o clítico e o verbo. Os seguintes exemplos citados por Rouveret (ibid.) ilustram esses fatos:

(i) Porque lho não emprestas? (norte de Portugal)
 (ii) Mandou que lhe eu entregasse o dinheiro (português do século XIX)

Sobre a interpolação no galego moderno, cf. item 3.4.3.

- (4.59) a) Pois mi tu contasti, padre, tan gram miragre que el fez... (DSG.1.10.15)
 b) Esto, Pedro, que ti eu ora quero contar, (DSG.1.9.7)
 c) o rogo que lh' o cavaleiro tan aficadamente fazia (DSG.1.27.7)
 d) pela graça que lhi Deus ante dera (DSG.1.7.16)

Nessas construções, o clítico e o verbo não estão adjacentes. Observamos, no item 3.4.3, que diferentes tipos de constituintes podem estar interpolados entre o clítico e o verbo.

Embora a interpolação seja freqüentemente atestada nas sentenças encaixadas dos documentos do PA, vimos, no item 3.2.5, que esse tipo de construção não está ausente das sentenças raízes, como os dados abaixo ilustram:

- (4.60) a) E a mha cabeça, ja a el ten metuda na sa boca (DSG.4.36.17)
 b) E logo lhe el-rrei taxava que ouvesse por dia quatro soldos, e mais nom (CDP.4.64-65)
 c) tam bem dizer que mujto mjlhor ho estoutros nom digam (CPVC.F6.29-30)
 d) e portanto as homen cree por mais verdadeiras quanto el foi mais presente (DSG.1.17.3)
 e) O conselho já o eu filhei (CA.4195) (Huber,1933:284)

Este é o conjunto de fatos sintáticos sobre os quais desenvolvemos nossa análise neste item. Na proposta que elaboramos para dar conta dos dois padrões de colocação dos clíticos nas sentenças finitas do PA, assumimos que os princípios que regem a colocação dos clíticos é o mesmo em todos esses contextos. Desse modo, a variação observada entre as línguas românicas arcaicas e as modernas é devida a diferenças na seleção do núcleo funcional que hospeda o clítico. As línguas românicas arcaicas diferem das modernas quanto à posição funcional que hospeda os clíticos: nas línguas românicas arcaicas, $AGRc^0$ é a posição para clíticos, enquanto que, nas línguas românicas modernas (exceto o PEM; cf. análise a seguir), os clíticos se alojam em $AGRs^0$.

4.2.2 $AGRc^0$ como uma posição para clíticos

Como hipótese de trabalho, assumimos a existência de um núcleo funcional autônomo nas sentenças finitas raízes e encaixadas, distinto de C^0 e de $AGRs^0$, e

que parece ser uma posição para clíticos. Consideramos que as estruturas com interpolação, apresentadas em (4.59) acima, e que retomamos aqui:

(4.59) a) Pois mi tu contasti, padre, tan gram miragre que el fez... (DSG.1.10.15)

b) Esto, Pedro, que ti eu ora quero contar, (DSG.1.9.7)

c) o rogo que Ih' o cavaleiro tan aficadamente fazia (DSG.1.27.7)

d) pela graça que Ihi Deus ante dera (DSG.1.7.16)

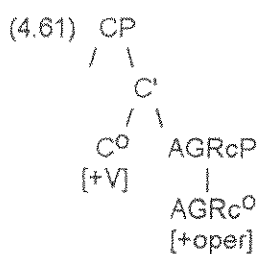
oferecem motivação empírica forte para a proposta da existência de um núcleo funcional adicional para hospedar o clítico nas sentenças do PA, independente do núcleo relacionado com a morfologia verbal⁵³. Desde que as únicas estratégias de posicionamento válidas para clíticos é adjunção à esquerda ou substituição, mas não adjunção à direita (Kayne 1990), os clíticos precedendo os sujeitos *tu*, *eu*, *o cavaleiro* e *Deus*, em (4.59) acima, não podem estar adjungidos a C⁰⁵⁴. Eles devem estar locados em uma posição mais alta do que AGRs⁰ e mais baixa do que C⁰, a posição funcional que denominamos AGRc⁰. Dadas as características das estruturas com interpolação, cuja ordem padrão de posicionamento dos clíticos e do verbo é C⁰ CL (X) X V, concluímos que AGRc⁰ não licencia uma posição de especificador (mas cf. item 4.2.4 abaixo).

Consideramos AGRc⁰ como uma posição em que são especificados traços relacionados com operador. Rizzi (1990a) assume, dado o princípio de FI, que cada ocorrência de um traço substantivo deve ser licenciada. Por exemplo, a seleção pode ser o mecanismo utilizado no licenciamento de traços +Wh no núcleo C⁰ encaixado de completivas+Wh. Assim, um C⁰ encaixado especificado +Wh é selecionado por um verbo tipo *wonder*, mas não por um verbo tipo *regret*. Nas sentenças raízes, por outro lado, seleção não pode ser o mecanismo operante. Rizzi (1990a:378) diz, então, que "we need some position or specification which is independently licensed and from which the chain of licensings can start, otherwise no syntactic structure would be possible". Na proposta dele, essa posição é o INFL das sentenças raízes. Em suas palavras, "among the other independently licensed specifications, the main INFL can be specified +Wh, a substantive feature whose interpretation is "the carrier of this feature designates a question" (p.378),

⁵³ Cf. outros exemplos no subitem 3.4.3. A questão da interpolação será retomada e tratada formalmente no item 4.3, quando tratamos das construções encaixadas.

⁵⁴ Esse mesmo raciocínio é apresentado em Rouveret (1992:8) em relação à interpolação em dialetos ao norte de Portugal e no galego. Cf. nota 54 acima.

Como temos assumido que o núcleo C^0 do PA é especificado para traços-V, a representação das projeções CP e AGRCP é esquematicamente a seguinte:



55 Sportiche (1992) e Martins (1994) assumem que clínicos podem ser dotados de um traço [+específico] e que uma categoria funcional apropriada é especificada com o mesmo tipo de traço. Desse modo, o clínico deve se locomover para esse núcleo funcional, para checar os traços. Na proposta de Sportiche (1992), a organização de uma sentença pode ser vista como feita a partir de uma sucessão de grupos de projeções, cada uma licenciando um tipo particular de propriedade. Para o francês, ele propõe a seguinte organização clausal (p. 75):



199

pronominais se movem para o núcleo flexional mais alto na sentença. Desde que $AGRc^0$ é a posição flexional mais alta, o clítico se desloca para essa posição. Nos sistemas não-V2, $AGRs^0$ será o local de especificação de traços relacionados com operador e também o local de pouso do clítico.

Como tem sido comumente assumido por muitos gerativistas, $Spec/C'$ é a posição para a qual os operadores devem se mover na sintaxe explícita. Dados os Critérios de licenciamento de operadores, um operador em $Spec/C'$ deve estar numa relação $Spec/núcleo$ com um núcleo carregando o mesmo tipo de traço. Para satisfazer essa relação $Spec/núcleo$, o operador, com o traço apropriado, desloca-se para o domínio de checagem do núcleo C^0 , para checar seus traços. Essa checagem é feita pela intermediação de $AGRc^0$: o núcleo $Agrc^0$, especificado com o traço relacionado com o operador, se desloca para C^0 para checar os traços do operador em $Spec/C'$.

Tentamos nesta proposta de análise, traçar uma simetria entre a checagem de traços de operador em $Spec/C'$ e traços-N em $Spec/AGRs'$. A configuração em que a checagem ocorre é a mesma para ambas as posições:



Um DP em $Spec/AGRs'$ checa seus traços- ϕ se Tempo for adjungido a $AGRs^0$ (configuração em (a)); um XP em $Spec/C'$ checa seus traços de operador se $AGRC^0$ for adjungido a C^0 (configuração em (b)).

Evidentemente, em uma construção pode não haver um constituinte dotado de traços de operador. Nesse caso, $AGRC^0$ é sintaticamente projetado sem traços relacionados com operador, e não precisa se deslocar para C^0 . Para evitar uma discussão sobre se traços de $AGRC^0$ são fortes ou fracos, adotamos a hipótese de Raposo (1994) sobre a opcionalidade do processo de frenteamento de constituintes, e, parafraseando-o, formulamo-la da seguinte forma: se $AGRC^0$ não é dotado com um traço relacionado com operador e não há um operador na estrutura, a derivação converge. Se há um operador no domínio de checagem de $AGRC^0$ mas não há um traço apropriado em $AGRC^0$, ou há um traço de operador em $AGRC^0$ mas não há operador no seu domínio de checagem, a derivação colide (*crashes*).

Pensamos que uma possível explicação para o movimento sistemático do V[+f] para C⁰ nos sistemas V2 pode ser esboçada da seguinte forma. No item 1.3.2.3, vimos que Rizzi (1990a:383) assume, com base em Laka (1989), que a especificação de tempo deve c-comandar todas as projeções flexionais. Desse modo, nos sistemas V2, para que Tempo domine todas as projeções funcionais, o V[+f] deve se mover para C⁰; só nesta posição o V[+f] pode dominar AGRc. Nos sistemas não-V2, por outro lado, AGRc não está presente. Assim, a incorporação do V[+f] em AGRs é suficiente para satisfazer esse requerimento⁵⁶. Desse modo, os movimentos de V[+f] para C⁰, nos sistemas não-V2, nas construções em que um *affective operator* está em Spec/C', não é motivado pelo requerimento de que Tempo domine todas as projeções flexionais⁵⁷. Ao contrário, o V[+f] se desloca para C⁰, nesses casos, porque a cadeia de licenciamentos dos domínios raízes está ancorada em AGRs nos sistemas não-V2. Assim, AGRs se desloca para C⁰, levando consigo o V[+f].

Em resumo, propomos que a UG permite duas posições potenciais para clíticos nas línguas humanas, AGRs⁰ e AGRc⁰⁵⁸. A realização de uma dessas opções é uma seleção paramétrica. Consideramos que a ênclise em sentenças declarativas raízes é suficiente para desencadear o valor paramétrico em questão. Isso significa que as construções com ênclise em sentenças raízes finitas são evidências positivas para a seleção de AGRc⁰ como uma posição morfologicamente forte no sistema e, portanto, a posição INFL mais alta que "atrai" o clítico. Por outro lado, a ocorrência de sentenças raízes com CL em primeira posição é suficiente para desencadear o valor negativo do parâmetro morfológico de AGRc⁰. Nesse caso, pensamos que AGRc⁰ não precisa ser projetado, já que ele não tem existência morfológica no sistema. Dada a estrutura clausal que propomos, há uma única opção para a colocação dos clíticos no PA e, possivelmente, para os sistemas V2 em geral: movimento do clítico para AGRc⁰ é a única opção para os sistemas em que AGRc⁰ é uma projeção funcional morfologicamente ativa.

⁵⁶ Alternativamente, pode-se assumir a proposta de Raposo & Uriagereka (1992) de que a projeção TP domina AGRs. Assim, nas línguas não-V2, o movimento do V[+f] para T⁰ é suficiente para que Tempo domine as demais projeções funcionais.

⁵⁷ Esse requerimento já é satisfeito quando Tempo se incorpora em AGRs, desde que AGRc não tem realização nos sistemas não-V2.

⁵⁸ Desconsideramos aqui a possibilidade de o clítico estar em adjunção a T⁰ (como parece ser o caso nas infinitivas não flexionadas) ou a V⁰ (segundo Pagotto (1992), o local de pouso dos pronomes complementos em PB, possivelmente não mais com características de clítico).

4.2.3 Ênclise e Próclise no PA: uma proposta de análise

Neste item, procuramos desenvolver nossa análise sobre a colocação dos clíticos no PA e tentamos relacionar a ordem V CL com o efeito V2. Seguindo Kayne (1990), assumimos que clíticos sempre ocupam núcleos de posições funcionais e que eles se adjungem à esquerda de um núcleo funcional tipo-INFL⁵⁹. Na nossa análise, o clítico está sempre em AGRc⁰, e o verbo se move para C⁰ independentemente do clítico (AGRc⁰ não é uma posição V-relacionada). A diferença entre ênclise e próclise está em se algum constituinte ocupa Spec/C' ou não: ênclise resulta do movimento do verbo para C⁰, enquanto o clítico permanece em AGRc⁰; a próclise surge se AGRc⁰ se move para C⁰. O movimento de AGRc⁰ para C⁰ é desencadeado pela checagem dos traços de operador de um constituinte em Spec/C'.

4.2.3.1 Interrogativas-Wh, V2 e TÓPICO

Nas interrogativas-Wh em sentenças raízes, a ordem CL V é sempre encontrada. Retomo alguns dos exemplos apresentados em (4.58) abaixo:

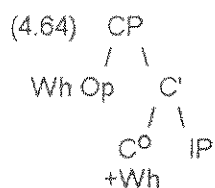
- (4.63) a) Hu te queres ir? (DSG.1.5.10)
b) Quem vos foi aqui trager? (CD.1428) (Huber,1986:179)
c) Qué le dio Juan? (exemplo de Madeira, 1992:4)

Este padrão de posicionamento do clítico é observado nas sentenças-Wh raízes de todas as línguas consideradas neste item.

Como já comentamos acima, o Critério+Wh (Rizzi 1991:2), uma condição geral de boa formação para as estruturas+Wh, especifica que um operador+Wh deve estar numa relação Spec/núcleo com um núcleo+Wh, e um núcleo+Wh deve estar numa relação Spec/núcleo com um operador+Wh⁶⁰, numa configuração como:

⁵⁹ A restrição de adjunção do clítico à esquerda está de acordo com a hipótese de Williams (1981) de que o núcleo de uma projeção é o elemento morfológico mais à direita (*right-headedness*).

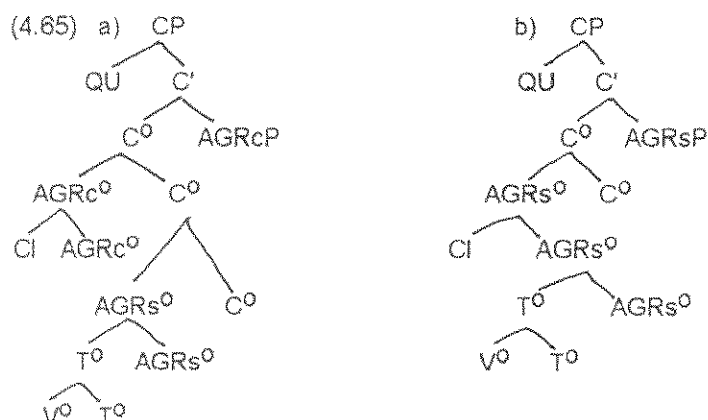
⁶⁰ O Critério-Wh se aplica uniformemente na LF, na interpretação de operadores-Wh. Contudo, nas línguas em que um constituinte-Wh é movido para Spec/C' na estrutura-S (na sintaxe evidente), o Critério-Wh deve ser satisfeito nesse nível (ou seja, antes do *spell-out*). Em línguas sem movimento sintático de constituinte-Wh, como o chinês e o japonês, os operadores-Wh devem se mover na sintaxe da LF para satisfazer o Critério-Wh. Em termos do programa minimalista o Critério-Wh reflete uma relação de checagem de traços de operador com um núcleo portanto o mesmo tipo de traço, o que significa dizer que um constituinte-Wh se desloca para Spec/C' para checar os traços de operador) em confronto com o traço-Wh do núcleo C⁰.



O traço-Wh no núcleo C° identifica a projeção do núcleo (CP) como uma questão.

Mas é uma posição INFL que licencia a especificação do traço+Wh nos domínios raízes. Assumimos que, nos sistemas V2, AGRc° é a posição INFL em que a cadeia de especificação é ancorada nas sentenças raízes, e, nos sistemas não-V2, a cadeia de licenciamento começa em AGRs°. A concordância Spec/núcleo só se estabelece depois que a posição INFL dotada do traço+Wh se desloca para o núcleo C°.

Assim, a ordem Wh CL V é derivada diferentemente para os sistemas que estamos considerando aqui: no PA e nas demais línguas românicas arcaicas em questão (e possivelmente no PEM; mas cf. Rouveret (1992) e Torres Morais (1995) para uma análise diferente), a ordem surge porque AGRc° se desloca para C° para checar os traços-N do constituinte em Spec/C', levando consigo o CL; no FrM e no EspM, é AGRs° que se desloca para C°, levando consigo o CL e o verbo. Nos sistemas não-V2, a checagem dos traços de operador do constituinte em Spec/C' se faz por intermédio de AGRs. As duas configurações são como⁶¹:



Assim, a ordem CL V, na representação em (4.65(a)), resulta da adjunção a C° do núcleo AGRc° que hospeda o CL; o movimento do V[+f] para C° é independente do

⁶¹ V° em (4.65) representa o complexo verbal [[[[V°]] AGRo°] T°] AGRs°].

movimento de AGR_c^0 para C^0 . Por outro lado, a ordem CL V, na representação em (4.65(b)), resulta do movimento do complexo em AGR_s^0 [=CL V-T- AGR_s] para C^0 .

Exemplificamos abaixo os dois padrões de ordenação linear de constituintes, XP+clítico+V e XP+V+clítico, que caracterizam a colocação dos clíticos no PA:

- (4.66) a) E quando **el non estava presente**, **achegou-se** o senhor bispo a arca (DSG.1.19.5)
 b) E **pois veio o seu filho Bonifacio**, **confortô-a** per sas palavras quanto pôde (DSG.1.22.11)
- (4.67) a) E os frades **assi o** fizeram (DSG.1.15.7)
 d) A verdade daquesta profecia **mais claramente a** veemos (DSG.2.15.14)
 e) E quando chegaram ao rio, **tan aginha o** passaram (DSG.1.2.46)

Apesar da ocorrência de XPs lexicais em posição pré-verbal, o pronome está enclítico ao verbo nos exemplos em (4.66) e proclítico em (4.67).

Assumindo-se que existem duas posições para frontalizações de constituintes nos domínios raízes, a alternância entre CL V e V CL nas construções acima deixa de ser estranha. Nossa análise para essas construções é como segue. O V[+f] está sempre em C^0 para verificação dos traços-V em C^0 , quer nos exemplos em (4.66), quer nos em (4.67). A adjunção de AGR_c^0 a C^0 só ocorre se o constituinte fronteado ocupa Spec/ C' . Em (4.66) os elementos LD estão fora do domínio CP e ênclise se realiza, desde que AGR_c^0 não se desloca para C^0 . Por outro lado, nos exemplos em (4.67), próclise ocorre porque os constituintes **assi**, **mais claramente** e **tan aginha** ocupam Spec/ C' e, desse modo, AGR_c^0 se desloca para C^0 para checar seus traços-N. As duas representações (simplificadas) para esses dois tipos de construção são:

- (4.68) a) [TOPP YP [CP [C' V] [AGR_cP CL [AGR_sP Suj. t_V ]]]]
 b) [TOPP YP [CP XP [C' CL-V] [AGR_cP t_{CL} [AGR_sP Suj. t_V ]]]]

Os casos de variação entre ênclise e próclise em estruturas iniciadas com o que é analisado como sendo o DP sujeito, como as apresentadas em (4.69) abaixo:

- (4.69) a) E o **santo bispo** **ameaçoo-u** cortesmente (DSG.1.28.21)
 b) E **San Gregorio** **lhi** disse enton (DSG.1.16.2)

podem ser analisados da mesma forma, ou seja, a ênclise ocorre em (4.69(a)) porque o constituinte o *santo bispo* é um DP topicalizado para TOPP; em (4.69(b)), por outro lado, tem-se próclise porque o DP *San Gregorio* foi fronteado para a posição Spec/C'. Pode-se observar nos dados que são, em geral, DPs definidos que aparecem nas estruturas com ênclise, tipo (4.69a)), enquanto que DPs definidos e indefinidos podem ocorrer nas estruturas com próclise, tipo (4.69(b)). Tal distribuição permite-nos uma análise em que o DP sujeito das construções com ênclise são sempre constituintes deslocados, estando fora do domínio CP. Nestes casos, então, se nada ocupa Spec/C', o uso enclítico do pronome é a forma esperada⁶².

4.2.3.2 A negação e os clíticos

Com o elemento de negação *não*, uma assimetria é geralmente observada em relação à ordem Neg CL, típica das sentenças raízes, e CL Neg, característica nas sentenças encaixadas V1⁶³.

(4.70) Neg CL V

- a) e **non** *mi* queirades comer mhas verças (DSG.1.21.5)
- b) e **non se** afastauam muito (CPVC.F3v.24-25)
- c) porque *lho* **nõ** aviamos de dar (CPVC.F3.31)
- d) e sse disser que **as non** pode auer (FR.2.8.94v)

Uma tentativa de explicar a alternância entre CL Neg e Neg CL no PA depende de como a negação é definida.

A questão sobre a posição em que a negação é gerada e se ela 'conta' como núcleo ou como sintagma em relação aos movimentos sintáticos tem sido tema de muitos debates. São vários os trabalhos recentes que têm mostrado a relevância na

⁶² Em alguns dos casos de ênclise, o constituinte que antecede o verbo é um elemento adverbial com uma função mais própria de conector discursivo, como no exemplo abaixo:

(i) e *emtam* enfadouse ocapitã (CPVC.F7.32-33)

Pensamos que, em construções desse tipo, o advérbio pode estar em adjunção a CP, e não em Spec/TOP'. De qualquer modo, Spec/C' está vazio.

⁶³ Algumas exceções a esse padrão são encontradas nas completivas. Discutimo-las no item 4.3. Veremos, então, que tais exceções não contradizem a proposta que está sendo formulada.

distinção de dois tipos sintaticamente diferentes de marcadores de negação: um marcador de negação tipo X^0 , ocupando um núcleo de uma projeção funcional, e um marcador de negação tipo X^{max} , ocupando a posição de especificador de uma projeção máxima ou em uma posição de adjunção (cf. Pollock (1989), Kayne (1989/1990), Belletti (1990), Ouhalla (1990), Zanuttini (1988/1989/1990), Laka (1990), Miotto (1991) e Martins (1994))⁶⁴.

Por exemplo, Kayne (1989) sugere que Neg é um núcleo porque bloqueia subida do clítico (*clitic climbing*) nas construções causativas, como no seguinte exemplo do francês:

(4.71) * Jean/cela l' a fait ne pas manger à l' enfant (Kayne, 1989:242)

Como clíticos são núcleos, então Neg deve ser um núcleo também (o movimento violaria a condição sobre movimento de núcleo (*Head Movement Constraint*)).

Esse teste é problemático para o PA, desde que as duas ordens CL NEG e NEG CL são possíveis. Se esse é um teste válido para qualquer língua, então as duas possibilidades de ordem podem indicar que Neg não é um núcleo no PA. Além disso, devemos observar que a distribuição dessas ordens no PA deve levar em conta não só estatuto sintático de Neg, como também as propriedades que distinguem sentenças raízes das encaixadas⁶⁵.

Um dos parâmetros na identificação da negação como núcleo ou advérbio é a sua distribuição em relação ao verbo. Com base nessa estratégia, Zanuttini (1989) identifica três grupos de línguas românicas: a) tipo italiano, em que o morfema negativo ocorre em posição pré-verbal; b) tipo piemontês, com o elemento de negação em posição pós-verbal; c) tipo francês, com elemento de negação em ambas as posições, isto é, pré- e pós-verbal. Propõe-se que diferenças superficiais desse tipo são derivadas da natureza categorial dos elementos de negação: o elemento de negação pré-verbal é um núcleo, e o pós-verbal é um advérbio.

Contudo, deve-se observar que nem sempre é possível se derivar o estatuto sintático da negação observando simplesmente a posição que ela ocupa em relação ao verbo. Em inglês, por exemplo, **n' t** e **not** seguem sempre a forma verbal finita, embora sejam núcleos, segundo análise de Krock (1989) e Roberts (1992). No entanto, para Zanuttini (1990), **not** tem características de núcleo quando pode ser

⁶⁴ Já comentamos, no capítulo 1, que Pollock (1989) e Belletti (1990) sugerem que o marcador de negação sentencial é um NegP posicionado entre TP e AGRP (Pollock) ou entre AGRsP e TP (Belletti).

⁶⁵ Algumas exceções a essa distribuição serão discutidas no item 4.3.

substituído por *n' t*; em outros contextos, é um elemento adverbial. Isto indica que o estatuto da negação pode variar intralingüisticamente, e que, mesmo estando sempre em posição pós-V[+f], um elemento de negação pode ser um núcleo ou uma categoria XP⁶⁶.

Outro ponto de discussão nos estudos sobre negação é a possível caracterização, em algumas línguas, do núcleo de negação como um clítico. Para Pollock (1989) o *ne* do FrM é um clítico. Isto explica porque o marcador de negação pré-verbal *ne* não pode ocorrer sozinho em respostas curtas. Neste caso, o FrM faz uso do advérbio de negação *non*. Mioto (1991) diz que o *não* no PB é ambíguo quanto a seu estatuto de clítico: o *não* pode ser um clítico, sempre incorporado ao verbo, ou um núcleo, como o *não* que ocorre em respostas curtas. Assim, atesta-se mais uma variação intralingüística quanto ao estatuto do elemento de negação.

Martins (1944:494) diz que o *não* do PEM corresponde a dois itens negativos distintos, mas com idêntica realização fonética. Em respostas a interrogativas-S/N, como "Não₁, não₂ voltou", não₁ tem estatuto adverbial e não₂ é um elemento lexical gerado em ΣP. No PB, é possível a ocorrência de três realizações de *não* em uma resposta negativa a uma interrogativa-S/N, como em:

(4.72) - João já chegou?

- Não, não chegou não.

O exemplo em (4.72) mostra a complexidade de se definir o estatuto de *não* no português. Tendo todas as três ocorrências a mesma realização fonética, o estatuto sintático só pode ser definido pela posição ocupada pelo *não*.

Uma problemática semelhante tem estado no centro das discussões sobre os pronomes. Em FrM, por exemplo, o pronome sujeito é um clítico sintático quando em posição pós-verbal e um constituinte XP quando em posição pré-verbal⁶⁷. Já comentamos, em outras partes deste estudo, sobre os requerimentos de adjacência dos sujeitos pronominais e a posição C⁰ em línguas germânicas, como o holandês e o sueco, por exemplo. Esse requerimento de adjacência deriva do estatuto sintático do sujeito pronominal, identificados como clíticos sintáticos.

⁶⁶ Na estudo sobre a distribuição da forma *do* e da negação *not* no inglês, Krock (1989) e Roberts (1992) concluem que *not* se caracteriza como um advérbio até aproximadamente início do século XVII, mas se torna um núcleo a partir dessa época.

⁶⁷ Para uma discussão detalhada dessa questão, cf. Couquaux (1986), Rizzi (1986), Rizzi & Roberts (1989), Roberts (1992), entre outros.

Em resumo, os estudos sobre o elemento de negação tipo *non* e sobre os pronomes sujeito têm apresentado evidências de que o estatuto desses elementos pode ou deve ser definido pela posição que eles ocupam na sentença. Nos nossos dados, a negação *non* (e suas variantes arcaicas) está sempre adjacente à forma verbal[+f]. Isto poderia levar a se analisar a negação do PA como um núcleo (ou um clítico). Contudo, propomos que *non* no PA é um advérbio nas sentenças raízes e um núcleo nas sentenças encaixadas. O fato do português diacronicamente usar o 'não'⁶⁸ em resposta curta indica que 'não' também pode ser um advérbio de negação. Assim, estamos considerando a possibilidade de 'não' se caracterizar de duas diferentes maneiras no PA: como uma categoria de nível X⁰ e como uma categoria de nível XP.

Uma discussão sobre a existência ou não de uma projeção NEGP está fora do escopo deste estudo. Para efeitos da nossa análise, assumimos com Manzini (1994) que Neg é um traço de operador. Desse modo, no nosso sistema, Neg é um traço especificado em AGRc⁰ nos domínios raízes, como os outros traços relacionados com operadores, a saber, +Wh, +foco, +tópico. Numa sentença negativa como:

(4.73) *Non dizes tu esto senon pera fazeres o que te homen roga* (DSG.1.5.64)

o elemento adverbial *non* se desloca para Spec/C'. AGRc⁰ vai para C⁰ para checar os traços do operador negativo em Spec/C'. Desse modo, analisamos o movimento do elemento de negação *non* para Spec/C' da mesma forma que o movimento de focalização de elementos adverbiais tipo *muito*, *bem*, *já*, etc., como discutido no item 4.1. O padrão de inversão sujeito-verbo, como no exemplo em (4.73) acima, apoia essa análise.

Propomos que, em construções do tipo em (4.74) abaixo:

(4.74) a) *Tu non te partirás daqui ata que resuscites o meu filho* (DSG.1.4.6)

b) *e esto nō se entende por aquelles que son chamados a juyzes cō seus contentores* (FR.1.4.74r)

os elementos que antecedem a negação estão em Spec/TOP'. A representação simplificada dessas construções é como em (4.75) abaixo:

⁶⁸ Cf. Martins (1994).

(4.75) [TOPP tu/esto [CP Neg [C' CL-AGRc V] [AGRcP t_{AGRc} [AGRsP ...]]]]

Desse modo, consideramos que a adjacência estrita entre Neg e verbo, nas sentenças raízes do PA, não deriva da caracterização da negação como um núcleo, mas sim da propriedade V2 do sistema, que requer que o V[+f] se desloque para C⁰ na sintaxe explícita, e da caracterização da negação como um *affective operator*⁶⁹.

4.2.3.3 Os clíticos nas construções V1

De acordo com C&R (1991) e Roberts (1993), a restrição conhecida como "Lei Tobler-Mussafia" é uma característica exclusiva dos sistemas em que AGRc⁰ (AGR1⁰, na terminologia de C&R) é a posição dos clíticos. Como descrito no capítulo 3 (cf. item 3.1.2), o PA é um sistema que obedece à restrição Tobler-Mussafia, sendo a ordem V CL obrigatória nas sentenças raízes com verbo em posição inicial (tipo V1)⁷⁰; vimos aí que os contextos mais precisos de casos de ênclise são como:

(4.76) a) -Anastasio, ven-te. (DSG.1.16.7)

b) Rogo-te por aquel a que tu vaas que (DSG.1.16.15)

c) foramse la todos (CPVC.F9.6)

d) e disselles (FR.1.5.75r)

e) Ai, Santo Equicio, praz-ti que nos façan tanto mal...? (DSG.1.9.10)

É tipicamente nas sentenças imperativas, optativas, interrogativas S/N, V1 declarativas e narrativas e nas coordenadas (precisamente no segundo conjunto clausal coordenado) que a ordem V CL é obrigatória⁷¹. Nesses contextos, o PEM também tem clítico pós-verbal (cf. exemplo em (4.57(b)) acima).

⁶⁹ Nas sentenças encaixadas o traço +neg é selecionado diretamente em C⁰. Concordamos com Martins (1994) que o elemento não que aparece nas estruturas de interpolação é um morfema projetado do léxico associado ao verbo. Assim, não tem duplo estatuto: um elemento adverbial ou "um morfema no léxico", nas palavras de Martins (1994:572).

⁷⁰ As construções com a ordem e / ou CL V não fogem a essa generalização, porque ou são casos de V2 em que os elementos e e ou contam como primeiro constituinte, tendo um estatuto adverbial, ou são construções em que a coordenação se dá num nível mais baixo, conforme discussão apresentada no capítulo 3. Esta é a análise que mantemos para esse tipo de construção.

⁷¹ Encontramos uma construção iniciada com um vocativo, na qual o clítico precede o verbo. Comparando-se os dois exemplos abaixo:

(i) Homen, te mandei eu trazer, ca non feo (DSG.1.8.21)

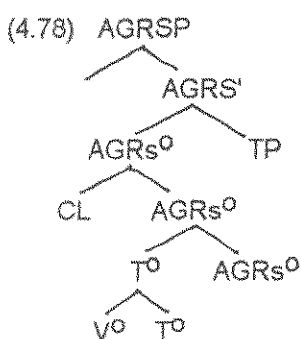
(ii) Homen bôô, levanta-te e toma teu cavalo (DSG.1.2.42)

A proposta de um núcleo funcional AGR_c^0 para hospedar o clítico, independente do núcleo funcional relacionado com a morfologia verbal, posicionado entre C^0 e $AGRs^0$, oferece uma análise direta para a ênclise nas construções V1, desde que, se nada antecede o verbo, essa é a ordem esperada. Em termos da nossa análise, esses exemplos têm a seguinte estrutura:

$$(4.77) [CP [C' [C^0 V-C^0] [AGRpP [AGR_c^0 CL-AGR_c^0] \dots]]]$$

em que o V^0 se move para C^0 , e o CL está adjungido a AGR_c^0 ; AGR_c^0 não precisa se mover para C^0 e, por questões de economia, não se move.

Em geral, as análises sobre os clíticos nas línguas românicas têm como ponto central explicar a ênclise, uma vez que partem sempre do pressuposto de que a próclise é o posicionamento "básico" dos clíticos. Em sua maioria, essas análises consideram que a próclise resulta de adjunção do CL ao nó AGR ao qual o verbo está adjungido, como representado abaixo:



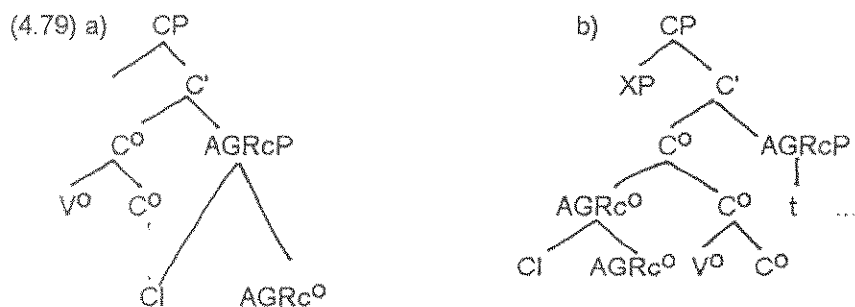
O problema surge, então, quando se consideram os casos de ênclise. Assumindo-se que (4.78) é a estrutura "normal" de colocação dos clíticos nas línguas românicas, duas possibilidades de gerar a ênclise podem ser consideradas: a) ou se admite que o verbo se desloca para uma posição mais alta (nesse caso, o núcleo de CP), apelando-se para um processo de exorporação, o que implica que o clítico ficará adjungido a uma posição contendo um traço, contra a proposta de Kayne (1991); ou se admite que o verbo se desloca diretamente para o núcleo C^0 sem passar por $AGRs^0$, o que é bastante problemático quer no modelo teórico pré-minimalista, porque o V precisaria passar por T^0 e $AGRs^0$ para pegar os afixos verbais, quer no

observa-se que, em (i), o clítico pode corresponder à forma tônica do pronome, sem preposição: a te mandei. Nesse caso, te em te mandei não é um núcleo clítico, mas uma projeção máxima ocupando Spec/CP.

modelo minimalista, em que movimentos opcionais desse tipo estão totalmente excluídos: se T^0 e $AGRs^0$ têm traços-V fortes que precisam ser checados antes do *spell-out* nas sentenças com próclise, esses traços também precisam ser checados nas sentenças em que a ordem resultante é a ênclise⁷².

Uma terceira possibilidade de se derivar a ênclise num sistema em que a próclise é gerada como na representação em (4.78) acima é admitir que o clítico poderia estar adjungido a $AGRs'$ nas construções com ênclise e, assim, o verbo poderia passar por $AGRs^0$ em seu caminho para C^0 , deixando o clítico para trás, do que resultaria a ênclise. Contudo, tal análise não encontra motivação teórica por dois motivos: primeiro, ter-se-ia de admitir que adjunção de um núcleo a uma projeção intermediária está disponível, o que estabelece um resultado teoricamente não desejável⁷³; segundo, não há uma motivação interna à estrutura para se justificar a opcionalidade da subida do verbo para C^0 .

No sistema que estamos propondo, contudo, a ênclise é característica dos sistemas em que $AGRc^0$ é a posição para clíticos. Nos sistemas lingüísticos em que os clíticos se hospedam em $AGRs^0$, ênclise (a formas verbais finitas) não ocorre. Em resumo, assumindo essas hipóteses, as duas possibilidades de colocação dos clíticos podem ser representadas de acordo com os esquemas abaixo:



No nosso sistema, o V [+f] está sempre em C^0 , porque C^0 tem traços-V fortes que precisam ser checados antes do *spell-out* e o clítico está sempre em $AGRc^0$. O clítico se desloca para essa posição para checar seu traço [+específico]. Lembramos que $AGRc^0$ é um conjunto de traços relacionados com operador. Se nenhum item com

⁷² Nossa análise considera indiretamente a proposta de que a ordem Cl -V resulta do movimento do clítico para o núcleo funcional em que o complexo verbal está hospedado e que a ordem V-Cl é derivada do movimento do clítico para um núcleo funcional vazio e de movimento do verbo passando sobre a categoria funcional em que o clítico está. Mas observa-se que nossa proposta não levanta nenhum dos questionamentos colocados acima, no corpo do trabalho, desde que o movimento do verbo para C^0 e o movimento do clítico para C^0 são motivados independentemente.

⁷³ Chomsky (1992) diz que adjunção só é possível a núcleos, a projeções máximas e a especificadores de projeções máximas (cf. capítulo 1).

traço de operador é selecionado do léxico, $AGRc^0$ só conterà o traço a ser checado pelo clítico. Por outro lado, se um operador for selecionado, ele se desloca para $Spec/C'$ para que seu traço seja checado por $AGRc^0$, o qual se adjunge a C^0 .

4.2.4 Redefinindo as propriedades de $AGRc^0$

Os dados apresentados em (4.59), que repetimos abaixo com outra numeração:

- (4.80) a) Pois *mi* tu *contasti*, padre, tan gram *miragre* que el *fez*... (DSG.1.10.15)
b) Esto, Pedro, que *ti* eu ora quero contar, (DSG.1.9.7)
c) o rogo que *lh'* o cavaleiro tan aficadamente *fazia* (DSG.1.27.7)
d) pela graça que *lhi* Deus ante dera (DSG.1.7.16)

mostram que o clítico pré-verbal pode não estar adjacente ao verbo. Tomamos exemplos desse tipo como evidências de que o clítico pode se alojar num núcleo funcional independente do núcleo funcional em que o verbo checa seus traços morfológicos. Com base nesses dados, propusemos, no item 4.2.2, que $AGRc^0$ não projeta uma posição de especificador, o que significa dizer que $AGRc^0$ não é uma posição N-relacionada.

Assumindo que, no PA, o CL também sobe até $AGRc^0$ nos domínios encaixados e que $AGRc^0$ não é uma posição V-relacionada, a interpolação encontra uma explicação na consideração dos seguintes aspectos: o verbo sobe apenas até $AGRs^0$ nos domínios encaixados (sendo os traços-V de $AGRs^0$ fortes); o clítico está incorporado em $AGRc^0$; os constituintes⁷⁴ que ocorrem entre o clítico e o verbo estão adjungidos a alguma posição entre $AGRc^0$ e $AGRs^0$.

Contudo, algo mais precisa ser dito sobre as construções com interpolação quando consideramos os exemplos apresentados nos subitens 3.2.4 e 3.2.5. Reproduzimos alguns deles aqui:

- (4.81) a) e outros *os* não punham (CPVC.F5v.12)
b) e outros *o* não podiam beber (CPVC.F10v.32)

⁷⁴ No item 3.4.3, mostramos que diferentes tipos de constituintes podem aparecer intercalados entre o CL e o V e que mais de um desses constituintes pode estar interpolado. No subitem 4.3.2.3, formalizamos uma proposta de análise em relação à posição ocupada por esses elementos intercalados entre o CL e o V.

- c) e portanto as homen cree por mais verdadeiras quanto el foi mais presente (DSG.1.17.3)
- d) E logo l^{he} el-rrei taxava que ouvesse por dia quatro soldos, e mais nom (CDP.4.64-65)
- e) O conselho já o eu filhei (CA.4195) (Huber,1933:284)
- f) ca todas aquelas cousas que a Deus pede todas l^{has} el compre (DSG.1.28.11)
- g) E a mha cabeça, ja a el ten metuda na sa boca (Mattos e Silva (1989); DSG.4.36.17)
- h) tam bem dizer que mujto mjlhor ho estoutros nom digam (CPVC.F6.29-30)
- i) porque o b^{is}po o non queria receber per nen h^ua maneira (DSG.1.27.6)
- j) e se per sa culpa a n^o perdeu (FR.1.10.81r)

As construções acima mostram que Spec/Agro' pode ser projetado. Quando projetado, um constituinte focalizado pode ocupar essa posição. Como propomos que AGRc⁰ não é V-relacionado, a ordens resultantes são: S CL X V, se o sujeito é o constituinte focalizado, ou X CL S V, se o elemento focalizado é diferente do sujeito. Nesse último caso, o sujeito e o verbo podem estar em AGRsP (mas cf. análise do item 4.3.2.3)⁷⁵.

Os exemplos em (4.81(a)-(g)) são domínios raízes. Até agora propomos que o PA é um sistema V2, caracterizando-o como um sistema em que o núcleo C⁰ é especificado para traços-V. Desse modo, o V[+f] deve se mover para C⁰ antes do *spell-out* para que a checagem dos traços seja realizada. No entanto, os exemplos acima mostram que o V[+f] não está na mesma projeção funcional que os elementos focalizados. No sistema que desenvolvemos até o momento, os *affective operators* e as formas verbais[+f] ocupam a mesma projeção funcional. A interpolação em domínios raízes mostra que há duas posições para o V[+f] e os *affective operators* nas sentenças raízes.

Duas propostas de análise podem ser formuladas. Podemos assumir que, nesses casos, CP não é projetado. Uma vez que, no nosso sistema, C⁰ tem traços-V fortes, se C⁰ estivesse presente, teríamos uma derivação não-convergente. A configuração resultante, sem o alçamento de V para C⁰, seria a seguinte:

$$(4.82) \quad [_{CP} [C' \begin{smallmatrix} C^0 \\ +V \end{smallmatrix}] [AGR_{cP} \text{ Foco } [AGR_{c'} \text{ CL} + AGR_{c^0}] [AGR_{sP} \dots V]]]$$

⁷⁵ Os exemplos em (h)-(j) mostram que o clítico não pode estar em C⁰, pois um constituinte XP intervém entre o elemento em C⁰ e o clítico.

Uma importante confirmação para esta análise dos dados do PA pode ser derivada da análise de C&R (1991:21) sobre AGR1⁰ como posição para os clíticos no alemão⁷⁶. A análise desses autores fornece uma explicação simples para as ordens Cl + Sujeito / Sujeito + CL nos exemplos abaixo:

- (4.83) a) ... daß es ihm der Johann gestern gegeben hat
que o+lhe o J. ontem dado tem
- b) Gestern hat es ihm der Johann gegeben
ontem tem o+lhe o J. dado
- c) ... daß der Johann es ihm gestern gegeben hat
que o J. o+lhe ontem dado tem
- d) Gestern hat der Johann es ihm gegeben
ontem tem o J. o+lhe dado

As únicas diferenças entre os exemplos em (a/b), de um lado, e (c/d), do outro, é a posição do clítico em relação ao verbo. Nos exemplos em (a/b), o clítico antecede o sujeito, quer na sentença completiva, quer na sentença raiz. Em (c/d), o sujeito antecede os clíticos. No sistema proposto por C&R (*ibid.*), esses exemplos têm as seguintes estruturas:

- | |
|-------------------------|
| (4.84) a) |
| C' |
| C ^O AGR1P |
| daß AGR1' |
| hat |
| AGR1 ^O AGR2P |
| es ihm NP AGR2' |
| der J. ...gegeben... |

b) C'
C ^O AGR1P
daß NP AGR1'
hat
der J.
AGR1 ^O AGR2P
es ihm NP AGR2'
t ...gegeben...

⁷⁶ Já comentamos acima que, na realidade, nossa análise da posição AGRc⁰ é muito semelhante à análise da posição AGR¹⁰ de C&R (1991), pois ambos os estudos indentificam essas posições como posições de clícos. Veremos, no subitem a seguir, como as diferenças essenciais entre essas posições podem ser derivadas nos sistemas lingüísticos em consideração.

O clítico está na mesma posição nas representações em (a) e (b). (4.84(a)) mostra que o sujeito pode permanecer em Spec/AGR2' (nosso AGRs). Contudo, também é possível se ter a ordem em que o pronome segue o sujeito, como na representação em (4.84(b)). Nesse caso, o sujeito ocupa Spec/Agr1' (nosso AGRc). Observe-se que a representação em (4.84(b)) é essencialmente a mesma que propomos para as construções em (4.81) acima.

Por outro lado, podemos imaginar que duas gramáticas coexistem durante esse período, uma gramática V2 e uma gramática CL2, visto que, nas construções em (4.81), o clítico está em segunda posição. Na gramática CL2, CP não é projetado. Spec/AGRc' é um posição para elementos focalizados e o núcleo AGRc⁰, a posição para clíticos. Não sendo AGRc uma posição V-relacionada, o V[+f] finaliza sua checagem de traços em AGRs⁰.

Situações em que duas ou mais gramáticas coexistem em uma comunidade lingüística ou mesmo situações em que um mesmo indivíduo domina mais de uma gramática são atestadas por Lightfoot (1991:136-138), no inglês antigo, em relação à perda de caso morfológico dativo: "There is, after all, no reason to suppose that there exists a single grammar of Old English, least of all a single grammar generating exactly what is found in the extant texts from any year, decade, or century. (...) Two grammars coexisted in the speech community, one with lexical entries with dative and other cases and the other with no such inherent case specifications for the verbs under discussion. Together the two simple grammars account for the range of data generated by the single grammar with the built-in variation. (...) The two grammars coexisted for several hundred years. (...) the coexistence of two grammars may influence the writing of any individual and certainly the scribal and editorial transmission, and it is not always possible to distinguish the two systems as cleanly as one would like; it is clear that individuals can operate with more than one grammatical system in a kind of internalized diglossia, although the limits to this capacity are not understood".

Quer adotemos a proposta de uma única gramática com a opcionalidade de projetar ou não CP, quer a análise de duas gramáticas para o PA, os resultados serão os mesmos, desde que ambas as propostas permitirão dar conta dos dois padrões em questão. Contudo, para facilitar a exposição, falaremos aqui em duas gramáticas, uma gramática V2 e uma gramática CL2.

Nota-se que a coexistência de duas gramáticas levanta alguns questionamentos sobre as construções com a ordem X CL V, ou com sujeito foneticamente nulo ou em

que X é um sujeito focalizado. Qualquer uma das duas gramáticas pode gerar essas construções, como representado abaixo:

(4.85) a) [CP XP [C' CL V-C⁰] [AGR_{CP} [AGR_{C'} t] [AGR_{SP} pro/t t_v]]]

b) [AGR_{CP} XP [AGR_{C'} CL] [AGR_{SP} pro/t V]]

As duas representações permitem que sejam derivadas as ordens S CL V e X CL V. Desse modo, um conjunto de sentenças superficialmente idêntico pode ser gerado por duas gramáticas distintas, o que coloca em questão a propriedade V2 do PA.

Temos argumentado, neste estudo, que o PA é um sistema V2 no sentido técnico do termo, ou seja, é um sistema em que o núcleo C⁰ é dotado de traços-V fortes que atraem o V[+f] para essa posição. Construções com a ordem X CL V S, como as em (4.86) abaixo, permitem-nos manter essa análise:

(4.86) a) *ca em esta maneira as ordinhou ele* (DSG.1.16.32)

b) *depois a longos tempos lhe perdoou el-rrei* (CDP.10.52-53)

c) *cõ jsto se volueo bertolameu dñjz ao capitam* (CPVC.F5v.27-28)

d) *e depois aouue ocapitam* (CPVC.F7.35-36)

Assumindo-se que os sujeitos pós-verbais estão em Spec/AGRs⁷⁷, as construções em (4.86) devem ser derivadas de movimento do constituinte XP para Spec/C' e do movimento do verbo para C⁰, seguido do movimento de AGR_{C'}⁰ para C⁰ para checar os traços-N do constituinte em Spec/C'. Só a representação em (4.85(a)) seria adequada para essas construções⁷⁸.

⁷⁷ Seria possível se levantar a hipótese de que os sujeitos pós-verbais dos exemplos em (4.86) estão em Spec/T' e o verbo em AGRs, de modo que a estrutura em (4.85(b)) seria também um candidato a representar essas construções. Contudo, observa-se que, no exemplo em (4.86(a)), o sujeito é um elemento pronominal. Vance (1988/1989) defende a hipótese de que sujeitos pronominais pós-verbais são constituintes de Spec/IP, não podendo permanecer numa posição mais baixa. Jonas & Bobaljik (1993) argumentam que sujeitos pós-verbais podem estar em Spec/T'. No entanto, esses sujeitos são sempre DPs indefinidos. Desse modo, não vemos por que dar um tratamento diferente aos sujeitos nominais definidos e pronominais pós-verbais dos exemplos em (4.86).

⁷⁸ De qualquer forma, as construções com a ordem X CL V (sem sujeito realizado) não deixam de oferecer um ambiente ambíguo para uma análise de topicalização V2 para Spec/C' ou de focalização para Spec/AGR_{C'}. As construções que indiscutivelmente permitem uma análise de focalização para Spec/AGR_{C'} são as com as ordens X CL S V e S CL X V. Comentamos, nos subitens 3.2.4 e 3.2.5, que essas ordens são pouco frequentes nos nossos dados. Martins (1994) faz a mesma observação em relação aos documentos que ela estuda. Mas é evidente que a pequena frequência de um determinado tipo de construção em documentos históricos não nos diz muita coisa sobre a língua falada.

Lembramos também que a ênclise só pode ser gerada pela gramática V2, desde que $AGRc^0$ não desencadeia o movimento do $V[+f]$ para essa posição. Assim, só com as ordens V CL e X CL V S temos evidências positivas de que o $V[+f]$ está em C^0 . As ordens X CL S V e S CL X V devem ser analisadas como casos da gramática CL2, que não projeta CP. A ordem X CL V é ambígua. Considerando que nos exemplos em (4.81) o constituinte X é um elemento focalizado, é possível que essas duas gramáticas se diferenciem em relação às características de X, na ordem X CL V, quanto a X ser um tópico na gramática V2 ou ser um foco na gramática CL2.

Em resumo, propomos que $AGRc^0$ é um conjunto de traços-N relacionados a operadores. Os traços-N de um elemento flexional devem ser checados numa relação Spec/núcleo entre um XP apropriado e o núcleo. Essa relação Spec/núcleo é obtida através do movimento do constituinte XP para a posição Spec do núcleo portador do mesmo traço. Na gramática em que Spec/ $AGRc'$ é projetado, o constituinte marcado +foco se desloca para Spec/ $AGRc'$, e, assim, o traço-[+foco] de $AGRc^0$ desaparece. De outro modo, na gramática V2, em que Spec/ $AGRc'$ não é projetado, um operador XP deve se deslocar para Spec/ C' , e o núcleo $AGRc^0$ se desloca para C^0 , entrando, portanto, em uma relação Spec/núcleo de checagem de traço no domínio CP. Distinguimos, então, a construção com topicalização V2 para Spec/ C' da construção com focalização para Spec/ $AGRc'$. Assumimos aqui que o movimento do clítico para $AGRc^0$ ou o movimento do clítico para $AGRs^0$ são duas possibilidades deixadas em aberto na UG. Para atribuir ao parâmetro o valor $AGRc^0$, a criança deve dispor de evidências positivas na língua em uso no seu ambiente lingüístico. Levantamos a hipótese de que a ênclise, em sentenças declarativas raízes, é suficiente para desencadear o valor positivo para $AGRc^0$. Arrolamos os dados com interpolação como evidência empírica para postularmos a existência da posição $AGRc^0$ para clíticos.

4.2.4.1 $AGRc^0$ e a variação paramétrica

Propomos que, no PA, há uma única posição para acolher os clíticos, o núcleo $AGRc^0$. Com base nos exemplos de interpolação, levantamos a hipótese de que o Spec/ $AGRc'$ pode ser projetado na gramática CL2, ou pode ser eventualmente projetado na gramática V2. A questão a ser considerada agora diz respeito à caracterização translingüística de $AGRp$ e suas implicações teóricas.

Estabeleceremos um confronto da nossa análise com as de C&R (1991) e Rouveret (1992), na tentativa de explicitar como AGRcP pode variar parametricamente.

Os dados apresentados nos subitens 4.2.1 e 4.2.3 acima mostram que, no PA e no PEM, duas ordenações do clítico em relação ao verbo são atestadas. Observamos que os contextos em que o clítico sempre precede o verbo no PEM são os mesmos do PA: sentenças negativas, sentenças raízes introduzidas por um operador+Wh, por um foco, e por certos advérbios. Vimos também que as diferenças essenciais entre os dois sistemas, nos contextos de próclise, se encontram nas construções em que o constituinte que antecede o verbo é o sujeito ou um constituinte tópico, sendo S V CL / TOP V CL a única ordem permitida no PEM. Essa diferença deve ser derivada de uma diferença nas gramáticas dos dois sistemas em questão.

Na sua análise sobre a colocação dos clíticos no PEM, Rouveret (1992) assume que W (o nosso AGRc⁰) é o núcleo funcional que hospeda os clíticos⁷⁹. As características de W são as seguintes, nas palavras de Rouveret (1992:10): "As a working hypothesis, suppose that W is a L-related category, incorporating both NP-features and V-features, as AgrS and Tense. Moreover, suppose that both these features are strong. Whether W contains a Clitic or not, its NP-feature forces the raising of the subject to SpecWP, its V-feature forces the adjunction of the verb to W. The two movements are necessary, since each morphological feature checks the corresponding properties of one moved element. In case just one movement takes place the derivation doesn't converge".

Desse modo, (4.87(d)) abaixo é a única derivação que satisfaz os requerimentos morfológicos de W no PEM (Rouveret 1992:9)⁸⁰:

- (4.87) a) * [W CL] [IP Subject [I V] ...]
 b) * [W V [W CL]] [IP Subject ...]
 c) * [WP Subject [[W CL] [IP ... [I V] ...]]]
 d) [WP Subject [W V [W CL]]] [IP ...]]]

Comparando nossa análise com a de Rouveret (*ibid.*), vemos que a derivação em (d), a única permitida pela gramática do PEM, não converge no PA, porque W (ou

⁷⁹ Essa hipótese de uma posição INFL diferente de AGRs⁰ para hospedar os clíticos no PEM também é independentemente defendida por Torres Morais (1995), uma posição que ela denomina, seguindo C&R (1991), AGR1⁰. De acordo com sua análise, AGR1⁰ é uma posição V-relacionada.

⁸⁰ Para dar conta da próclise nas construções com focalização, no PEM, Rouveret (1992) propõe que, nesse caso, a posição W não é projetada. O constituinte focalizado e o clítico se hospedam na projeção funcional FP, distinta de WP.

AGRc⁰), no PA, não é uma posição V-relacionada. Essa mesma propriedade permite se excluir a representação em (4.87(b)), em que o verbo se adjunge a W. Por outro lado, as representações em (4.87(a)) e (4.87(c)), asteriscadas no PEM, são as duas únicas possíveis no PA, como os exemplos com interpolação evidenciam.

Nas sentenças raízes, a interpolação é rara. Os poucos casos registrados foram apresentados nos subitens 3.2.4 e 3.2.5. Martins (1994:561) também comenta que, nos seus dados, a interpolação é rara nos domínios raízes: "a interpolação em orações não-dependentes sempre foi pouco frequente: entre os 321 exemplos de interpolação que registei nos documentos notariais, apenas um exemplo pertence a uma oração não-dependente". Observamos que, no estudo de Lobo (*ibid.*), também a interpolação é rara nos domínios raízes. O Quadro I de Lobo (*ibid.*:123) apresenta a frequência relativa da interpolação em domínios raízes. Reproduzimos seu Quadro I com outra numeração⁸¹ :

QUADRO 4.4: Orações Principais/Absolutas e Coordenadas

Colocação	Tipo de Oração			
	princ./ absolutas	coord. intr. por e	concl.	explic. causais
com interp.	0% 01	02% 03	22% 02	19% 10
sem interp.	100% 214	98% 168	78% 07	81% 44

Os números, no Quadro 4.4, mostram que a interpolação era possível nas sentenças raízes, mas muito pouco frequente⁸².

Por outro lado, a interpolação nas sentenças encaixadas é bem registrada durante todo o período em questão. Das 386 sentenças encaixadas (desenvolvidas) estudadas por Lobo (*ibid.*), 162 (=42%) são construções com interpolação. O Quadro 4.5 abaixo reproduz as informações sobre interpolação do séc. XIII ao XVI do estudo de Martins (Quadro II de Martins (*ibid.*:565)):

⁸¹ Citamos dois exemplos de Lobo (*ibid.*:123) abaixo:
(i) Eu me não apartarei ja do senhor cardeal 23,34-35
(ii) As novas de qua sabereys por outros; por isso as nã dou mays que de my 20,35

⁸² O maior número de ocorrências de interpolação está na última coluna, mas observa-se que aí estão computadas sentenças raízes explicativas e subordinadas causais. Isto pode ser a causa dessas construções apresentarem um maior número de ocorrências.

Quadro 4.5: Interpolação de outros constituintes entre os séculos XIII e XVI

	Séc XIII	Séc XIV	Séc XV	Séc XVI
CL XP V	66,7%	69,1%	57,0%	51,7%
	26/39	78/113	70/123	62/120
XP CL V	33,3%	30,9%	43,0%	48,3%
	13/39	35/113	53/123	58/120

Apesar do pequeno número de ocorrências, a interpolação em sentenças raízes é registrada em diversos documentos do português do século XIII ao século XVI. Pode-se concluir, dessa baixa frequência, que a projeção da posição de especificador de AGRcP não era a opção de uso preferida. O Quadro 4.5 mostra que a ordem CL XP V é a mais frequente nos domínios encaixados, o que reforça a hipótese de que o especificador de AGRc pode não ser projetado. Lembramos que a ordem XP CL V é ambígua, podendo ser gerada ou pela gramática CL2 (que projeta Spec/AGRc') ou pela gramática V2 (sem projeção de Spec/AGRc').

Com base nos estudos de Rouveret (1992), propusemos acima que a perda da interpolação tem características de uma mudança gramatical, uma mudança no valor do traço-V de AGRc⁰:

$$(4.88) \begin{array}{ccc} \text{AGRc}^0 & \Rightarrow & \text{AGRc}^0 \\ -V & & +V \end{array}$$

Observa-se que as sentenças encaixadas oferecem evidências positivas e bastante frequentes de que o núcleo AGRc não é V-relacionado. No entanto, Lightfoot (1991) diz que a natureza de algumas mudanças históricas sugere que as crianças são aprendizes grau-0⁸³. Seu argumento básico é que a marcação de parâmetros não é sensível a material encaixado. Portanto, apesar das sentenças encaixadas favorecerem uma análise de AGRc como um núcleo não-V-relacionado, a mudança

⁸³ Lightfoot (1991) limita a informação válida para a criança em termos de complexidade sintática, descrita em níveis de encaixamento de sentenças. A noção descritiva utilizada por ele, *degree 0 plus the front of a lower clause*, é formalizada como o Domínio de ligação não-encaixado, e as crianças fixam seus parâmetros tendo por base somente os dados desses *unembedded binding Domains*. Na proposta de Lightfoot (*ibid.*), portanto, a criança fixa os parâmetros com base em dados simples, não-encaixados, essencialmente dados de sentenças raízes e o início de uma sentença encaixada (o complementador e o sujeito das sentenças infinitivas). A hipótese de que a experiência detonadora no processo de aquisição é constituída de estruturas com grau-0 de complexidade reflete uma propriedade dos sistemas cognitivos, e não da UG: "Universal Grammar constitutes the initial state of a person's linguistic capacity and incorporates the principles and option points of the eventual mature capacity. It cannot say anything about the conditions under which its parameters are set. If children set their parameters on the basis of simple unembedded data, this must follow from the learning strategies available to them: children may "learn" only from simple structures" (Lightfoot 1991:40-41).

ocorre. Pensamos que a natureza ambígua das construções XP CL V, sobretudo as em que XP é um foco, muito frequentes nos *corpora*, deve ter contribuído para a mudança no valor do traço-V de AGRc.

O PA difere do PEM em relação às propriedades do núcleo AGRc⁰, portador de traços+V e traços+N fortes no PEM (análise de Rouveret 1992 e Torres Morais 1995), e que ocorre sem traços-V e só ocasionalmente com traços+N no PA. Se essas análises estão corretas, elas indicam que, no desenvolvimento histórico do português, a posição AGRc⁰ foi reanalisada, e, de uma posição não-V-relacionada, passa a uma posição V-relacionada. Tomamos como evidência positiva para a existência de AGRc⁰ no PA os dados da interpolação.

Contudo, o PEM não permite a interpolação, embora tenha uma posição tipo-AGRc⁰ para clíticos. A explicação para a perda da interpolação é direta nessas análises: a interpolação é possível no PA, porque AGRc⁰ não é uma posição V-relacionada e, assim, o verbo nunca se adjunge a AGRc⁰; no PEM, por outro lado, a interpolação não é possível, porque AGRc⁰ é uma posição V-relacionada, ou seja, o verbo sempre se desloca para AGRc⁰ na sintaxe evidente.

A mudança nas propriedades do núcleo AGRc⁰, na história do português, encontra um paralelismo na variação observada em outros sistemas lingüísticos quanto às propriedades desse núcleo. A generalização que emerge do estudo de C&R (1991) quanto à posição AGR1⁰, nas línguas que eles estudam (islandês, iídiche, FrA, alemão moderno, alemão arcaico, holandês e inglês arcaico), pode ser resumida como segue⁸⁴:

(4.89)	Spec/AGR1 ⁰	AGR1 ⁰
islandês	tópico	+V
iídiche	tópico	+V
FrA	sujeito	-V
alemão	sujeito	-V
holandês	sujeito	-V
inglês antigo	tópico	+V
alemão antigo	tópico	+V

As conclusões a que podemos chegar a partir desses estudos quanto à variação paramétrica das propriedades de AGRc⁰ são as seguintes:

⁸⁴ Identificamos, com o traço +V, o núcleo AGR1⁰ que C&R (ibid.) caracterizam como uma posição que hospeda o verbo; -V significa que o verbo não ocupa essa posição.

- (4.90) a) $AGRc^0$ é uma posição para clíticos (nos sistemas V2)
- b) $AGRc^0$ pode ou não ser V-relacionada
- c) se $AGRc^0$ não é V-relacionada, seu especificador, quando projetado, é uma posição de sujeito (mas pode hospedar qualquer constituinte focalizado)⁸⁵
- d) se $AGRc^0$ é V-relacionada, seu especificador é uma posição para tópicos

Essas análises indicam, portanto, que, se $AGRc^0$ é V-relacionado, sua posição de especificador sempre é projetada. Se $AGRc^0$ não é V-relacionado, sua posição de especificador pode ou não ser projetada. No PA, $AGRc^0$ não é V-relacionado; no PEM, $AGRc^0$ é V-relacionado. $Spec/AGRc'$ é um posição para tópicos no PEM mas uma posição para focos no PA (quando projetada).

4.2.4.2 Implicações para a teoria da mudança

Neste item, queremos trazer para discussão mais algumas questões relacionadas com o posicionamento dos clíticos na história do português, com base, fundamentalmente, nos estudos de Salvi (1990), Lobo (1992) e Martins (1994). Os fatos apresentados por esses autores corroboram nossa hipótese de que o PA é um sistema V2 e de que o posicionamento dos clíticos, nas sentenças raízes, nos permitem derivar as propriedades V2 do PA de uma maneira bastante direta.

O Quadro I de Martins (1994:554) mostra que, entre os séculos XIII e XVI, há uma alteração no que diz respeito à posição dos clíticos nas sentenças raízes afirmativas no PA (reproduzimos o Quadro I com outra numeração):

Quadro 4.6: Próclise ~ Ênclise em orações não-dependentes "neutras" (dados dos documentos notariais)

	1250-99	1300-49	1350-99	1400-49	1450-99	1500-49
Próclise	7, 1%	24, 6%	41, 9%	78, 8%	92, 7%	98, 8%
	4 / 56	15 / 61	18 / 43	30 / 38	38 / 41	80 / 81
Ênclise	92, 2%	75, 4%	58, 1%	21, 1%	7, 3%	1, 2%
	52 / 56	46 / 61	25 / 43	8 / 38	3 / 41	1 / 81

O Quadro 4.6 acima mostra uma mudança lenta e gradual no posicionamento dos clíticos entre os séculos XIII e XVI. Comparando-se as porcentagens de ênclise e

⁸⁵ É possível que o sujeito que ocupa $Spec/AGRc'$ seja sempre um foco, como nos exemplos em (4.81).

próclise, observa-se que a ênclise predomina no século XIII (92.2%), enquanto a próclise predomina no século XVI (98.8%).

O Quadro II de Martins (1994:555) atesta a mesma progressão de ênclise para próclise em textos literários do século XV ao início do século XVII (o Quadro está reproduzido com outra numeração):

Quadro 4.7: Próclise ~ Ênclise em orações não-dependentes "neutras" (dados de fontes literárias)

	Afonso de Albuquerque (1462? - 1515)	Damião de Góis (1502-1574)	Fernão Mendes Pinto (1510? - 1583)	Diogo de Couto (1542-1616)
Próclise	73, 5%	97, 1%	98, 1%	72, 5%
	119 / 162	130 / 134	102 / 104	74 / 102
Ênclise	26, 5%	2, 9%	1, 9%	27, 5%
	43 / 162	4 / 130	2 / 104	28 / 102

Nesses documentos literários, a próclise também predomina, mas a ênclise ocorre numa percentagem maior do que nos documentos notariais.

Da comparação dos resultados obtidos por Martins (*ibid.*) com os resultados atestados nos nossos *corpora*, representados no Quadro 4.8 abaixo, verificamos uma oscilação ligeiramente semelhante entre o uso da ênclise e da próclise.

Quadro 4.8: Próclise ~ Ênclise em sentenças raízes declarativas

	FR (XIII)	DSG (XIV)	CDP (XV)	CPVC (XV-XVI)
Próclise	35.1%	57.0%	53.3%	57.9%
	38/108	89/156	72/135	62/107
Ênclise	64.8%	42.9%	46.6%	42.0%
	70/108	67/156	63/135	45/107

No FR, um texto jurídico, a ênclise predomina, mas não com uma percentagem esmagadora como no documento do século XIII, representado no Quadro 4.6. Nos demais documentos (textos não-jurídicos), há um pequeno aumento da próclise, mas a ênclise é bastante expressiva nos *corpora*.

O Quadro 4.9 a seguir foi elaborado a partir dos dados de Salvi (1990)⁸⁶:

⁸⁶ DOC = documentos extraídos da História do Galego-Português de Clarinda Maia, F L = Crônica de D. Pedro de Fernão Lopes, G V = Gil Vicente (Auto da Índia, Comédia de Rubena, Pranto de Maria Parda e Romagem de Agravos), H T-M = História Trágico-Marítima de B. G. de Brito

Quadro 4.9: Ênclise ~ Próclise em sentenças raízes declarativas

	DOC (XII-XIV)	FL (XV)	GV (XVI)	HT-M (XVI)
S CL V	04	11	19	12
SVCL	10	11	12	—
X CL V	11	04	09	21
X V CL	—	03	01	—
Sent CL V	—	—	04	50
Sent V CL	09	28	12	08

Nas duas primeiras linhas do Quadro 4.9, estão representadas as ocorrências de ênclise e próclise quando o sujeito precede o verbo. No documento *História Trágico-Marítima* (séc. XVI), nenhum caso de S V CL é registrado; nos demais documentos, ênclise e próclise alternam. O símbolo X das ordens X V CL e X CL V representa um constituinte diferente do sujeito (exceto o advérbio). A ênclise é quase inexistente nesse ambientes, mas não impossível.

Quando o verbo é antecedido por uma sentença subordinada, a ênclise parece ser a única opção nos documentos dos séculos XIII-XV. No século XVI, ao contrário, a próclise parece ser a colocação preferida também nesse tipo de construção. Nos nossos dados, a ordem Sent CL V só foi atestada na CDP e na CPVC, num total de 06 ocorrências. Citamos dois exemplos a seguir:

- (4.91) a) *nem depois que reinou lhe prouve receber mulher* (CDP.)
b) *e isto guardando se compre a virtude da castidade* (CDP)

Nos demais documentos, a ordem Sent V CL é a única encontrada.

Nos dados de Lobo (1992), no entanto, a ordem Sent CL V é mais freqüente do que Sent V CL. O Quadro 4.10 abaixo, organizado a partir dos dados apresentados na análise de Lobo (*ibid.*)⁸⁷, mostra a distribuição da ênclise e da próclise em diferentes ambientes:

Quadro 4.10: Próclise ~ Ênclise em sentenças raízes declarativas. Século XVI

Suj CL V	310		Suj V CL	01
OB CL V	34		OB V CL	01
OI CL V	23		OI V CL	02
SAdv/PP CL V	448		SAdv/PP V CL	07
Pred CL V	04		Pred V CL	—
Sent CL V	98		Sent V CL	25

⁸⁷ O *corpus* de Lobo (1992) foi organizado a partir de um conjunto de cartas de familiares do rei D. João III e de personalidades da sua corte. Cf nota 5 do capítulo 2.

Esses documentos revelam o predomínio da próclise sobre a ênclise. Alguns dos exemplos apresentados em Lobo (*ibid.*) são:

(4.92) S CL V

- . e dõ Jeronimo me falou tantos latĩs 43, 48 (p.83)
- . Eu o vi em Coimbra 43, 48 (p.83)
- . Eu, a Rainha, vos emvio muito saudar 53, 35 (p.84)

(4.93) OD CL V

- . e aquilo lhe Respondeo duas ou tres vezes 114, 31 (p.84)
- . E toda boa ordem em que isto poserdes vos agradecerei 50,33 (p.84)
- . Peçovos, senhor, por merce que a mão alhea me perdoees 131, 32 (p.84)

(4.94) OI CI V

- . e d' elle me avisei logo 43,48 (p.86)
- . A sua alteza lhe pareceo que nã era bem escusarse Lopo de Brito 143,34 (p.86)
- . e lhe pareça isto bem como a nos nos parece 146,35 (p.87)

(4.95) Adv/PP CL V

- . Também me lembra agora aquy outra Razã 101,31 (p.87)
- . O proprio dia de pascoa me derão Recado da emfermidade do cardeal 47,50 (p.88)
- . Por amor de Deus lho peço e pollas suas chagas lho Requeiro 98, 31 (p.90)
- . No vosso parecer que me dais me fazeis muita amizade 46,48 (p.90)

(4.96) Sent CL V

- . Porque queria falar comvosco alguũas cousas de muita importancia e meu serviço, vos agradecerey 77,62
- . Se neste la mãardes, senhor, algũ serviço, o farei 153, 37

Contudo, a colocação enclítica do pronome complemento é ainda possível, embora rara nesses contextos, como os números do Quadro 4.10 acima revelam. Alguns exemplos estão abaixo (exemplos de Lobo 1992):

- (4.97) a) Se dom Garcia for partido, e ouver de hir algũa caravela pera lla apos ell, peço vos 143,34 (p.93)

- b) O humor malenconico que, senhor, dizees, confesso vos eu que ho devo de ter (p.92)
- c) Por derradeiro pedio lhe a mão pera lhe tomar a menagê 114, 31 (p.87)
- d) E aguora compre lhe pera nam fazer huú desmancho, como seu avoo fez duas vezes, e seu tio Joham 146, 35 (p.88)
- e) E sobre grandes arenguas feitas pereceome 136, 33 (p.90)

A comparação desses quadros revela o predomínio da próclise nos séculos XV e XVI em estruturas em que a ênclise era mais freqüente nos séculos XIII e XIV. Observa-se também uma variação entre gramáticas individuais. Concordamos com Martins (*ibid.*) quando afirma que essa oscilação entre ênclise e próclise não tem características de mudança gramatical. A opção entre ênclise e próclise está presente em todos os documentos acima considerados. Em todos eles, a ênclise é a realização padrão do clítico em construções V1, o que fortalece nossa afirmativa (e a de Martins (*ibid.*)) de que era gramaticalmente permitida por esses sistemas.

Lightfoot (1991) diz que certas mudanças podem ocorrer gradualmente, sem afetar as propriedades estruturais das gramáticas dos indivíduos; elas podem refletir tão somente uma mudança na performance do falante em termos de probabilidades de escolha entre expressões ou análises válidas: "Some changes take place while grammars remain constant. For example, a particular construction type may become more frequent, perhaps as a result of taking on some expressive function (a greatly underestimated source of linguistic change)" (p. 160).

É esta a posição que assumimos para explicar a progressão da próclise sobre a ênclise como uma mudança no uso do falante, em termos de probabilidades de escolha entre análises válidas. Nossa explicação para esses fatos é como segue. Propusemos que dois tipos de deslocamento para a esquerda eram disponíveis no PA, topicalização V2 para Spec/C' e TOPICALIZAÇÃO para Spec/TOP'. A topicalização V2 requer o movimento de AGRc⁰ para C⁰ e, assim, próclise é a colocação resultante. A TOP não requer movimento de AGRc⁰ para C⁰; ocorre ênclise, como esperado. Ambas análises eram possíveis.

O uso de uma ou outra estrutura pode variar de freqüência, porque grupos de falantes podem adotar diferentes maneiras de "ênfatizar" um constituinte. A progressão no uso de construções com próclise pode ser analisada como um indício de que o movimento para TOP se torna gradualmente menos freqüente, refletindo uma mudança no uso dos falantes em termos de escolha entre uma das duas

análises possíveis. Contudo, essa mudança gradual não reflete uma mudança na gramática dos indivíduos.

Embora não reflita uma mudança de gramática, a distribuição das ordens CL V e V CL indica uma reanálise dos constituintes que podiam ocupar Spec/C'. Os números nos Quadros 4.9 e 4.10 são bastante reveladores sobre a reanálise dos constituintes que podem ocupar Spec/C'. Isto está bem evidente no caso da ordem Sent CL V, uma ordem que começa a ser atestada no século XIV. Nos nossos dados, construções desse tipo foram encontradas só no documento CDP (séc. XIV) e na CPVC (início do séc. XVI). Nos dados de Lobo (*ibid.*), por outro lado, a ordem Sent Cl V predomina sobre Sent V Cl.

Roberts (1992) analisa o aparecimento de uma nova construção em um conjunto de textos como um passo para que uma reanálise diacrônica (RD) ocorra. A RD muda uma estrutura S no período P para uma estrutura S' ≠ de S num período P'. Cada RD conduz a uma simplificação estrutural, mas não a uma mudança de gramática. O caso em estudo não se caracteriza como uma reanálise diacrônica, no sentido estrito, uma vez que as duas possibilidades estruturais estão presentes no sistema, já nos primeiros documentos considerados. Contudo, a reanálise dos elementos que antecedem o verbo como constituintes de Spec/C', como representada abaixo:

(4.98) YP [CP (XP) V] ⇒ [CP YP/XP V]

não deixa de resultar numa simplificação estrutural.

No entanto, embora a RD reduza drasticamente a frequência de certos tipos de construção, seu efeito é só "local" (afeta somente a construção), não eliminando as construções já existentes no sistema (Roberts 1992). Entende-se, assim, porque a ordem X V CL ainda é atestada nos dados. A RD reduz a frequência das construções X V CL, mas não as elimina do sistema, pois a RD não implica em mudança de parâmetro. Construções com TOP/CLLD externa a CP podem também ser geradas por essa gramática, como ilustram os seguintes exemplos de Lobo (*ibid.*):

(4.99) a) E porque Rodriguo Sanches vos dira o mais de minha parte, a cle me Remeto 65, 48
(p.86)

b) Estas merces todas e com tanta quentura eu as mereço 113, 31 (p.86)

c) se a V.A. parece que haa alguia cousa em que ho devees de cõtetar, pondo nisso
boa diligencia, a mî se me Representa que 106, 31

Lobo (*ibid.*) comenta que construções desse tipo, com mais de um constituinte antecedendo o verbo, são bem raras nos seus dados.

Nossa proposta de análise nos leva à conclusão de que o sistema proclítico do século XVI indica que o português mudou de um sistema "V2 não-rígido" para um sistema "V2 rígido"⁸⁸. Estando o constituinte que antecede o verbo em Spec/C', conseqüentemente, a próclise torna-se mais freqüente. As construções com TOP tornam-se raras, assim como a ênclise. Desse modo, o declínio da ordem V CL não reflete uma mudança de gramática, mas uma reanálise dos elementos que podiam ocupar Spec/C'.

4.3 O efeito V2 nas sentenças encaixadas

Mostramos, no item 3.2, que qualquer constituinte sintagmático do VP pode preceder o verbo nas sentenças completivas. O fronteamento de elementos do predicado para o início da sentença pode ser denominado amplamente de topicalização. Uma consequência sintática desse processo é a inversão da ordem sujeito-verbo, se ocorrer algum sujeito lexical na sentença (estão em negrito os constituintes topicalizados e sublinhados os sujeitos):

(4.100) a) disse' el que **aqueles juizos de Deus** pronunciara **ele** que saíram ja da sa boca
(DSG.2.16.40)

⁸⁸ O desenvolvimento de um sistema V2 não-rígido para um sistema V2 rígido também está documentado no holandês medieval (1200-1500). Segundo Jansen (1980:144), o holandês mudou de um sistema em que a ordem V2 era comum para um sistema estritamente V2: "Dutch has evolved from a moderate verb-second language (...) to a strict verb-second language". Os seguintes exemplos do holandês medieval, citado por Jansen (*ibid.*):

(i) Hi so maecte gheeste twee (Van Boendale, *Der Leken Spieghel*, I, 1, 1. 27)
(ele (Deus, mencionado no verso anterior) então criou duas almas)

(ii) Christus twee blinden hi sien dede (Stoett, *Middel nederlandse syntaxis*, 31)
(Cristo dois homens cegos ele fez ver)

apresentam as ordens: TOP ADV V (exemplo em (i)) e TOP TOP Sp V (exemplo em (ii)). Sabe-se que V2 é uma propriedade que caracteriza sincrônica e diacronicamente os sistemas germânicos. Todas as línguas germânicas até agora estudadas observam o efeito V2 desde seus primórdios, inclusive o inglês, que só deixa de ser um sistema V2 a partir do início do século XVII.

- b) achou que **naquela hora** foi a monja sãã da féver, en que o abade que estava ende muito alomjado dissera que seria sãã (DSG.1.5.74)
- c) dizendo que.. e que **melhor** sabia ell quem ella era que ell (CDP.9.17-18)
- d) E se a Escriptura afirma que **por o rrei nom fazer justiça** vêm as tempestades e tribulações sobre o poboo (CDP.1.42-45)
- e) ...dizer que **mais** teendes juntas de vinte mil dobras (CDP.13.30-32)
- f) E por esto parece abertamente que **pela oraçon d' Anastasio** comprio Nosso Senhor aaquel frade o desejo que avia da morte (DSG.1.16.17)

No exemplo em (a), o objeto direto deslocado *aqueles juizos de Deus* é parte de um DP complexo, formado de DP + relativa. Observa-se que a relativa *que saíram ja da sa boca* permanece abaixo de AGRsP (possivelmente em AGRoP)⁸⁹, estando o sujeito posicionado entre o verbo e a relativa. Assumindo a proposta de Jonas & Bobaljik (1993) de que universalmente o sujeito deve alcançar Spec/TP antes do *spell-out*, o sujeito poderia estar hospedado em Spec/TP ou Spec/AGRs'.

Nossa proposta básica é que os traços-V e os traços-N das projeções funcionais são todos fortes no PA. Assim, a checagem dos traços morfológicos é sempre realizada na sintaxe evidente, antes do *spell-out*, para que a representação não colida em PF. Como caso NOM é um dos traços morfológicos que o sujeito deve checar em AGRs, o sujeito deverá alcançar essa posição antes do *spell-out*. Desse modo, assumimos que construções raízes e encaixadas, com a ordem XVS, e em que o verbo está em C⁰, o DP sujeito está hospedado em Spec/AGRs'⁹⁰.

Observa-se, no exemplo em (4.100(b)), que do PP complexo *naquela hora* + *en que o abade que estava ende alomjado dissera que seria sãã*, só o antecedente da relativa *naquela hora* é topicalizado, num processo semelhante ao ocorrido na construção em (4.100(a)). No exemplo em (4.100(e)), só o quantificador *mais* do DP sujeito da mini-oração *mais de vinte mil dobras* é topicalizado para Spec/C'.

Esses dados nos permitem generalizar a análise para construções XVS com verbos ergativos, como a exemplificada em (4.100(d)). Assumindo-se certas posições teóricas em relação ao licenciamento de sujeito, como estabelecemos acima, e considerando as evidências positivas que os demais exemplos em (4.100) nos

⁸⁹ Na nossa análise, o complemento objeto sempre checa seus traços em AGRoP antes do *Spell-out*. Consideramos o fenômeno da concordância do particípio com o objeto, atestada nos textos do PA (cf. Mattos e Silva (1987/1989/1994) e Ribeiro (1990/1993)), uma evidência empírica confiável para essa hipótese.

⁹⁰ Veremos que as únicas exceções a esse padrão são as construções em que o sujeito foi topicalizado para Spec/C', para Spec/TOP ou para Spec/F'. Mas, nesses casos, Spec/AGRs' é preenchido pelo sujeito nulo *pro*.

fornece, julgamos acertado imaginar que construções como a em (4.100(d)) resultam também de movimento do elemento adverbial melhor para Spec/C' e do sujeito para Spec/AGRs'. Se a variação inter e intralingüística só pode ser definida, no MPLT, a partir de diferentes propriedades morfológicas dos núcleos funcionais, não vemos justificativa plausível para se pensar que as duas estruturas envolvam diferentes processos sintáticos, estando em jogo diferentes propriedades morfológicas desses núcleos funcionais, no que se refere à checagem de traços pelo V[+f] e pelo DP sujeito⁹¹. Conseqüentemente, as construções do PA, como as em (4.100), com a ordem XVS, permitem dizer que o V[+f] está sempre em C⁰, mesmo nas completivas.

Nossa análise, inicialmente, não é em sua essência diferente da proposta por Salvi (1989/1990/1993) para explicar estruturas V2 completivas do PA, nem da de outros lingüistas para dar conta desse mesmo tipo de construção em línguas germânicas modernas e no FrA (cf. C&R (1991), Vance (1989), Vikner (1991), entre outros). Construções como:

(4.101) a) Si respont as dames que de ceste requeste ne lor faudra il ja (Q 3) (Vance, 1989:48)

(então respondeu às damas que de-esta demanda não lhes faltará ele jamais)

b) Ich glaube, gestern hat Maria dieses Buch gelesen (C&R, 1991:5)

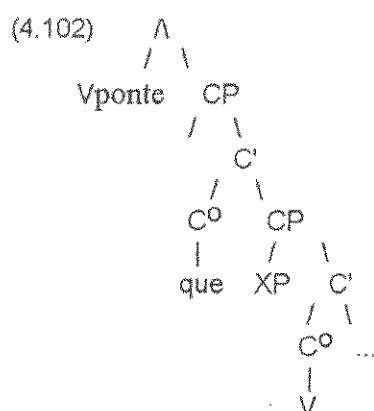
(eu acredito, ontem tinha M. este livro lido)

são comumente analisadas como resultantes da possibilidade de recursividade de CP⁹².

A representação da estrutura dessas sentenças, com recursividade do nóculo CP, é como em (4.102) abaixo:

⁹¹ Embora admitamos certas variações quanto ao posicionamento do elemento topicalizado para Spec/C' ou para Spec/TOP'. Mas observa-se que, nesse caso, a checagem do traço de tópico não é semelhante à checagem de traços morfológicos *stricto sensu*.

⁹² Contudo, as propostas não são tão uniformes, como deixamos transparecer. Cf item a seguir.



No item 1.4 vimos que uma outra diferença em relação às completivas V2 pode ser derivada do seguinte conjunto de sentenças (ênfase acrescentada):

(4.103) a) I believe that **only** in America could you do such a thing (C&R, 1991:5)

b) Ég held að **pegar** hafi María lesið þessa bók (*ibid.*, p. 4)
(eu acredito que já tinha M. lido este livro)

c) Ich glaube, **gestern** hat María dieses Buch gelesen (*ibid.*, p. 5)
(eu acredito ontem tinha M. este livro lido)

e) Or voi ge bien, **plains** es de mautalant (Ch.N.295) (Adams 1988:17)(=1.58 b)
(agora vejo eu bem, cheio/pleno estás de más intenções)

No alemão (exemplo c), o primeiro C⁰ é nulo, e o segundo está preenchido pelo verbo. No islandês (exemplo b) e no V2 residual do IngM (exemplo a), o primeiro C⁰ não pode ser nulo. No FrA (exemplo e), o primeiro C⁰ está nulo, mas pode ser lexicalizado, como no exemplo em (4.101 (a)) acima.

No PA, o primeiro C⁰ é lexicalmente realizado, exceto na coordenação de completivas. Nesse caso, o preenchimento de C⁰ é opcional, como nos exemplos abaixo:

(4.104) a) disse que e — depois se viinria pere elle (CDP.20.34-35)

b) Porém rrequeremos aa tua rreal clareza que e, — sendo favoravell aas ecclesiasticas pessoas, as mantenhass sempre em seus dereitos e liberdades (CDP.3.35-39)

Em resumo, o problema levantado por construções V2 completivas, do tipo exemplificado acima, tem sido tratado como característico das propriedades de certos verbos, que selecionam uma completiva cujo núcleo pode selecionar um outro núcleo C⁰, ou seja, o núcleo C⁰ selecionado pelo V_{ponte} da sentença raiz pode selecionar um outro núcleo C⁰, que fica disponível para hospedar o verbo. Essa análise permite manter a caracterização de V2 como fenômeno típico de sentenças raízes e manter a assimetria raiz/encaixada quanto à construção V2, analisando-a como uma construção que envolve o sistema CP, seguindo Haider (1986).

Conseqüentemente, essa análise exclui construções V2 em contextos de encaixadas relativas, adverbiais e completivas +Wh. Não se pode derivar uma análise de duplo CP para essas estruturas, porque o núcleo C⁰ dessas construções hospeda um traço abstrato +Wh que não tem a propriedade de poder selecionar um outro núcleo C⁰ e, por outro lado, o verbo não pode se mover para essa posição, porque ela já está preenchida pelo traço+Wh (cf. Rizzi & Roberts (1989) e Rizzi (1991a)).

Essa idéia encontra guarida sobretudo quando se observa a distribuição de construções V2 no alemão, licenciadas em completivas de V_{ponte}, mas nunca em completivas +Wh (dados de C & R 1991:5; cf. outros exemplos em (1.56)):

(4.105) a) *Ich frage mir, ob **gestern hat** Maria dieses Buch gelesen
(eu pergunto me se ontem tinha M. este livro lido)

b) *das Buch, das **gestern hat** Maria gelesen
(o livro que ontem tinha M. lido)

Contudo, retomando as análises apresentadas em 1.4, sabemos que, em alguns sistemas, como o do islandês e o do iídiche, por exemplo, as construções V2 não se limitam a completivas de V_{ponte}, sendo um processo mais geral do que o observado em alemão:

(4.106) a) Ég spurdi hvort þegar hefði **María** lesið þessa bók. (Vikner, 1991:)
(eu perguntei se já tinha Maria lido este livro)

b) bókin sem þegar hefur **María** lesið... (*ibid.*)
(livro-o que já tinha Maria lido)

c) lkn veys nit far vos in tsimer shteyt dí ku (Diesing, 1988:30)

(eu sei não por que na sala está a vaca)

Nos exemplos em (4.106), a ordem XVS se realiza num tipo de estrutura em que teoricamente a recursividade de CP não é bem aceita: uma completiva-Wh (exemplos (a/c)) e uma relativa (exemplo (b)). Os dados em (4.105) acima mostram que, em alemão, construções desse tipo são agramaticais.

O FrA também permite a ordem X V S em construções-Wh (ênfase nossa):

(4.107) a) quant a eus est li rois venus (Dupuis, 1989:148)

(quando a eles é o rei chegado (quando o rei veio a eles)

b) s' a la vostre bonté vousist mon pere prendre garde (Adams, 1988:19)

(se a-a vossa bondade quisesse meu pai tomar cuidado

c) et fu venue si grant oirre que bien le pooit len veoir (Q 1) (Vance, 1989:55)

(e foi chegado (chegou) tão largo passo que bem o podia alguém perceber

Em (4.107), temos três exemplos de sentenças adverbiais com a ordem XVS.

Os dados apresentados no item 3.2 mostram que a ordem XVS, no PA, também não se limita a completivas. Outros tipos de encaixadas também permitem essa ordem:

(4.108) a) E se ante das feyras for o preyto começado (FR.2.5.90v)

b) porque ata aquí contei eu os feitos groriosos (DSG.3.1.2)

c) depois que antre elles recrecera aquella discordia (CDP.15.82-83)

d) E se per sa culpa perder o dono da uoz o preyto (FR.1.10.82r)

e) de guisa que n' aquell dia ou no outro seguinte eram as partes desembargadas (CDP.4.15-16)

f) como quer que assi fizesse David (DSG.1.8.52)

g) tanta vãã gloria lhi creceria en seu coraçõ quanto louvor lhi dessen os homens aa de fora (DSG.1.17.19)

Essa ordem não é frequente nos nossos dados; contudo, embora não seja tão frequente, essa ordem é recorrente em nossos dados de diferentes períodos. O

mesmo fato se observa no FrA, língua em que, segundo os comentários de Dupuis (1989) e Vance (1989), essa ordem é muito pouco atestada.

Desse modo, temos a considerar que nem todas as línguas restringem V2 a completivas de verbos ponte. No iídiche (cf. Vikner (1991), Diesing (1988) e C & R (1992)), no islandês (cf. Vikner (1991), Roberts (1992) e C&R (*ibid.*)) e no francês do século XV (cf. Vance (1989)), estruturas V2 se superficializam quer em sentenças raízes, quer em quaisquer tipos de sentenças encaixadas, inclusive em completivas+Wh. O PA é um sistema desse tipo, como as construções acima evidenciam.

O problema que estas construções-Wh levantam tem sido objeto de diferentes propostas teóricas, na tentativa de acomodar esses fatos. Discutimos três delas aqui: a de Diesing (1988) para o iídiche, a de Vikner (1991) para o islandês e a de C&R (1991) para o islandês, o FrA, o iídiche e o alemão.

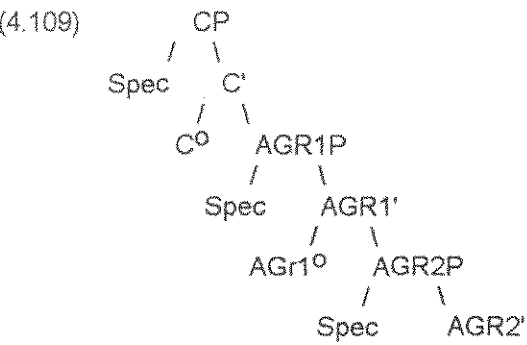
Diesing (1988:10) propõe que construções V2 encaixadas são melhor analisadas como movimento do elemento topicalizado para Spec/IP (Spec/AGRs, na nossa terminologia). Na sua análise, Spec/IP tem natureza dupla: pode hospedar sujeitos tópicos e tópicos não-sujeitos: "[Spec,IP] seems to have a dual function. In the case of subject fronting, it appears to function as a landing site for NP movement. When a non-subject is fronted [Spec,IP] functions as an operator position, requiring a topic interpretation." Assim, V2 encaixado resulta de movimento de V para I (= AGRs⁰). Quando Spec/IP é ocupado por um tópico não-sujeito, o sujeito permanece dentro do VP.

Sendo esse trabalho de Diesing (1988) pré-minimalista, várias questões podem ser colocadas em vista das novas propostas esboçadas no programa minimalista, sobretudo no tocante ao licenciamento do sujeito em VP, uma vez que, na sua análise, o Caso NOM vai ser atribuído numa relação de regência entre o verbo em I⁰ e o sujeito em VP. Como NOM é agora tratado como licenciado em um DP através de uma relação de checagem de traços morfológicos entre o DP e o núcleo complexo T⁰-AGRs⁰, numa configuração Spec/núcleo, a análise de Diesing (*ibid.*) encontra sérios problemas nesse novo modelo teórico.

Por outro lado, Vikner (1991) assume que recursividade de CP é fato generalizado em islandês e que, portanto, a propriedade de selecionar C⁰ é válida para qualquer classe de C⁰ nessa língua. C&R (1991:6) contestam essa análise com base em que é preciso limitar a recursividade do nível-C. Eles propõem que ela só ocorra nos contextos em que "the first allows a "propositional" complement while the second only allows a "predicational" complement in the terms of Rizzi (1990b)" (cf.

item 1.3.2.3). A questão central é que recursividade de CP deve ser limitada às completivas de uma determinada classe de verbos.

Por outro lado, C&R (*ibid.*) propõem que só as línguas que realizam V2 numa estrutura com recursividade do sintagma AGRP permitem realização generalizada de construções V2 nas encaixadas⁹³. Segundo tal proposta, portanto, construções como as em (4.107) e (4.108) devem ser derivadas de movimento do verbo para a primeira realização do núcleo AGR1⁰, o sujeito pode estar na posição de especificador do segundo AGR (Spec/AGR2) e os constituintes XPs topicalizados, em Spec do primeiro núcleo AGR1⁰ (Spec/AGR1), como na representação abaixo:



Assim, a diferença nessas línguas está na possibilidade para o iídiche e para o islandês e na impossibilidade para o FrA e o alemão de Spec/AGR1P ser uma posição para tópicos.

A motivação central da proposta de C&R (*ibid.*) é distinguir as completivas que podem ter propriedades de sentenças raízes (as completivas V2) das demais construções de topicalização encaixadas que não podem. Assim, a topicalização encaixada deve ser diferenciada do V2 encaixado⁹⁵. Essa hipótese repousa sobre evidências empíricas concernentes à possibilidade geral de movimento-Wh longo de dentro de uma topicalização encaixada, como em (exemplo citado em C & R *ibid.*:16):

- (4.110) Vos hot er nit gevolt az in shul zoln di kinder leynen? (Santorini (1989:59))
(que tem ele não querido que na escola as crianças leiam)

Recursividade de CP não é atestada com verbos volitivos e, assim, uma construção completiva como a em (4.110) não pode ser tratada como envolvendo duplo CP. Outro fato que reforça tal análise é que o movimento-Wh longo é impossível em completivas V2 (com duplo CP), sendo possível nas construções com duplo-AGR. Essa proposta permite, portanto, a realização de construções encaixadas do tipo XVS, como exemplificadas acima em (4.107) e (4.108), sem que o sistema CP seja recursivo.

C&R (*ibid.*) propõem ainda que se distingam as topicalizações encaixadas apresentadas em (4.101) e (4.103) acima de outro tipo de frenteamento de constituintes do VP, observado no islandês, iídiche e FrA (C&R, 1991:12; colocamos em negrito os constituintes do VP frenteados):

- (4.111) a) Por l' esperance qu' **an lui** ont, ...
(por a esperança que em ele têm,...)
b) Et si **ne sait** que faire puisse
(e então não sabe que fazer pudesse)

Construções como as em (4.111) devem ser tratadas como casos de frenteamento estilístico (*stylistic fronting*), que consiste numa operação de frenteamento de um elemento adverbial ou de uma forma verbal [-f] para uma posição entre C⁰ e o verbo flexionado. Topicalização, em encaixadas+Wh, e frenteamento estilístico são

⁹⁵ Esse é um ponto que exploraremos na nossa análise, mas que implementamos de modo diferente.

construções com estrutura de duplo AGR. A distinção básica entre elas repousa no fato de que **fronteamento estilístico** requer que a sentença contenha um sujeito vazio. Tal restrição é analisada por eles como resultante do processo de fronteamento de um constituinte do VP para Spec/AGR1 via Spec/AGR2.

A ordem XV em completivas, relativas e adverbiais também é muito freqüente no PA:

(4.112) a) pero sabe Deus que morto he (DSG.1.18.12)

b) quando **aquy** chegamos (CPVC.F11v.25-26)

c) outros que **enfermos** somos e muito alonjados daquestes homêes (DSG.1.2.28)

Em resumo, a análise de C&R (*ibid*) distingue três diferentes tipos de ordens XV nas encaixadas, a saber, V2, **topicalização** e **fronteamento estilístico**, cada uma delas com suas próprias características sintáticas. **Completiva V2** é limitada a completivas de Vponte e implica numa estrutura de duplo CP; **topicalização** ocorre em contextos mais amplos e é analisada como estrutura envolvendo duplo AGR; **fronteamento estilístico**, freqüente em relativas e adverbiais, são construções envolvendo estruturas com duplo AGR, mas requerem que Spec/AGR2 esteja vazio.

A análise aponta também para a necessidade de se postular a existência de duas distintas projeções funcionais entre o tradicional CP e o tradicional IP: nas construções com duplo CP, há um posição funcional adicional (CP2) para hospedar constituintes do fronteamento V2; nas de topicalização, há uma posição funcional AGR2, com propriedades distintas de CP2, para hospedar constituintes fronteados por topicalização ou por fronteamento estilístico. Essas diferenças sintáticas resultam, na realidade, de que a posição de especificador de cada uma dessas projeções funcionais é licenciada por diferentes núcleos funcionais.

Contudo, C&R (*ibid*) comentam que estruturas com dupla topicalização, com duplo CP e duplo AGR, que poderiam originar o seguinte tipo de ordem, em que o verbo flexionado está ou no segundo C⁰ ou em AGR1⁰ (p. 69; nota 3):

(4.113) C⁰ [Top [C⁰ / V [Top [AGR1⁰ / V [Sujeito ...

não são possíveis, devido à minimalidade relativizada, já que o tópico mais baixo impediria o tópico mais alto de reger por antecendência seu traço. Assim, na sua análise, recursividade de CP exclui recursividade de AGRP, ou seja, ambas não podem ocorrer numa mesma e única sentença. Observa-se que, dado o caráter

abstrato dessas projeções funcionais, as diferenças entre essas análises são muito sutis

4.3.1 Tipos de encaixamento no PA

As análises apresentadas acima (e no item 1.4) quanto às possibilidades e impossibilidades de topicalização em sentenças subordinadas e de preenchimento lexical do núcleo C⁰ estão sintetizadas abaixo:

	alemão	dinamarquês	islandês	PA	FA
+C	-	+	+	+	+
-C	+	-	-	+	+
Vponte	+	+	+	+	+
outros	-	-	+	+	+

Nossa hipótese de trabalho é que os diferentes comportamentos das "topicalizações" encaixadas podem encontrar uma explicação se forem analisados como diferentes processos de fronteamento, envolvendo diferentes núcleos de projeções funcionais. Queremos manter a idéia de que topicalização V2, nas encaixadas, envolve sempre o nóduo CP e que recursividade de CP não é limitada a Vponte. A ordem XVS é o resultado visível dessa topicalização V2.

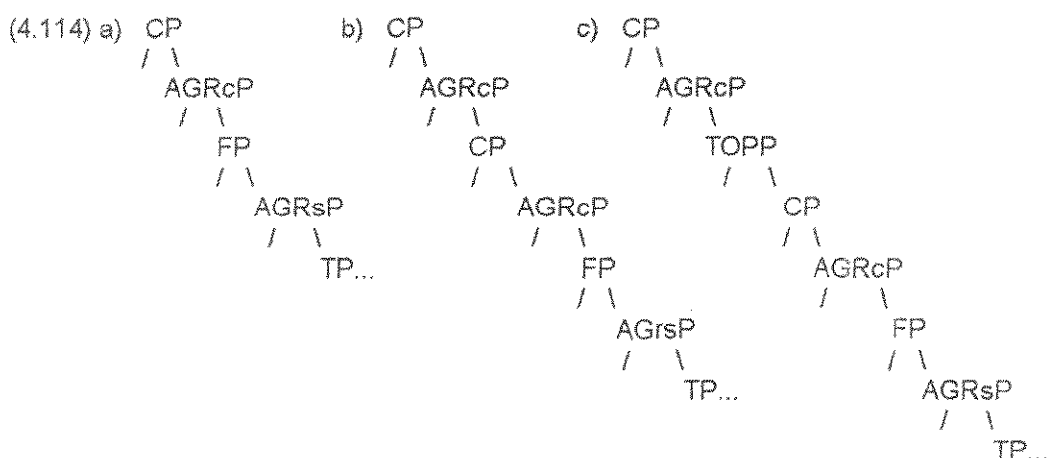
Por outro lado, a topicalização em sentenças adverbiais e relativas não envolve necessariamente duplo CP, e sim uma posição interna à sentença e disponível para hospedar elementos topicalizados. Essa é a topicalização para Spec/F', que identificamos com o processo conhecido como fronteamento estilístico, ou seja, fronteamento de elementos do VP do tipo particípio, advérbios, etc. Sendo essencialmente uma posição para elementos enfáticos, espera-se que Spec/F' possa ser usado para pouso de elementos enfáticos internos a CP. Como veremos no item 4.2.2.2, o fronteamento estilístico só ocorre em estruturas com sujeito vazio, e, portanto, a ordem superficial resultante é X V.

Um terceiro tipo, que envolve TOPicalização para o nóduo TOPP, não requer inversão da ordem sujeito-verbo, mas que pode coocorrer com topicalização V2, desde que os dois processos não envolvem os mesmos núcleos funcionais. Se os

dois processos são aplicados em um mesmo enunciado, a ordem resultante será TOP XV(S)⁹⁶. Se só a TOP é usada, a ordem poderá ser TOP S V / TOP X V⁹⁷.

As línguas podem fazer diferentes usos desses processos. O alemão se caracteriza por permitir, em domínios encaixados, a topicalização V2, limitada a Vpontes. O iídiche e o islandês permitem a topicalização V2 e o fronteamento estilístico. O IngM admite topicalização V2 em contextos bem restritos (a focalização V2). O processo de TOP para Spec/TOP' é atestado, em geral, nas sentenças raízes, em diferentes tipos de sistemas lingüísticos⁹⁸, a variação entre elas sendo mais em termos de freqüência de uso.

Vamos manter o quadro delineado aqui como verdadeiro para as línguas em questão. Desse modo, caracterizamos o PA como um sistema que permite os três processos de topicalização encaixada: topicalização V2, fronteamento estilístico e TOP. Cada um desses processos envolve diferentes núcleos funcionais e os três terão, como resultado visível, diferentes tipos de ordenação de constituintes. Esquematizamos abaixo as três derivações que temos em mente:



O esquema em (4.114(a)) representa o fronteamento estilístico; em (4.114(b)), está a estrutura da topicalização V2 e, em (4.114(c)), as estruturas com TOP encaixado. Observa-se que a estrutura (4.114(c)) permite não só TOP encaixado, como

⁹⁶ Contra a hipótese de C&R (1991) de que dois processos de topicalização não podem coocorrer numa mesma estrutura.

⁹⁷ Lembramos que, sob o rótulo TOP, abrigamos os diferentes e conhecidos tipos de "topicalizações" externas a CP: CLLD, TOP, Tópico pendente, etc.

⁹⁸ Comentamos no item 4.1 que há uma certa variação entre as línguas quanto ao tipo de TOP externa a CP. O FrM se caracteriza por permitir CLLD, mas não Tópico. Também no alemão a CLLD é mais comum que o Tópico. É evidente que as características de cada uma dessas construções são importantes para se entender o processo como um todo. Contudo, isso seria em si só assunto para uma outra pesquisa. Desse modo, para a análise que desenvolvemos aqui, o importante é saber que de alguma forma as línguas licenciam um "tópico" externo a CP.

topicalização V2, e isto verificamos nos dados do PA. Assim, a depender do núcleo funcional envolvido no processo de "topicalização" encaixada, as seguintes ordens são derivadas:

(4.xx) a) encaixadas "normais"

que CI V
que CI Neg V
que CI X V
que CI X X V

b) encaixadas V2

que [X V S]
que [X CL V]
que [S CL V]
que [-- V CL]

c) encaixadas com TOP

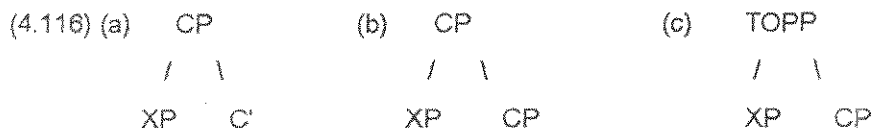
que TOP [que CI V]
que TOP [X CI V]
que TOP [Neg CI V]
que TOP [-- V CL]

Na realidade, não estamos propondo a existência de nenhuma categoria funcional a mais do que as já amplamente aceitas em pesquisas lingüísticas até agora desenvolvidas. A hipótese de uma projeção TOPP acima de CP já tem sido defendida por vários lingüistas, sobretudo a partir do trabalho de Chomsky (1977), para diferentes sistemas lingüísticos. Para o PA, por exemplo, essa proposta está explicitada nos trabalhos de Salvi (1989/1990/1993) e de Benincà (1992). A idéia de que Spec/F' pode hospedar elementos topicalizados ou focalizados já está independentemente bem motivada nos trabalhos de Rouveret (1992), Raposo (1994) e Martins (1994), o primeiro e o segundo com base em dados do PEM e o terceiro em relação ao PA. A questão da recursividade de CP é abordada por vários trabalhos sobre as línguas V2. Assim, nossa análise não acrescenta nada mais ao esqueleto funcional das sentenças.

Na realidade, o que procuramos fazer é sistematizar a atuação dessas projeções nas línguas aqui consideradas. O desenvolvimento do nosso raciocínio é como segue. Na proposta do MPLT, a diferença entre dois tipos de línguas é vista em termos de uma diferença mínima no valor de um dado traço gramatical específico. Em Chomsky (1992), é proposto que as transformações de movimento são fundamentalmente provocadas por requerimentos morfológicos dos componentes de uma estrutura. A proposta básica é a de que o movimento visível dos núcleos lexicais, dos sintagmas nominais sujeito e objeto e dos elementos operadores só acontece para checar traços morfológicos abstratos nos núcleos funcionais que se caracterizam pelos mesmos tipos de traços.

Disto deriva que precisamos de certas projeções funcionais para hospedar os constituintes fronteados ou então recorremos a adjunções desses constituintes a projeções funcionais como AGR, TP e CP. Decidir por uma estrutura de adjunção ou pela projeção de uma posição funcional específica não é uma tarefa fácil, sobretudo quando o núcleo dessa hipotética projeção não é lexical.

As análises sobre TOP têm girado em torno da discussão sobre a posição ocupada por esse constituinte inicial:



De acordo com as representações acima, elemento fronteado ocupa Spec/C' (configuração em (a)), está adjungido a CP (configuração em (b)), ou ocupa uma posição TOP independente (configuração em (c)).

Podemos pensar que as três configurações são licenciadas pela GU e que os sistemas lingüísticos podem variar quanto à forma de "topicalização", justamente porque cada uma das formas - ou ao menos (a) e (b) de uma lado e (c) do outro - envolve licenciamento por diferentes tipos de núcleos funcionais. Por outro lado, nas representações (b) e (c), CP pode ser considerado como um predicado do que está na posição XP. Na representação (b), em que XP é o especificador de CP, a noção correta deve ser de unificação (Cooper 1986).

Mas, o objetivo das nossas especulações sobre essas estruturas e sobre a "topicalização" é o de mostrar que não há um tratamento unificado para os problemas levantados. Sempre que se consideram novos dados e sempre que se procura definir suas propriedades pela comparação com dois ou mais sistemas lingüísticos,

diferentes comportamentos são logo observados. Nossa conclusão acerca dessa questão é que não se consegue dar um tratamento unificado às "topicalizações", porque não se trata de um processo uniforme entre as línguas. Desse modo, uma posição TOP dominando CP é uma possibilidade deixada em aberto pela GU; os sistemas poderão ou não fazer uso dessa posição. Consideramos que as possibilidades de variação entre as línguas quanto à projeção de TOPP, ou de qualquer outra projeção funcional, podem ser definidas de modo semelhante à definição de Uriagereka (1992) quanto às possibilidades de realização da categoria funcional FOCO e de Raposo (1994) quanto aos *affective operators*, como já discutido acima. Desse modo, consideramos que o núcleo TOP pode ser um morfema abstrato em algumas línguas (o japonês, por exemplo), ser apenas sintaticamente ativo em outras ou não ter realização sintática em outras. Em termos minimalistas, isto poderia significar que o núcleo TOP pode ser "morfologicamente forte"⁹⁹, "morfologicamente fraco" ou não ter realização sintática.

É dentro dessa perspectiva que analisamos os diferentes tipos de sentenças encaixadas nas línguas em consideração. Partimos inicialmente da hipótese de que, se a projeção máxima de uma sentença matriz pode ser TOPP (Salvi (1989), Belletti (1990), Benincà (1992)), CP, ou FP (Raposo (1994), Martins (1994)), também as sentenças encaixadas podem ser realizações de uma dessas projeções. Os diferentes tipos de encaixamento trazem implicações importantes para a organização dos itens lexicais dentro da estrutura, antes do *spell-out*, com reflexos, portanto, na ordenação linear dos constituintes.

4.3.1.1 As encaixadas com TOP e as completivas CP

Estruturas de recomplementação são mais freqüentes no PA do que parece. Em alguns casos, a recomplementação é bem evidenciada pelo uso dos dois elementos introdutórios de sentença completiva **que**, como nos seguintes exemplos:

(4.117) a) teemos por ben **que** todos os bispos e outra clerizya **que** den dereytamente os
dizimos de todos seus bees e de todos seus herdamentos (FR.1.5.76r)

⁹⁹ Já comentamos, no item 4.2, que ser morfologicamente "forte" não implica necessariamente na existência de uma afixo morfológico com realização fonética. Um morfema abstrato, sem realização fonética, pode dotar o núcleo de uma projeção funcional com "morfologia forte".

- b) deffendemus firmemēte **que** daquí adeante **que** nenhuu seya ousado de coller nē de midir ome pan (FR.1.5.76r)
- c) rogo-te **que** se te nembras d'alguus **que** mh'os digas (DSG.1.31.40)
- d) E pero non he pera creer -diz San Gregorio -**que** o bõõ logar a **que** o ja levarom **que** o perdesse (DSG.1.29.23)
- e) mandou-lhi dizer **que** el **que** o ia ver (DSG.2.14.4)

Entre as duas realizações de **que**, ocorre um constituinte sintagmático: uma sentença adverbial, como em (4.117(c)), ou uma expressão adverbial como em (4.117(b)). No exemplo (4.117(d)), um DP complexo, o objeto direto CLLD se realiza entre os dois elementos da recomplementação; o clítico **o** retoma o constituinte objeto CLLD. Em (4.117(c)), o sujeito pronominal é o constituinte TOPicalizado. Nestas construções, o pronome complemento está sempre proclítico ao verbo da sentença encaixada, como ocorre nos outros tipos de sentenças encaixadas.

Vimos, no item 3.5, que a recomplementação é comum no galego. Repetimos os exemplos de Uriagereka (1992:6) abaixo, com outra numeração:

(4.118) recomplementação no galego

- a) <dixeron **que**> a este home <**que**> non o maltratemos
- b) <Din **que**> o **que** e ver <**que**> non veu res
- c) <Din **que**> se atopan a saída <**que**> han marchar

Como no PA, também no galego há um constituinte "ensanduichado" entre as duas realizações de **que**.

Contudo, no PA, o segundo **que** das estruturas de recomplementação pode ser omitido. O padrão de colocação de clíticos quando o segundo **que** é omitido é essencialmente idêntico ao das sentenças raízes. Assim, dois padrões emergem: clítico pós-verbal (exemplos em (4.119)) ou clítico pré-verbal (exemplos em (4.120)) (sublinhados e colchetes nossos; utilizamos os colchetes como um recurso para facilitar a explanação):

- (4.119) a) Ja ora podes entender, Pedro,[**que** [aquelas cousas que Deus ordiou e soube ante **que** o mundo fosse feito,] [— compriron-se pelas orações dos santos homens]] (DSG.1.16.32)

- b) Ca non he duvida [**que** [aquele que ante sa morte fez muitas boas obras per que prouguesse a Deus, [pela oraçon do seu amigo]] [— podia-lhe Deus tanto ben dar]] (DSG.1.29.24)
- c) E portanto cuido, Pedro - disse San Gregorio - [**que** [aqueste homen que o spiritu maaõ recebeu en sa casa por hospede,] [— feze-o mais por louvor do mundo ca por fazer ben]] (DSG.1.25.24)

- (4.120) a) ca temia o santo bispo [**que**, [se os homens soubessen aquelo que acaecera,] [tanta vãã gloria lhi creceria en seu coraçõ] quanto louvor lhi dessen os homens aa de fora] (DSG.1.17.19)
- b) mandou aos seus discipolos [**que** [alguus miragres daqueles que lhi viam fazer] [non-no dissessen a nengũõ ata que ...]] (DSG.1.17.20)
 - c) rogou-u o cavaleiro de tan gram coraçõ [**que** [o don que lhi dava] [non-no despreçasse]] (DSG.1.27.6)

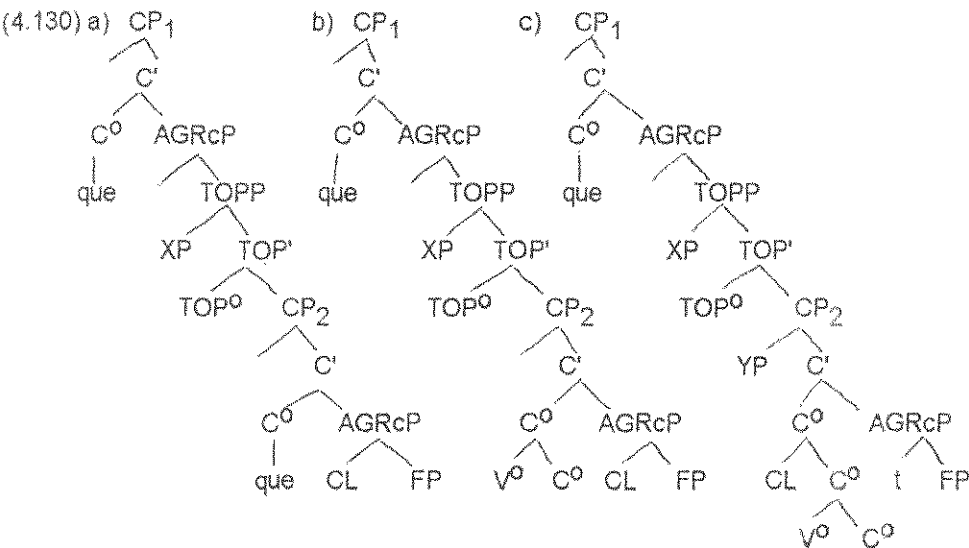
Propomos analisar as construções em (4.117), (4.119) e (4.120) como estruturas cuja projeção mais alta é TOPP; indiretamente as estruturas apresentam recursividade de CP. O constituinte TOPicalizado ou CLLD entre o núcleo C⁰ mais alto e a segunda realização de CP ocupa Spec/TOPP, como representado em (4.114(c)) acima. Quando o segundo **que** é realizado, como em (4.117), os traços morfológicos em C⁰ são realizados por **que**, e o V[+f] permanece em AGRs⁰, onde ele finaliza a checagem de seus traços. A realização pré-verbal do clítico é a única forma possível de posicionamento do clítico nessas construções.

Quando a segunda realização de **que** é omitida, o V[+f] deve se deslocar para o núcleo C⁰, para licenciar seus traços. Dois tipos de ordenação podem ocorrer neste caso em relação ao clítico e ao verbo. Se a posição Spec/C' está vazia, AGRc⁰ não se desloca para C⁰, e, assim, as construções resultantes apresentam uma ordem com clítico pós-verbal, como evidenciam os exemplos em (4.119). No entanto, se a posição Spec/C' for preenchida, como ocorre nas construções em (4.120), com, respectivamente, **tanta vãã gloria**, **non** e **non**, a próclise ocorre; neste caso, AGRc⁰ se deslocou para o núcleo C⁰, onde o verbo já está alojado, para checar os traços-N de Spec/C'. Assim se deriva a próclise nas construções em (4.120).

Nas construções do tipo exemplificado em (4.120), os constituintes que ocupam Spec/C'₂ são, em geral, elementos quantificados ou o advérbio de negação, realizando um movimento de focalização. Considerando que nas encaixadas

"normais" a negação segue o clítico, essas construções ilustram a focalização do ADV negativo para Spec/C'.

As derivações propostas para essas construções estão esquematizadas abaixo:



Representamos acima as três possibilidades de recomplementação com TOP no PA. Em (4.130(a)), os traços-V de C⁰ são realizados pelo complementador **que**; em (4.130(b)), o complementador não é lexicalizado, e o V[+f] se desloca para C⁰ para checar seus traços. Em (4.130(c)), Spec/C'₂ está preenchido por um constituinte focalizado. AGRc⁰ se desloca para o núcleo C⁰ para checar seus traços com os do constituinte em Spec/C'₂.

Em resumo, as encaixadas com TOP se realizam com as seguintes ordenações de constituintes:

- (4.131) encaixadas com TOP
- que TOP [C_P que CI V]
 - que TOP [C_P X CI V]
 - que TOP [C_P Neg CI V]
 - que TOP [C_P -- V CL]

As encaixadas com recursividade de CP, mas sem TOP "ensanduichado" (ao menos foneticamente visível), permitem duas possibilidades de preenchimento do CP₂, como representado em (4.115) acima. Alguns exemplos são apresentados a seguir:

- (4.132) a) E tanto foi o amor do filho que ouve que, quando vio o servo de Deus, tomou o cavalo en que andava pelo freo e disse-lhi con gram juramento (DSG.1.4.5)
- b) acabado jsto. dise ocapitam que fosemos nos batees em trra e veersia bem o rrio quejando era (CPVC.6v.1-2)
- c) e amdauam asy mesturados cõ eles. que eles se esqujuauam e afastauanse e hianse deles peracjma onde outros estauam (CPVC.6v.19-22)
- d) E mãdamos que se alguu ome demanda contra el rey peçalhy mercee en puridade e mandelly dizer que llo enderêce todo muy ben (FR.1.2.73v)

- (4.133) a) e que porém lhe rrequeria que lh'o entregasse (CDP.18.39-40)
- b) assim como de pequena faisca se acende grande fogo (CDP.18.28-29)
- c) rrogando-vos mui caramente que de vosso boom estado e rreal casa nos certifiquees per vossa carta (CDP.3.88-90)
- d) tan comprida...que non solamente d'obras maas e desaguisadas, mais de palavra sobeja, que non presta nen empeece a nengüü, a que chama a Escritura ociosa, se guardava (DSG.1.2.5)

Os fatos da recomplementação permitem uma proposta de explicação geral para a ocorrência da ênclise nos domínios encaixados, como nos exemplos em (4.132). Desde que a possibilidade de recursividade de CP parece estar bem evidente nos dados do PA, como a recomplementação indica, então pode haver nos domínios encaixados uma posição C^0 disponível para hospedar o verbo.

Consideramos que as diferenças na colocação dos clíticos nas construções em (4.132) e (4.133) podem ter a mesma explicação proposta para as construções com TOP. Assim, se há um constituinte frontalizado em Spec/C', como em (4.133), $AGRc^0$ se desloca para C^0 e daí resulta a próclise. Se Spec/C' está vazio, ênclise será a forma de posicionamento esperada.

Se está correta a nossa proposta de que esses documentos revelam a existência de duas gramáticas no PA, a gramática V2 e a gramática CL2, muitas das construções encaixadas com a ordem X CL V, como as em (4.133) acima, podem ser produzidas pela gramática CL2. Talvez seja essa a razão por que a ordem X CL V é atestada mais livremente no PA do que em outros sistemas V2 (exceto o islandês e o iídiche), não só em completivas, como em qualquer tipo de encaixada. A ausência de um sujeito foneticamente realizado, na maior parte dessas construções, deixa-nos sem evidências para decidir por uma dessas análises. O fato de em grande parte dos exemplos o elemento frontalizado ser um foco não nos permite maiores inferências, já

que a gramática V2 não é incompatível com a focalização de um constituinte, como propusemos no item 4.1. Para os exemplos em (4.132), por outro lado, a colocação enclítica do pronome deve resultar de estratégias permitidas pela gramática V2.

4.3.1.2 As encaixadas com interpolação

Nosso objetivo, neste item, é o de tecer algumas considerações sobre a interpolação no PA e tentar relacionar esse tipo de construção com a construção denominada de *fronteamento estilístico*. Vimos, no item 3.4.3, que a interpolação é bastante freqüente no PA, nas relativas e adverbiais. É mais rara nas completivas. Retomamos alguns dos exemplos aqui:

- (4.134) a) ajnda que **os eles** mandasem (CPVC.F9v.30)
b) pero **lhes el-rrei** avia ja perdoado (CDP.20.84-85)
c) E sse **o assy** mostrar (FR.1.10.81r)
d) o bõo logar a que **o ja** levaron (DSG.1.29.23)
e) O que **te ora eu** quero contar (DSG.1.5.51)
f) Esto, Pedro, que **ti eu ora** quero contar, (DSG.1.9.7)
g) pela graça que **lhi Deus ante** dera (DSG.1.7.16)
h) o don do Spiritu Santo que **lhi a el Deus** dera (DSG.1.5.57)
i) desta vossa terra noua que **se ora neesta nauegaçam** achou (CPVC.F1.4-5)
j) e veer o que **sse despende** pode (CDP.12.58-59)

Entre o clítico e o verbo, vários tipos de constituintes podem estar interpolados: a negação¹⁰⁰, sujeitos pronominais ou nominais, advérbios, sintagmas preposicionados, etc. Esses são os tipos de construção que acima denominamos encaixadas "normais", com uma única projeção CP e sem realização da projeção TOPP. Tais construções se realizam normalmente com as seguintes ordens superficiais, como já apresentamos acima:

¹⁰⁰ Apesar de contarmos a negação como um dos elementos interpolados, nossa análise não propõe que o elemento de negação que ocorre nessas construções tenha estatuto adverbial. A negação adverbial está sempre em Spec/C'.

(4.135) encaixadas "normais"

que CI V

que CI Neg V

que CI X V

que CI X X V

Na nossa análise, esses exemplos são casos claros de construções em que o CL está em AGR_c^0 e o V^0 em AGR_s^0 . O constituinte X que antecede o verbo está adjungido a AGR_s^0 ou ocupa a posição de especificador de uma projeção entre AGR_c^0 e AGR_s^0 .

Temos mantido aqui, como hipótese de trabalho, que Spec/ $AGRs'$ se caracteriza essencialmente como uma posição para sujeito NOM. Desse modo, podemos concluir que Spec/ $AGRs'$ não está disponível para alojar os constituintes que não desempenham a função de sujeito intercalados entre o CL e o verbo. Quanto aos "DPs sujeitos" realizados nessas construções, propomos que, na realidade, esses DPs ocupam a mesma posição que os outros constituintes intercalados, estando Spec/ $AGRs^0$ ocupado pelo sujeito nulo **pro**.

A idéia de que os "DPs sujeito" e os demais constituintes estão fronteados encontra apoio na distribuição desses elementos nos exemplos em (4.134) acima. Nota-se que não há uma ordenação fixa entre eles. Por exemplo, na construção em (4.134(e)), o advérbio antecede o "sujeito" (**ora eu**), mas, no exemplo em (4.134(f)), o "sujeito" antecede o advérbio (**eu ora**). Se o DP **eu** estivesse em Spec/ $AGRs'$, esperaríamos que tal alternância não fosse possível. A posição do CL em relação aos constituintes fronteados indica que esses constituintes não estão em Spec/ AGR_c' . Se assim fosse, a ordem deveria ser X CL (S) V.

A interpolação não é obrigatória, como mostram os exemplos abaixo:

(4.136) a) conselho sobre aquello que lhes conviinha fazer (CDP.17.160-161)

b) outra cousa qualquer por que o façan fiel (FR.2.8.92v)

c) a rrazõ que nos moueo pera fazer leyx (FR.1.6.77r)

d) assy como era teudo aaquel que a recebeu ante (FR.1.12.84v)

Nessas construções, constituintes que poderiam estar interpolados entre o clítico e o verbo estão em posição pós-verbal.

A opcionalidade desse processo de frontalização pode levar a se imaginar que a interpolação resulta de um processo de adjunção dos elementos interpolados a

AGRsP. No entanto, se se tratasse de um processo de adjunção a AGRsP, esperaríamos que esse tipo de fronteamento fosse mais comum entre as línguas.

Por outro lado, a comparação entre as construções com interpolação e as construções com **fronteamento estilístico**, um processo de fronteamento de constituintes muito comum no islandês e iídiche, mostra que a análise de adjunção não explica certas restrições sobre essas construções. Exemplos de **fronteamento estilístico** no islandês são dados a seguir (Maling 1990:74-75):

- (4.137) a) Þeir voru að tala um ... hvað **hægt** hefði verið ("Tilhugalíf," Ch. 1)
(eles estavam a falar sobre que **possível** tinha sido)
- b) Þá goeti enginn sagt með vissu, að **svo** hefði verið ("Tilhugalíf," Ch. 1)
(então poderia ninguém dizer com certeza, que **assim** tinha sido)
- c) og nú eigum við að vita...hvort **ekki** finnst meira þýfi hjá piltinum
(e agora devemos nós saber... se **não** encontra mais coisa-roubada com o rapaz)

Os exemplos acima ilustram quatro tipos de fronteamento: um adjetivo em (a), um advérbio em (b) e o advérbio de negação em (c). Os elementos que aparecem antes do verbo nesse tipo de construção são geralmente participípios, adjetivos, advérbios, partículas verbais e o advérbio de negação *ikke*.

Consideramos que a interpolação e o **fronteamento estilístico** são processos sintáticos semelhantes. Assim, analisamos como estruturas de **fronteamento estilístico** não só as apresentadas em (4.134) acima, como também as apresentadas em (4.138) abaixo:

- (4.138) a) pero sabe Deus que **morto** he (DSG.1.18.12)
b) quando **aquy** chegamos (CPVC.F11v.25-26)
c) outros que **enfermos** somos e muito alonjados daquestes homêes (DSG.1.2.28)

Nessas construções, um participípio (exemplo em (a)), um advérbio (exemplo em (b)) e um adjetivo (exemplo em (c)) são os constituintes fronteados. A realização ou não realização do clítico caracterizam as diferenças superficiais entre as construções em (4.134) e (4.138).

O **fronteamento estilístico** é um processo opcional no islandês, segundo mostram os exemplos abaixo:

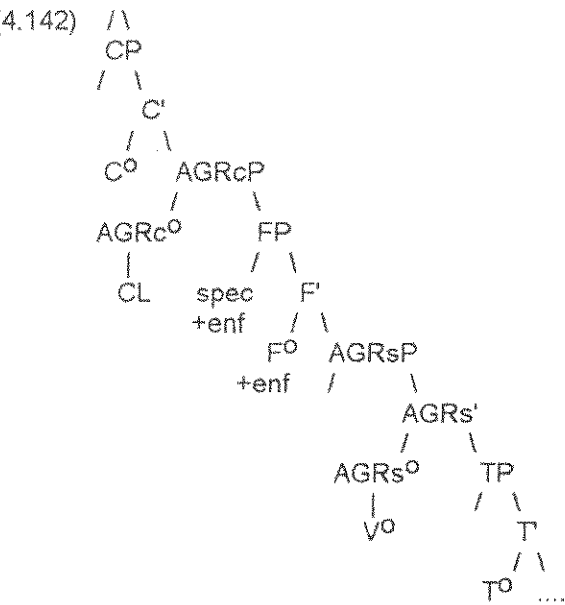
- (4.139) a) Honum mœtti standa á sama, hvað **sagt** væri um hann (Maling, 1990:77)
b) Honum mœtti standa á sama, hvað ----- væri **sagt** um hann

(1991) assumem duas projeções funcionais entre CP e AGRs, distinguindo-as em relação aos ambientes em que elas se realizam: uma estrutura com duplo CP, para as construções V2 completivas, e uma estrutura com duplo AGR, para as construções X V adverbiais e relativas.

Propusemos acima que o PA admite três diferentes tipos de frenteamento nos domínios encaixados. Consideramos que são três diferentes processos de frenteamento pelo fato de que as construções resultantes apresentam diferentes tipos de ordenação de constituintes. Desse modo, a proposta de uma única projeção funcional não dá conta das diferentes organizações dos constituintes.

Assumimos que AGRc é a posição dos clíticos no PA e que existe uma posição acessível aos constituintes frenteados acima discutidos, pode-se explicar o fenômeno da interpolação. Denominamos essa projeção funcional simplesmente de FP (mas em nada se assemelha à projeção FP de Rouveret (1992) e Raposo (1994)). Considerando que, no MPLT, os movimentos são sempre desencadeados para verificação de traços morfológicos, o frenteamento de constituintes para essa posição deve ser desencadeado por algum requerimento morfológico. Propomos ser F⁰ uma posição especificada para o traço +ênfase. Como atribuição de +ênfase a um determinado constituinte é opcional, entende-se por que o processo de frenteamento (interpolação e frenteamento estilístico) é opcional.

Desse modo, analisamos as construções com frenteamento estilístico e com interpolação, que identificamos como um mesmo tipo de construção, como envolvendo focalização para Spec/F', como representado abaixo:



Observa-se na representação acima, que, se ocorre um clítico nesse tipo de construção, o clítico antecederá o elemento fronteado.

Em algumas contruções encaixadas, encontra-se a ordem X CL S V, como ilustramos no item 4.2 (cf. exemplos (4.81); cf. também subitens 3.2.4 e 3.2.5). Retomamos alguns exemplos abaixo:

- (4.143) a) porque o **bispo o** non queria receber per nen hũa maneira (DSG.1.27.6)
b) e se per sa culpa a não perdeu (FR.1.10.81r)

Essas contruções se distinguem do *fronteamento estilístico*, porque a ordem observada é X CL neg-V.

Como já propusemos no item 4.2, Spec/AGRc' é uma posição que pode hospedar elementos focalizados. Nossa proposta de análise é que os constituintes **o bispo e per sa culpa**, nos exemplos em (4.143) acima, ocupam Spec/AGRc' nessas construções. Observa-se que o padrão de ordenação dos constituintes, nas construções em (4.143) acima, é diferente de quando o elemento fronteado é um TÓPICO:

- (4.144) mais semelhava [CP que [TOP **o vïo** [CP non [C' **se** acrescentava]
do barril]]] mais que nacia en el (DSG.1.20.5)

As diferenças entre a ordenação dos clíticos e da negação, nos exemplos em (4.143) e (4.144), podem ser explicadas se assumimos que, nos exemplos em (4.143), o elemento fronteado está em Spec/AGRc' e que, na contrução em (4.144), o constituinte **o vïo** é um TÓPICO em Spec/TOP'. O operador de negação **non** está em Spec/C' em (4.144), mas é um clítico verbal em (4.143).

4.4 As conjugações invertidas e V2

Neste item, desenvolvemos uma análise para o fenômeno de colocação de clítico conhecido como "mesóclise" e propomos uma interpretação desse fenômeno que fornece mais algumas informações sobre uma questão que tem sido problemática nos estudos da colocação dos clíticos. Queremos também apresentar

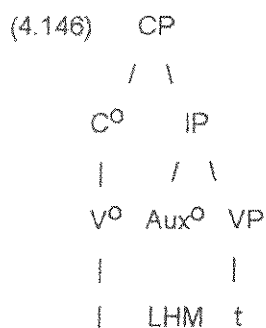
argumentos contra a proposta de Rivero (1993) de que sistemas lingüísticos que licenciam construções denominadas "conjugação invertida" - cujas evidências empíricas têm se apoiado no uso mesoclítico dos pronomes complementos - são incompatíveis com um sistema V2.

Rivero (1993)¹⁰¹ propõe a distinção entre dois tipos de línguas românicas arcaicas: as línguas V2, com movimento germânico de $V_{[+f]}$ para C^0 , como se observa no francês medieval, e as línguas LHM (*Long Head Movement*), com movimento longo do $V_{[-f]}$ para C^0 , observado em catalão, italiano, português, provençal e espanhol, em sua fase arcaica.

Nos termos de Rivero (1993) e Lema & Rivero (1989) (doravante L&R), LHM é um tipo de construção em que o verbo principal [-finito] precede o verbo auxiliar [+finito], como nos seguintes exemplos do PE e do EspA (dados de L&R (*ibid.*), p.1):

- (4.145) a) DIR - se - ia um povo predestinado (Her 9)
 b) Si yo vivo, DOBLAR vos he la soldada (Cid 80)

Rivero (1993:223) propõe a seguinte representação para construções desse tipo:



em que o núcleo V^0 [-f] se move para o núcleo C^0 , pulando o núcleo interveniente Aux^0 , que, por sua vez, foi alçado para a posição núcleo AGRs⁰ (I^0 , na terminologia usada por Rivero). O clítico, não representado em (4.146), está adjungido a IP, como proposto por Rivero (1992). Nas línguas românicas arcaicas, LHM de V^0 para C^0 é desencadeado pelo clítico pronominal, devido à restrição T-M (cf. itens 3.1.2 e 4.2).

¹⁰¹ Cf. também Lema & Rivero (1989) e Lema (1991).

Assim, LHM é uma regra de último recurso (*least resort*) e tem como efeito impedir que o clítico esteja em posição inicial de sentença.

Os efeitos T-M são gerais nas línguas românicas arcaicas e são encontrados quer em línguas V2, como o francês arcaico, quer em línguas LHM. Contudo, Rivero (1993) argumenta que, nas línguas V2, LHM é excluído e que outros processos são escolhidos para fornecer um constituinte inicial nas construções em que, de outra forma, o clítico seria inicial. São duas, portanto, as propriedades de LHM, nas palavras de Rivero (1993:222-223): "a) the process places a *non-finite* verbal head in the same landing site required for *finite* V2, and (b) the Spec-of-CP must be empty for LHM to produce a grammatical output".

Tentaremos, agora, desenvolver uma análise que demonstra que as conclusões de Rivero (1993) e L&R (1989) não podem ser mantidas quando se comparam os dados do FrA e EspA aos do PA. A análise desses autores é problemática quanto à caracterização de LHM como um processo de último recurso para salvar a estrutura (a fim de impedir que o clítico seja inicial em CP). No programa minimalista, todos os movimentos são em proveito próprio (de acordo com o princípio da Avareza), o que significa que o movimento do núcleo verbal [-f] para o início da sentença deve ter uma motivação própria. Além disso, o movimento do V⁰ [-f] sobre o Aux⁰ [+f] (como movimento de núcleo) viola a restrição sobre movimento de núcleos de Travis (1984) (*Head Movement Constraint*), que especifica que um núcleo não pode se mover pulando um outro núcleo. Sendo assim, LHM é uma operação custosa para a gramática.

Contudo, isso nos leva a um terceiro ponto, o de que não é evidente que o movimento da forma verbal [-f], nessas construções, seja um movimento de núcleo. Na realidade, nossa hipótese é que as conjunções invertidas não devem ser tratadas como movimento de núcleo, seja ele curto ou longo. Pensamos ser possível se caracterizar o movimento da forma verbal [-f] como movimento de um constituinte XP¹⁰² para Spec/C', como os demais movimentos de topicalização ou focalização de um constituinte XP para Spec/C', próprio das línguas V2. Apresentamos argumentos para essa proposta a seguir.

A organização deste item compreende duas partes. No item 4.4.1, tecemos algumas considerações sobre o desenvolvimento dos tempos do futuro e condicional no romance; em 4.4.2, apresentamos a proposta formal de Rivero (1993) para

102 Rögnvaldsson & Thráinsson (1990) analisam movimento de particípio, em islandês, como movimento de constituinte XP. Acreditamos que o mesmo seja verdadeiro para a frontalização de infinitivo.

distinguir essas construções das construções V2. No item 4.4.3, esboçamos a formalização da nossa análise e em 4.4.4, procuramos aduzir evidências empíricas que a corroborem.

4.4.1 A formação do futuro e do condicional

Vimos que Rivero (1993) e L&R (1989) consideram que certas línguas românicas arcaicas, como o catalão, o italiano, o português, o provençal e o espanhol, não são línguas V2, no sentido germânico, por permitirem movimento de um núcleo [-t] para C⁰. Tais construções LHM, tradicionalmente denominadas "condicional ou futuro analítico", se realizam com um infinitivo precedendo o auxiliar relacionado ao *habere* do latim. Esse padrão românico arcaico contrasta com as formas variantes do futuro e do condicional sintéticos, como se pode observar nas construções com clítico, em que o clítico pronominal precede o complexo verbal e o infinitivo aparece incorporado (no sentido de Baker (1988)) ao auxiliar.

Sumariamos agora os fatos básicos do desenvolvimento do futuro perifrástico e do futuro sintético românicos. As formas sintéticas do futuro¹⁰³ de línguas românicas modernas como o francês (*chantera*), o espanhol (*cantara*), o italiano (*canterà*), o português (*cantará*), etc, originaram-se da construção latina infinitivo + *habere*¹⁰⁴. O desenvolvimento desses tempos tem sido esquematizado em três etapas (cf. Lema (1991:204)):

- a) um estágio analítico, que corresponde ao latim, em que a construção perifrástica começa a coocorrer com o futuro sintético (*cantare habeo/cantabo*) e em que o infinitivo e o auxiliar se realizam como formas livres;
- b) um estágio misto, em que os dois elementos se realizam ou como formas separadas, em construções analíticas, ou como unidas, em construções sintéticas (nesse caso, a forma do verbo "habere" foi reduzida a um afixo); esse estágio caracteriza as línguas românicas medievais;
- c) um estágio sintético, em que as formas de futuro se realizam só com "habere" formalmente reduzido a um afixo que marca tempo futuro, característico das línguas românicas modernas.

¹⁰³ Usamos a denominação "futuro", englobando o futuro do presente e o condicional.

¹⁰⁴ Nem todas as línguas românicas derivaram os tempos do futuro da perífrase infinitivo + *habere*: o romeno tem um futuro perifrástico com um auxiliar defectivo, originalmente significando "querer" (*velle*); no sardo o futuro perifrástico é formado com um continuador do *debere* latino; o reto-romano tem um futuro formado com *vegnir* + *a* + infinitivo (Cf. Vincent (1988:57) e Roberts (1992:18)).

A posição dos pronomes clíticos em relação ao infinitivo e ao auxiliar tem sido tomada como evidência para a distinção entre as formas sintéticas e analíticas de futuro, sobretudo no período *misto*. Assim, a forma **dar lhe ia** é uma realização do futuro analítico, e a forma **lhe daria**, do futuro sintético. A idéia básica dessa análise é que a mesóclise só é possível num sistema lingüístico que analisa a forma do verbo *haver* como uma palavra independente. A gramaticalização dessa forma como afixo implica na impossibilidade de o clítico ser realizado em mesóclise. Observa-se que a identificação de um período *misto* significa que as duas formas variantes podem coexistir num mesmo sistema lingüístico.

Roberts (1992) analisa o desenvolvimento dos tempos do futuro e do condicional das línguas românicas como um caso típico de gramaticalização da forma verbal plena *habere*, formalmente reduzida a um afixo e semanticamente reduzida a um marcador de tempo futuro / condicional. Portanto, a noção de gramaticalização é definida como um processo de mudança de uma categoria lexical para uma categoria funcional, associada com um esvaziamento semântico do elemento verbal, o que implica na perda da sua estrutura temática.

Na sua análise, a gramaticalização de *habere* no desenvolvimento dos tempos de futuro e condicional românicos passa pelos seguintes estágios (p.12):

- (4.147) a) $V_{[+\theta]}$ -- verbo lexical
- b) $V_{[-\theta]}$ -- auxiliar lexical
- c) I -- auxiliar funcional, afixo de tempo/concordância

Os continuadores de *habere* como verbo lexical sobrevivem nas línguas românicas nas formas de (h)aver (português), *avoir* (francês), *avere* (italiano), etc. *Habere* foi gramaticalizado como marcador de futuro nos contextos em que ocorria com um infinitivo¹⁰⁵. Em perífrases do tipo *cantare habeo*, *habere* é um verbo auxiliar lexical, gerado em VP e que se move para os núcleos funcionais de tempo e concordância. No exemplo seguinte, segundo Roberts (*ibid*:23) considerado como a primeira atestação do futuro sintético românico:

- (4.148) Iustinianus dicebat: "Daras" (Fredegario, 7th c.)

¹⁰⁵ Para a gramaticalização de *habere*/(h)aver, nos contextos com participio, em português, cf. Mattos e Silva (1989/1990) e Ribeiro (1993).

habere é um auxiliar funcional, gerado em INFL, mas não necessariamente um afixo.

Auxiliares funcionais podem ser formas livres (como os modais do inglês) ou formas presas (os afixos marcadores de tempo)¹⁰⁶. Aqui se enquadra o estágio misto da forma do futuro nas línguas românicas. As construções com mesóclise são evidências de que o auxiliar derivado de *habere* é uma forma livre, por permitir interpolação do clítico. Se a mesóclise não é possível, o auxiliar derivado de *habere* é uma forma presa, um morfema de tempo e de concordância afixado ao verbo.

4.4.2 A análise de Rivero (1993)

Rivero (1993) observa o seguinte padrão na distribuição dos complementos clíticos nas construções com o verbo no tempo futuro no EspA:

- (4.149) a) *Dezir-vos he cosa que vos ser-á* pro (CD 146) (p.218)
- b) *Poder lo as fazer* (Astr 199r54) (p.220)
- c) *Señor, a quién nos dar-edes por cabdiello?* (Zif 163) (p.225)
- d) *E por mayor firmeza firmar-lo hemos con el sello de nuestro señor* (Zif 108) (p.220)
- e) *Et yo ir-te (he) ver* (CD 349) (p.220)
- f) *E si durmieren dos, escalentar-án- se uno a otro* (Rossi 1975)(p.237, nota 8)

Os exemplos acima mostram que o futuro ocorre em três diferentes estruturas, distintas pela ordem do infinitivo em relação ao Aux, aos pronomes clíticos e à ausência ou presença (sendo relevante o estatuto sintático, quando presente) de um constituinte antecedendo o verbo.

Os exemplos em (4.149(a)) e (4.149(b)) são casos de mesóclise em contextos V1, resultantes de LHM do infinitivo para C⁰. A ordem V+Cl surge da proibição geral de clítico em primeira posição nas línguas românicas medievais, a lei T-M, que ainda sobrevive no PE moderno e no galego. A idéia comum a essas abordagens é que o verbo se move para C⁰, num processo de último recurso, sempre que nenhum XP precede a posição do clítico, criando, assim, um contexto para ênclise.

Na sentença completiva em (4.149(a)), o clítico ocorre proclítico ao infinitivo+Aux. Casos de mesóclise não são atestados nas sentenças encaixadas. Rivero (*ibid.*) assume como evidência forte de que a mesóclise resulta de movimento

¹⁰⁶ Roberts (1992b) distingue auxiliar funcional forma livre como um elemento verbal gerado em I⁰ e auxiliar funcional forma presa como um elemento essencialmente morfológico, marcador de tempo e concordância.

do V[-f] para C⁰ o fato de que esta ordem só é atestada em sentenças raízes, com base na proposta de den Besten (1983) de que movimento típico de sentença raiz é movimento para C⁰.

O exemplo em (4.149(c)), uma interrogativa-Wh, apresenta a ordem **Wh Cl Inf Aux**. Como nenhum caso de mesóclise é atestado nesse tipo de construção, Rivero conclui que interrogativas-Wh se realizam sempre com o futuro sintético. Esse padrão das interrogativas-Wh pode ser generalizado para outras construções em que um constituinte XP ocorre em primeira posição, precisamente em Spec/C'. Nessas construções, também, só formas do futuro sintético são atestadas.

Por outro lado, elementos iniciais de sentença podem ocupar uma posição externa a CP, como a posição para TÓPICOS, que não é computada para o posicionamento do clítico, como ilustrado nos seguintes exemplos, em que os advérbios *depues* e *desi* estão fora de CP (exemplos de Rivero 1993; indicamos as páginas do seu texto):

(4.150) a) *Depues* [CP [C⁰ tornar] lo-as assu logar] (Pic 32r21-23) (p.231)

b) *Desi* [CP [C⁰ venir]-me he para tí (CD 261) (p. 231)

Nesse caso, como as representações mostram, LHM se aplica, e o infinitivo é deslocado para o núcleo C⁰. Este movimento também é desencadeado por T-M. A mesma análise Rivero propõe para as construções em (4.149(d/e/f)) acima, em que os constituintes *por mayor firmeza*, *yo* e *si durmieren* dos estão externos a CP.

Por outro lado, num sistema V2, como o FA, a mesóclise não pode ocorrer, pois a propriedade V2 requer que uma forma verbal [+f] se desloque para C⁰. O posicionamento dos clíticos em relação às formas verbais do futuro é como ilustrado abaixo (dados citados em Rivero (1993)):

(4.151) a) *Rois, vouldr- oies* le faire issi? (Roberts 1990: (18b), 119) (p. 219)

b) *Plair-oit* vos oïr un son d' Aucassin...? (Roberts 1990: (18a), 119) (p.237)

c) *Succurr-at* nos li reis (Hirschbühler & Junker 1988: (4b), 66) (p.237)

d) *Et jo e vos i ir-um* (Roberts 1990: (56), 147) (p. 219)

e) *Et qui i ser-a?* (Roberts 1990: (60a), 146) (p.235)

f) *Por le douçour de li et por s' amor me descendr- ai* je ore ici (Renzl 1987: (b), 296) (p.219)

g) *Si-t guardar-ai* pur amur Alexis (Adams 1988b: (29c), cited from Wagner) (p. 240)

h) *Des chevaliers que vos dir-oie?* (Roberts 1990: (45c), 138) (p. 236)

Só formas sintéticas são atestadas nos padrões V1 de interrogativas S/N (exemplos (a) e (b) em (4.151)) e de narrativa (exemplo (c) em (4.151)), em que o futuro sintético é movido para C⁰ para impedir que o clítico seja CP-inicial, em respeito a T-M. Por outro lado, nos padrões V2 em (4.151(d/e/fg)), a sequência Cl + V [+f] está locada em C⁰, devido ao efeito V2, visto que o constituinte inicial satisfaz T-M.

São dois os problemas da análise de Rivero que discutimos a seguir. O primeiro, como ela mesma observa (p.240), é como a ordem V[+f]+Cl das construções V1 acima surge em FrA, em vista das evidências de que o complexo Cl+V[+f] está em C⁰ nas construções V2 apresentadas acima. Para dar conta desse problema, Rivero sugere duas possibilidades de explicação, deixadas em aberto. Sumariamo-las abaixo.

Nas línguas LHM, como o EspA, a ordem V[+f] + Cl resulta de SHM do V[+f] para C⁰, sem o clítico, que permanece dentro de IP (ou AGRsP, em nossos termos). Isto explica a distribuição paralela de construções LHM e o padrão V[+f] + Cl, por ambos envolverem o núcleo C⁰, e faz com que o desencadeador seja o mesmo para ambos os movimentos: impedir que o clítico seja CP-inicial (a lei Tobler-Mussafia). A sequência Cl + V[+f] surge quando V[+f] permanece dentro de AGRs, onde o clítico também está adjungido. Se nada força o movimento do V[+f] para C⁰, isto implica em estar algum constituinte antecedendo o clítico.

Nas línguas V2 do tipo FrA, as sequências CL + V[+f] podem ser tratadas de duas formas: "In OFr V2 contexts such sequences are in C⁰, while in OF non-V2 contexts they are presumably within IP" (p.241). Tal dicotomia não é encontrada nas línguas LHM. O desencadeador da ordem V[+f] + Cl é o mesmo do das línguas LHM, ou seja, essa sequência se superficializa sempre que Spec/C' é fonologicamente nulo. Duas possibilidades de derivação são propostas. Em uma delas, o complexo Cl + V⁰ é alçado para C⁰, o que é consistente com a caracterização V2 desta língua, e depois o V⁰ se adjunge a C⁰ ou a C', para satisfazer T-M, sendo, assim, um movimento de último recurso.

Essa é uma proposta problemática por dois motivos: a) requer excorporação do verbo, não desencadeada por qualquer fator morfológico; b) a adjunção a uma projeção intermediária (C') é um recurso problemático, uma vez que o nível intermediário não é "visível" para as regras que geram as representações de LF e PF. Excorporação de verbo do núcleo C⁰ com subsequente adjunção a esse mesmo núcleo é uma derivação que não encontra motivação em outros fenômenos lingüísticos. A ser possível tal derivação, esperaríamos que ela fosse observada em outras estruturas envolvendo movimento de núcleos.

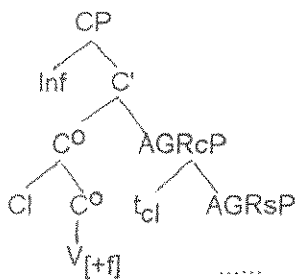
Na proposta alternativa, o V[+f] se move para C⁰ sem o clítico, sendo a mesma análise propostas para as línguas LHM. Mas, para que tal derivação seja possível, Rivero precisa levantar a hipótese de que o complexo Cl + V⁰ pode permanecer em AGRs. Assim, ela tem de postular a existência de duas posições para o clítico, distinguindo-as como de contexto V2 e contexto não-V2¹⁰⁷.

4.4.3 A mesóclise no PA

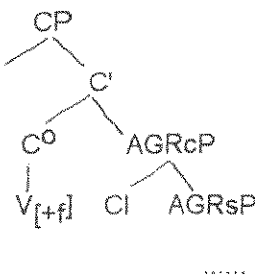
Nossa proposta sobre a colocação dos clíticos nas línguas V2 permite se oferecer uma explicação uniforme para os fatos relacionados com as conjugações invertidas, descritos acima, sem a necessidade de se recorrer a estratégias teoricamente problemáticas, sobretudo no que concerne ao movimento do V[-f] para C⁰. No item 4.2 propusemos uma dicotomia em relação à colocação dos clíticos nas línguas românicas arcaicas e modernas e consideramos que o clítico se aloja em AGRc⁰ nas línguas românicas que observam T-M, essencialmente identificadas como sistemas V2, e em AGRs⁰ nas línguas românicas que admitem clítico em primeira posição, o que as caracteriza como sistemas não-V2. Nesta visão, o FrA, o EspA e o PA são sistemas V2, contrariamente ao que Rivero (1993) diz em relação ao PA e ao EspA.

Propomos que existem essencialmente dois padrões de colocação dos clíticos com verbos no futuro, nas línguas em questão, cujas derivações estão representadas abaixo:

(4.152) a) V[-f]-Cl-Aux
(futuro analítico)



b) V[+f]-Cl
(futuro sintético)



¹⁰⁷ Rivero (*ibid.*) não define o que chama de contexto não-V2. Nas propostas que defendemos, todas as construções de uma língua V2 são contextos V2, quer as construções se superficializem como linearmente V1 ou como V>2, desde que definimos a propriedade V2 como a do sistema que requer o V[+f] em C⁰ em todas as sentenças raízes.

A representação em (4.152(a)) ilustra as estruturas com mesóclise, na realidade uma construção V2 do mesmo tipo que as demais construções V2 em que um complemento ou um adjunto verbal ocupa Spec/C'. Portanto, na nossa análise, o infinitivo se move para Spec/C', e o verbo Aux, para o núcleo C⁰. Como já proposto anteriormente para a ordem X CL V (cf. item 4.2), AGRc⁰ se move para C⁰ para checar os traços-N de Spec/C', levando o clítico consigo, por estar este alojado em AGRc⁰¹⁰⁸.

Evidentemente, construções com tal estrutura só devem ser atestadas em línguas em que é possível se analisar a forma verbal derivada de *habere* como palavra independente. Isto significa que a língua em questão deve se encontrar ao menos no estágio misto do desenvolvimento das formas de futuro, já que parece não haver evidências de um estágio essencialmente analítico do futuro nas "filhas" do latim. E ainda, estar no estágio misto significa também que o falante dispõe de duas formas de futuro, a sintética e a analítica. Desse modo, construções com fracionamento do infinitivo para Spec/C' são opcionais, pelo simples motivo de que o falante pode selecionar do léxico a forma sintética do futuro, caso em que o fracionamento para Spec/C' é impossível, por se tratar de um núcleo, e não de uma categoria sintagmática maior.

Na representação em (4.152(b)), o V[+f] está em C⁰. Só a forma sintética do futuro permite tal representação. Vale a pena lembrarmos que assumimos que as formas verbais [+f] estão sempre em C⁰ nas sentenças raízes dos sistemas V2. Assim, não precisamos estipular mais nada para explicar o posicionamento da forma verbal no futuro em C⁰ na representação em (4.152(b)). Como já proposto anteriormente, AGRc⁰ só se desloca para C⁰ quando precisa checar os traços-N do constituinte XP em Spec/C'. Se Spec/C' é fonologicamente nulo, AGRc⁰ não precisa se mover e, assim, derivamos a ênclise, não só com as formas do futuro, mas com qualquer forma verbal, em qualquer construção em que ocorra.

O futuro, no PA, ocorre em quatro diferentes estruturas, distintas pela ordem relativa do infinitivo:

(4.153) [CP infinitivo [C' [AGRc⁰+C⁰ - Cl - aver] . [AGRc⁰. t [AGRs⁰...]]]] (futuro analítico)

a) contar-ch' as-ei (DSG.1.1.37)

¹⁰⁸ Observa-se que a representação resultante dessas operações mostra que o clítico está sintaticamente proclítico ao Aux, e não ênclítico ao infinitivo, como tem sido assumido.

b) e teer-lh'o-hia em serviço (CDP.20.19-20)

c) d' outra guisa mostrar-se-hia seu regno cheo de boas leis e maaos costumes
(CDP.P.55-57)

(4.154) [TOP XP [CP infinitivo [C' [AGRC⁰+C⁰ Cl aver] [AGRC⁰.t [AGRS⁰...]]]] (futuro analítico)

d) E enton dar-lh' ia Deus lume de seus olhos (Mattos e Silva:850)

e) e nós agradecer-vo-lo-emos (CDP.2.49)

f) eu ch' o darei (DSG.1.5.47)

(4.155) [CP XP [C' [AGRC⁰+C⁰ CL infinitivo+aver] [AGRC⁰.t [AGRS⁰...]]](futuro sintético)

a) Dest' un miragre vos darei recado (C.M.96.11)

b) Muito me prazeria (Mattos e Silva:846)

c) non ch'as daremos (DSG.1.28.20)

(4.156) [TOP (XP) [CP [C' [C⁰ infinitivo+aver] [AGRC⁰ CL [AGRS⁰...]]]]](futuro sintético)

a) direi-ch'o eu (DSG.1.7.5)

b) -Direi-ti os nomes d'algũus (DSG.1.2.3)

c) Aquesto, Pedro, que tu dizes diria-se dereitamente (Mattos e Silva:846)

A forma sintética do futuro se realiza com as ordens X CL V (representação em (4.155)) ou (TOP) V CL (representação em (4.156)). Com a forma analítica do futuro, as ordens V[-f] CL V[+f] e TOP V[-f] CL V[+f] são atestadas (representações em (4.153) e (4.154)).

Essas são as idéias gerais da nossa análise. Passamos agora a apresentar argumentos que permitam validar-la teórica e empiricamente. Inicialmente, procuramos justificar o fronteamento do infinitivo como movimento de XP, e não de X⁰; em seguida, apresentamos algumas evidências de que formas do futuro sintéticas e analíticas são atestadas no PA. Então discutimos os casos de ênclise e mesóclise em construções com ordenação linear V1 e V2. Finalmente, abordamos os casos, embora raros, de mesóclise em subordinadas.

4.4.4 A mesóclise como frunteamento de XP

O frunteamento de formas verbais[-f] é atestado em diferentes tipos de construções do PA. Alguns exemplos de frunteamento em sentenças raízes são dados abaixo:

- (4.157) a) **Amostrar-nos** debes carreira / por gâar en toda maneira/ a sen par luz e verdadeira
(C.M.100.15-17)
- b) -Ai eu! Ai eu! **Morto** he aquel mesquinho! (DSG.1.18.9) item 3.2.2
- c) Santa Maria **guardar me** quis por merecimento non meus (C.M.33-65-67)
- d) Dest' un miragre **dizer-** / **vos** quero e retraer, / ond' averedes prazer (C.M. 99.8-10)

Seguindo nossas hipóteses sobre as características V2 do PA, concluímos que essas construções podem bem ser analisadas como resultantes do movimento da forma verbal[-f] para Spec/C', o verbo[+f] estando alojado no núcleo C⁰. Em (4.157) (a), (c) e (d), AGRc⁰, se adjunge à esquerda de C⁰ para checar os traços-N de Spec/C'. A análise procede como para as outras construções V2 discutidas anteriormente.

O frunteamento de uma forma verbal[-f] também é freqüentemente atestado nas sentenças encaixadas no PA:

- (4.158) a) aquele que **ordínhado** tiinha (DSG.1.16.24)
- b) a segurança que lhe **feita** tiinham (CDP.17.65-66)
- c) e veer o que sse **despender** pode (CDP.12.58-59)
- d) segundo **veer** podem os que desejam de o saber, leendo parte de sua estoria
CDP.P.80-82)

Contudo, L&R (*ibid.*) dizem que esse tipo de construção, comumente denominado *VP preposing*, é diferente de LHM por duas razões: a) frunteamento de VP não se restringe a sentenças raízes e b) só é licenciado por auxiliares fortes¹⁰⁹. O frunteamento de VP é analisado como movimento de XP e é atestado nas línguas românicas arcaicas e em línguas germânicas modernas, mais freqüentemente com o pretérito perfeito perifrástico:

¹⁰⁹ Eles admitem uma outra razão, a saber, frunteamento de VP não é desencadeado pela proibição de clítico em primeira posição. Essa questão dispensa maiores comentários, por já termos observado que no programa minimalista não há espaço para operações que não sejam em proveito próprio.

(4.159) a) **Gelezen** HEEFT hii het boek niet (Koster 1987) (L&R, p.10)

(lido tem ele o livro não)

b) **Het boek gelezen** HEEFT hii niet (*ibid.*) (L&R, p. 11)

(o livro lido tem ele não)

Para o exemplo do holandês em (4.159(a)), L&R (*ibid.*) assumem a análise de Koster (1987), segundo a qual o verbo auxiliar está em C⁰ (movimento de núcleo Aux-para-I-para-C) e a forma verbal[-f] está em Spec/C', por movimento de preposição de VP. A construção em (4.159(b)) pode ser analisada da mesma forma, estando objeto+verbo em Spec/C'. Segundo eles, esse tipo de construção só é licenciada com auxiliares fortes.

Os **auxiliares fortes** (auxiliares lexicais, na terminologia de Roberts 1992), como poder, podem licenciar o traço do VP preposto; por outro lado, **auxiliares fracos** (os auxiliares funcionais de Roberts (*ibid.*)), como a do condicional, só permitem movimento de Aux-para-C¹¹⁰. Esse contraste pode ser ilustrado com os seguintes pares de sentenças:

(4.160) a) **Leer** ese libro María no **puode** (L&R, p.12)

b) ***Leido** ese libro Maria no **ha** (*ibid*)

c) Lire ce livre Marie ne **peut** pas (*ibid*)

d) ***Lu** ce livre Marie n' a pas (*ibid*)

As diferentes possibilidades ilustradas em (4.160) acima são evidências de que poder, um auxiliar forte, licencia preposição de VP e haver, um auxiliar fraco, não licencia.

A questão que se coloca é a de saber se a distinção entre auxiliares fracos e auxiliares fortes se mantém diacronicamente. L&R (*ibid.*) mostram que, para os auxiliares fortes, há evidências de que eles permanecem inalterados diacronicamente, como indicam os exemplos abaixo:

(4.161) a) Quien los castigar **puede** e **deve** (Zif 252) (L&R, p.13)

b) Si lo fazer non **quisierem** (DLE 135, Alava)

¹¹⁰ Os auxiliares fortes têm conteúdo semântico de V de atitude proposicional e não têm valor temporal; os auxiliares fracos têm valor temporal e são semelhantes a afixos dos tempos sintéticos.

Assim, os exemplos do PA em (4.157) e (4.158), apresentados acima, são também evidências de que *querer*, *ser*, *ter*, *poder* e *dever* são auxiliares fortes no PA. De modo semelhante, os exemplos abaixo indicam que *aver* é um auxiliar forte no PA:

(4.162) a) por se queixar d' o que lhe **feito avia** (CDP.9.13-14)

c) Mais aquel dia que **sayr / avia** *sabad'* era (C.M. 237.34)¹¹¹

d) que a nave **foss'** a aquela cidade / u **portar avia** (C.M.267.91-92)

e) por moravidis tallados / Que **pagar avia** cedo (C.M.83.50)

f) o povo que **guardar / avia** (C.M.28.12)

g) como pode ficar viva / quen daqui a **caer á** (C.M.107.19)

Essas construções evidenciam ainda um outro fato, se aceitarmos a hipótese de que o verbo *aver* é um auxiliar forte, quer nas construções em (4.153) e (4.154), quer nas construções em (4.162): o verbo *aver* licencia preposição de particípio e infinitivo em sentenças raízes (exemplos em (4.153) e em (4.154)) e em sentenças encaixadas (exemplos em (4.162)). Em termos da análise de L&R (*ibid.*), o comportamento simétrico dessas construções em sentenças raízes e encaixadas indica tratar-se de movimento de XP, e não de X⁰.

Rivero (*ibid.*) diz que uma construção como em (4.163) abaixo, em que o infinitivo segue o auxiliar *han*:

(4.163) El Campeador a los que **han lidiar** tan bien los castigó (Cid 3523) (p.229)

o Cid a os que têm(devem) combater também os castigou

não é a contraparte *in situ* do futuro, mas sim uma construção modal com *haber* de "obrigatoriedade"¹¹². A questão é que, se essa construção indicasse "futuridade", a análise do auxiliar *haber* como auxiliar fraco perderia uma das suas motivações básicas, a de que ele e o infinitivo estão obrigatoriamente incorporados em AGR, exceto quando LHM se aplica.

Contudo, julgamos que os exemplos abaixo ilustram contextos que permitem se analisar *aver* como um auxiliar forte no PA, sem haver incorporação das formas do infinitivo + *aver*:

¹¹¹ CM = Afonso X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria.

¹¹² Rivero (*ibid.*) diz apresentar argumentos semânticos, sintáticos e morfológicos para essa análise em Rivero (1991). Infelizmente não tivemos acesso a esse texto, o que nos impossibilita de confrontar com detalhes as análises.

- (4.164) a) Senor, peçouos por merçee que tenades por bẽ que seria // eu hũu dos que am a lidar por uos (C.G.C.630.20-21)¹¹³
- b) Et assi andava a casa do Çide ordinada, que cada hũu sabia hu se auia **asentar** a comer (C.G.C.539.30)
- c) Esto fazia el atreuendosse en el rrey don Afonso, que lle auia **ajudar** a gaanar Valença et Santa Maria d' Aluarim...(C.G.C.467.9)
- d) pois que soube que avian / as reliquias y **andar** (C.M. 362.17)

Em (4.164(d)), temos evidência clara da realização do futuro analítico, em que o infinitivo não forma uma palavra com o auxiliar, desde que outros constituintes podem intervir entre os dois elementos. Observa-se, nesse exemplo, que há incompatibilidade semântica entre uma leitura do auxiliar *aver* como modal (o *ter de* do PB) e o sujeito *as reliquias*. Para o exemplo em (4.164(c)), também julgamos ser possível se imaginar que a perífrase não indica obrigatoriedade; ao contrário, o exemplo permite uma leitura de "futuro", muito próxima da hoje realizada com a forma *ajudaria*. Assim, embora indicando "futuridade", o verbo *aver* é um auxiliar forte. Os exemplos em (4.164(a)) e (4.164(b)) podem ter a mesma análise. E, evidentemente, uma análise de incorporação dessas formas verbais não procede para essas construções.

Um dos mais fortes argumentos de L&R (*ibid.*) e de Rivero (*ibid.*) de que a mesóclise resulta de movimento do V[-f] para C⁰ é que essa ordem só é encontrada em sentenças raízes. Segundo Rivero (*ibid.*), o futuro analítico pode ocorrer em sentenças encaixadas que se comportam como sentenças raízes, ou seja, em completivas de Vpontes, como em (4.165) abaixo:

- (4.165) a) Et sabudo es q<ue> quando passaren .cvj. annos adelantar se a la hora de revolución (Alb 18v14) (p.224)
- b) Et dixo Dios que quien se desviasse del bien, **desviar-se** ha el bien de él (Zif 27) (p.224)

Em construções desse tipo, o nóculo CP encaixado é recursivo, com o núcleo C⁰ mais alto preenchido pelo complementador que e o núcleo C⁰ mais baixo preenchido

¹¹³ C.G.C = La traducción gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castilla.

pelo V[-f] adelantar / desviar, através de LHM. Como ela ainda comenta, "analytic Futures or Conditionals are not attested in relative or temporal clauses" (p.224)¹¹⁴.

Os dados do PA e do português do século XVI contradizem essa afirmação, sendo a mesóclise atestada em encaixadas substantivas, adjetivas e adverbiais, como nos exemplos abaixo:

- (4.166) a) e disse-lhe em segredo ... e que se fosse com elle e dar-lhe-hia o senhorio d'aquella terra (CDP.21.7-8)
- b) dise ocapitam que fosemos e veersia bem o rrio quejando era (CPVC.F6v.2)
- c) E em tal maneira he graciosa que querendoa aproueitar darsea neela tudo per bem das agoas (CPVC.F13v.19)
- d) porque, querendo de maneira que pareça que eu Recebo nisso merce (como me tem mandado dizer per vos), avelliohey por muito boa ventura 89,30 (Lobo, 1993:70)
- e) E porque eu anteparey pollo Recado que sua alteza e vos, senhor, me mandaste or meu filho que se tardar, desmancharsemehaa tudo, Relleva me a vida ser Francisco de Mello comiguo dentro nesta somana com boa reposta, ou com maa, ou sem ella 97,31 (Lobo, 1993:71)
- f) E porque a duquesa tẽ alguãas joyas d'ouro e assy prata de servir que nã he muita quantidade, e serlhehaa necessaria pera seu serviço 119,32 (Lobo, 1993:77)

Os exemplos em (4.166) (a) e (b) são completivas de V_{ponte}, o que está de acordo com as hipóteses de Rivero (*ibid.*). Observa-se que não é necessário haver a realização lexical de um TOP "ensanduichado" para a mesóclise ocorrer. A não-realização do complementador que evidencia que o nóculo CP está envolvido no licenciamento dessas construções. Na nossa análise, elas são derivadas de topicalização V2 (estrutura com duplo CP) do V[-f] para Spec/C' e de movimento do V[+f] para o núcleo C⁰. AGR_C⁰, o núcleo funcional que divide com C⁰ a checagem dos traços-N de Spec/C', se desloca para C⁰, tendo-se como efeito visível desse movimento a mesóclise.

¹¹⁴ Granberg (1988) registra alguns casos de mesóclise no EspA em sentenças comparativas e consecutivas. Citamos um dos seus exemplos abaixo:

(i) La uertud desta piedra es atal **que** si la mete el omne en la boca, en quanto la y touiere, enderesçar se lá ¹¹⁵ el miembro uaronil, et iazrá con la mugier quantos uezes quisiere, que non se le abaxará ni enflaquesçra nil fará mal (Lap:69) (p.103)

A questão com esse tipo de construção é que se tem tentado analisar as comparativas/consecutivas como sentenças do tipo raiz e não do tipo encaixada. (a nota 115 dá a leitura da forma verbal em negrito no EspM: se le enderezará).

Em (4.166) (c) e (d), temos sentenças encaixadas adverbiais com mesóclise; em (4.166) (e) e em (f), a mesóclise se realiza, respectivamente, em uma completiva nominal e em uma relativa. A análise, para essas construções, é essencialmente idêntica à das completivas, porque, de acordo com as hipóteses que apresentamos no item 4.3, a possibilidade de recursividade de CP não é definida pelas propriedades do verbo da sentença matriz.

O fato de essas construções serem raramente atestadas não anula a sua existência específica. Observa-se ainda, que, embora raras, são atestadas em diferentes tipos de textos e em diferentes épocas, o que, no nosso entender, as torna bastante legítimas. Assim, consideramos que, dada a forma como idealizamos os diferentes tipos de subordinação, a mesóclise não é uma realização estranha ou exótica em sentenças encaixadas. Por resultar de uma estrutura idêntica à das demais construções V2, o maior ou menor uso das construções V[-f] CL V[+f] depende exclusivamente da seleção do falante quanto ao constituinte a ser topicalizado (e, evidentemente, de as formas do futuro serem analíticas).

Falamos até agora em movimento do infinitivo para Spec/C', mas não procuramos dar uma definição técnica desse movimento. Passamos a essa questão a seguir. Como hipótese de trabalho, consideramos que o movimento do infinitivo para Spec/C', nas sentenças raízes, não é distinto da topicalização V2. Quanto às encaixadas, pensamos que dois tipos de estrutura estão em jogo nas construções com fronteamento de formas verbais [-f]: a topicalização V2, com recursividade de CP, e o fronteamento estilístico, com movimento para Spec/F'.

O fato de as construções com fronteamento de formas verbais [-f] serem mais atestadas em relativas e adverbiais indica que o fronteamento estilístico é o processo de fronteamento de V[-f] mais usado no PA. Desse modo, as construções com a ordem V[-f] + AUX não são distintas das construções abaixo:

- (4.167) a) e se **alguas cousas das eygreyas uendudas** acharè (FR.1.5.74v)
b) se **estas cousas fazer** nom quisesse (CDP.18.43)
c) como quer que ende **o prazer comprido** non ouvensen (DSG.2.35.2)

em que o complexo em AGRoP, objeto+particípio, é fronteado para Spec/F'. Desse modo, é possível que a mesóclise resulte, na realidade, da frontalização de AGRoP para Spec/C'.

Evidentemente, a opção por **fronteamento estilístico** implica em que, se ocorrer um clítico, a ordem derivada deva ser realizada como CL + V[-f] + AUX, já que o clítico está em AGRc⁰, como nos exemplos abaixo:

- (4.168) a) a segurança que lhe feita tiinham (CDP.17.65-66) (= 4.xx b)
- b) e veer o que sse despende pode (CDP.12.58-59) (= 4.xx c)
- c) Eu o vingarey de ti, que o matar foste por nos cofonder (C.M.5.100-101)

A opção por topicalização V2, por outro lado, dará origem à ordem V[-f] + CL + AUX, com movimento de AGRoP para Spec/C', quer em sentenças raízes quer em encaixadas. Como, nesse caso, os traços-N do tópico/foco em CP devem ser checados com a participação de AGRc⁰, o clítico estará proclítico ao AUX em C⁰¹¹⁵.

Portanto, a conclusão a que chegamos, apesar do pequeno número de dados com mesóclise, é que a distribuição do pronome complemento com as formas verbais de futuro e condicional não é essencialmente diferente da que se atesta com as demais formas verbais. Isto quer dizer que a mesóclise, quando ocorre, só ocorre nos mesmos ambientes lingüísticos em que encontramos a próclise (e não a ênclise) ao V[+f], quer em sentenças raízes, quer em sentenças encaixadas.

A distribuição dessas construções nos sistemas lingüísticos considerados aqui pode ser assim sumariada:

(4.169)	PA	FrA	EspA
a) ([_{TOP} XP]) [_{CP} AGRoP [_{C'} Cl Aux ...]]	+	-	+
b) ([_{TOP} XP]) [_{CP} - [_{C'} V [_{AGRc} Cl ...]]]	+	+	+
c) [_{CP} XP [_{C'} Cl V ...]]	+	+	+

¹¹⁵ Rivero (ibid) argumenta contra a idéia de topicalização V2 das construções com mesóclise com base em dados do romeno como:

(i) Cine spune-mi-va poezia pe dinafarâ?
quem dizer-me-ira poema+a de cor/de memória?

em que o sintagma-Wh está em Spec/C', não havendo, portanto, lugar disponível para o infinitivo pousar. No entanto, não consideramos esse tipo de dado como contra-exemplo à nossa proposta, por o romeno permitir mais de uma palavra-Wh no início da sentença, como em:

(ii) Cine ce a SPUS?
quem que tem dito (quem disse o quê?)

Se múltiplos WHs são possíveis, então o romeno dispõe de mais de uma posição para hospedar esses elementos frontalizados, o que não exclui a possibilidade de um elemento-Wh coocorrer com um V[-f] topicalizado/focalizado para Spec/C'.

A estrutura em (4.169(a)) se realiza em línguas V2, em que o processo de gramaticalização do auxiliar do tipo *haver* como afixo temporal não está ainda concluído, ou seja, a língua em questão encontra-se ainda no período misto do desenvolvimento das formas de futuro. As estruturas em (4.169) (b) e (c) se realizam com o futuro sintético, mas, evidentemente, só nos sistemas V2, em que AGRc⁰ é a posição do clítico e V se move para C⁰ na sintaxe explícita.

As diferenças entre as possibilidades de realizações das ordens (TOP) V[-f] + Cl + V[+f] / (TOP) V[+f] + Cl / X + Cl + V[+f] estão na relação entre a reanálise diacrônica que converte o auxiliar lexical *habere* em auxiliar funcional e a perda do efeito V2. Roberts (1992b) observa que, em espanhol, as duas coisas ocorrem mais ou menos na mesma época, fins do século XVI. O FrA se encontra num estágio mais avançado em relação à reanálise do auxiliar. No primeiro documento escrito em francês, os *Serments de Strasbourg* (842), não se encontram evidências de um futuro analítico, com separação de *habere* + infinitivo (Roberts 1992b)¹¹⁶. Assim, embora sendo um sistema V2, a mesóclise não se realiza porque *avoir*, na forma verbal do futuro, é um auxiliar funcional.

Não queremos dizer com isto que quando a restrição V2 deixou de ser operante a sequência Infinitivo + auxiliar foi reanalisada e o auxiliar se tornou um afixo. A possibilidade de o auxiliar ser um afixo já está presente tanto no FrA, como no EspA e no PA. A mudança desencadeia a obsolescência das formas com mesóclise, que resulta do movimento do infinitivo para Spec/C'.

Desse modo, é possível construir as três situações, uma em que o infinitivo e o Aux se alçam independentemente e as outras duas em que infinitivo+Aux formam uma única palavra no léxico. A correlação entre a proibição de clítico em primeira posição e a perda de mesóclise em EspA pode ser explicada dessa forma e é consistente com a retenção de clítico em segunda posição e mesóclise em EspA e no PA.

Em termos de aquisição, não é preciso nada específico para a criança gerar a mesóclise, porque o fracionamento de um constituinte qualquer para Spec/C' e da forma verbal[+f] para C⁰ é uma propriedade da gramática V2. Assim, a criança não precisa aprender nada de especial sobre a ordem V[-f] CL V[+f].

¹¹⁶ Os *Serments de Strasbourg* contêm dois exemplos de infinitivo + aio. Segundo Roberts (ibid), aio não é diferente do afixo de futuro do FrM, exceto por questões fonológicas.

4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ordem dos constituintes no PA foi o objeto desta pesquisa. Analisamos o PA como um sistema V2, definindo essa propriedade em termos do traço-V (traço de Tempo) em C⁰. Consideramos que essa não é a única diferença entre sistemas V2 e não-V2 e propusemos que os sistemas V2 se caracterizam também por terem uma posição AGR_C, diferente de AGR_S e AGR_O, identificada como uma posição que hospeda os clíticos. Correlacionamos, assim, o efeito V2 e a colocação dos clíticos no PA. Caracterizamos AGR_C como uma posição não-V-relacionada e, desse modo, procuramos explicar porque a interpolação é um fenômeno tão freqüente no PA.

Propusemos que as diferenças entre presença e ausência de ênclise a formas verbais finitas, nas línguas românicas, podem ser derivadas da presença ou ausência do núcleo AGR_C. Consideramos que o posicionamento enclítico dos pronomes complementos são os desencadeadores do valor positivo para AGR_C. Separamos as línguas românicas em dois grupos: nas línguas românicas V2, os clíticos se alojam em AGR_C, o núcleo INFL mais alto nas representações sintáticas. Nas línguas românicas não-V2, AGR_C não é projetado. Os clíticos se hospedam em AGR_S.

Dois tipos de construção distinguem o PA dos sistemas V2 germânicos modernos: as construções declarativas V1 e V>2. Construções com verbo em posição inicial é a ordem mais freqüente nos nossos dados, o que indica que movimento para Spec/C' é opcional no PA. Por outro lado, também o fracionamento de TÓPICOS é atestado em todos os documentos estudados. As línguas germânicas V2 limitam esses dois tipos de construção a ambientes bem específicos.

Consideramos que as diferenças entre esses sistemas lingüísticos no licenciamento dessas construções encontra alguma explicação na consideração de que o PA é um sistema *prodrop* enquanto que as línguas germânicas modernas são *semi-prodrop*. Construções declarativas V1 e V>2 parecem ser mais atestadas nos sistemas germânicos arcaicos (Jansen (1980) e Sigurðsson (1990)). Paralelamente, os sistemas germânicos arcaicos licenciavam sujeitos nulos referenciais. Desse modo, parece ser possível estabelecer uma relação entre esses tipos de ordens e a propriedade *prodrop*.

As construções com a ordem X CL S V nos levaram a considerar a possibilidade de duas gramáticas atuando no PA: a gramática V2 e a gramática CL2. Um dado conjunto de sentenças atestado nos *corpora* pode ser gerado por qualquer uma das duas gramáticas: as sentenças X CL V, em que X é um foco e o sujeito não está

foneticamente realizado. A ambigüidade desse dados pode ter favorecido a reanálise de AGR_C, de uma posição não-V-relacionada no PA para uma posição V-relacionada no PEM (Rouveret (1992) e Torres Morais (1995)). Se essa proposta está no caminho certo, explica-se porque o PEM não mais permite a interpolação.

Propusemos que a caracterização do português de meados do século XVI como um sistema essencialmente proclítico, em oposição ao português de períodos anteriores, essencialmente enclítico, reflete uma reanálise dos constituintes externos a CP como constituintes internos a CP. Consideramos que os dois tipos de construção são gerados por uma mesma gramática. Estabelecemos, então, que as diferenças observadas quanto à colocação dos clíticos reflete uma mudança de uso e não de gramática.

Identificamos três tipos de fronteamto de constituintes nas sentenças encaixadas do PA. Os dados da recomplementação indicam que contruções com recursividade de CP é freqüente no PA. A recursividade de CP se reflete em dois tipos de encaixadas: as encaixadas V2 e as encaixadas com recomplementação, sendo que as últimas podem coocorrer com V2. O terceiro tipo, o fronteamto estilístico, é comum em sentenças relativas e adverbias e não envolve o sistema CP. Analisamos essas construções como movimento para Spec/F', uma posição que aloja elementos enfáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, M. (1987). *Old French, null subjects, and verb second phenomena*. Tese de Doutorado. Los Angeles, University of California. mimeo.
- (1988). "Les effets du verb second en ancien et en moyen français". In: P. Hirschbühler & A. Rochette. (eds.).
- AFARLI, T. A. (1991). "On sentence structure". *Lingua*, 84:215-238.
- ANDERSON, S. (1993). "Wackernagel's revenge: clitics, morphology and the syntax of second position". *Language*, 69:68-98.
- AUTHIER, J-M. (1992). "Iterated CPs and embedded topicalization". *Linguistic Inquiry*, 23:329-336.
- BAKER, M. C. (1988). *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago, The University of Chicago Press.
- BARBOSA, Pilar. (1991). Clitic placement in European Portuguese. MIT. mimeo.
- (1994). Clitic placement in Old Romance and European Portuguese and the null subject parameter. MIT. mimeo.
- BARRETO, M. (1982). *Fatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença. (3ª edição)
- BARRETO, T. M. M. (1992). *Conjunções: aspectos de sua constituição e funcionamento na história do português*. Dissertação de Mestrado, 2 volumes. UFBA.
- BELLETTI, A. (1988). "The case of unaccusatives". *Linguistic Inquiry* 19:1-34. MIT
- (1990) *Generalized verb movement. Aspects of verb syntax*. Torino, Rosenberg & Sellier.
- BENINCÀ, P. (1989). L'ordine delle parole nelle lingue romanze medievali. XIX Congresso Internacional de Linguística e Filologia Romanicas, Santiago de Compostela. mimeo.
- (1992). "Complement clitics in Medieval Romance: the Tobler-Mussafia Law". (a sair em A. Battye & I. Roberts (eds.) *Language Change and Verbal Systems*. N. York, Oxford).
- BENNIS, H. & HAEGEMAN, L. (1984). "On the status of agreement and relative clause in West-Flemish". In: W. de Geest & Y. Putseys (eds.). 33-54.
- BERLINCK, R. de A. (1989). "A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenómeno da ordem". In: F. Tarallo. (org.). 95-112.

- den BESTEN, H. (1983). "On the interaction of root transformations and lexical deletive rules". In: W. Abraham. *On the formal syntax of the Westgermania*. Amsterdam. John Benjamins.
- & van WALRAVEN, C. M. (1986). "The syntax of verb in Yiddish". In: H. Haider & M. Prinzhorn (eds.).
- BOBALJIK, J. & CARNIE, A. (1992). "A minimalist approach to some problems of Irish word order". Comunicação apresentada em *XII Harvard Celtic Colloquium*.
- CALABRESE, A. (1984). "Multiple questions and focus in Italian". In: W. de Geest & Y. Putseys (eds.). 67-74.
- CARDINALETTI, A. & ROBERTS, I. (1991). Clause structure and X-second. A publicar em W. Chao & G. Harrocks (eds.). *Levels of representation*. Dordrecht, Foris Publications.
- CASTRO, I. (1991). *Curso de história da língua portuguesa*. Lisboa, Universidade Aberta.
- CHOMSKY, N. (1977). "On WH-movement". In: P. W. Cullicover, T. Wasow & A. Akmajian (eds.) *Formal syntax*. New York, Academic Press. 71-132.
- (1981). *Lectures on government and binding*. (The Pisa Lectures). Dordrecht, Foris Publications.
- (1986). *Barriers*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- (1988). Some notes on economy of derivation and representation. mimeo.
- (1992). *A minimalist program for linguistic theory*. MIT Occasional Papers in Linguistics. Vol. 1. Cambridge, Massachusetts, MIT.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. (1992). The theory of principles and parameters. MIT, mimeo.
- CINQUE, G. (1990). *Types of A' dependencies*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- CLARK, R. & ROBERTS, I. (1993). "A computational model of language learnability and language change". *Linguistic Inquiry*, 24:
- (1992). "A computational model of language learnability and language change". *DELTA*, 8:53-103.
- COOPER, R. (1986). "Verb second - predication or unification?". *Nordic Journal of Linguistics* 9:163-179.
- COUQUAUX, D. (1986). "Les pronoms faibles sujet comme groupes nominaux". In: M. Ronat & D. Couquaux. (eds.). *La grammaire modulaire*. Paris, Les Editions de Minuit. 25-46.

- CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- CYRINO, S. M. L. (1993). "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos". In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.). 163-184.
- DIESING, M. (1988). Verb movement and the subject position in Yiddish. University of Massachusetts. mimeo.
- DOBROVIE-SORIN, C. (1987). *Syntaxe du Roumain. Chaines thématiques*. Tese de Doutorado de Estado. Université de Paris 7.
- DUARTE, M. I. P. S. (1987). *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- DUARTE, M. E. L. (1989). "A evolução da ordem V(erbo) S(ujeito) para S(ujeito) V(erbo) em interrogativas QU- no português do Brasil". *DELTA*.
- DUPUIS, F. (1988). "Pro-drop dans les subordonnées en ancien français". In: P. Hirschbühler & A. Rochette (eds).
- (1989). *L'expression du sujet dans les subordonnées en ancien français*. Tese de doutorado. Université de Montréal.
- EMONDS, J. (1970). *Root and structure-preserving transformations*. Tese de Doutorado. MIT.
- EVERS, A. (1981). Two functional principles for the rule "Move V". mimeo.
- FERREIRA, J. de A. (1987). *Afonso X. Foro Real*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica. 2v.
- FOULET, L. (1930). *Petite syntaxe de l'ancien français*. Paris, Honoré Champion.
- FROTA, S. (1993). Is focus a phonological category in Portuguese? University of Lisbon. mimeo.
- FUKUI, N. & SPEAS, M. (1986). Specifiers and projection. MIT. mimeo.
- GEESE, W. de & PUTSEYS, Y. (eds.). (1984). *Sentential Complementation*. Proceedings of the International Conference held at UFSAL, Brussels. Dordrecht, Foris Publications.
- GALVES, C. (1990). Double AGR in Portuguese. UNICAMP, mimeo.
- (1991a). "V-movement, levels of representation and the structure of S". (a sair em W. Chao & G. Horrocks (eds.). *Level of representation*. Foris Publications, Dordrecht).
- (1991b). "Agreement and subjects in Brazilian Portuguese". (a sair em *Probus*). mimeo.

- (1992). "Clitic placement in European Portuguese: evidence for a non homogeneous theory of enclisis". Comunicação apresentada em *Workshop sobre o português*. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. mimeo.
- (1993). "O enfraquecimento da concordância no português brasileiro". In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.). 387-408.
- (1994a). Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq.
- (1994b). Clitic placement and parametric changes in portuguese. UNICAMP. mimeo.
- GALVES, A. & GALVES, C. (1994). A case study of prosody driven language change. From classical to modern European Portuguese. USP, UNICAMP. mimeo.
- GRANBERG, R. A. (1988). *Object pronoun position in Medieval and early Modern Spanish*. Tese de Doutorado. UCLA.
- HAEGEMAN, L. (1991). *Introduction to government and binding theory*. Oxford, Blackwell.
- HAIDER, H. (1984). Topic, focus & V-second. mimeo.
- (1986). "V-second in German". In: H. Haider & M. Prinzhorn (eds.).
- HAIDER, H. & PRINZHORN, M. (eds.) (1986). *Verb second phenomena in Germanic languages*. Dordrecht, Foris Publications Publications.
- HIRSCHBÜHLER, P. (1989). La légitimation de la construction V1 à sujet nul en subordonnée dans la prose et le vers en ancien français. Montréal, Québec. mimeo.
- & JUNKER, M-O. (1988). "Remarques sur les sujets nuls en subordonnées en ancien et en moyen français". In: P. Hirschbühler & A. Rochette (eds).
- HIRSCHBÜHLER, P. & ROCHETTE, A. (eds.). (1988). *Revue Québécoise de linguistique théorique et appliquée*, 7 (3). Québec, Montréal.
- HOLMBERG, A. (1986). Word order and syntactic feature in the Scandinavian languages and English. University of Stockholm. mimeo.
- HUBER, J. (1986). *Gramática do português antigo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- HYAMS, N. (1986). *Language acquisition and the theory of parameters*. Dordrecht, Reidel.
- IATRIDOU, S. & KROCK, A. (1992). The licensing of CP-recursion and its relevance to the Germanic verb-second phenomenon. University of Pennsylvania. mimeo.
- ILARI, R. (1992). *Perspectiva funcional da frase portuguesa*. Campinas, Editora da Unicamp. (2ª edição).
- JAEGGLI, O. (1982). *Topics in Romance syntax*. Dordrecht, Foris Publications.

- & SAFIR, K. J. (eds.). (1989). *The null subject parameter*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- JANSEN, F. (1980). "Developments in the Dutch left-dislocation structures and the verb-second constraint". In: E. C. Traugott, R. Labrum & S. Shepherd (eds.). *Current issues in linguistic theory*, 14:137-149. Amsterdam, John Benjamins.
- JONAS, D. & BOBALJIK, J. D. (1993). "Specs for subjects: the role of TP in Icelandic". *MIT working papers in linguistics*. Vol. 18: *Papers on case and agreement I*. Cambridge, Massachusetts, MIT. 59-98.
- KATO, M. (1989). Desambiguação sintática e semântica da noção de Tópico. UNICAMP. mimeo.
- (1991). A gramática das sentenças não canônicas. Relatório CNPQ 1990-93. mimeo.
- (1993). "Word order change: the case of Brazilian Portuguese Wh-questions". Apresentado em *International Congress of Historical Linguistics*.
- & TARALLO, F. (1986). "Restrictive VS syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects". Proceedings of the 39th Georgetown Roundtable. mimeo.
- KAYNE, R. (1982). "Predicates and arguments, verbs and nouns". Comunicação apresentada em GLOW, 5. Paris.
- (1984). *Connectedness and binary branching*. Dordrecht, Foris Publications.
- (1985). "L' accord du participe passé en Français et en Italien". *Modèles Linguistiques* 7.
- (1987). Facets of romance past participle agreement. MIT. mimeo.
- (1989). "Null subjects and clitic climbing". In: O. Jaeggli & K. J. Safir (eds.)
- (1990). "Romance clitics, verb movement and PRO". mimeo. (publicado em *Linguistic Inquiry*, 22:647-686. 1991. MIT).
- (1993). The antisymmetry of syntax. Cuny. mimeo.
- & POLLOCK, J.-Y. (1978). "Stylistic inversion, successive cyclicity, and move NP in French". *Linguistic Inquiry* 9:595-621. MIT.
- KOOPMAN, H. (1984). *The Syntax of Verbs*. Dordrecht, Foris Publications Publications.
- & SPORTICHE, D. (1988). Subjects. UCLA. mimeo.
- (1991). "The position of subjects". *Lingua*, 85:211-158.
- KOSTER, J. (1975). "Dutch as an SOV language". *Linguistic Analysis*, 1:111-136.
- KROCK, A. S. (1989). "Reflexes of grammar in patterns of language change". *Language Variation and Change*, 1:199-244.

- LAKA, I. (1991). Negative fronting in Romance: movement to Σ . University of Rochester. mimeo.
- LARSON, R. (1988). "On the double object construction". *Linguistic Inquiry*, 19:335-391. MIT.
- (1990). "Double object revisited: reply to Jackendoff". *Linguistic Inquiry*, 21:586-632.
- LASNIK, H. & SAITO, M. (1992). *Move α : conditions on its application and output*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- & URIAGEREKA, J. (1988). *A course in GB syntax. Lectures on binding and empty categories*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- LEMA, J. (1991). *Licensing conditions on head movement*. Tese de Doutorado (versão preliminar). University of Ottawa.
- LEMA, J. & RIVERO, M. L. (1989). "Inverted conjugations and V-second effects in Romance". Comunicação apresentada em *XIX Linguistic Symposium on Romance Languages*, Columbus, Ohio. mimeo.
- LEMIEUX, M. et alii. (1989). *Variation paramétrique: l'expression du sujet en Moyen Français*. Montréal, Québec. mimeo.
- LI, Charles & THOMPSON, S. (1976). "Subject and topic: a new typology of language". In C. Li (ed.) *Subject and topic*. New York, Academic Press.
- LIGHTFOOT, D. (1979). *Principles of diachronic syntax*. Cambridge, Cambridge University Press.
- (1981). "The history of noun phrase movement". In: C. L. Baker & J. McCarthy. (eds).
- (1988). "Syntactic change". In: F. Newmeyer (ed.). *Linguistics: the Cambridge survey*. Cambridge, Cambridge University Press.
- (1989). "The child's trigger experience: degree-0 learnability". *Behavioral and brain sciences*, 12:2. Cambridge, Cambridge University Press.
- (1991). *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press (A Bradford Book).
- LOBO, T. (1990). *A colocação dos pronomes átonos: um estudo comparativo*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. mimeo.
- (1991). "Observações sobre a sínclise pronominal no século XV e nas variantes europeia e brasileira do português contemporâneo". *Actas do VI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística* (Porto 1990). Lisboa, Colibri - Artes Gráficas. 155-174.

- , (1992). *A colocação dos clíticos em português. Duas sincronias em confronto*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LOPES ROSSI, M. A. G. (1993). "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil". In: I. Roberts & M. A. Kato. (orgs.). 307-342.
- LORENZO, R. (1975). *La traducción gallega de la Cronica General y de la Cronica de Castella*. Orense, Instituto de Estudios Orensianos Padre Feijoo. 2v.
- LOULA, R. C. (1992). "O tópico zero e a interpretação reflexiva de sentenças sem "se". Dissertação de Mestrado. UFBA.
- MACCHI, G. (1966). *Crônica de D. Pedro de Fernão Lopes*. Roma, Ateneo.
- MACHADO, J. P. (1967). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Confluência. 3v. (2ª edição).
- MADEIRA, A. (1992). On clitic placement in European Portuguese. University College, London. mimeo
- MALING, J. (1990). "Inversion in embedded clauses in Modern Icelandic". *Syntax and Semantics*, 24:71-91.
- MANZINI, R. (1994). Second position dependencies. mimeo.
- MARIO BARRETO. (1982). *Fatos da língua portuguesa*. Presença, Rio de Janeiro. (3ª edição).
- MARTINS, A. M. (1993a). "Clitic placement from Old to Modern European Portuguese". Comunicação apresentada em *Eleventh International Conference on Historical Linguistics*. (a publicar nas atas).
- , (1993b). "Enclisis, VP-deletion and the nature of Sigma (Σ)". Comunicação apresentada em *Going Romance 1993*, Utrecht. (a publicar em Probus).
- , (1993c). Foco e clíticos no português europeu. mimeo.
- , (1994). *Clíticos na história do português*. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MASCARÓ, J. & NESPOR, M. (eds.). (1990). *Grammar in progress: Glow Essays for Henk van Riemsdijk*. Dordrecht, Foris Publications.
- MATEUS, M. H. M. et alii. (1989). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa, Caminho. (2ª edição revista e aumentada).
- MATTOS e SILVA, R. V. (1971). *A mais antiga versão portuguesa dos "Quatro livros dos Diálogos de São Gregório"*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 4 vs.
- , (1981). "Um aspecto do auxiliar no português arcaico". *Tulane Studies in Romance Languages and Literatures*. Tulane 10:93-109.

- (1987). "Ter ou haver em estruturas de posse: variação e mudança do português arcaico". (a sair em *Miscelânea em homenagem a C.F. da Cunha*, Rio de Janeiro).
- (1989). *Estruturas trecentistas; elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa, Estudos gerais; Imprensa Nacional.
- (1990). "Linguística histórica: o estado da questão e reflexos sobre estudos históricos do português. Comunicação apresentada em IX Congresso Internacional da ALFAL, ao Grupo de Trabalho em 'Teorias e Métodos da Linguística Histórica Contemporânea aplicada ao Português'.
- (1991a). *O português arcaico; fonologia*. S. Paulo, Editora Contexto. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).
- (1991b). "Caminhos de mudanças sintático-semânticas no português arcaico". *Cadernos de estudos lingüísticos*, 20:59-74. Campinas, IEL.
- (1992a). "Português brasileiro: raízes e trajetórias". Comunicação apresentada em *Utopias do Novo Mundo*, II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ.
- (1992b). "Para uma caracterização do período arcaico do português". Apresentado ao Simpósio: *Fases históricas do português. O ressurgimento da pesquisa diacrônica no Brasil*.
- (1993). *Morfologia e sintaxe do português arcaico*. São Paulo, Editora Contexto. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa).
- (1994). "Para uma caracterização do período arcaico do português". *DELTA*, 10:247-276.
- METTMANN, W (ed.). (1972). *Afonso X, o Sábio. Cantigas de Santa Maria*. 4 Vols. Coimbra. Acta Universitatis Conimbrigensis.
- MIOTO, C. (1991). *Negação setencial no português brasileiro e teoria da gramática*. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- NUNES, J. M. (1993). "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro". In: I. Roberts & M. A. Kato (eds.). 207-222.
- NUNES, J. J. (1989). *Compêndio de gramática histórica portuguesa (fonética e morfologia)*. Lisboa, Clássica Editora. (9ª edição).
- OUHALLA, J. (1991). *Functional categories and parametric variation*. London - New York, Routledge.
- PÁDUA, M. P. de (1960). *A ordem das palavras no português arcaico; frases de verbos transitivos*. Coimbra, Instituto de Estudos Românicos.

- PAGOTTO, E. G. (1992). *A posição dos clíticos em português. Um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- (1993). "Clíticos, mudança e seleção natural". In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.). 185-203.
- PLATZACK, C. (1983). "Existential sentences in English, Swedish, German and Icelandic". In: F. Karlsson (ed.). *Papers from the Seventh Scandinavian Conference of Linguistics*. 80-100.
- (1984). "The position of the finite verb in Icelandic". In W. de Geest & Y. Putseys (eds.). 195-204.
- (1985). "A survey of generative analyses of the verb second phenomenon in Germanic". *Nordic Journal of Linguistics* 8:49-73.
- (1986a). "COMP, INFL, and Germanic word order". In: L. Hellan & K. K. Christensen (eds.). *Topics in Scandinavian Syntax*. Dordrecht, Reidel. 185-234.
- (1986b). "The position of the finite verb in Swedish". In: H. Haider & M. Prinzhorn (eds.)
- (1990). The loss of V2 in English and French. University of Lund. mimeo.
- POLLOCK, J-Y. (1989). "Verb movement, universal grammar, and the structure of IP". *Linguistic Inquiry* 20: 365-424. MIT.
- PONTES, E. (1987). *O tópico no português do Brasil*. Campinas, Pontes Editores.
- RAPOSO, E. (1985). "Some asymmetries in the binding theory in Romance". *The Linguistic Review*, 5:75-110.
- (1986). "On the null object in European Portuguese". In: O. Jaeggli & C. Silva-Corvalán (eds.). *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht, Foris Publications. 373-390.
- (1987a). "Case theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese". *Linguistic Inquiry*, 18:85-109.
- (1987b). "Romance infinitival clauses and case theory". In: C. Neidle & R. A. Nuñez-Cedeño (eds.). *Studies in Romance Languages*. Dordrecht, Foris Publications.
- (1988). "Romance inversion, the minimality condition and the ECP". *Proceeding of NELS*, 18:357-374.
- (1992). *Teoria da gramática. A faculdade da linguagem*. Lisboa, Editorial Caminho.
- (1994). Affective operators and clausal structure in European Portuguese and European Spanish. UCSB. mimeo.

- & URIAGEREKA, J. (1992). Indefinite Se. University of California, Santa Barbara, University of Maryland. mimeo.
- RIBEIRO, I. (1990). Estruturas V2 do português antigo; um estudo contrastivo. mimeo.
- (1992a). Evidências para uma fase V2 no português arcaico. mimeo.
- (1992b). "A sintaxe da ordem na "Carta de Pero Vaz de Caminha". *Estudos Lingüísticos e Literários*, 13; 500 anos de América. Salvador, UFBA
- (1992c). Colocação dos complementos clíticos e a estrutura sintática do português arcaico. mimeo.
- (1992d). "Um estudo da ênclise nas estruturas completivas do português arcaico". Apresentado ao Grupo de estudos sobre clíticos na história do português - ABRALIN- Reunião anual. mimeo.
- (1992e). O fenômeno V2 no português antigo. Porto Alegre, ANPOLL. mimeog.
- (1993). A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas ter, haver e ser". In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.). 343-386.
- (1992). "Evidence for a V2 fase in Old Portuguese". (a sair em A. Battye & I. Roberts (eds.) *Language Change and Verbal Systems*. N. York, Oxford).
- (1994b). "A ordem das palavras no francês e no português arcaico". *Estudos Lingüísticos e Literários*, 16:63-81
- RIVERO, M. L. (1980). "On left-dislocation and topicalization in Spanish". *Linguistic Inquiry*, 11:363-393.
- (1986). "Parameters in the typology of clitics in Romance and Old Spanish". *Language*, 62:774-807.
- (1993). "Long head movement and V2 vs null subject in Old Romance". *Lingua*, 89:217-245.
- RIZZI, L. (1982). *Issues in Italian syntax*. Dordrecht, Foris Publications.
- (1986). "Null objects in Italian and the theory of pro". *Linguistic Inquiry* 17:501-557.
- (1988). The new comparative syntax: principles and parameters of Universal Grammar. University of Geneve. mimeo.
- (1990a) "Speculations on verb-second". In: J. Mascaró & M. Nespor (eds.)
- (1990b). *Relativized minimality*. cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- (1991). "Residual verb second and the Wh criterion". *University of Geneva Thechnical Reports in Formal and Computational Linguistics*, nº 2.

- & ROBERTS, I. (1989). "Complex inversion in French". *Probus* 1(1):1-30. Holland/USA, Foris Publications.
- ROBERTS, I. (1985). "Agreement parameters and the development of English modal auxiliaries". *N L L T*, 3(1):21-58.
- (1989). "Case-assignment parameters and the history of French inversion". *GLOW Newsletter*. Dordrecht, Foris Publications.
- (1991). "Excorporation and minimality". *Linguistic Inquiry*, 22:209-218.
- (1992a). *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht, Kluwer.
- (1992b). A formal account of grammaticalisation in the history of romance futures. University of Wales. mimeo.
- (1992c). Two types of head movement in Romance. University of Wales. mimeo.
- (1993a). Restructuring pronoun movement and head movement in Old French. University of Wales. mimeo.
- (1993b). Anotações do 'Curso sobre o Programa Minimalista de Chomsky (1992)'. UFRJ. Agosto de 1993.
- & KATO, M. (1993). *Português brasileiro; uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas, Editora da UNICAMP.
- ROEPER, T. & WILLIAMS, E. (eds.). (1987). *Parameters setting*. Dordrecht, Reidel.
- RÖGNVALDSSON, E. THRÁINSSON, H. (1990). "On Icelandic word order once more". *Syntax and Semantics*, 24:3-40. San Diego, Academic Press, INC.
- ROUVERET, A. (1992). Clitic placement, focus and the Wackernagel position in European Portuguese. Université de Paris-VIII. mimeo.
- SAID ALI, M. (1966). *Dificuldades da língua portuguesa; estudos e observações*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica. (6ª edição).
- (1965). *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos. (5ª edição).
- (1969). *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, Edições Melhoramentos.
- SALVI, G. (1989). "L' ordine delle parole in galego-portoghese antico". Comunicazione presentata al *XIX Congresso Internacional de linguística e Filologia Románicas*. Santiago de Compostela.
- (1990). "La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della Penisola Iberica". *Medioevo Romanzo*, 15:117-210. Società editrice Il Mulino Bologna.

- , (1993). "Ordine delle parole e struttura della frase nelle lingue romanze antiche". *Alfa*, 37:187-203. São Paulo.
- , (1993). "Ordine delle parole e struttura della frase nelle lingue romanze antiche". *Alfa*, 37:187-203.
- SCHERRE, M. M. P. et alii. (1992). Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores. Rio de Janeiro, mimeo.
- SIGURÐSSON, H. Á. (1990). "V1 declaratives and verb raising in Icelandic". *Syntax and Semantics*, 24:41-69. San Diego, Academic Press, INC.
- SILVA DIAS, A. E. da (1933). *Sintaxe histórica portuguesa*. Lisboa, Livraria Clássica Editora. (2ª edição).
- SILVA NETO, S. da. (1979). *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Presença. (3ª edição).
- SOUSA da SILVEIRA, A. F. (1983). *Lições de português*. Rio de Janeiro, Presença. (9ª edição).
- SPORTICHE, D. (1988). "A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure". *Linguistic Inquiry*, 19:425-449.
- , (1992). Clitic constructions. UCLA, mimeo.
- STOWELL, T. (1981). *Origins of phrase structure*. Tese de Doutorado. MIT.
- TARALDSEN, K. T. (1986). "On verb second and the functional content of syntactic categories". In: H. Haider & M. Prinzhorn (eds.).
- , (1991). "Two arguments for functional heads". *Lingua*, 84:85-108.
- TARALLO, F. (1990). *Tempos lingüísticos; itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo, Ática.
- , (org.). (1989). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, Pontes Editora.
- , & KATO, M. (1989). "Harmonia trans-sistêmica: variação intra e inter-lingüística". *Preedição* -8. Campinas.
- TEYSSIER, P. (1982). *História da língua portuguesa*. Lisboa, Sá da Costa.
- TOMASELLI, A. (1990). "COMP⁰ as licensing head: an argument based on cliticization". In: J. Mascaró. & M. Nespó (eds.).
- TORREGO, E. (1984). "On inversion in Spanish and some of its effects". *Linguistic Inquiry*, 15:103-127.
- & URIAGEREKA, J. (1993). Indicative dependents. University of Massachusetts at Boston, University of Maryland at College Park, mimeo.
- TORRES MORAIS, M. A. C. R. (1993). "Aspectos discrônicos do movimento do verbo, estrutura da frase e caso nominativo no português do Brasil". In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs.). 263-306.

- , (1995). "Do português clássico ao português europeu moderno: um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo" Tese de Doutorado. UNICAMP.
- TRAVIS, L. (1984). *Parameters and effects of word order variation*. Tese de Doutorado. MIT.
- URIAGEREKA, J. (1992). A focus position in Western Romance. mimeo.
- VANCE, B. S. (1988). "L'évolution de pro-drop en français médiéval". In: P. Hirschbühler & A. Rochette. (eds.).
- , (1989). *Null subjects and syntactic change in Medieval French*. Tese de Doutorado. University of Cornell.
- VASCONCELLOS, J. L. de (1959). *Lições de filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, Livros de Portugal. (3ª edição).
- VIKNER, S. (1991). *Verb movement and the licensing of NP-positions in the germanic languages*. Tese de Doutorado. Universität Struttgart.
- WAGNER, R-L. (1974). *L'ancien français*. Paris, Larousse.
- WANNER, D. (1987). "The Tobler-Mussafia law in Old Spanish". In: H. Campos & F. Martínez-Gil (eds.). *Current Studies in Spanish Linguistics*. Washington D.C., Georgetown University Press. 313-378.
- WATANABE, A. (1993). *AGR-based case theory and its interaction with the A-bar system*. Tese de Doutorado. MIT.
- , (1993). "The notion of finite clauses in AGR-based case theory". *MIT working papers in linguistics*. Vol. 18: *Papers on case and agreement I*. Cambridge, Massachusetts, MIT. 281-296.
- VINCENT, N. & HARRIS, M. (eds.). (1988). *The Romance languages*. New York, Oxford University Press.
- WILLIAMS, E. (1980). "Predication". *Linguistic Inquiry*, 11:203-238.
- ZANNUTTINI, R (1989). The structure of negative clauses in Romance. University of Pennsylvania. mimeo.
- , (1990a). Two types of negative markers. University of Pennsylvania. mimeo. (a sair em *Proceedings of NELS 20*)
- , (1990b). On the relevance of tense for sentential negation. University of Pennsylvania. mimeo.
- , (1988). "Two strategies for negation: evidence from Romance". *Proceedings of ESCOL V*:535-546.
- ZUBIZARRETA, M-L. (1993). The grammatical representation of topic and focus: implications for the structure of the clause. USC. mimeo.

ZWART, C. J-W. (1993). "Verb movement and complementizer agreement". *MIT working papers in linguistics*. Vol. 18: *Papers on case and agreement I*. Cambridge, Massachusetts, MIT. 297-340.